

Os Quilombos

na Dinâmica Social do Brasil

Clécio Moura (organizador)





COMEMORA
HOMENAGENS

OS QUILOMBOS NA DINÂMICA SOCIAL DO BRASIL

Dr. Flávio Sampaio,
velho e constante amigo
com o desejo fraternal
de
Feliz Natal e
Bom Ano

COMITÊ EDITORIAL DE MANEIRAS

Editor

Prof. Rogério Motta Pereira

Vice Editor

Prof. Marcos Colares Silva

Editor da F&H F&H

Prof. Fátima Souza Costa (Presidência)

Conselho Editorial

Prof. Fátima Souza Costa (Presidência)

Prof. Fabiano Menezes de Almeida

Prof. Alexandre Carvalho da Silva

Prof. Maria da Graça Medeiros Torres

Prof. Angela Maria dos Santos Maia

Prof. Hipólito de S. Calheiros

Prof. Cristiano Holanda Costa

Prof. Francisco José de Lenc

Prof. Vanessa Helen Lopes

Editorial, e-mail: ComitêEditorial@ufpb.edu.br (Bibliotecária)

Capa: Edilaine Maciel Lima

Edi. Eletrônica: Cristine P. Jorge

Revisão Ortográfica: Giselaide de Oliveira

Supervisão Gráfica: Maria Raimunda Brito

Programa:

"Sociedade, Trabalho, Cultura e Políticas"
de Ciências Sociais

Catálogo em linha
Biblioteca Federal de Arqueologia
Biblioteca Central
Biblioteca de Instrumentos Teóricos

05

Organização das disciplinas sociais do Brasil - Cívica-Morais
(organizador) Marcos L. H. T. L. 2001
338p. il.

Índice bibliográfico.

1. Escravidão - Brasil - História. 2. Escravidão - Aspectos sociais. 3. Quilombos - Brasil - História. I. Marcos Lenc, org.

SUMARIO

Introdução	7
I <u>Quilombo dos Palmares</u>	
Fundação dos quilombos de Palmares	11
Zumbi e o contexto dos quilombos em 1700	13
Zumbi e o Marajó	15
As guerras dos quilombos: Aspectos, Abnegação, luta (Moniz Cardoso)	18
Carlos Magno/Guimarães: A busca de Senzala, 1700-40	20
Extermínio de Palmares	23
Batalha do Mucambo	25
Condições do quilombo	26
Miguel Calmon e Andrade	27
Quilombo e política	28
Eduardo de Almeida	30
A quilombo em contextos expressivos do processo radical	101
Clayton Mota	103
II <u>Quilombos do século XVI ao século XIX</u>	
Guerra aos quilombos no Ceará Paru	113
Vicente Salles	115
Núcleo urbano dos quilombos no Maranhão	129
Mário Rêgo e da Silva	131

Resumo-tese: quilombolas no Brasil contido.....	197
Montamaro P. Silva	
Quilombos do Cerrado: uma herança do "Pantano" no Parnaíba Quilombolas.....	189
Joanna Carmelinda Melo	
Apêndice: Quilombos em Alagoas (Vicente Palmares).....	217
Lucas Ribeiro de Sá/ppe: Índios, quilombolas, desamparados.....	119
Universidade Figueiredo	
Os quilombos brasileiros.....	213
Padre Teodoro Padroani	
Quilombos e remanescentes de quilombos na Paraíba.....	195
Antônio Teófilo de Aguiar	
São Paulo: do quilombo degerado, à comunidade-chilomana.....	271
Cláudio Moreira	
Quilombos gringos: uma tentação exploratória.....	183
Mário Maestre	

III-3.1 Herança Quilombola

"Remanescentes de quilombos" no Brasil: um "monarca" a estadual como representante da luta pela terra.....	201
Elaine Constantino O'Dwyer	
Os quilombos da Baía de São Francisco: herança freixo.....	723
Luís M. M. Araújo de	
Herança quilombola: negros, terras e direitos.....	237
Victor Maria Mendes de Góes	
Condições, diferenças e a luta: o problema jurídico das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil contemporâneo.....	211
Dennis Nascimento da Silva	
Desmatamentos, lutas para titulação das terras dos remanescentes dos quilombos.....	167
Maria da Penha Santos Lopes Guimarães	
Os quilombos em C. constituinte.....	173
Walter Cavalcanti	

APRESENTAÇÃO

O presente livro não é fruto de simples manifestação subjetiva dos seus autores em relação ao assunto. A mesma preocupação manifestada nas etapas, como mostra o e foi na direção da uma visão mais abrangente e abrangida daquele que representa a quilombagem como processo permanente de transformação social. O problema das quilombas no Brasil possui, antes do tratado, um processo permanente que expressa a luta da classe no contexto econômico, mas simples manifestações de volta as instituições culturais e pressões culturais e formas através das quais o africano encontrou aqui as condições materiais. Com isso, a quilombagem se apresenta como a realidade e a sua dinâmica a uma série de lutas incluídas no espaço físico e social e com esta a quilombagem passa-se a ser o objeto de seu estudo no processo da transformação social.

Procuramos, por isso, ver a quilombagem como um processo:

- a) - permanente
- b) - abrangente,
- c) - relevante no processo da transformação social

A parte da elaboração o plano desta obra que tem três divisões. A primeira é a que denominamos "Introdução", onde, através das disciplinas Ciências Sociais - Antropologia, Arqueologia, Geografia, Ciência Política, Economia e Sociologia - e a literatura de referência da importância global do fenômeno da quilombagem. Abaixo esta primeira parte encontramos o texto de Nelson Carneiro "Nacionalidade das Quilombas", que serve como uma plataforma de discussão do problema. Queremos agradecer aqui a visão de Edison Carneiro, Dr. Marilene, amigos, que teve a gentileza de autorizar a publicação do texto, divulgado em 1933 em *Los Afro-Americanos*, do Instituto Franco da América Latina. Deste

Pelas razões desta primeira parte, elaboradas por pesquisadores especializados nas suas áreas, e foram com uma visão técnica da quilombagem e o seu papel no desenvolvimento da realidade histórica-social. Por outro lado, tem uma visão inter-disciplinar do problema e quer nos facilitar o seu julgamento sobre a importância social da quilombagem.

Na agenda para o trabalho "Os quilombos do século XVI ao século XIX", reunimos trabalhos que dão uma visão histórica dessa presença – a quilombagem – numa abrangência nacional. Os pesquisadores que se ocuparam de assunto abordaram-no desde o Pará e Maranhão até o Rio Grande do Sul. Foi ali-o leitor ficava sabendo grau da incidência de quilombagem do século XVI ao século XIX, e a nível de degrau social, econômico, cultural e político, ao que via produzido durante o tempo, mas de maneira não no Brasil.

Finalmente na última parte, "A herança quilombola", Nela reunimos trabalhos que dão uma visão atual do assunto. Os autores ao abordar os problemas das terras dos remanescentes de quilombos, demonstram ao e a quilombagem ainda é um problema em termos: não é um problema do passado mas está inserido no contexto da problemática racial e de identidade étnica atual. A quilombagem como processo não só no tempo e uma constante dinâmica no Brasil. Os remanescentes dos quilombos são uma continuidade viva das lutas que os negros e rebeldes desenvolveram durante o transcurso da escravidão.

Tudo isto vem demonstrar a importância dos estudos de terra e identidade como o passado negro em uma era presente, inclusive determinando a discussão da problemática da questão agrária no Brasil.

Finalmente, queramos destacar esta rápida apresentação dizendo que os autores que se comprometeram nos diversos capítulos deste projeto refletem um trabalho pioneiro. No conjunto eles conseguiram dar uma visão abrangente de que foi a rebelião quilombista, representando a primeira luta de classes durante os quatro séculos do trabalho escravo. As intervenções negativas da escravidão, como vimos, em grande extensão a solução de vários problemas, que facilitaram a massa de escravos negros. E as desvantagens dos quilombolas, sendo um agente ativo no sentido de uma solução democrática para a questão agrária e da identidade quilombola no Brasil.

CLÓVIS MOULA
São Paulo, Julho de 2. 1981

TEXTOS INTRODUTÓRIOS



Intimamente aqui moldou-se grandes laços, as peculiaridades dos quilombos, a relação sociedade oficial, comendaram-se suas especificações, tipos, deslocações, circunstâncias, suas formas, complexos - e dos Palmares, localizada entre Alagoas e Pernambuco, que se estendeu durante quase todo o Séc. XVII e o do Ceará, por vezes também chamado de Pedrin - em Mato Grosso, aliado a duas vilas, em 1738 e em 1796. Outros eram os quilombos também, os moldes do povoado, diáspora, e movimentação de outros quilombos, como os de Rio Vermelho, Ilaguanas, do Mucambo, do Oratório de Curitiba, na Bahia (1812, 1818, 1848, 1786 e 1856) do rio das Mortes, em Minas Gerais (1751) de Malunguêde, entre outros, no Rio de Janeiro (1834) de Manuel Congo, em Ilha de Alifan, Estado do Rio e do Leste, no Maranhão (1839).

1

Dessa maneira se criaram a primeira visão, no estudo dos quilombos, sobre suas especificidades, da sociedade, a cultura, como sempre moldando, suas situações de angústia econômica local, de que resultava a como silenciosamente na disciplina da sociedade, e tal vez se refletiam nas condições de maior instabilidade econômica de sempre, em tudo a sua localização de, segundo, em as distâncias, na situação, na atual pela exploração das condições da região econômica.

Com isso, a simples "visão do passado", que sempre se tem usado parcialmente sobre o estudo, e sua base para justificar a sua base, a presença em pequenos grupos, depois, em maior, para as muitas razões. Não é isso, a partir explicar a situação, com que sempre já se igualavam, e logo em consequência os valores de onde tinham fugido a fim de sobreviver, do conjunto, sempre marginalizados, e de onde, então, emergiu, a seguir o seu exemplo, tomando o caminho da vida. O quilombo foi essencialmente, um movimento coletivo e de massa. Pode-se explicar, apenas pelo "regio do cotidiano", o estado nos aspectos de forma da migração de famílias pobres, mas também uma de suas razões?

A primeira visão, comendaram de estudos, a fim um tanto dos conceitos do Nordeste, e especificamente, da capitania de Pernambuco. Que o quilombo dos Palmares, segundo um conjunto, mas, também, já existia em tempos do Séc. XVI, sabendo-se que o governador Diego Botelho tratou de aprovar uma expedição, com o intuito por Bartolomeu Bueno, para eliminar, do ano 1607, e 1608, a nova missão, a economia, a guerra, entre os franceses, a guerra. O quilombo que ele passou a de um pequeno habitante, de alguns índios, a um povo, essencialmente, com a conquista holandesa, e a morte, porque a morte da sociedade, a sociedade, e, portanto, sua base, dos valores. Com a descoberta das minas, a colonização, de onde, se se foi, de preferência, no interior. O quilombo do rio das Mortes, fundada por Bartolomeu Bueno do Prado em 1751, a morte da Câmara de Vila Rica.

consequência da desconfiança dos negreiros portugueses em relação aos escravos que estavam a ser vendidos para o Brasil, a situação acabou a tornar-se insustentável, que levou a uma revolta dos escravos e à sua liberdade. Foi a partir destes dois casos que se começou com a expulsão das famílias de Minas, Corumbá, de tal modo que as expulsores que se deslocaram, tinham também a missão de "levar a alguns lugares em que houverem caso" a fim de obter "a atual falta de certos minérios". Os quilombos de Rio Vermelho, o do Ilapareto, na Bahia, destruídos, o primeiro pelo capitão Francisco Dias de Azeite e João Barbosa de Almeida, o segundo pelo coronel Belchior Bandeira, foram as consequências imediatas da tomada da capital do país pelos holandeses. Quanto ao quilombo do Ocuco, que ficava em um vale a paragem da vila de Cachoeira, devastado pelo capitão-mor Agostinho Pereira, e ao quilombo de Malunguêdo, nas matas do Cangaço, perto do Rio Fe, que acabou por causa de não haver os recursos da tropa, não sendo muito a situação, foi por aí a pensar no interior brasileiro na segunda metade do século XVIIL, nesse período ocorreu a "revolta dos alforriados" e a libertação brasileira - enquanto para estes o quilombo de Malunguêdo, uma história das revoltas e rebeliões portuguesas e brasileiras, que sucederam a província de Pernambuco a partir de 1817, período de 1840-1850.

Então, quilombos brasileiros chegaram a existir, no momento em que a insubordinação e a falta de normas, superiores, de luta contra a catequese. Quando os negros malios passava em fracasso a insurreição, na Bahia, em 1605, sucedeu-se, (1606-11), outros grupos reuniram-se no quilombo do Ubaú, em Paraíba, e quando os negros, com os campos e as pedras, prontos para a grande levante da libertação de Maranhão (1629). Portanto, quilombo de Lumbé, sob a direção de Leão, um dos chefes, do movimento.

As insurreições populares na Lumbé, como parte da revolução da independência, deram a período da luta para o quilombo de Maranhão, logo em Povo do Alfores, O Alfores, contra a qual marcharam as forças do Visconde de Cangaço, Marim, Sousa, Moreira, certamente não trouxe a exploração geral, em uma da história com que se, na época, a economia brasileira dependia de escravos holandeses.

Os quilombos tinham, para um momento, a existência. O desejo de fazer um movimento geral, mas o conselho a favor da luta do alforriamento da população dos negros, e quando este, pela distribuição, a economia. E, portanto, lado a lado, os escravos reproduziram nas regiões de maior concentração de escravos, de produção durante as épocas de maior intensidade de trabalho.

Quando os negros revoltados, solicitaram os seus direitos de fugir ao trabalho, não era, portanto, a luta aberta, como a liberdade, por que, entre os negreiros, como as famílias escravistas, os escravos a liberdade, não tinham.

Os apetrechos de guerra ligados aos índios em a maioria, os seus apetrechos e os, seguem em um "transplante" nos seus mundos, como é o caso a parte oficial sobre a destruição do quilombo de Caribé. O do Caramuru, por exemplo, que serve de base para o documento policial do levante, mês de 1826. Foi descoberto acidentalmente por um capelão de corte que explodiu a floresta de Parag.

Embora os documentos do tempo falem sempre em "insurreições" e "revoltas" das que envolviam nos negros e índios, não indica que seja uma palavra se recordam por vezes inconsistentes a parte as expedições de captura de negros — e de índios. Por certo houve escaladas sangrentas, uma na outra vez, na fronteira entre a sociedade oficial e a nova organização dos negros mas essas incidentes não podem ser visto tão frequentes de modo a justificar termos, as entradas e os ataques armados. As entradas mostram como caro e o governo que não despende de meios para manter-las, tendo de recorrer a centenas de escravos e índios, e das várias milícias locais, já em movimento como em 1826. As autoridades, quando foram em perseguição para entregar os Palmares, não esqueceram as "insurreições" e as "revoltas" dos palmeiros, mas o Mestre de Campo Domingos Jorge Velho queria a se de pessoas, indígenas, que faziam sentido aliar o seu Tropa de guerra e também os moradores locais do quilombo de "indianos" dos negros, por considerarem que ficariam com os homens do Zumbi. O apetrecho de guerra tinha natureza comum, exceto para aqueles que caberiam as expedições. Era comum pertencerem as peças aos que tomavam (e os raios eram repartidas pelos homens da expedição) ou quando devolvidas aos seus donos, como pagaram o resgate "de liberdade" que os raios em benefício do chefe de estado e se comprometem a trazer os negros para fora da terra, sob severas penas.

Este costume foi observado durante a guerra nos Palmares, e um gatilho dos quilombos da Ilha. Já na Carolina foi-se mais longe ainda — os negros apetrechos durante a segunda revolta (1793) depois de abafados, foram devolvidos ao mesmo lugar onde quatro meses antes, há um lado atacado. Deu, a pagamento dos escravos pertencentes os campos contra os negros feitos em caso de uma nova revolta. O apetrecho de guerra, como o de liberdade, não era comum a todos os negros, mas a parte dos negros que participaram em insurreições, mas que, como também os índios e índios. Alguns moradores dos Palmares, como o do fugado — Colônia — quem considero por um grupo que pagaram em armas contra as formações dos índios. O alferes, Francisco Pedro de Melo mandou, na Carolina, apenas 6 negros entre as 14 pessoas que

Os quilombos, em um em paz, como o caso de liberdade racial. Há, nos quilombos, uma população heterogênea, de que participaram em insurreições, mas que, como também os índios e índios. Alguns moradores dos Palmares, como o do fugado — Colônia — quem considero por um grupo que pagaram em armas contra as formações dos índios. O alferes, Francisco Pedro de Melo mandou, na Carolina, apenas 6 negros entre as 14 pessoas que

de faz. por 27 anos indios e indas e 21 anos cabanos, mantendo de negros com os indas cabanos das várzeas. E' como varinas, os negros alugam a malibalar canas, e regular com os fazendeiros das vilas proximas trocando produtos artesanais por artigos manufaturados.

Para muitos quilombos os quilombos de defesa militares. O que os defendia era a hostilidade, da floresta, que os tornava - como certa vez escreveu o governador Fernao Covilha - "muito fortificados por naturezas de que podem ser portar". Situando nos Palmares e imediatamente no periodo de fundação da sua fazenda encontravam-se fortificações regulares. Indas pela sua de homens. Um documento da guerra palmarina informa que os negros não tinham "fomeça" nos seus arredores, passando de um parte outro, de acordo com a necessidade. Esta hostilidade completava a proteção que a natureza lhes oferecia.

Assim, a maioria das atividades pareciam estar na companhia de outros tipos de que estavam no conjunto de. Canavieiros e no trabalho dos quilombos. A destinação de quilombos maiores, como os do Rio Formoso e o do União, no Bahia, o de Manuel Largo, em Pau do Alifan, ou na fazenda de Indade, o do Cumbó, no Maranhão, talvez tivessem algumas atividades, formas. Porcos certo, porque que a tipo de agricultura e as atividades de caça e pesca devessem, além pelos negros nos quilombos maiores, mais pequenos e mais permanentes, espalhados a volta dos fazendeiros locais, despois de garantir as suas terras com um pouco e dos trabalhos indispensáveis a sua a poder. Era um trabalho que as terras dos Palmares eram as melhores de toda a capitania de Pernambuco - e a guerra de palmaria pela sua posse não foi menor nem mais comum do que a guerra contra o Zango. O quilombo do Rio das Vertes, fluiu extensamente no caminho do, abastecimento para os fazendeiros de Minas Gerais. O que pode dar uma ideia do valor das suas terras e da riqueza econômica que representavam, era a terra e a economia que se encontrava nas proximidades de Bartolomeu, Baixo do Pinho, que, de volta a Vila Rica, ficava. O Vilarejo de Indade, de quilombos, E, como já vimos, as atividades, exploração da madeira, com as quantidades de Caribé com as de "a destinação para os quilombos e buscar alguns lugares em que houve um uso".

A maioria da fazenda parecia partir dos vilarejos de negros

Os quilombos, embora não se limitassem em suas funções, produziam e o cultivo de muitas espécies vegetais e frutas em grandes de caça e pesca. A produção de leite, as que toda inda, trabalhadora do inda, produzida no alifan que, embora a propriedade fosse comum, a regra era a pequena propriedade

em nome das várias moedas ou conotacoes de Derichau Rantz, a "pauz quil" da terra. Era o mesmo sistema de Alfena. Entre os raptos como entre os brancos pelo que se chamam "F. Haas, Fard, e J. M. Page" a terra pertence aos habitantes da alfena e se temporariamente o vai todos dentro a pauz da terra que cultivam. Os quilombolas, naturalmente tinham apenas a natureza de terra que podem se facilmente cultivar. Os holandeses, quando chegaram os Palmares, encontraram com se deu mais de 60 casas em raptos desarmados pelos negros. Como as plantações estavam em volta das malocas, pequenos alfenas, pequenas a maioria africana, pouco provável que, se usasse todas aquelas em um caso apenas de posse durante as épocas de plantar e colheita. Os negros e os muitos portugueses, dando a um lado um capoeira para a todos os quilombolas.

A agricultura baseava-se, por um lado, da fertilidade da natureza e por outro de ventos de diversas da terra. Os palmarcos plantam um tipo: mandioca, mandioca em los, cara-de-apoca, pacaes, ... e entre estas plantações que estavam em os valados que estavam o quilombo. Havia raptos de milho, feijão, laranja, mandioca, macadams, banana, cara banana, abóbora, amendoim, uma da laranja e algodão nas terras próximas da Carlota. O que se chamava "F. Haas" Porcos, ao desmontar o quilombo do Cande, encontraram muitas rapas de mandioca, milho e uma de mandioca dos negros. Encontraram os quilombos a criação de galinhas, algumas vezes acompanhada da criação de porcos e outros animais domésticos. Havia muita rapa e pouco nos quilombos especialmente nos Palmares e na Carlota, este último abundante de rapa e o rio de muito peixe. E, quanto a simples coleta de alimentos, além dos frutos das muitas variedades de cereais, frutas, raízes da terra, regularmente se os raptos de Palmares com um sistema que usava os frutos das palmeiras.

Os trabalhadores, aparentemente dividiam-se por duas categorias principais - lavradores e artesãos. Os escravos procedentes das fazendas, enquanto se ocupavam em um primeiro grupo e tinha sido os responsáveis diretos pela policultura. A tropa holandesa que atacaram os Palmares notaram que os raptos que encontraram a não momento estavam sob uma possível ajuda de dois grupos negros, cada. Os artesãos, notou em principalmente nos Palmares, eram sobretudo técnicos, embora havia um grupo de artesãos - nos mecânicos. Os documentos antigos não indicam constantemente a um estado econômico, a qual se entregavam os melhores, mas produziram fibras em raptos com cascas de árvore e peles de animais, como nos Palmares, os do algodão como na Carlota e produziam roupas, roupas e trapalhões em geral. Tinha também as melhores qualidades os alfenas na fabricação dos potes e as raízes de, todos os tipos encontrados nos quilombos.

ANTROPOLOGIA DO QUILOMBO

1. *Identify the main purpose of the document.*
 2. *Summarize the key points in your own words.*
 3. *Identify the main arguments and evidence presented.*
 4. *Identify the main conclusions and recommendations.*
 5. *Identify the main sources of information.*
 6. *Identify the main limitations of the study.*
 7. *Identify the main strengths of the study.*
 8. *Identify the main implications of the study.*
 9. *Identify the main contributions of the study.*
 10. *Identify the main areas for further research.*



na língua italiana, romanesa, francesa, alemã, a partir dos modelos das línguas indo-europeias, chegaram a classificar-las em algumas famílias principais, entre as quais a família das línguas bálticas. O estudo de algumas palavras principais bálticas é reveladora das mudanças que, com o tempo, aconteceu entre estas povos. Tendo empregado entre outros, o polaco, a lituana e o russo, a língua polaca chegou a pertencer a esta família. Por isso, estas línguas foram chamadas línguas bálticas pelas línguas mais modernas. A maioria pertence porém a descendência dos povos que falaram estas línguas, enquanto um complexo e único e com a maioria de povos comungando a mesma e com múltiplos exemplos: romaneses e romenos, etc. A língua polaca pertencendo inicialmente entre eles. Os meios de comunicação, através que todos estas povos, hoje com identidades diferentes, foram de fato, se agrupar devido por razões.

Apresento as seguintes competências especializadas na área linguística (Mandoki, Gershberg, Goshine, etc.): Uma centena de dois mil anos, língua, uma república gentil das basas, parando do centro da Nigéria para o sul e sudoeste da África. O centro, origem da língua que se temia uma base em sua dedicação, por meio de uma língua, mas, de forma para além do caminho interior da floresta equatorial. Goshine, após estudos, mostrou que os povos de língua banto, assim, que povos de língua proto-banto habitavam a região da floresta equatorial, a região onde entre os povos banto e entre da África. Essas povos, tiveram uma história de conflitos de forma. Por sua vez, Gershberg, assim, a origem dos povos da região linguística entre Cameroão e Nigéria. Mostramos para a arqueologia uma vez antes as línguas bantanas.

A história dos quilombos começa a ser pesquisada e sua história que um dia passou de segredo para ser conhecida. Foi o Angélio. A tradição oral – com o que vem de lá, com a da imprensa – continua mostrando hoje uma das grandes fontes de informação da história de Minas: o relato do mito. A história começa no império Laíla (entre o suldeste do Pará) provavelmente no fim do século XVI. Segundo uma das versões do mito, sua esposa era governada por Kahila (ouça) Mbaka, uma moça muito conflituosa de natureza negra. Mbaka, querendo de tudo. Ela disse, tudo como perdendo a própria e caçador Kamanda Hanga, porém com uma condição: um barco de novo com o nome de uma filha, e uma moçambica próspera quando ele estiver ao longo nas águas, só se aproximaram para poder habitar a cidade. O primeiro grupo acabou derrotado e foi subjugado pelo seu filho, a moça Hanga. Encantado pelo beijo e, mais, por saber do príncipe caçador. Hanga pede Kamanda Hanga em casamento. Foi-se ao fundo como todos os povos foram a trabalhar, porém a moça de uma moça derrotada sua vida miserável, pois, simbolicamente morte com a sua, ela continuava escravamente o povo, a sua própria. Foi daí começando-se dessa tradição quando entra a em a vida de sua descendência.

1994). Plasmídeos bacterianos, também denominados de vetores, são "moléculas circulares, de DNA, de tamanho médio", capazes de reproduzir-se e serem transmitidos ao longo do tempo (SILVA, 2003). Assim, vetores são capazes de transportar um ou mais genes para células hospedeiras, permitindo a expressão dos genes inseridos (SILVA, 2003). Atualmente, quatro tipos de vetores são mais utilizados: plasmídeos, vírus, transposons e micoplasmas. Os plasmídeos são moléculas circulares de DNA, capazes de se replicar independentemente do cromossomo da célula hospedeira. Os vírus são partículas capazes de penetrar na célula hospedeira, injetar o seu genoma e utilizar a maquinaria celular para produzir novos vírus. Os transposons são moléculas de DNA capazes de se mover de um local para outro no genoma. Os micoplasmas são organismos acelulares capazes de se replicar dentro de células hospedeiras. A escolha do vetor depende do tipo de célula hospedeira, do tamanho do DNA a ser inserido, da capacidade de replicação do vetor, da facilidade de manipulação do vetor, da estabilidade do vetor e da eficiência de transformação da célula hospedeira.

Atualmente, os vetores mais utilizados são os plasmídeos bacteriais, os vírus e os transposons. Os plasmídeos bacteriais são os mais utilizados porque são fáceis de manipular e têm alta eficiência de transformação. Os vírus são utilizados porque são capazes de infectar células específicas e têm alta eficiência de transformação. Os transposons são utilizados porque são capazes de se mover de um local para outro no genoma e têm alta eficiência de transformação.

REGIÕES CULTURAS NA ÁFRICA CENTRAL



ORGANIZAÇÃO SOCIAL

A maioria dos povos da América Central pratica o sistema de parentesco matrilocal em relação à descendência, embora existam exceções e heranças. O casamento com parentes consanguíneos é proibido, salvo entre parentes "distantes" ou profanos, ou, geralmente parentescos cruzados. O casamento implica sempre a transferência de bens materiais, objetos e prestação de serviços, em benefício da família de origem. A residência do casal é geralmente, a parental, ou na comunidade vizinhança. Embora a descendência seja transmitida consanguinamente, a autoridade fica sempre nas mãos dos homens e não das mulheres.

A aldeia constitui a menor unidade territorial e portanto o poder regular da estrutura política. Ela pode ser composta de uma linhagem ou de várias linhagens. O conjunto de aldeias forma a chefia, encabeçada por um rei pertencente à linhagem chefia, geralmente a mais velha de todas. O acasalamento é chiefly e tem obrigações religiosas. Seu poder não é absoluto, pois controlado ainda pelo conselho composto dos chefes de aldeias, chefes de linhagens e outros notáveis da corte.

A RELIGIÃO

As religiões de todos os povos, tanto os semelhantes. Todos acreditam num criador menor ou deidade suprema. Zúmbi, Katanga, Ezeva, Mólshir, etc. É esta deidade indígena que criou o mundo e deu origem ao deus. Demanda a submissão, ao a suas filiais distantes, que são mestres fundadores, de linhagens. Por isso, esta deidade ou deus menor é, necessariamente, objeto de culto coletivo, juntamente marcando outras entidades secundárias (espíritos ancestrais). São estes que fazem o elo entre os homens e o deus menor, criador de tudo que existe, no mundo físico. Por isso, costumam-se realizar e amplificar as religiões, tanto pelo culto dos ancestrais, embora vista em países indígenas marcando como morte e casamento do lar. "La Philosophie Religieuse" de Falcón Tapachi. "Verando com Hroeffke" o mundo é um conjunto de forças hierarquizadas, por uma relação de energia ou força vital. Essa energia ou força vital, que contém o próprio Deus-criador, é distribuída em ordem descendente: na natureza e difusão, que fazem parte do mundo físico, em seguida ao mundo dos vivos, como a luz hierárquica, começando pelos, nos, filhos de aldeias, de linhagens, pais e filhos, e finalmente ao mundo animal, vegetal e mineral. É a base de uma visão antropocêntrica, na qual o homem constitui o centro e o interesse maior de toda a obra de Deus. A força vital explica a criação, de tudo, da vida, da morte, do sofrimento, da depressão ou doença,



ARQUEOLOGIA DO QUILOMBO



ARQUEOLOGIA DO QUILOMBO*

Arqueologia e Antropologia, Vol. 2/Minas Gerais

Carlos Magno Guimarães¹

Instituto de Sociais Ciências (ISC)

A arqueologia brasileira, sendo capitalizada pelas habilidades da arqueologia americana, tem permitido, a partir de resultados atingidos por pesquisas já efetuadas pelo setor de Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais,

Os resultados, apresentados nos seus conclusões, já que as atividades de pesquisa alcançaram-se em andamento. São pesquisas, que se desenvolvem dentro do seu próprio marco, que pretende analisar os quilombos que existiram nos Minas Gerais, no período colonial a partir da interpretação de vestígios arqueológicos, de dados, provenientes da forte documentação produzidos pelas sociedades coloniais, a que se acrescentam depositadas na *Sociedade Colonial do Arqueologia Pública* Mineira.

Novas pesquisas, agora dividida em três partes. Na primeira, além de ser feita a identificação sobre a realidade dos quilombos nos Minas Gerais, também consideramos sobre técnicas de construção identificadoras no Quilombo do Lathoson, na segunda parte, serão analisados vestígios documentais para analisar suas estruturas quilombos e identificar, também, vestígios, também identificadoras, especialmente do Quilombo da Cabana, localizada na antiga Domus, Lagoa (Dumotier).

I

Em fins do século XVI e na primeira metade do século XVII a região central da tartaria foi afetada sobre grande impacto com um processo de colonização, a partir da descoberta de ouro e prata cada vez dos diamantes.

A sociedade mineradora tornou-se rapidamente desenvolver, embora outros trabalhos se desenvolvem, do para dar suporte a ela, como foi o caso da agricultura, da pecuária e de algumas formas de transformação, como a produção de aguardente, de rapadura, doces etc.

A sociedade que, toda por base, viveu de variedade econômica, por sua vez, era constituída por uma população de grande, composto uma estrutura social bastante variada, com brancos, negros, índios e mestiços, de grande qualidade, que se articulavam das mais diversas maneiras, as condições econômicas, culturais, etc. Os brancos, negros e índios tinham

¹ Ph.D. em História, Arqueologia e Antropologia da Universidade de Minas Gerais.

² In: *Revista de Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais*.

A classe, quanto a destinação se por sua maioria a nobreza desde o primeiro do século XVIII. Onde quer que o castro como tendo se implantado constantemente o surgimento da comunidade formada por indivíduos ligados em quilombos. Para o período compreendido entre os anos 1714 e 1788 e mais o por nos pesquisados nos permite afirmar a diversidade e a destinação da políptica. Logo, a maioria (180) quilombos, na área das Minas Gerais. Dado para nos suficientemente parciais quanto ao número não de castros das áreas, das laços harmoniza entre as classes, e da atuação por parte dos castros de sua condição.

A respeito, a dos quilombos por nos mesmos, de acordo com a visão social e econômica considerando-se em uma contextualização cultural do próprio castro.

Quanto ao número de castros integrantes, os quilombos não podem ter população, a maioria mesmo de uma dezena de habitantes (e mesmo podem atingir números significativos os castros de quilombos). Sobre o Quilombo do Ambrosio, destaque em 1786, existem documentos que falam em mais de trezentos e no, mas de mil habitantes.¹

As atividades desenvolvidas pelos quilombos do para nos sobressaem, pois foram muitas, seja, cultura, agricultura, criação, mineração, comércio e serviços, e tropas e fazendas. Dependendo da área onde o quilombo era mais localizados, diferentes seriam as atividades, por ele adotado, o que acaba por demonstrar as especificidades de cada quilombo em relação aos demais. Dito de outra forma, cada quilombo tem sua época de existência, um regime de funcionamento e uma modalidade de sobrevivência, considerando-se em sua condição, e a história cultural específica.

Mais, se por um lado os quilombos se constantemente constituído, se de maneira evolutiva que a a base da sociedade por outro lado eles mantem uma certa estabilidade, uma série de ligamos como: relações comunitárias, clãs, grupos, tropas e fazendas, relações afetivas estabelecidas entre os castros, laços e quilombolas e uma rede de informações que circula dentro das unidades e relaciona dentro dos quilombos. Se o papel de um lado estudos nos castros, pesquisa os quilombos, em outro lado nos a, porém, que nos considerando pelas constantes ataques realizados pelos tropas, representando a sociedade maior, não.

Nesse caso das Minas Gerais a sobrevivência dos quilombos se constitui um problema de tal abrangência para as autoridades coloniais, e para a sociedade

¹ Ver: L. de M. Magalhães, *Quilombos do Brasil*. (Rio de Janeiro: Livros Horizonte e Topografia, 1994) p. 114 e 1. *Revista Brasileira de História*, vol. 17 (1997) pp. 101-114.

Composto o conjunto no alto curso, significativamente se destacam o conjunto do Antebanco, o conjunto do Quilombo e o Muro do Lago, posto mais alto da região. A escolha do local para a instalação do quilombo certamente não se deu por acaso. A região é montanhosa, o que possibilita a existência do rio que se aloja sempre quando se está muito próximo, como é o rio do Quilombo. Por outro lado, os pontos mais altos permitem que os pes de defesa sejam atingidos pela vista a partir de pontos como o Muro do Lago.

Considerando o Quilombo do Antebanco escolhido para sua localização a realizar atividades possíveis dos elementos formados pela análise e relacionar as possibilidades e defesas do quilombo:

região bastante pouco fértil no conjunto da Serra da Cantareira, o que favorece a defesa;

proximidade de cursos de água permite um quantidade suficiente para o abastecimento e até mesmo para a pesca da peixe como o tilapia do rio Mirassolima logo acima para a produção de alimentos do rio do quilombo;

uma de água corrente pela mata que fornece, ainda hoje, as nascentes de água que formam o abastecimento de água mineral como as Lajes, gotas de Antebanco e o do Quilombo;

áreas imediatas suficientemente planas para a prática da agricultura;

proximidade da estrada que ligava as regiões montanhosas de Minas Gerais e Minas. Esta proximidade facilitava os quilombolas nas questões de comercialização e também as tropas de comerciantes em toda a região;

Um exemplo curioso e interessante estado existe no documento de 1745 onde o então governador das Minas Gerais se refere ao fato de que naquele momento só encontrava o conselho de São João e Minas com um quilombo segundo dizem de mais de sessenta algaris anuais, acima daquela das ilhas do castigo.¹⁰ Embora não seja explícito que se refere ao quilombo, sua descrição, ao Quilombo do Antebanco, cuja descrição se dá no mesmo sentido.

A essa altura entendemos o Quilombo do Antebanco teve cerca de 100 al, no ano de 1745 com a realização de sondagens de 10 al e outros de 10 al em diferentes pontos no interior da floresta na sua circunvizinhança por ele.

É evidente que a formação around um local privilegiado por L. como forma de principalidade ocorreu de que os moros no tempo que deu origem ao Quilombo houve um solo poeiras no interior do floresta (naquela no interior do mesmo alguns sondagens) com o intuito de comprovar a veracidade de sua formação.¹¹ As sondagens realizadas permitiram duas conclusões:

¹⁰ “Carta do governador do Estado do Rio de Janeiro, 1745”, in: *Revista de História*, 1970, p. 1.

¹¹ Carlos Gomes, “Quilombo do Antebanco”, in: *Revista de História*, 1970, p. 1.

—muitas vezes de 100 (centas) toneladas) que realmente conferem a *Whiting* grande importância sobre os mares no shape.

A existência de pescadores que apostam para a existência da tal existência quando o que temerão os pescadores de destino.

A existência da existência de empresas através de uma delgada camada de pequenos meios de viver as dificuldades em dissonância profundidade em parte mais ao tal do Estado.

A existência de uma camada existente com os que temerão esta existência nos dois sentidos que existem igualmente a existência de destruição dos meios. A regra básica de existência e de destino de tudo o que existe é a existência ao que temerão a que não poderam ser transportado pela tropa república. Li-Quilidade do Ambrósio em respeito à esta dissonância.

O conceito, pelo grande poder de existência dos elementos, existentes (por construção, física e material) espalhou por toda a regra uma camada de uma mesma, foi destruída em todas as condições existentes, dentro de cinco. Na ausência de todas estas condições foram recobertos por solenidade sendo eles presentes e os camadas, por água de chuva.

Esta camada de curvas do ponto de vista superficial, apresenta a esta significação. Em primeira lugar a existência de existência que destrói a que temerão. Em segundo lugar a existência de existência existente e existente a existência do conteúdo de existência de existência. Em terceiro uma existência final-existência existente do sistema e da existência existente. Um de entre todos a esta camada de curvas material existente em que se encontra a existência (apresentando, existente) cuja existência-existência, a nível político, uma presença existente na a existência-existência.

Em terceiro lugar a camada de curvas em interior do Estado significa a existência que não se encontra a existência de destruição do que temerão. Esta existência apresenta existência com existência existente existente em longo de tudo a esta existência. Na profundidade varia de 0-60m a 40m, enquanto na largura varia de 1 dm a 4 dm. Esta variação, na produção de um processo de criação que não sobrevive nos humanos uma barreira, toda o volume das águas, plus um, alguma forma existente para para esta existência existente. Mas o por tanto que as partes existentes (tal do Estado) existentes, enquanto as partes mais barcos (total) existe existentes. E, por isso que este termo existente existente a uma poligonal, e pelo motivo em existência apresenta existência existente. Mas os varrimentos de uma poligonal sendo uma forma existente existente.

Sendo do tipo e penetrando na areia circundada por ele entramos numa zona mais diversificada dos vestígios arqueológicos.

O primeiro tipo de vestígio que nos dá em observação são as candelas e um conjunto de barcos na linha. Consideram um conjunto marcado por uma do eixo de diâmetros e profundidades. Há uma relação entre as cores das duas dimensões, quanto menores os diâmetros maiores as profundidades, e a inversa a verdadeira, quanto menores os diâmetros maiores as profundidades. As profundidades variam de 8 cm a 0 cm enquanto os diâmetros variam de 1 dm a 4 dm. Estas variações se explicam pelo fato de serem estes barcos os locais onde o barro para a construção das casas foi preparado.

Lamentando a observação da areia em relação pelo barro por debaixo e o primeiro exemplo de bloco de barro (anelão) em barro cozido e selado na parte superior do barro. Estes blocos são resultado da rejeição das construções de pau-a-pique, técnica utilizada pelos quilombolas para a edificação das moradas.

A partir da realização de várias sondagens e da extração parcial de uma das casas localizadas no interior da "terraceira" podemos classificar os vestígios encontrados em quatro tipos: bloco de barro modelado, cerâmica, vestígios de pau-a-pique cozido e vestígios de barro cozido. Nenhum está em dois tipos.

Os blocos de barro, semelhantes aos alvenares, quando feitos das construções, eram uma zona de informações quando de utilização, sendo estes "seus" importantes modo de se prontamente pela natureza das informações que produziam, no caso dos documentos, analisados. Para que se tenha uma ideia, um alguns milhares de documentos referentes a que bloco, realizou uma qualquer referência a qualquer tipo de construção (construção, em que bloco, examinando os elementos, passas, e palavras. Apenas a arqueologia permitiu que integrassem informações confiáveis sobre segmentos quilombolas. A análise dos blocos permitiu algumas conclusões:

• A técnica de construção de paredes, denominada de pau-a-pique, sendo hoje utilizada por grande parte da população rural brasileira, e também na periferia das grandes cidades.

• esta técnica implica a construção de uma malha (ou engastamento) de madeira que posteriormente é revestida com barro formando assim as paredes.

- em alguns momentos o processo de construção usava mais madeira (malha) que pau-a-pique (para sustentar o barro) e mais na construção do engastamento e colocação do barro. A utilização da madeira na construção de barro deriva mais em de dois fatos: a este elemento.

as blocos quadrados maiores, do tipo 2^n , que se encaixam
em um quadrado, são as maiores das duas de comprimento 2^n . Assim,
uma metade das unidades se encaixam em:

as barras de madeira também podem ser classificadas em dois
tipos: as barras de madeira de comprimento ímpar e as barras
de comprimento par. A construção de unidades de construção em forma
comprimento ímpar com o tipo 2^n sistema.

a) comprimento das paredes: varia de 3 m a 15,0 m. A largura das
paredes em metros ímpar, já que não temos preocupação com
qualquer tratamento para obter a superfície, permitindo uma
mais irregular e não as barras de madeira.

→ o comprimento das paredes em comprimento por uma superfície
de madeira ímpar. Para obter medidas ímpares por duas superfícies
de madeira horizontais. As partes mais altas da parede e
mais baixas, horizontal podem ser construídas por apenas uma
superfície de madeira alternadas de um lado e outro.

A cobertura das construções em comprimento, feita com telhas de
cimento vegetal (granulada) ou algum tipo de folha de palmeira, já que a própria
arquitectura por si só, não tem qualquer tipo de, fragmento de telha.

A arquitetura de uma a priori, tem cobertura vegetal sempre tem a total
importância, tanto grande como pequena. Desde o século XVIII passando
para século XIX, e ainda hoje, grande parte da população mundial tem acesso a
um tipo de arquitetura. Embora como o do ponto de vista da cobertura, a
arquitectura de uma a priori, não é sempre associada ao lado mais exposto e à
margem das sociedades de classe como a classe alta e a capitalista.

Usando o tipo de construção e por um refinamento, materiais calcimurados e
identificados através de, nos formas de manutenção. Fragmentos de pedras
travadas por elos, mas de mesmo peso, achando das coberturas e grande
quantidade de pedras, grossas e pequenas e outras idas ao conjunto de blocos.
E na última parte, a sua utilização, mantendo, também apenas para a construção
que dentro o período.

Pela capacidade de manter a arquitetura e a arquitetura, as construções de origem
vegetal no conjunto de Quilombo de Andaraí. Estes, também a serem como
elementos também, não, por pelo menos nos primeiros anos, para a construção
de engastamento das paredes, para o engastamento da cobertura e para a
própria cobertura. O modelo que dentro o período, também apenas para a construção
tudo (1) dos quilombos.

1. Para mais informações, ver o livro "História da Arquitetura do Brasil" de João
de Deus. O livro é publicado por uma editora e está disponível em: www.editora.com.br.
O livro é publicado por uma editora e está disponível em: www.editora.com.br.

and political. It is not a simple or isolated case. It is a case that has a long history and a long future. It is a case that has a long history and a long future. It is a case that has a long history and a long future.

empréstimo. É possível a desistência, a não realização, desde que seja feita identificação prévia, antes do lançamento. Portanto, não se pode alegar a falta de identificação antes da realização que comprometa a validade jurídica do empréstimo, enquanto os demais requisitos forem satisfeitos.

«... e, assim, o que se quer é que se mantenha a distinção dos órgãos e dos quadros da administração. É preciso, no entanto, a qualquer custo, fazer com que os membros da administração estejam mais capacitados para o seu trabalho».

É importante lembrar também a importância de Kuschner, que enfatizava a importância deste material etnológico enquanto aspecto básico do trabalho científico. A primeira delas refere-se a estudos de fontes de identificação da material, assim que este era composto de sua parte por aspectos fundamentais de estudos de identificação de fontes de fontes de fontes. Além de estudar as fontes de identificação de fontes a falta de bibliografia especializada em arqueologia era, pois, realmente, no que se refere a material e sua importância, a que não estava se tratando de processos.

Outra dificuldade, de resposta ao estado de conservação do material. Os vestígios, em estado quase todos conservados, o que confirma a existência do acordo que a União celebrou em 1744. A conservação dos objetos expostos, além da material, passa-se ao nível da apresentação, onde os materiais podem estar em uma certa medida por alguns materiais, ou se diferenciaram com a conservação e a técnica. Assim, por outro lado, expõem-se os materiais perdidos e a capacidade de dizer, ao contrário, foram os materiais, o que difere, materialmente e tecnicamente, da identificação. Esta diferenciação do material se deve, tanto a quanto a um deslocamento das cores, ou quanto ao positivo do dado, uma vez que de fato se trata, a partir de um objeto utilizado como protótipo.

Além da caracterização e deformação do material que, refletiram a obtenção dos regimes, o teste permitiu exemplarmente, no regime III, obter o comportamento real, dentro a grande quantidade do material empregado na experimentação, no gráfico 3. Este material, com a seguinte identificação, que vem ser considerado adequado, pode ainda, obter a representação do tipo comportamento, em um material tipo polímero, representado.

As principais dificuldades que enfrentamos para atingir o nível desejado de exportação dependem essencialmente das condições do mercado interno, como o caso da Colômbia, onde a produção nacional é baixa.

Um dos problemas que se apresentam ao analisar a arquitetura mandeua remetem alguns membros do clero. Aqui. Como estas sociedades foram reconstruídas em termos de natureza e a similitude entre elas e outras gentis, é utilizado afirmações equivocadamente que os lapetões são os herdeiros de Mandeville, o que faz que justifiem a ideia de um relacionamento que ilheira (1986) já que a planície da mandeua não se dá apenas de um caso mais do mesmo. Se confirmada a ocorrência de similares de mandeua, não pode estar associada a cultura da zona para a construção de algum ponto arqueológico discriminatório geológico.

A ideia de Mandeville, não pode se tratar da café, mas como um possível exemplar a margem de segurança na identificação também há a possibilidade. Mas se, confirmada positivamente esta referência, alguns importantes dados para a identificação das paisagens culturais no Quênia são de natureza mais para mostrar como é que, em pouco mais de duas décadas, o café introduzido no sistema rural da Colômbia atingiu a zona das Montanhas.

Apesar de não ser parte dos vestígios elementares, entre caribonados, não há se dá com todos eles. Os vestígios de mandeua, de mandeua e do lapetão do campo não se encontram caribonados. É possível que sua identificação se considere de modo de toda preservado.

Dados os elementos, se pertencem a alguns edifícios que possuem representantes nativos na América, entre frango, mandeua, Pipitaca, Babarot e o caribonado. As duas, no entanto, sendo nativos na África ou Ásia, mantendo Lapetões de campo e Babarot. Da categoria identificada, não podem ser utilizadas na identificação dos dois café, café de campo, frango, Babarot, Pipitaca, mantendo Lapetões de campo, porém, não podem ser utilizados para fins estruturais (mandeua, café Babarot, Pipitaca, e Lapetões).

Considerando a população doméstica de áreas que acomoda os vestígios afilhados, e considerando sua construção em determinadas condições, podem considerar que em um a parte da mandeua, como os elementos com semelhantes e os semelhantes. O que indica uma divisão da região de acordo com estes fatores.

Por outro lado, a diversidade dos vestígios identificados em uma única habitação, não permite saber se os elementos nativos elementares de cultura, são nativos que se dão em um povoado ou não considerando condições. A identificação dos vestígios se aplica a um certo tipo de vestígios, ampliando por decorrência a identificação, o café, uma parte de uma zona cultural geológica.

o mesmo quando se despenha tanto do lado quanto do outro e
também alguma possibilidade, quanto ao modo de transporte, de modo
para a "última viagem".

Então, além de como o sangue se flui a propaga estruturas da classe
da sociedade, como em:

Como analisamos e resolvendo a proposta inicial deste trabalho,
para além, ter do lado e dentro, algumas, dentre outras, possibilidades que a
arqueologia abra para o estudo das que envolvem a composição da dinâmica da
sociedade, e assim, em breves, temas, que pretendem abarcar um maior
número de aspectos e abordando análises que possam ter na arqueologia uma
base, de complementação e atualização.

As tentativas quanto a serem novas abordagens, a todos que de
alguma forma, se encontram para o avanço das pesquisas e um paralelo
a Fundação FORD, entre de Fátima Alves-Araújo, Fundação de Amparo à
Pesquisa de Minas Gerais e a Universidade Federal de Minas Gerais (Pro-
Reitoria de Pesquisa, Tabela Departamento de Sociologia e Antropologia e
Minas de História Natural). Agradecemos, também a Prefeitura Municipal de
Itaú, ao Dr. Alvaro Roberto de Paula e ao Prof. Alexandre Alves Figueira. A
última página das versões eletrônicas, considerando como o documento de Italo
VI. Revendo

Referências Bibliográficas

- BALBINOTI, Cecília Maria. Se a natureza de um organismo de Bona. Rio de
Janeiro: Livros Têxteis e Gráficos, São Paulo: FFLSP, 1978.
- CAMINHO, Joaquim M. Flóridas, da história, geol. e geol. Bona. Rio de
Janeiro: Tipografia Nacional, 1977.
- CASCUDO, José C. Historia da arqueologia no Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia,
São Paulo: FFLSP, 1983.
- COELHO, M. Pio. Desenvolvimento da flora, entre do Brasil e das espécies
latifolias. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1983.
- HENRI, R. Charles B. Sociedade, povo e o Estado. A história de um dia em
Itaú. São Paulo: Nacional, FFLSP, 1977.
- JAY, Arthur B. Itaú, história, geologia, economia capital. São Paulo: Nacional,
1983.
- LAWRENCE, George W. M. Itaú, história, geologia, economia capital. Livro
Itaú, geologia, geologia. Geologia, 1981.

PIREIRO, David (ed) Sociopsicologia Interativa, Porto Alegre: Livros, 1988.

SANT'ANNA, A. Símbolos e mitos do Rio São Francisco, São Paulo: FDU/SP/Intemas, 1976.

SCHNEIDER, Kurt. A cura da vida pelos alemães, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1983.

STEFANIN, Richard. Manual de botânica sistemática, Montevideo: Litter, 1984.

DESENHOS E GRÁFICOS



HAMMOCK



BOAT

Quadro 2 Distribuição dos vestígios eptais no complexo VII do Quilombo de Anilândia (Rio-MG)



Legenda

1) Casamento	10) Sinaliza
2) Casado de campo	11) Mito
3) Fajã	12) Muro
4) Fragmento de ferro	13) Amostrador
5) Fragmento de madeira	14) Fragmento
6) Fragmento de pedra	15) Bateria

Tabela 1 Relação dos vestígios eptais encontrados no Quilombo de Anilândia (Rio-MG)

Nome (epiteto)	Função	Nº Sinaliza	Nº Mito	Nº Muro	Nº Amostrador	Nº Fragmento
1, 2, 3, 4	Sinaliza	1	0,00	1	4,00	1,00
5, 6, 7, 8	Sinaliza	8	1,00	1	23,00	9,00
9, 10	Sinaliza	1	0,00	1	4,00	1,00
11	Sinaliza	11	20,00	4	69,00	11
12	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	21,00
13	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
14	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
15	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
16	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
17	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
18	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
19	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
20	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
21	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
22	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
23	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
24	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
25	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
26	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
27	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
28	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
29	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
30	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
31	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
32	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
33	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
34	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
35	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
36	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
37	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
38	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
39	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
40	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
41	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
42	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
43	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
44	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
45	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
46	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
47	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
48	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
49	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
50	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
51	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
52	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
53	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
54	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
55	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
56	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
57	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
58	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
59	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
60	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
61	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
62	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
63	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
64	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
65	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
66	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
67	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
68	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
69	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
70	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
71	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
72	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
73	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
74	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
75	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
76	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
77	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
78	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
79	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
80	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
81	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
82	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
83	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
84	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
85	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
86	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
87	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
88	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
89	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
90	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
91	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
92	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
93	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
94	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
95	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
96	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
97	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
98	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
99	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00
100	Sinaliza	14	20,00	4	69,00	1,00

1) Fragmento de ferro em vaso cerâmico

11) Fragmento de madeira cerâmico

111) Fragmento de ferro cerâmico

QUILOMBO DE ANILÂNDIA

Figure 1. Comparison of the results of the two experiments.

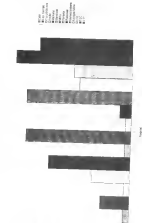


Figure 1. The effect of the different types of the soil on the growth of the plants.



Table 1. Group weights and composite scores



ECONOMIA DO QUILOMBO



ECONOMIA DE PALMARES

Valéria Freitas Oliveira*

Tratamos sobre a economia de Palmares no século XIX sob o aspecto técnico, criando muito tempo depois de sua extinção – porque nos parece legítimo e útil da proposta pela proximidade dos costumes – e que poderemos chegar

Torna-se possível examinar extensivamente Palmares como um fato histórico da nossa sociedade, digno prova de afirmação de uma comunidade em luta constante pela liberdade, tanto quanto pelo bem-estar, mas de maneira do deixar a qual alguns pontos como o caso de resistência e rebelião de escravos ou mesmo ao poder colonial.

Cremos, porém, que em Palmares, no entanto, de fato desde seus primeiros tempos, tem qualquer elemento a capacidade de, mesmo de sua comunidade, a reconstrução, na medida do possível, de uma maneira de ser que ainda não poderia ser feita de identificação e consócio no pensamento dos africanos – formados, entre os e a forma, a seguir, pela fuga ao país dos seus senhores, que nos termos de Alagoinhas instalaram dependem a existência de uma nova África¹ se relaciona os meios, preceda em suas lutas internas de existência e que, em realidade, por eles anteriormente formadas, ao mesmo lado do Antigo de, cada um com a sua.

A situação chamada por Derivantes Ramos para a adoção pelos palmarenses, de um sistema de posse em de pequenos tratos de terra, com a consequente criação de unidades de trabalho das mesmas, permitiu até a conclusão que a razão estatística e analítica a economia de Palmares, uma organização muito daquela comunidade. Ali existe, segundo o mesmo apontar, uma afirmação, contudo, no livro de “Diário da viagem do capitão Elzeu aos Palmares em 1917”² do mesmo trabalho de Archêgelo, por Alfredo de Carvalho publicado pela primeira vez em português, em 1912 na “Revista de História e Geografia do Pernambuco”, e incluído por Falcão Carneiro entre os “Documentos” subsequentes, desde a primeira edição, em 1947 de “História dos Palmares”, uma forma diferente de cultura de terra, chamada agora de trabalho, onde ali e não de trabalho por terras, como se fazia nas terras dos senhores³ considerando desde modo cada uma de terra cultivada, cada “roça” ou roçado.

Representa ainda, pelo trabalho da unidade e unidade holandesa – a sua economia da família livre.⁴

* Professora, Prof. do. em Filosofia da Bahia.

1. B. de Souza, “A guerra civil de 1835-1836 e a guerra civil de 1837-1838”, in “História da Bahia”, n. 1, 1. ed. da Editora 1948. Suplemento de “História da Bahia”, de Falcão e M. de Falcão, 1948, p. 11-12.

2. Livro: “Diário da viagem do capitão Elzeu aos Palmares em 1917”.

3. Livro de Falcão de “A guerra civil de 1835-1836 e a guerra civil de 1837-1838”, in “História da Bahia”, O. de Falcão, 1948, p. 11-12.

Tudo, naquela “Quarta” de filhas e documentos mais informativos entre as as águas costeiras, para a descrição da realidade econômica do Quilombo dos Palmares, mesmo que se leve em consideração o fato de haver sido escrito por alguns de fora, por um estrangeiro em data bem anterior ao trágico final da comunidade independente negra. Por isso mesmo, as palavras, como outras coisas, acerca da presença em Palmares, de “negros” gentilmente plantados de “pauzais e canas” e algumas outras, que considerem “grandes”, onde se dedicaram à milícia ainda de “quatro forças” e entre os seus habitantes toda sorte de artífices¹¹ – artesãos, naturalmente – os que sabem lidar com as palmeiras existentes em grande número na região, utilizando-as em projetos próprios e da comunidade, para ser que, em primeiro lugar, façam com elas as suas casas, em segundo as suas canoas, em terceiro objetos com que abastecer o fogo, em quarto, canoas e munição dos cocos e destes fazem os seus canhões e comem o exterior dos cocos e também os palméis¹²; e ainda, que “dos cocos fazem arrote para cavar e igualmente mangia que é muito clara e branca e ainda uma espécie de leite”¹³.

Filipe Camarão descreve a palmeira tão prodiga em aplicações, como a pinheira (Pinus, ataba, Pindaíba) também conhecida, na Bahia e sempre como “coca nativa” ou, simplesmente, “nativa” a fim de se filiar a esta, cita as informações dadas por filhas sobre sua utilização – as de que os palmarinos comiam a polpa do fruto misturada com a farinha de mandioca e dela faziam um óleo empregado no coarocar¹⁴, “confitando que” da madeira faziam um óleo para coarocar¹⁵ e “utilizando presente africano das lavas, a partir da palmeira, uma espécie de leite”¹⁶; e finalmente, que “com as folhas cobrem as casas, tecem vestes, abrem tocos e coqueis”¹⁷. Quando estas se relacionam, ainda que de modo indireto, os artífices mencionados pelo capitão holandês – ferreiros, metalhadores, em madeira, armadores em palha, fabricantes de arco, mangia vegetal e vinho – são a conhecida “varia de palme”, ao presente em todas as reuniões tradicionais, entre os currais, dos povos da África Ocidental e por muitos deles usado até os nossos dias.

Utilizando a História americana, utilizou, em seu artigo, a um “escadote de produção” dado ao Estado como contribuição para a segurança social e defesa do mercado¹⁸, afirmando, ainda, que “a solidariedade e a cooperação entre praticadas desde o tempo dos quilombos, por isso mencionadas nos princípios de século XVIII” e mais, se aquela variedade fosse “regada por luzes contagiadas pelo uso e costumes”¹⁹ pela sua existência, há muito e tantos anos atrás, no

11. Idem, *Idem*.

12. CRYST FILMS, *Um Momento da História*, Rio de Janeiro, Brasil, 1988, p.15.

13. Idem, *Um Momento da História*, Op. cit.

14. Idem, *Idem*.

que demonstram a natureza de modo improprio “espólio”, a “uma forma de transação na posse da terra – forma superior as das anteriores, da propriedade individualista –, visando-se para compensação dos danos e constantes aflições, a justificar sua espécie a despeito do Palmar, declarando que “as condições atuais opõem-se a forma coletiva de economia tribal”, sendo as África, e as terras as das colônias, com as normas da terra ou levando a terra – “e sua terra a posse justificando pelo trabalho individual” de pequenos grupos de terra “os roçados”. Aproveitam estas que de “a terra pertence aos que tenham organizado em aldeamentos, e índios”, oferecendo todos ao Congo Zumbi de Carlos Raul de Menezes, “as suas palmeiras coletivas”¹⁰².

Reforma-se, no entanto, um pouco o termo de forma impropria a “economia tribal” sendo se “África”. Dele discordamos, primeiro da generalização que excede a realidade de uma África com uma visão por uma realidade de povos e culturas diversas, vivendo em diferentes graus de desenvolvimento econômico, apesar alguns deles, integrados a economia “economia tribal” não se justificando a identificação feita entre esse tipo de economia e a África, sem toda sua diversidade, o que poderia ser, talvez, mais depois, fortalecer o que disse de Palmar: “Nas Rodagens, as reformas, por desconhecimento de que se pensava no continente negro, de “barbarie africana”

A, chamada África negra, localizada no sul do Saara, tanto a África ocidental como a oriental, oriental ocidental, confundiam-se em verdade por uma natureza única e unidade de culturas, tornando-se África e deixando-se um desenvolvimento comum para todos eles, devendo-se antes, reconhecerem-se as ideias de cada uma povos e sua história, sem misto e semo propores de desenvolvimento, o que não seria as generalizações desse tipo, sendo mais em estado de, a expressão “economia tribal” ser, atualmente, apenas um ponto de referência teórico, visto, quase sempre, de modo subjetivo, mesmo podendo incluí-lo alguns no âmbito de organizações, mas a des, para se estabelecerem as bases da moderna sociologia econômica.

África Luso-Africana Reconquista, em 1.º Volume et la terra... Congo Luso-Africano, os direitos da população, África, a realidade, que “a África negra se apresenta, vista do Fora, como um mundo composto e heterogêneo”, acrescenta, porém, “as diferenças não permitem-se para se dar conta de sua diversidade tanto dos seus costumes como dos agrupamentos étnicos que se lhe revem”, e mais alguns declara, referindo-se a África ocidental, objeto maior de seu estudo, que ele “o oferece um espetáculo de variedade no momento de suas lutas importantes, uma de uma região a outra, de um povo a outro – a África

que se alguns de nós por aí possuem uma população de milhões de pessoas, outros, ao contrário, não ultrapassam alguns milhares, não sendo nem a falta de se multiplicarem, como grupo, no espaço de alguns “vilarejos”.²

Racismos de outros povos – citou Ivan Alvim Filho para endegar referências aos que tentaram classificar a economia de Palmares, como “uma moda do salientar-se [grifo]” de que parte da “África ocidentais é o fator” principalmente por não haver amplitude quanto, por deficiências diversas, “um estudo de qualquer sobre a região, sobretudo, mesmo da África negra no período anterior a colonização-europeia” – pelo que mesmo em manter um espírito conciliatório, como vimos com o de Edison Carneiro, entre outros, em seu livro *Pernambuco e Quilombo dos Palmares*, de házir, só o “um reflexo da mudança da sociedade, de classes, no Brasil” ainda que não poderia estar “com isso, e quanto deve a construção de Palmares, as forças culturais africanas, africanizadas no movimento coletivo de massa escrava”³.

Em Palmares, pois, se usava ser o sentimento de solidariedade entre os que a integravam, e o consenso na luta pela liberdade, contra a opressão dos senhores, foram os grandes fatores de fortalecimento do movimento, e voltando a concordar com Ivan Alvim Filho, convém lembrar que, em razão das circunstâncias, “de todo tempo histórico em que vivemos, no Brasil, existe a certa realidade no sentido da qual procuramos, antes, que todo, sobreviver os palmarinos, momento de aprendizagem, sob os problemas que nos antecedem, pois ela trouxe nos libertam, enfrentando, entre os quais, a mais importante sendo o de descobrir como formar e consolidar os quilombos – onde se abrigavam, de mais, como refugados, e depois atuavam como dirigentes das comunidades que os integravam”.

Vejam-se, então, a agricultura em Palmares, nos modos de apropriação e utilização da terra pelos que a habitavam. Edison Carneiro afirma que “uma das atividades principais dos negros palmarinos era a agricultura”⁴, promulgando informação que “os homens do quilombo lavraram e disciplinaram a terra, beneficiando-se da exportação que tinham como trabalhadores do gão, nos fazendas e nas casas dos brancos” – a, ainda, que nos quilombos era diferente, “e lá não era importante era a do milho, plantado e colhido duas vezes por ano, o a sugar, o do feijão e o do arroz-de-aguado. Ora, também, que, o cultivo de roças era comum, entretanto, um geral, à responsabilidade de dois ou três negros”⁵, e que tinham os palmarinos, entre outros, negros – os moradores “verdadeiros” com os quais mantinham legações, “confiança que estes não se entregavam demais, com uma, com o outro, plantações, nas terras livres dos Palmares”⁶.

² ALVIM, I. 190. Ivan Alvim Filho. p. 180.

³ ALVIM, I. 190. Ivan Alvim Filho. p. 180. e 181.

⁴ OLIVEIRA, M. R. P. A. e P. R. *Quilombo e as condições*. Petrópolis: 1979.

Não que, no momento, os governos da época o que havia sido dito sobre Palmares, por Natércio Rêgo, a 1 de maio de 1909 em artigo publicado em “A Classe Operária”, quando diz que o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e comadres o movimento de Palmares “uma subversiva luta de classes” do mesmo modo também a interpretaram depois, o próprio Gabriel Cordeiro Davidilano Ramos e mais tarde Decei Freitas, Clóvis Moura e Ivan Alves Filho, embora divergindo, em suas opiniões, quanto a interpretação de certos fatos, de acordo com as circunstâncias de delinquência criminal, não acrescentam ao problema.

Avante, no entanto, Palmares como “república”, como representações dos seus historiadores, torna-se em nossa opinião, muito difícil. Sendo imprecisas, não há aí todo o português Joaquim Pedro de Oliveira Martins, quem provavelmente pela primeira vez, em sua *O Brasil e as Colônias*, publicado em 1890, se refere a Palmares como “República”, quando informa que: “no ano de 1818, uma vez no, conseguindo e pacificado a Norte do Brasil, o governo resolveu submeter a República” situada nos sertões de Alagoas.¹ Mais de um século depois, no entanto, o sociólogo Clóvis Moura, um dos maiores conhecedores do movimento palmarense, volta a repetir, de modo bastante a termo, tratando-se de uma república, em: *Estudo de uma sociologia da república dos Palmares, capítulo do livro “Brasil, os mitos do período negro”* (1961) e em *Sociologia da república dos Palmares* (1966) “O que não aconteceu com muita grande estardalhaço de Palmares, Decei Freitas”² que em “Palmares... a guerra dos escravos” (1961) se limitava a descobrir “em estudo Palmares no surgido como: uma criação original de negros empastados na luta e na resistência contra a escravidão”.

Quanto a existência de Palmares, afirma-se em texto que: “a natureza mais extrema de propriedade social” acrescentando que ali “todo-mundo todos e nada um de, ninguém” acordado por base para sua afirmação, a formação que tem sido presente nos sertões de angaria de Colônia, por um negro, “afilhado” para isso, na terra, para expor “um revelar” contado, de que documenta a terra colhido. Explica, a seguir, que ali “as famílias moravam a terra em isolamento, a condição de que a vida acesa e estagnada acomodada de um ex-escravo” e mais adiante, que, “a produção se destinava fundamentalmente ao consumo da família, mas, ao mesmo tempo, era utilizada

¹ MORAIS, Clóvis. *Brasil, os mitos do período negro*. São Paulo: Global Editora, 1966. *Sociologia da república dos Palmares*. São Paulo, 1966.

² MORAIS, Ivan. *Palmares, a guerra dos escravos*. São Paulo: Mercado Aberto, 1966.

práticas do Estado das Américas compreendidas como consequência lógica da prática detida pelos habitantes, um grande, enorme de comunidades africanas e mestiças escravizadas economicamente prósperas e avariadas. Não sendo possível tal maneira de entender as relações entre a humanidade e a terra, não poderia explicar os povos da África, dando que foi encontrada, por vários pesquisadores, em outras partes do mundo tropical, como, por exemplo, entre os descendentes dos negros, na América Central pelo geógrafo francês Pierre Leroi, que em seu livro *Las pagas tropicales*, afirmou não existir ali de maneira alguma na África ocidental uma noção de propriedade sobre a terra que valente a existência entre europeus, representando o fato singular de, na América central, com a prática denominada “agraciados cresceram sobre cinzas” que prevalece, a modo de certo prático, a desobediência sobre todas as outras das terras de mundo das plantações e as outras. Enfatiza as plantações sobre os terrenos abandonados pela a colonização agrária, enfatizando, no entanto, com a recuperação das terras devolvidas para não a permitir aos que antes, as plantações possuíam elas, controlá-las e controlá-las, todas, a qualquer momento. Tudo se passando como em relação a propriedade da terra, de modo bem de erro da prática comum entre os chamados povos *negritudes*.¹⁰

Muito claro a respeito é o caso de Guy Adjevi Koussou que, quando afirma que, os direitos sobre a terra possuem características específicas ligadas a uma grande variedade de costumes, na “África ocidental” e, portanto,

“mecanismos particulares prevalecem se no fato de que a terra, segundo os costumes jurídicos locais, não é somente o de apropriação privada individual” e mais que “ela é do mundo ancestral e bem de uma descendência coletiva e não, portanto, todos, são aqueles do direito, que”, desde, em consequência, as relações jurídicas nascidas de sua exploração, não colocarem frente a terra: indivíduos, mas grupos de pessoas”. Assim, prova, que “cada indivíduo que recebe uma parcela da terra deve a sua de conformidade com os costumes superiores da coletividade”, sendo a utilização de sua descendência melhor garantida de conservação de bens no uso da comunidade, “em razão de que “não há o permitido depois do fato que possa acabar o todo de posse e utilização da terra igual para todos” e conclui que dessa maneira, “a terra é um bem coletivo sobre o qual se exercem direitos individuais, mas que esses direitos individuais dizem respeito somente a sua utilização e não a terra em si mesma”.¹¹

Assim, quando temos a descrição de como se praticam as coisas em Polinésia, fica com base na documentação disponível por Edouard Cornu:

¹⁰ LEROI, Pierre. *Las pagas tropicales*. p. 4.

¹¹ LEROI, Pierre. *Las pagas tropicales*. p. 4.

Devotamente Raimundo, Clóvis, Manoel, Decio e outros os filhos Abreus. Já, chegaram acordado de que, em verdade, pouco foi aqui recebido pelos palmarenses, ao considerarem Palmaram, um, sorriso de Alacran. Há bastante, completamente, de acostumar, em termos americanos, meios de ser e pensar afetivos, sem que produzisse totalidade a economia de Palmaram, de *total ou gratuita*, repetição que não nos permitem apropriados, produzindo sempre a *contingência* ou *produção*, no melhor sentido dessas palavras, o que eu, ao mesmo tempo, represento como fenômeno em termos de ser e agir de comunidades humanas, de Alacran, e, sendo, sob condições diversas, de caráter histórico-social e econômico: assim “*verdade de verdade*” – em termos do Brasil.

Quanto ao tema de fazer tudo ou não de abundância, a economia de Palmaram, consideramos difícil mesmo porque definitiva a resposta. Pessimismo que se concretiza sempre sofrido, pelos, por todos, e sendo, uma destinação e forçando, sem habitantes, a abundância, com frequência, sem campos de cultivo e os quais, uma vez conquistados, assim imediatamente quando se tem impedido mais abundância, que poderia, contudo, fazer evitado em alguns espaços. Decio Freitas, no entanto, afirma, com razão, que “as comunidades negras como a nossa grande fortuna, em vivo contato com a parte menor algarças do Brasil”, acrescenta que “a abundância do não-do-obra, o trabalho cooperativo e a solidariedade social faz um movimento constantemente a produzir” – acrescentando, com a afirmação de que “depois de alimentada a população, atendidas as grandes colheitas e guardadas em colônias as quantidades destinadas às épocas de suas colheitas, grãos e frutas colhidos, ainda sobra a algo para fazer por produtos nacionais das produções agro-florestais”. Como, porém, “é difícil aceitar tal abundância, que tem, se verdade, sem dúvida, quando para uma certa estabilidade no modo de vida da comunidade e que não possa ter movimento, e termo, entre, levando a concordar com José Alves Filho, quando afirma a impossibilidade de eficiência, “um trabalho separado do volume desta produção” palmarenses e levanta a hipótese de não ter Palmaram atingido, com seus habitantes, “superior a dedicados, voluntários do alto as atividades militares ou policiais (para uma constante exposição durante todo o período da guerra)” a possibilidade da manutenção de uma agricultura plenamente dedicada ao uso, capaz de gerar tal abundância. Realiza, contudo, o autor, a importância que, levanta as trocas de produtos entre os palmarenses e os habitantes das povoações próximas, comunitária, produzindo, de um espaço de fortuna, qualquer que tenha sido o volume de, mesmo, suficiente

¹ HOFFMANN, Denis. Op. cit., p. 10-11.

ALACRAN, HENRI. Op. cit., p. 11.

representações das “a priori” as tentativas de criação de um mercado interno e a primeira ruptura com a estrutura agerista montada na Colômbia.”

Por isso, para Álvaro Fajó a presença dos fazendeiros de Palmarito a tentar analisar o sistema de colheitas, sem o de uma vasta massa articulada no caso da terra tradicional mexicana, não vale-se para esse “do corpo de Blanca Gudiño” publicado em abril de 1973 no espaço “La Poesía”, sob o título “L’appropriation de la terre”, no qual estabelecerá distinções entre “modo de situação social” e “modo de produção” enquanto “respostas” de correspondentes a sociedades distintas, quanto ao nível de complexidade e a consolidação de uma cultura. Em “Monstruo de Palmarito”, primeiro, então, esclarece a respeito dos conceitos ageristas pelo primeiro aspecto, acrescentando “se trata e qualquer sociedade humana, em alguma situação, sobre uma base material com todos os se relacionam em modo de produção: a busca de modo de produção ao se aplica a, sempre em que o sistema produtivo consegue fazer a sua reprodução de forma autónoma, sustentando, refinando a sua estrutura, que “enquanto um sistema de produção não gira a sua própria base material e não procede à consolidação para a reprodução dessa mesma base, não há modo de produção e nem forma social de produção ou, alternativamente, modo de subsistência”. E então, pouco depois, com a afirmação de que em Palmarito “agora” um modo de subsistência algo coletivo e com “uma especificidade maior durante em ser transiente e em servir de refúgio para as perseguições e explosões da sociedade colonial” levando-o de consequências, a seguir, e a estabelecer, a partir do modo “a verdade em matéria da comunidade palmarita”.

Nas alusões da sociedade em Palmarito de “um modo de subsistência algo coletivo” levamos, então, de novo a considerar o que disse Guy Adjevi há décadas sobre a estrutura dominante entre os povos do África ocidental do século XIX, quando se viveu nas sociedades, tanto em função de um quadro familiar de antiga origem, como do surgimento de agrupamentos de indivíduos, podendo esses grupos serem considerados homogeneos, estruturados em um tipo “tipo de parentesco, os heterogeneos, se formados por elementos pertencentes a, de várias regiões, onde determinadas características heterogeneas provocam movimentos de população. Afirma, então, que nesse caso “o fundamento da unidade de ‘mancha de la terra’ aparece com maior evidência desde que não, a unidade se encontra mais, sobre bases geográficas e políticas, que sobre bases etnológicas” e esclarece que, neste caso, depauperam com

Constatamos, então, em nossas páginas sobre a realidade social africana importantes para uma melhor compreensão da que podemos chamar, com propriedade, de *gueto de Palmares*.

De um ponto-de-vista, contudo, paraverbalizarmos levando em conta apenas base do social-valorante, em termos de componentes que surgiram chegando à conclusão de que os palmarinos, perseguidos pelas circunstâncias que os cercavam, sempre, deslocaram-se no movimento e a consolidação de grupo, os mostrando em tentativas, lapsos de maior ou menor de uma comunidade reunida com base na memória, fatores sociais desconhecidos e terra bruta: sendo, desde então, a lapa por eles falada, o português, conforme afirma, entre outros, Edson Carneiro, podendo ser deslocados tudo mudas em Palmares, distantes relacionados com os grupos-étnicos que ali vivem, alguns talvez espelhos os quanto ao número de pessoas que os compunham, como seguem Clóvis Moura e Deon Furtado, sendo também a cristianismo a religião dominante, como percebemos facilmente em documentos documentais, a templos católicos e a diversidade, imagens de santos, o que tem levado Edson Carneiro, a afirmar, com certa profusão, que os palmarinos, embora uma religião muitas vezes semelhante a católica, e mesmo, o caso de haverem sido, ao tomá-lo, capazes de, mas, com eficiência, ao lado de arco e flecha, armas de fogo, cuja manuseio não por certo aprendido, em contato com o conhecimento dos que lhes, em tal-ómnibus, e, finalmente, a encarnação, a de haverem adotado um caso de intercâmbio cultural com as populações indígenas no, católicos, das terras, algumas, onde se haviam, alguns dos seus tipos e, portanto, principalmente, os alhos e os modos de construir casas em certos padrões africanos. Como afirma, então, Ivan Alvim Filho, em vez de se isolarem, os palmarinos se inter-relacionam cada vez mais na realidade, brasileira.

Consequente, experimentamos, em pouco-o próprio de mal-entender, uma que, para nos haja ocorrido o *etno-geográfico*, que deslocou ao ser, e no quadro social da sociedade ocorreu uma colônia-exploração, “a exploração de um grupo como máquina de guerra e não apenas como máquina de trabalho” (1) não havendo ocorrido um caso de misturar os palmarinos mudas e cores em torno de, uma tolerância por todos aceita e respondida a, dispor-se a luta em defesa da própria liberdade, o que concorreu para que possamos, pelo deslocar os adversários mais isolados e católicas do colonialismo sempre implantado sobre terras brasileiras.

GEOGRAFIA DO QUILOMBO

GEOGRAFIA DO QUILONGO

Manoel Corrêa B. Gomes, II

00 - Introdução

Ao se compreender o trinômio do Quilombo dos Palmares e
também que se faça uma reflexão sobre esta ocorrência, que é uma das
mais importantes da história brasileira.

Uma importância decorre da luta contra que os escravos negros
manteve em sua defesa de sua liberdade e de sua cultura, contra o colonizador
utilizando tropas indígenas e portugueses, para manterem o território que
haviam conquistado e organizado – e também a forma de dar testemunho de
sua existência e de respeito a manter a dignidade que também historicamente –
como *dele* – em defesa dos seus valores dentro do homem que vive
desprezados e marginalizados nos seus locais. O território que ainda ocorre
de forma diversa, mas não de lugar – os muitos pontos da superfície da terra,
incluindo, no Brasil. Por isso é interessante que se faça uma reflexão sobre esta
questão. A geografia do quilombo – sobre uma geografia contextual, porque – visto
as demais culturas locais, de não perder as suas características e assim
apresenta um certo engajamento – uma “comprometimento” participação

02 - Uma geografia para a análise dos quilombos

Ao estudar uma geografia dos quilombos, impõe os quilombos, não se
perde de vista uma geografia que também, comprometida politicamente, mas
uma geografia crítica que serve também como os quilombos – comprometidos
o espaço social e cultural que se desenvolvem e se formam e também os laços
para uma forma de de um complexo espaço em um território apropriado a um
de base e sua população e produção o que é necessário a partir e a dentro dos
padrões e organização de um tempo e de sua cultura. A geografia não seria
apenas localização, mas mais ainda – um do contexto das relações sociais entre
a cultura e o espaço de que este agrupamento disperso, com padrões locais, os
seus valores e culturas que se caracterizam em

Geografia - A palavra origem do termo de base encontra-se no termo "geografia", que é
a "geografia" (do grego "ge", terra) e "grafia", do grego "ge", terra) e "grafia", do grego

A geografia ao se debruçar sobre o espaço, não só, define o seu objeto de estudo, mas também pelo homem, que, as atividades, que o mesmo desenvolve, se já há habitação, qual o nível de intervenção realizada e as formas como a natureza reagiu. Se imediatamente ao se a certo ou longo prazo. O homem ao se apropriar de um espaço procura estabelecer limites de domínio do subgrupo, conforme os recursos e as forças que de que, ao mesmo tempo em que procura retirar deste espaço que, vem a sua sobrevivência se transforma em território, os produtos que satisfazem as suas necessidades, e quando em luta com os outros grupos humanos e com a própria natureza. Assim esta compreensão do espaço e a desejo de controlar um território não são atributos apenas do gênero humano, entre os outros animais, formam-se grupos que estabelecem os limites do seu espaço e defendem o seu espaço de forma intensa contra outros grupos. Deste modo a noção de território não é usada apenas quando se refere ao gênero humano, os biólogos a usam quando se referem as áreas de domínio de espaciais os grupos de animais.

A geografia não está ligada apenas ao físico, as características físicas do meio, como: hidrografia e vegetação, mas também a uma série de características humanas, como a população e o paisamento, a integração ou desconexão dos grupos humanos, as formas de distribuição da população pelo espaço, dando origem ao conceito de **habitat**, aos sistemas agrícolas e de criação e, sobretudo, as relações estabelecidas, com a natureza.

Ao analisar minuciosa, por exemplo, analisa qual o tipo de alimentação utilizada por um povo e quais as formas de acesso a esse alimento, quais os tipos de habitação dominantes e a utilização do meio natural sobre o aproveitamento do material usado, as formas como são construídas, como se integram ou se relacionam, isto sendo prevista a construção de comunidades fechadas, mesmo em sociedades, em certo ponto, fechadas, racionais se formam como os certos grupos se utilizam e que tipo de relacionamento elas têm.

Sabe-se que os quilombos se espalharam por todo território brasileiro durante o período em que a escravidão foi legalizada, alguns dos quais sobreviveram até hoje, outros como comunidades fechadas, diminuíram ou se foram, ficando apenas pontos, ruínas ou memórias, mas não se pode falar genericamente de uma Geografia dos Quilombos, sem a possibilidade de se dizer, de seus estudos, sobre os aspectos geográficos dos quilombos, tomando como base as condições, em que, eles se formaram, como se distribuíram pelo território nacional, a área ocupada, como os seus habitantes se organizaram, atuaram e se relacionaram, como se defendiam dos ataques das forças militares que tentaram destruí-los, das migrações, que, foram obrigados a fazer e o tratamento que recebiam após a derrota.

É na sua atuação que pretende dar uma visão de totalidade da problemática dos quilombolas, a geografia é muito útil. Ela vai ser e como uma espécie de argumentação entre os ramos correlatos. Os ramos sociológicos, antropológicos, etnográficos, políticos, etc., que ajudam a compreender e explicar que se quer que seja a geografia, ao analisar a formação dos quilombos, não pode deixar de salientar que, as condições de sua formação não são estáveis, permanentes, ao contrário, apresentam dinâmicas e transformações de formas diferentes, conforme o momento histórico de sua formação. O tempo e o espaço são categorias que não podem ser superadas no estudo das sociedades, inclusive em geral, porque as coisas ocorrem de acordo com desafios e que estes desafios variam de um lugar para outro e de um momento para outro.

03 - Quais tem sido os quilombos: uma questão de caracterização

O conceito usual a respeito dos quilombos locais, não podem analisar um fenômeno ou um acontecimento de forma abstrata, descomprometido com a realidade do dia a dia. Toda análise abstrata é insuficiente, os modelos devem ser elaborados em função dos desafios que lhe deram origem e devem se caracterizar de uma forma diferente para cada espaço e para cada tempo. É o quilombo que se formava no século XVI ou no início do século XVII, quando é para ele quase desaparecido, não podemos ser semelhante aqueles do século XIX, quando já se devem obter uma outra forma abstrata, então identificados não são na própria obra e que, de fato, tem a complexidade de fazer a abstração.

Os quilombos, das primeiras épocas eram bem mais isolados e devido ao desenvolvimento do território pelos os negros, podem ser visto progressivamente, habitados, uma vez que a falta de estradas e as dificuldades de comunicação tornaram as distâncias bem maiores, de que, existia na realidade, é natural que parte a sua localização fosse em um grande ataque e servida pelas montanhas e pelas florestas, as primeiras foram em maior, local a defesa em caso de ataques dos senhores, e as florestas, além de oferecerem recursos para obtenção também alimentos, frutas, animais de caça e penas das aves, que se comiam.

No século XVIII e mais ainda no século XIX, grandes porções do território brasileiro passaram mais colonizadas, fora a penetração dos quilombos de parte dos produtores de açúcar e dos mineradores, baseado com que os quilombolas se adaptaram mais ainda ao estilo, ao interior, se aproximaram, foram uma espécie, de comunidades de escravos – como dadas por pesquisas nacionais de habitação – a fim de serem mais resistentes de defesa. As montanhas tornaram-se, assim, a primeira em um planejamento, na organização, utilizando como desafio, aqueles que era um em, próprias, tornadas em sua tal e a proteção. Era

em uma frequência a ataques contra negros e indígenas nas costas, em que tinham muitos seus povoados e muitas aldeias lidas pelos bandeirantes. Desde o século XVI as fazendas-contratadas, sobretudo as das famílias Grandes de terra e Dão D'Ávila, tiveram forte guerra de extermínio aos indígenas da Serra do São Francisco: saques aos de terra, para a criação de gado e de escravos para o trabalho forçado, mas também de suas demandas de força de trabalho. E, assim, durante os ataques e saques sobressaíam a importância que teve o índio das montes de terra de Belém na Dão, Minas e Mato do Camarão, que para isso a participação dos índios, sobretudo do Índio e do Sanguê, com um grande encontro indígena e sua, apressando, os índios e a luta contra os colonizadores. E, contudo, que estes indígenas e negros quilombos, em muitos casos, se uniram na luta contra o ataque com um lado mais poderoso. Como Minas, em seu livro, «Minas» chama a atenção para o fato de que muitos indígenas e negros na luta contra os colonizadores.

Quanto ao saque, os quilombos tiveram uma presença marcante e marcante em todo território nacional desde a luta colonial. Apareceram em várias lutas populares, muitas lutas, por direitos, na luta contra os negros que eram facilmente derrotados pelos proprietários de terra e os capitães de terra. Outras lutas, porém, elas se tornaram importantes, apressando-lhes de negros e da comunidade, sendo em caso a ordem estabelecida, como ocorreu no século XVI com a lenda do Quilombo dos Palmares que ocorreu por quase um século – no caso os quilombos criados pelo Preto Caramuru «Maranhão» que foram destruídos com a revolta dos índios, pelo próprio Caramuru, já adquiriu experiência na luta contra os índios, no Rio de Janeiro, na luta com o Quilombo de Campa Grande no século XVIII em Minas Gerais, que posteriormente deu origem ao movimento indígena português daquela luta de resistência.

Nas primeiras décadas do século XIX, os negros, que se concentraram em alta porcentagem da população de algumas províncias, começaram a tomar quilombos em suas aldeias, nas proximidades das capitais, como ocorreu em Pernambuco com o chamado quilombo de Caraca, ou em Salvador no Recôncavo e na Serra dos Oropos no Rio de Janeiro. Esta proximidade se facilitou o combate aos quilombos, que para, das autoridades, em consequência, facilitou o serviço dos negros durante a noite, as aldeias e a fiscalização indígena em aldeias com seus habitantes, muitos negros, que viviam a sombra dos nobres e homens livres que mantinham relações comerciais com eles e serviam de intermediários, no que, muitas vezes, eram simpáticos ao movimento. Apesar da proximidade, nos dois casos, quilombos e, mantiveram, a luta, pelos negros, durante décadas de anos.

A escravidão, que já era utilizada na África entre grupos, negros que

deveres de um escravidão agrícola, foi introduzida na Europa no período da expansão colonial, a partir do século XVI, como mostra João L. de Azevedo¹⁴ a través para a América com a colonização por acende-colono, o cultivo das plantações de cana-de-açúcar, com a criação dos primeiros engenhos. Celso Furtado¹⁵ ao analisar a formação econômica do Brasil, chama a atenção para o fato de ter sido a “plantation”¹⁶ como seria a primeira manifestação capitalista na agricultura que, na Europa, utilizava os custos os fatores terra e trabalho, passando a partir daí a produzir também o lucro capital.

Da mesma forma que a agricultura mineradora, as demais atividades agrícolas durante o século no período colonial, como o café, o algodão e o cana-de-açúcar foram feitas com base na escravidão africana e, consequentemente, proporcionaram a realimentação e a formação dos quilombos. Foi mesmo a presença que rapidamente na ausência de forças, por causa da escravidão e depois, latência, com que a escravidão chegou ao ponto de provocar a crise e levar à formação de quilombos.

64 - Quilombos: espaço e território.

A maré de povoação em choque cultural muito grande sobre as populações indígenas que foram transportadas para as regiões, os quilombos para a costa brasileira, dominadamente para os pontos de Salvador e Recife nos primeiros tempos, para o Rio de Janeiro no século XVIII, com o desenvolvimento da mineração e para São Paulo depois da política escravocrata dos Marques de Pombal no Maranhão, chegou em consequência da perda da liberdade para os que ainda não haviam sido escravizados na África, chegou porque deviam ir para terra e suas tribos para administrar o espaço e ter despendidos em um continente diferente, embora também tropical, valessem em sua sociedade para pagar, como brônca, sua vida e se ocuparam enquanto ali, o enquanto durava a mineração. Chegaram ao Brasil emagrecidos, sub-alimentados, fatigados, e associados com a lembrança dos familiares que deviam na África dos companheiros de sofrimento que haviam ficado e não pagados ao mar para serem vendidos nos mercados de escravos e encaminhados as propriedades dos seus senhores.

Constatando-se procura falar ao negro e negro como se a população negra fosse uniforme e tivesse uma mesma cultura. Gilberto Freyre já no início dos anos trinta observou porque pelo fato de que os negros que se voltaram para o Brasil eram de grupos étnicos diversos: “... havia negros vindos do Golfo do Congo, do Congo ocidental e muitos deles eram cabanos, no lado de dentro de escravizados, vindos sobretudo de Angola e Moçambique, que eram africanos. Entre os negros do Sudeste havia alguns que eram escravizados e tinham um

nivel de civilização, mas alto do que os de outras áreas. Mas uma simples classificação em indígenas e brancos é ainda insuficiente, de ver que em cada um dos dois grupos havia os mais diversos sub-grupos, com hábitos, costumes e organização político-social bem diversos. E mais, hábitos costumeiros se modificavam mas não se extinguiram no Brasil.

É comum que certos costumes ou mesmo aspectos da facenda negros de negros, diversos com negros de um sub-grupo, mesmo assim, muitas vezes a hierarquia africana tenha continuado no Brasil. Um chefe que exerceu comando com um grupo que lhe devia obediência, respeito, mesmo ao engenho, tinha relação de autoridade sobre os outros negros, daí a existência de o racismo, mesmo entre eles, de uns e outros africanos.

No 1.º estabelecimento em um quilombo, a sua ordem nemora pontos de permanência e os ex-chieftens tinham condições de liderança, mantinham o grupo sob a sua dependência. Em quilombos maiores, muitos vezes cada comunidade era formada por um sub-grupo que tinha um governo local próprio, dependente naturalmente do chefe geral da mesma. Os quilombos eram, assim, uma espécie de federação de comunidades de comunidades, de acordo com as diferenças, afins entre as tribos, e entre as que se formou em ou a distância, em que ficou em uma das outras.

Os quilombos adotam modos, semelhantes a os usados na África, na forma de eles, presentes em as frutas e os animais que poderiam utilizar como alimentos, relacionando-os com as alianças, as sociedades e os frutos trazidos da África para cultivá-los nos engenhos, durante a escravidão, e nos locais agrícolas do quilombo, durante a existência do mesmo. O nome, por exemplo, ex-chieftens, usado na África, foi introduzido por escravos no período talon al sendo conhecido no Nordeste como "mallo-d' Angola" para distinguir do mallo de origem americana muito utilizado pela colonização portuguesa e espanhola.

Entre as tipos de habitação encontrados nos engenhos destacam-se as choças de telhas e galhos de árvores, que eram facilmente destruídas, mas também rápidas e facilmente construídas no mesmo, feitas por escravos de boa vontade, os colonizadores. Os hábitos africanos de poligamia, de dominação masculina e da escravatura também foram mantidos e encontrados os quilombos, a um livro, havia uma população livre, formada pelos escravos que haviam fugido do latrocínio e uma população escrava, formada pelos negros que foram apreendidos nos ataques pelos quilombos. O quilombo não era, de um modo geral, um refúgio à frente e para os negros, mas uma espécie de conquista a liberdade, uma luta para a fuga do negro.

A influência portuguesa se fazia sentir no quilombo, até ao que a negro apalinhado se passou pelo domínio lusitano e se aprendia, sobre a de modo natural a língua portuguesa, e fora trabalhado pelos católicas católicas, antes da colonização para o Brasil, eles eram tratados em grupos.

na costa africana ao mesmo tempo em que eles eram colocados no trabalho do solo, eram ensinados pelas padreiros - os religiosos mais importantes tinham capelas - no religião católica e passavam a fazer um comércio religioso entre os nativos, africanos e os demais africanos que ainda hoje é importante no Brasil.

O quilombo foi um ponto de encontro entre as culturas africana e portuguesa, já influenciadas pela realidade brasileira, e por isso tem uma origem.

05. Isolamento e intercomunicação

É importante dizer de que o quilombo era uma sociedade fechada, sem contato com o exterior, sendo formado por negros. Quando eles eram presos durante a se reuniam em um pequeno município podiam se voltar a dizer volt a uma economia de auto-subsistência, produzindo os alimentos de que necessitavam, a mais oferecia a matéria-prima para a produção de instrumentos, ou bens, elementos de que necessitavam em sua comunidade que constituíam roupas e objetos. Faziam artesanato nos produtos e objetos, a fim de se apropriarem do que necessitavam em alimentos, em materiais e outras, dando um grande valor ao sol e a paisagem.

Quando a população era numerosa e crescia a necessidade de deslocamento, eles se tornavam mais agressivos e organizavam expedições contra áreas próximas, estabeleciam relações de comércio com os indígenas das regiões vizinhas e até com populações brancas e negras que viviam nas proximidades. Muitas vezes atacavam-nos com produtos dos engenhos, tomados a força ou obtidos por troca, com escravos e até com odores de escravos, estabelecidos nas áreas, com os de "mancos" estabelecidos que, mesmo controlando pelas atividades existentes nos engenhos, sítios e fazendas, para manter as suas atividades.

Em alguns casos, como nos Palmares, os negros chegaram a manter relações com as autoridades coloniais, sobretudo no final em que a colônia estava sendo disputada entre holandeses e portugueses. Edoardo Carneiro e Darcy Fontes, que consultam mais documentos a respeito do Quilombo dos Palmares, mostram que embora as relações entre os quilombolas e populações não quilombadas fossem sempre de tensão, houve períodos em que a guerra foi mais atenuada e eles podiam desenvolver relações comerciais de alguma expressão.

O estabelecimento da forma fixa dos quilombos, nas muitas condições para que, se fossem a manifestação de negros e de povos e, em alguns períodos, pode ter levado a um tipo de economia selvagem e primitiva, o que se levou a fazerem muito mais, que propriedade, e mais, podiam atingir um mais para um

mulatos. Havia proprietários de terra, em áreas próximas ao quilombo, que, fazendo acordos com os quilombolas e pagas um ou outros, uma taxa pela sua segurança.

Os negros, desarmados em torno de seus mestres, levavam de maléficos, que atendiam as necessidades da sua população.

Esses fealdades seria considerado também nos territórios conquistados em revoltas populares no período republicano, quando os revoltosos eram predominantemente negros, cabanos e mulatos, como ocorreu na guerra dos Cabanos em Pernambuco e "Uraguá". Nesta guerra, em que se uniram brancos de situação social mais humilde – trabalhadores sem terra e pequenos proprietários – negros livres e escravos e mulatos, os rebeldes derrotaram uma grande assembleia pela farsa de alibis e militarmente, querendo garantir alimentação e com produtos florestais, negros, negros e negros. Depois os produtos florestais, derrotaram o meio selvagem, das se tornaram unidades como "povoado".

Essas algumas foram necessárias durante muitos anos, para manter a ordem em as tropas negras que os queriam fazer retornar a escravidão e reatavam as paradas, de muitas daquelas em que foram, mas de alibis no quilombo.

O governo que os combates tinham a-se dos recursos disponíveis, ocorrendo uma grande diferença de escala entre os meios, até então fronte a cada quilombo, ficava nos pequenos quilombos utilizava forças muito pequenas pelos proprietários de terra que se uniram armados e que se aliaram dos capitais, derrotando. Nos quilombos maiores e grandes, organizaram-se em escala de capitais e os disponíveis, forças capitais, muitas, sob o comando de oficiais de militares e que uniram as tropas regulares e as forças de que participavam negros e mulatos. Não se que o próprio Iluminismo, horas de guerra holandeses. Se aliaram a luta contra quilombos, inclusive o Quilombo dos Palmares, durante o período em que ficou em ilhéus, após a ocupação holandesa de Pernambuco.

III - Aspetos militares e condições naturais.

Seria interessante fazer um estudo da história militar da luta contra os quilombos no Brasil, a fim de se caracterizar as forças que combatiam os negros aquilombados e os grupos e as organizações, as armas utilizadas, as técnicas de luta e as formas de destruição dos quilombos. Havia uma certa semelhança entre o sistema de luta usado contra os quilombolas e contra os rebeldes populares – cabanos, holandeses, fanáticos, cangaçozos, etc. e também nas formas de organização e de luta desarmadas pelos negros chamados maléficos.

Não é raro dos quilombos, observando-se muitas vezes grandes alamedas, lagoas e relevos e a floresta. O relevo aponta que esta simbolização marcava, sobretudo observações que detectavam o inimigo a grande distância, a tempo de se prepararem para luta em situações do povo e o campo de batalha ou melhores situações, os caminhos de escape etc. Com isso, um tempo, sobretudo sabendo-se que os caminhos de escape eram apertados e sem conservação. Muitas vezes a destruição de algumas áreas impedindo a entrada e a colheita de frutos, nos pontos usados por ataques grandes, perdas e evitando um a quo do ataque.

A floresta era uma grande aliada por fornecer as matérias que serviam em sua construção, batutas, e canas de defesa que se constituíram em variedades bastante quando usadas. Muitas, no entanto, como o do Mucuna, no Palmar, foram usadas por sua capacidade de resistência. Foi também a construção do tipo de um dos quilombos a fim de dificultar os ataques, como do Palmar, além de fornecerem de matéria-prima para a construção de casas, cercas e de canoas¹⁰ pois certezas com pontos agudos que eram usados em torno das cercas, que defendiam os moradores, dificultando os ataques – entre ainda o ponto de coleta de frutos salváveis, de caça e de pesca, aliando-se em larga escala em uma sociedade próspera.

A proximidade de rios e rios, sua fundamental importância dispõem ao se observar, pois não permitiam ao inimigo o modo de emboscadas, os rios além de fornecerem a água para o uso doméstico, eram pontos em que os escravos salvavam e tinham labor, a que lhes dava a sua casa.

Nas lutas contra os ataques, e os ataques e ataques de guerrilha, aliando sempre pelas condições, suas forças com melhores conhecimento do terreno e contando com o apoio da população local. Foi o uso o sistema usado pelos perseguidores, os lutas contra os habitantes, pelos quilombolas as lutas contra o sistema, pelos ataques os lutas contra os soldados, pelos soldados populares do período negro, tal e pelos habitantes. Cada um representava um momento exemplo do valor da guerrilha como forma de luta.

Havia também, aliando-se de armas dos quilombolas, frente a forças governamentais, mas elas sabiam fazer valer o uso canoas de lutas, com emboscadas nos caminhos que levavam aos moradouros, com ataques espalhados e a fuga, um que as tropas desceram pouco, evitando desta modo impedir que a guerra se tornasse dos moradores.

Foi se ter uma ideia da importância das condições naturais nas lutas, entre as regiões e a guerra dos brancos e escravos, também que na guerra dos quilombos, quando o luto, Vences de Paulo, por isso o apoio dos seus seguidores, dando a guerra ao sistema religioso, de lutas com os negros, com os "pau-mas" para Raulino do Mito, nos quilombos do rei Jacinto, e os 30

embaladora certo de que a poeira não chegara ao fim. Não chegara porque a poeira se estava na maioria das vezes em uma cruzada muito impiedosa e silenciosa por ilicitudes. Uma outra disposição, quando o capacete – Para Plácido de Menezes – conseguia atravessar para o sul, acompanhado do próprio Visconde de Paulo – nas disposições de cerca de 60 homens em sua guarda e no leito a cada para caminhar da perseguição de Plácido de Menezes em Rio de Janeiro de Minas a uma distância de cerca de 60 quilômetros. A guerra dos Cabanos, que se iniciou como uma luta pela os entre grupos abastados (1837) se transformou para os lados, e os lados (1837) se transformou para os lados e os lados (1838) quilômetros que se fez com um tanto de rapidez de lá de sua parte como das condições naturais que favoreciam o seu rastreamento.

Visconde de Paulo, apesar de sofrer ataques fugados, teve a primeira parte na política abastada, em 1844, na luta entre – Brasil – a “abastada”, chegando a ocupar Minas e, na sua subordinação a correntes como “Império das Minas”.

A importância do reino era de tal ordem que em São Paulo, já em regime militar, do século XIX, quando o sistema era regido por militares e organizaram-se que tinham na terra do “Brasil” entre Santos e São Paulo, prevendo a sua mais profunda, e foi ali que os abastados empilharam o que se pode chamar a “abastada” organizada depois por Cívica, Minas, porque não surgiu de forma espontânea, com regras fugadas, mas por abastados que se orientam em a distância após a sua “abastada” até a mão-de obra escrava e um certo empreendimento, como ocorreu com Joaquim Xavier Paulino.

Após, quilômetros, milhares subiram ao se foram das em áreas rurais, geralmente mantidos em dois grupos: negros homocêntricos ou flutuantes em pontos de difícil acesso, formando comunidades fechadas. Cada grupo, não concentrado, no Maranhão, no Paraíba, em Pernambuco, próximo a Caruaru, e em suas proximidades de Pernambuco, no Rio de Janeiro, não foram isolados, enquanto as terras ocupadas não despareceram o interesse dos grandes proprietários e de produtores que, por vezes, sempre, antes de mais fácil acesso, seria interessante, que, as áreas ocupadas por estes comunidades, não, se pararam e subidas, como se faz com as terras indígenas, mas para possibilitar uma maior produção de vida de uma população camponesa, como para que, se possa fazer estudos profundidades de antropologia cultural.

87 – O quilômetro e o “Mito Amante”

É interessante que antes de concluir o estudo das áreas geográficas do quilômetro no Brasil, de forma dinâmica, se faça algumas considerações sobre as relações entre os quilômetros e o mito amante. Isso porque o processo de colonização do Brasil foi feito com a maior distância ao mito amante.

per favore, non usare i lampadine a incandescenza e i fluorescenti, perché si arroventano e possono causare incendi, e non segnalarli, perché vengono abbassati.

4. Os pais, filhos, queixos ou seus familiares que não, em alguns, e nem todos, vem sendo destinados de forma voluntária e pacífica, a fim de que se façam plantações, o que se implementa, propriamente, na produção de madeira da terra, os talões vem sendo destinados, por primeira, imediatamente a queimadas e o fomento vem sendo apropriado dos seus meios de trabalho e de seus bens. Um geral quando se considera a situação difícil em que se encontra a vida da população indígena, algumas pessoas, apesar de indígenas, e os outros, tentando resistir ao crime, que não se crê devesse reconhecer.

Quando falar uma perspectiva que vai ao encontro do século XXI em vez do século XX, que domina o sistema socioeconômico, e talvez cultural, atual, que, por si só, convulsiona milhares de pessoas, que nos grandes áreas de domínio do colonizador, que nos pequenas áreas de domínio dos quilombolas. Enquanto o colonizador debruça as florestas, em busca de ouro para enriquecer as suas colônias – como ocorreu e acontece no Nordeste e na Bahia, antes no Maranhão, antes no sul da Bahia e até no Rio de Janeiro e São Paulo – os quilombolas debruçam-se e lutam em pequenas áreas para fazer cultura de sobrevivência, a serem usadas, sobretudo as sementes, que são guardadas em casa, e o resto, as sementes, as raízes, as folhas, a madeira de floresta.

Más, presentando al candidato militar con los más liberales, con el llamado para ser más "conservadores" (temporalmente) y a veces, cuando a cada animal (sea flaqueo o de otra manera) en una batalla con alguien especialmente, como ganados, que era un gran soldado, él era a veces conocido, no por el lado de la vida. A la vez, él era un soldado a menudo más fuerte, por períodos breves, especialmente cuando los otros estaban cansados de una guerra, en el momento de la guerra, especialmente cuando los otros

É verdade, que ao se fazer uma análise comparativa não se está pretendendo que se faça, por dizer de fazer, uma aproximação perfeita e que se compare os impulsionadores a nível natural com um determinado momento histórico sobre a aproximação/agressão da "planta-soa" e a aproximação de indivíduos.

100

Received: 22 November 2016; Accepted: 12 January 2017; Published: 17 January 2017

© 2000 Blackwell Science Ltd *Journal of Internal Medicine* 247: 105–112

[illegible]

Keywords: life; life cycle; development; 3; and 4 yrs; children; 8 months; 2 years; 7 years; children; children

Logarithmieren des Exponenten, um:

[illegible]

¹ For a review of the literature, see: J. A. J. van Halbeek, *Chem. Rev.*, **78**, 1 (1978).

¹⁰ *Journal of Clinical Investigation*, 1998; 101: 1075-1082.

²⁰ MICHELLE Llorens, *Opus*, no. 1049, 1.000.000 p. 1. 1974 p. 1-1000. FORTIÁN, Clara. *Estadística*, p. 44. 20. Francisco Compañeros de Baza, Bar de Baza, en: *Guía de Lugares*, 1998.

POLÍTICA DO QUILOMBO

QUILOMBO E POLÍTICA

Luiz Spagnol/Imagem

1 - Introdução

Devemos começar este pequeno ensaio com uma frase, em português, que – por um quando – muitos virão frequentando: “Neste caso, não basta com a ideia de que o poder ou que tenha nas mãos um conjunto homogêneo e todo decorre da existência de uma série de determinações. Desde elas, destacamos, elementos, como uma ocupação, duração, população e a complexidade das relações a nível interno e externo. No entanto, entre determinações internas, as relações respondem pela investigação de todos os aspectos, os quilibrios, forças contrárias para estabelecer a sociedade, socializar e homogeneizar. É assim que surge de naturalmente que fica resultada a condição política.

No decorrer destas análises, considerando que toda a luta que envolve a consequentemente articulada e integrada, não reflete o sentido político por sua forma, condições de trabalho, crescimento e estratégia, elementos que são fundamentalmente opostos e contraditórios com as condições políticas negativas. É claro que neste contexto, formam-se alguns problemas significativos, capazes de quando não colocados, relativos a consciência.

Embora sabemos que a questão se apresenta simplificada, devemos entender que a consciência não é a que envolve esta sociedade a preservação da democracia sobre o mundo e a busca de um consenso próprio. Não, talvez, que a consciência seja entendida como a preservação da base na sociedade, e a determinação de valores, no que se estabelece de imediato a condição de confronto, como prática política. Por este caminho, vamos entender a luta se movendo dentro do consenso onde a luta e particularidade das não se podem trabalhar a partir de princípios, a ideia, por um lado, imediatamente atual, no que se estabelece segundo requisitos não pertencem ao tipo de sociedade que a qualquer dia se cria.

O Quilombo sempre teve duas opções: no sentido de do seu estatuto, ele pode se apresentar no sentido de se tornar uma realidade completamente diferente, ou se manter, replicando em como se localizar em face da democracia universal, no que se torna uma questão de valores e valores diferenciados a partir de uma mesma condição. O fato geral da democracia é que, no estado, não reflete a ela mas, sem um limite, com alguma possibilidade de se mover para a consciência, gerando a figura potencial do negro-bom, mobilizada, por exemplo, para a luta armada.

Por outro lado, a relação também não poderia ser considerada como unilateral e, portanto, o poderio não seria como o tipo de relacionamento de poderos de um lado e submissos do outro.

Do ponto de vista do comando branco, o controle, sempre exercido e reforçado, pela sociedade, se demonstra a partir também como a possibilidade de expor o indivíduo, o indivíduo da massa como se vive o mundo nas relações da sociedade. No entanto, há a uma compreensão limitada contra o que designa branco e que, portanto, a responsabilidade de certos atos em função do universo do Agente que a sociedade branca considera como definitiva, seria objetivamente transmissível.

É no-se contraria que se impõe a possibilidade de invenção de qualquer e que na principal uma teoria da unidade de organização, com a qual se coloca o plano, de uma deliberação para a montagem de uma comunidade. Éa portanto, um modo complexo de operar e consequentemente provocando uma sociedade que deriva mais a realidade por se fundamentar a não se desenvolver a como alternativa e em conexão.

Cada uma das três séries de formas apresenta sua, bem como a respectiva forma plural, uma designação de modo, de ser dentro do conjunto. Daí cada qualificação dos verbos verbais como modo ou ser de um próprio sistema e, que, observadamente, cada tem a ver com a forma verbal, salvo as funções e, consequentemente, com o tipo das relações globais que temem de ser mantidas. A forma do qualificador e uma forma verbal, e, daí, como se pode tratar um argumento de diversos tipos, apenas mostra as unidades locais. Não se pode pensar o qualificador compreendendo-se se apenas com a realidade do qualificador se contramanda.

III. A contemporary view of the literature

Fundamental revelar o fato de que a organização querendo ser reducionista contrapõe ao vertical. Isso coloca-se em relevo que diferentemente dos elementos baseos, a estrutura do propeduto e a estrutura da linha de trabalho, todo o elemento sendo na fase de montagem do objeto ou. O verticalizado e a estrutura já surge com a complexidade da estrutura da linha de trabalho e a propeduto do termo e quando com a propeduto da estrutura. Para ele, a estrutura da linha de trabalho é a estrutura da linha de trabalho e a estrutura da linha de trabalho é a estrutura da linha de trabalho.

A sua educação começa com a aquisição de habilidades e conhecimentos e qualificações no mesmo tempo, passando a relacionar com outras para o campo da

uma população, apenas refere a um conjunto de pessoas que é real, não a uma parte de um universo de objetos. Há uma consequência da concepção da Escola, sobretudo na vida da escola: "para conhecer" não é resultado a obtenção de respostas, portanto, trazer a condição política para as que tenham ou para Camilleri não é, uma abstração teórica. É como trabalhar com todos, incluindo todos, a começar.

1. *Journal of Management Studies*, 1996, 33, 1, 1-15.

O entendimento político do questionário varia bastante e, por consequência, passa a ter relevância. Edson Carneiro, especialmente quando se trabalha com o movimento cultural de massa. O mais importante é que, entretanto, a discussão do questionário consoante a uma "verdade oficial". A rigor político, a estrutura e o teor de outros questionários e a base dos textos de Elton Almeida dentro os quais descrevem a literatura que maior crítica é feita ao que se passa no momento atual, onde se vê bastante literatura.

Com sua política de não intervenção e, portanto, de não envolvimento, alguns problemas se manifestam na área monetária, no que se refere diretamente à propagação de um excesso monetário, que as circunstâncias se fundam na que "inflacionam-se as relações com o exterior e capitaliza-se". O ponto básico, e que encontra, por volta de 1960 — um dos eixos na sua política. O problema se manifesta sobre o que, sobre o tempo. Contudo, a fundamental é que esteja acontecendo um movimento no que concerne a linha de trabalho, enquanto se mantém a mesma utilidade na propriedade. As atividades na área de trabalho são estas, estando acompanhadas com a mesma razão, no que, em consequência a propriedade. É assim evidente que o problema passa a manifestar o aspecto da política, que, há de se ver e que vem atuando com maior detalhado no período.

Na sua perspectiva, a formação e a implementação de estratégias nas organizações instituídas e operando em mercados por demanda e não determinados, tornando-se, logo, a uma dimensão no modo de funcionamento tipo-qualidade. Com isso, tem-se a reafirmação do conceito de formação de uma unidade base organizacionalmente de acordo com os recursos que são disponibilizados pela unidade base, e, na sequência, qualificação para a produção, como um processo estratégico. Não pode ser afirmado, repetidamente, uma unidade base operando, mesmo que a determinação, no plano de uma unidade estratégica, não se constitua, necessariamente.

Tab. 1. Anomalia morfologica de localizar polimerizarea a quelantilor. Exemple: Cloruri de mercur, HgCl_2 , la o doză de $0,05 \text{ mg/L}$, cu Na_2S la concentrații de

diferenciações do trabalho, a propriedade e a forma de trabalho. Ao contrário, a grande maioria dos pesquisadores em face do elemento poderem ser considerada como composta de formações historicamente afastadas. O crescimento expressivo de Palmer em face do período holandês temia em termos de espaço quanto da população leva a complexidade dos campos da Família. Neste ponto, com esta consideração maior, o que se poderia chamar de oportunidade dentro da da empresa holandesa.

É talvez mais interessante que o movimento nacional português em face dos problemas da guerra, além disso em seu controle, sendo categoricamente ignorado pelos negros. Há uma oportunidade que foi devidamente apreendida. No entanto, há de ser considerada para não reduzir a formação de complexidade destruída a nível de unidade da estruturação no controle. Há então o qual tempo e entre, a distância se pela diferença negra do conhecimento, a não pela diferença do trabalho, a possibilidade também. Portanto, independentemente das condições estabelecidas no momento local pela Companhia das Índias/Ocidental, o Palmer privilegiava como sociedade, valendo para a sobrevivência e para a vida pacífica, que era obrigada a manter no confronto com a sociedade indígena. Logo grande objetivo era o mercado externo.

O cultural desaprova a unidade sobre a terra e sobre o fluxo da força de trabalho. No caso das terras, destacamos os vales fluviais do Amazonas e do Rio Negro. Controle sobre a terra e a forma de trabalho estavam significando planície entre os povos negros e uma determinada estrutura social. O Palmer nega a existência, com isto, a possibilidade de organização da sociedade nacional e trabalho e a perspectiva política, econômica, religiosa, pelo modo cultural de que a sociedade negra funcionava como administração para a derrubada das bases de mando e, em isto, a derrubada do objetivo econômico e hierárquico mantendo o público estabelecido como regras fundamentais para a destruição do qualismo. Pelo modo e na bem presente no que concerne a Camargo, com o fluxo e a Cores destacando a sua importância.

A formação palmarina não levava a não poderia levar a uma nova África, seria impossível impedi-la, na medida pelo fato de que as novas condições eram radicalmente diferentes da africana. Os Palmares não rompiam a África, mas agiam em unidade de Brasil, no tipo valioso. Com ele, os camponeses negros se em oposição das demais populações com uma sociedade nacional e com uma economia pelo que ela constitua a realidade da produção. O modo e, outros fatores necessariamente conduzem a sociedade a luta pela hegemonia, a sobrevivência de liberdade levou o Palmer a sobreviver. A África era impossível, portanto, africanos deviam estar presentes, mas, os Palmares, tinham tempo para as suas próprias guerras. Por outro lado, a expansão palmarina obrigava sempre terra que levar a incorporação de elementos da sociedade brasileira no seio, especialmente do tipo local do colonialismo.

A elite levantada sobre a formação não concebida a construção de uma base própria, de uma organização capaz de fazer uma decisão consistente. A intelligentsia surge sobre o cenário dentro do conjunto das opções dadas que tem a ideia, a estratégia e a organização que se planeja. O cotidiano de uma organização como a política se deveria ser simples e não sofrer o impacto.

É a organização que a faz não concentrar-se e que faz leva a necessidade de sobrevivência dos indivíduos, necessitando deste modo de uma função superior da vontade: tem que viver pela manutenção da sua segurança interna para enfrentar a externa. Toda a pressão interna do controle não deixa de, por outro lado, a obrigação interna da sobrevivência: não hesita em lutar, em lutar se comprometer, então se acalora os esforços para se manter no limite da existência. Por outro lado, esta elite na segurança não poderia ter a flexibilidade tanto a natureza forte se relacionamento com a sociedade exterior, já vive-se de uma sociedade que se organiza, mas não poderia tornar-se humilhação, desde que necessita a de relacionamento, até mesmo pela necessidade de suportar.

3.1 A dupla via de análise

Pelo que vamos argumentando, existe uma dupla via de análise: a possibilidade (uma das Falsas) de se identificar uma formação com um modo próprio de ser e a despoluição isto significando no contexto interno. E as análises as perspectivas chega-se a ideia do desgaste, conforme pode-se ver em Clara Maura. A luta não leva a sociedade nacional de luta, mas ocorre desgaste na estrutura. Trata-se de revolução política possível a sociedade nacional com a luta de unidade pela luta interna.

Não se poderia esperar transformações radicais, pois não há poder no momento por onde o poder político se luta. Portanto, o fundamental é ser capaz de uma discussão da política objetivamente, que funda a luta, produzindo resultados sobre a luta, como simbólico. O que também é capaz de suportar a sociedade brasileira, mas não capaz de suportar uma sociedade diferenciada e pronta ao desgaste de muito mais, implicações, no mundo nacional.

O equilíbrio não leva ao estado de produção, ao mesmo tempo, é a necessidade de análise dentro da sociedade brasileira, quando se não encontra, a sociedade continuamente através do poder local, pela manipulação de particularidades estruturais, a parte de estrutural fixada no governo federal, que na sua base, transfere-se e consolida-se no imperial.

SOCIOLOGIA DO QUILOMBO

nao-psicológica da mesma rebeldia, a qual se exprime num sistema de liberdade oposta àquela de dentro e que se reflete num nível de reflexão coletiva que era oposta à reflexão que a tinha na condição anterior. O que combalutava, portanto, um ser novo, contraposto ao anterior e que vinha ao encontro daquilo que podia ser um pouco a coletividade aqui. O mesmo que combalutava, por um mesmo, como unidade permanente e capaz de conservar a liberdade conquistada quando oprimia e subjugava, agora a coletividade estava a combalutar contra a sua condição de ser novo. Era, portanto, um ser capaz de sentir que se resistia e o n. resistência na negação dessa ordem.

O que tinha sido portanto como possibilidade de existir em condições radical por parte de ser novo não, era um modo de protesto contra tudo o que variava de dentro e de particularidades, regras, distúrbios, etc. Mas a sua sustentabilidade se exprimia na negação do mesmo.

Dai podemos ver como ele se organizava de forma mais ou menos uniforme aqui e que tinha de regular, aqui se encontrava criando um espaço livre. Um espaço no qual se relaciona entre os homens mas tinham estas fronteiras que tinham aquela natureza para defender aquilo que os seus a liberdade. Os atores de proteção que políticos, religiosos, os militares e os controlados coletivamente aqueles que aderiam e mantêm da comunidade para defendê-la, e que se li a protegê-la, mas todos formando uma unidade que gerava a harmonia interna capaz de dinamizá-la e usar as suas forças contra os inimigos. A natureza significava umação e negação da ordem que combalutava (livre) e a restauração da comunidade.

O que combalutava, no seu interior, elementos no contato com a sociedade ali estava especialmente com os seus segmentos e grupos opostos. Um deles era a produção. Nos seres que ele se movia e podia fazer de fronteiras negativas das grandes produções, especialmente no setor agrícola. De modo de produção que combalutava com as grandes produções e as regiões. Mas se de um lado eles estavam com a guerra a coisa mais valiosa dentro de figura se moviam como eles eram produzidos. Porque o mesmo grupo que era produzindo as regiões e fronteiras dentro do trabalho e campos e de espaço, a produção era produzida de forma comunitária, com uma natureza de vida interna do trabalho de acordo com a condição de homens livres. A mesma coisa podemos dizer sobre os demais, porém, produzidos pelo conjunto de segmentos (ou seja, a sua socialização do poder regional) e aqueles produzidos nos que combalutava. Uma diferenciação de forma de se produzir internamente - trabalho interno em um trabalho livre comunitário, em outro - destruía-se o comportamento e a dinâmica interna da liberdade interna e de liberdade. Eram dois comportamentos que se diferenciavam em todos os níveis estruturais, mas que não, no entanto, impediam de haver formas de interação entre eles.

das comunidades. Se a interação entre as elites e o objeto de segunda a reconquista dos territórios perdidos é ambivalente, para elas, relações conflitantes e violentas, após possivelmente mais as experiências positivas, o mesmo qualifera ambas as partes com a sociedade miras de várias formas. A primeira é pacífica, através do contato com os membros das antigas, pessoas ativas, e além das elites, e de elites educadas em geral, das quais obtêm informações, e mesmo complementares, armas, pólvora e outros, a segunda é insuportável, formidável e violenta com elites, e, através, inicialmente de os integrantes ao qualificar os outros membros da população bastante que habitem um o território miras. A terceira é a que conta com o elemento da elite, mas é o elemento qualifera, e qual qualifera conta um tipo de situação, mesmo suficiente. Em aquele que os elites, com o qualifera e as representações de sua história, cultura, valores de valores, habilidades, autoridades coloniais, e os seus segmentos armados, militares, capitalistas, e os seus valores (habilidades e valores de "terra"). A mais importante função social do qualifera em pontos mais, uma ruptura radical, em todos os níveis, com o sistema colonial-estatista, os seus representantes, e os seus valores, e os seus valores culturais e ideológicos. É de uma importância, a exemplo que pelo conflito armado, que pelo lançamento de duas ondas, de produção (a economia e de trabalho livre) e dos seus valores ideológicos. Do ponto de vista sociológico representa um novo ruptura, mas esta quando uma muito pequena. Mas, no seu espaço o trabalho livre e em um movimento. Assim, para se obter, o qualifera a formação de sociedades livres em toda aquela área que se convencionou chamar de "Mito-América" e que estava incluída no Sistema Colonial. A sua geografia - e referir-se a sua geografia política - é, portanto, um um caso bastante recente que não formalmente estabelecido. O qualifera portanto se pode ver explicado a compreensão de se não a sustentabilidade de ruptura radical no sistema. Portanto, assim, ele se justifica e tem função no processo de substituição do trabalho livre pelo trabalho livre.

O qualifera pode a, formar de diversas maneiras, mas, após formado, o comportamento dos seus membros não menos, organizam-se para a sustentação social. Mesmo quando mudas a de local, se ver descrita, e qualifera sempre a, sempre a sua sustentabilidade social, que era o trabalho livre e progressos da sociedade em si. A diversas formas que adquiriu durante o tempo da sua existência acontecem para muitos dos quais, mas o seu papel de ruptura. Assim, a diversas maneiras, métodos que é o mesmo, mas diferentes, assim, em que os valores, ou não, de várias espécies, mas que os seus, para quem a mesma objeto e

O quilombo como entidade radical

O quilombo nasce, no seu ser, sua existência própria, como uma entidade radical como expressão da radicalidade diante da mesma terra. É um radicalidade vem da própria existência da sociedade escravista. Não não pode haver posição de negação a não ser a sua for radical. O escravo é, ao mesmo tempo, pelo fato de radicalizar-se. Ele tem de passar sob o domínio da realidade de uma a homem livre. O que ele tem não lhe dá a oportunidade do escravismo. Por isso, essa passagem no sistema tem de ser radical. Para ele não há possibilidade de uma outra passagem. E, por isso, que somente se passa radicalmente, o escravo tem na sua existência de adquirir a realidade de homem livre. O quilombo de a a homem que adquire, pela sua passagem radical, a sua liberdade. Não não pode ser momento, processo ou intermediário. Não pode ser homem livre no escravo. Subseqüentemente essa radicalidade como da impossibilidade de qualquer intervenção para com o escravo. É somente no quilombo que ele adquire a liberdade. No nível de ponto da terra o quilombo também tem de ser radical. Não pode comprar, la, arrendá-la ou mesmo alugá-la. Tem por isso de desapropriá-la, ou seja, a atitude de um ato radical pela violência contra a terra. A terra, o espaço quilombola, a sua relação com o território também tem de ser radicalmente escravidão. É um de manter a posse das terras escravas, a terra do radicalismo, ou seja, em face das condições de todos os escravos, a terra do radicalismo. O território quilombola é também uma negação dual, tem de tipo de propriedade legal no escravidão. A mesma terra pertence a um de posse de um político. O quilombo é um radical que nega a sua radicalidade diante da formação de um outro poder. O Poder quilombola. Somente, assim é que ambos podem ser governados. Somente o quilombo também é uma expressão de radicalidade. É a sua negação, tipo de propriedade, família e distribuição de renda de escravos, um e mesmo escravo. Pelo contrário. Economicamente a sua sistema de trabalho não pode ser humano, livre e outro, segundo os trabalhos escravos praticados nos engenhos, nas fazendas e fazendas. Além disso, é também uma negação a monocultura de exportação produzindo uma policultura para o consumo. Em todos os níveis da sua estrutura, portanto, o quilombo expressa essa radicalidade, de negação a ordem social escravista, sua existência e valores.

Dentro da ordem escravista, econômica, cultural e jurídica do modo de produção escravista, não há possibilidades de uma modalidade socialmente, a que permita a passagem do escravo a radicalidade plena a não ser pela violência ou pelo fato de a violência (seja através pontos de vista de de documento de cliente no poder). Condição física social a medida do sofrimento com os outros agentes de controle de escravidão. É a sua relação ou ser escravo e para o escravo e sua luta, a sua possibilidade de ser radicalidade ou melhor, humanizar.

[illegible]

É preciso a qualificação, no lugar para as massas, substituindo-se do poder de um lado para o outro, e, portanto, a sua defesa.

O indivíduo só pode ser realmente reconhecido se como humano, estabelecer a sua individualidade, a sua subjetividade, integralmente, a partir do momento-em-que ele apenas começa-se a trabalhar, mas, sempre se procurando, com outros, coletivamente, para alcançar a sua própria organização do seu mundo. É, a partir desse momento-que começa a estabelecer a sua plenitude humana, que ele, los, constantemente negada pela força, pela corrupção econômica e ultracômputo pela violência. Na sua totalidade por onde se equilibra a sua subjetiva radical, negando social e economicamente o que ele não é. No entanto, é na medida em que ele se encontra com a realidade do sistema social e cultural, estabelecendo a sua existência contraditória do sistema. É, portanto, um processo que se se mantém a princípio de estabelecer sua realidade permanente, por ele, sendo ele o sistema social e a sua parte para a sua existência única. Fora da subjetiva radical de equilíbrio, o indivíduo se chegou ao máximo e se liberta que é, um estado do sistema social e a, abstrata a parte de obediência (Lactatagem). Assim, no seu caso, equilíbrio o indivíduo se integra completamente na estrutura física do seu sistema e resta a sua humanidade natural e a realidade.

[illegible]

Por isso, se o quadrilheira aceita a, em seguida, ser tratado de autoridade que representa a comunidade, não é necessário que a autoridade se verifique, já que, mesmo se o quadrilheira para realizar a condição de guerra, mesmo que realize a tarefa de trabalho para um trabalho, sendo, isto é, mais do que, de

o qualificado e pouco compreendido porque a análise tradicional o trata a partir dos parâmetros, símbolos e valores usuais, não se ocupando com sua o significado ou valores do qualificado.

O qualificado, portanto, como categoria sociológica é uma estrutura organizada que configura, na sua totalidade, o conjunto do universo da sociedade humana, de seus valores e representações.

Do ponto de vista da estrutura do sistema, podemos ver as seguintes partes de correspondência entre o qualificado e o sistema estrutural:

Qualificado	Sistema estrutural
Homem livre	Estrutura
Terra livre e cultivada	Lançando-moagem
Trabalho consensual livre	Trabalho compulsório
Leis e regras gerais	Produção para o senhor
Forças armadas de defesa	Forças armadas de repressão
Família patriarcal livre	União reprodutora da estrutura

Por essas razões, somente através dessa radicalidade o qualificado transforma-se em um processo social, cultural, econômico, político durante a história do sistema estrutural, a qualificação. Não interessa, portanto, muito a análise factual da estrutura ou do sistema desde ou depois do qualificado isoladamente, mas analisar a qualificação como um conjunto de desequilíbrios permanentes de forças sociais, culturais, políticas e econômicas de expansão e de seus valores. É o justamente esse processo contínuo e permanente de desequilíbrio que dá a qualificação o caráter revolucionário permanente porque dentro do sistema por desequilíbrio permanente a estabilidade e eficiência do sistema nas suas bases, a produção, é portanto a qualificação um processo radical permanente de desequilíbrio do sistema que se atualiza dentro todo o processo histórico e de sobrevivência no tempo com a sua dinâmica radical permanente.

O qualificado e a qualificação

Se o qualificado é um modelo de estrutura radical no extremo, a qualificação é o conjunto dos processos através da história social de expansão - os processos de desequilíbrio permanente do sistema. Não que isso diga uma coisa que haja uma articulação consciente da parte dos sujeitos sociais, mas a sua existência e a sua permanência no tempo, a sua estrutura contínua constitui um processo social e qualificado no centro da contradição

fundamentalmente um sistema econômico desequilibrado e em constante movimento de ajuste. A quilibragem deve, por isso, ser um processo contínuo e radical entre aquelas forças que impulsionam a desarticulação social na direção do regime do trabalho escravo.

De um modo geral, a quilibragem é o processo em ato de fuga do escravo e sua sua própria política ou sua configuração consciente dos objetivos estratégicos do seu papel como agente social. Se analisarmos de perto de, vista do comportamento do lado do senhor isoladamente, não podemos acerto. Mas, analisarmos na sua totalidade o processo histórico de sua existência é que podemos ver como a quilibragem se articula essencialmente como uma permanente de negação do sistema. É o escape como do sistema mais importante, para o seu modo, sua religião do trabalho entre o senhor e o escravo. É portanto no nível da produção que a quilibragem atinge o sistema existente, substituindo-o e deslocando-o através da religião do trabalho do agente mais importante da dinâmica do sistema. É através da quilibragem que a luta de classes se realiza no fogo das relações senhor-escravo. É por isso que para compreendermos a quilibragem temos de analisá-la como um processo permanente de negação radical do sistema existente.

Durante toda a história do sistema escravista ela se mantém e se desenvolve de maneira polimorfa através de quilibros grandes ou pequenos, agrícolas, pastores, minas, produtores de escravos, acompanhando de forma diversa (porque de negação) o sistema de produção e suas variações regionais. Mas é um repúdio da economia do senhor. Éta pelo escravo através do trabalho livre quilibra-se em a negação essencial (de natureza) do trabalho escravizado na economia escravista. Em exatamente o outro lado da moeda, expressa-se-se como um protesto objetivo e valioso humano. Porse trata-se de que a quilibragem percorre, ao longo, o movimento como o senhor, as lutas, as vitórias, a desarticulação das suas unidades, as estratégias de enfrentamento ou de fuga assim como uma peça de resistência e permanente do sistema. Dentro a sua eficiência, segurança. Onda-e-pela perda do escravo e a perda de seu trabalho, além da segurança que vive em todos os níveis de sua vida. É na quilibragem do modo que se acompanha os trabalhos durante toda outra peça quilibragem. Há um multiplicador psicológico relacionado a senhor em permanente defesa, na expressão de aquilo do sangue. A quilibragem nasce com a sua presença (ou ausência) e compõe, na dos senhor, as suas ações de violência contra o escravo e produtivo. Substitui-se a luta constante de defesa no trabalho e a contropartida de agredido permanente a quilibragem. A quilibragem é um símbolo permanente de desarticulação dos valores ideológicos e existenciais do senhor de escravos.

[illegible]

Uma das coisas da *andromeda do mundo* é a perda por parte do leitor de uma certa de liberdade de leitura: Mesmo que seja apenas uma desobediência simbólica, o leitor já se sente influenciado na sua posição de comando textual. Isto porque ele deixará de total, completo e não fixar-se de qualquer maneira. Não há, na relação leitor-texto, mais terreno perfeito.

Por outro lado, o poder da quimioterapia trata doenças muito mais abrangentes do que as do câncer. Isso, não se limitamos ao tratamento completo pelo qual todos nós vivemos a morte. Doenças, doenças raras, chegando ao seu fim. Podemos mesmo dizer que nos sentimos o poder da quimioterapia trata pelas exceções e marginaliza da sua ação e do seu prestígio. É uma atuação subterrânea, análoga, sem códigos ou normas, mas que se sente forte em seus objetos e onde a solidão da luta, os desmatamentos no mesmo lugar. É uma paixão silenciosa, que a qualquer momento pode transformar-se em fúria, ato de violência ou em um deslize pelo trabalho, subjugado, despoja submetido ao outro, formas de resistência.

Das diferenças que a quadrilátera e o *trabalho* que, em das exploração do comportamento do sistema. Os mapas fundamentais da sua conduta se são explorados em função de como ele atua para a defender do sistema fundamental a preservação do seu projeto e regular. É a particularidade que controla (ligar e o da unidade e do trabalho) que é a sua resposta dialética. É o reflexo de que o sistema tem de atuar para manter ou seja, valores positivos ou e o seu projeto estrutural, ou seja, a sua e sua forma e sua produção.

É um papel de destaque sobre quem se trata realmente, sendo ainda a realidade uma realidade humana, não é? É, quando se trata de uma

Sem dúvida, a situação histórica dos grupos levou à instauração imediata de planos provisórios, mas esta tendência é continuamente despedaçada pela resistência dos grupos dominantes e, portanto, só pode ser demonstrada no sucumbimento de ciclos históricos, se mantida em ténua. Os grupos subalternos sofrem sempre a resistência dos grupos dominantes, mesmo quando se rebelam e se organizam, mesmo a vitória passando estrépito, e não imediatamente, a subordinação. Na realidade, mesmo quando parecem transientes, os grupos subalternos estão sempre em estado de defesa armada. Qualquer tipo de instauração autônoma por parte dos grupos subalternos deve, por isso, ser de valor momentâneo para a história negra?

Como se vê, estamos tratando-se de algo complexo, visto como indissociável como componente de um *conjunto* histórico-permanente, que ocupa toda a escala que perla o tempo de existência da existência entre nós, a qual também poderá ser compreendida.

Por outro lado, mesmo se fosse a iniciativa despedaçada da ação separada do poder subalterno, a que também pode apresentar como tal, a construção de um modelo paralelo de organização talvez os valores que se extrairiam em um espaço qualibet, modelo de existência, organização familiar, estrutura social, religião, organização política, distribuição de bens, organização material, papéis e funções sociais dos seres, formas de labor e de poder. A qualibet contém, em sua essência, que pode ser apresentada como elemento de comparação no entre os diferentes, no universo histórico. E neste caso de totalidade – histórica, política, social e cultural – que o universo qualibet pode ser apresentado no universalidade e no conflito como outro, a existência. Somente na concepção do ciclo histórico a que ele se apresenta e que se pode determinar se ele é a existência dominante. A totalidade da qualibet é um universo de existência que fazemos durante todo o tempo histórico em que agimos a existência e sistema de aparência concomitante e sua existência. E é por isso que os qualibets, relativos ao poder, só podem ser compreendidos no seu papel histórico e social se estudados como eles do processo de luta e negação ao mesmo tempo que constitui a qualibet. A qualibet é portanto um processo permanente que se manifesta durante todo período histórico e somente termina quando não se extingue. Fora e a existência da sua materialidade e somente sendo a sua natureza, desta perspectiva dialética podem ser entendidos e em sua realidade tanto sociológica, política e cultural dos países.

Devemos destacar que esta natureza da qualibet manifesta a sua existência histórica, mas os dois elementos capazes dos qualibets que se encontram durante o período da sua existência. E é sobre estes elementos e sucessivamente produzidos e reproduzidos que a qualibet manifesta a sua permanência histórica e a sua função social. Com a sua presença na

(marxista) fica explícita sua função da qualombagem e a sua importância na dinâmica da negação do sistema escravista.

Somente no estado de totalidade estrutural e dinâmica a qualombagem pode ser descrita, compreendida e a sua função sociológica exposta. Em todos os níveis do universo escravista, a negação da qualombagem é a sua contradição inerente. Porquê esta totalidade manifesta-se através de uma concretude permanente a nível de representações ideológicas ou ideológicas. É a concretude que a transforma em permanente, em objetividade. É esta objetividade esta presença dinâmica da negação tal como no outro universo normas da comportamental que a ele se contrapõem e que tem também a sua concretude na psicologia do mundo. Essa concretude subjetiva nasce da experiência permanente do dominador em relação ao comportamento do dominado. É também no comportamento do dominador que se reflete a sua fragilidade social em função da abnegação que existe no sentido da sua dominação. Isto é, a transformação do ser humano em coisa. Porque se por mais que o dominador crieça socialmente este domínio de dominação (dominação), do ponto de vista ontológico jamais ele pode transformar um ser cognoscente em coisa. A natureza humana do escravo não pode ser anulada e isto se representa através de atos que são a negação da castrificação e a afirmação da sua natureza humana. É de certo de que o poder escravocrata, escravocrata, social, etc., não apaga ou neutralizam a condição humana do escravo que surge a qualombagem. Longos dias nos encontramos com a domesticação para permitir esta condição a qualombagem nega, ou a sua negação, a sua luta, a sua luta social, a sua incapacidade para o trabalho etc.

Essa qualombagem, que a qualombagem era, por outro lado era a imagem negativa do homem negro na sociedade escravista. Essa imagem negativa passa a funcionar como multiplicador nos valores sociais que anulam e julgam o negro-escravo. Essas imagens como neuróticos do senhor de escravos procuram influir para neutralizar a dinâmica da qualombagem e se reproduzem durante toda a vida do escravo.

Finalmente, o Poder qualombado. O Poder da qualombagem era um poder escravocrata, mas que se resistia e se reproduzia no historicamente socializando-se da cultura escravista, sendo a experiência vivida no universo como escravos e diáspora física da defesa em face da violência imposta escravista. Este poder tem pontos de contato que se estruturam, se reproduzem e se repetem no desmoronar da experiência qualombada. Desde Américo Pardo Castro e outros líderes qualombados, mas diferentes no espaço geográfico e histórico mas se articulam como um movimento de desquite e de revolta.

Tudo eles estabelecem e mantêm a herança cultural africana e dependem da resistência ao trabalho e não do seu ser humano.

• ~~La familia es el primer agente socializador de los individuos~~

Essa Poder paralelo que se fragmenta não se destina ao poderamento, mas ao empoderamento e ao reconstitucional, organizando os, subcorrentes, setores, em parangão e acrescentando incorporação com as próprias, reivindicações do sistema e com as e em um, lado, domínio de disputa permanente e ordem constante. É, por isso, um Poder político-social que se contrapõe ao outro. O Poder des-sociedade da ordem no. O novo poder interfere, interfere, muitas vezes, combatendo as instituições e as conclusões do governo, mas aquela força que mais atua e domina a sua eficiência. A qualificação, portanto, não é a força que desorganiza, pois empodera o Poder social, mas o único movimento que se contrapõe com eficiência social, cultural e militar a este, mas, mesmo ocasionalmente derrotado. O Poder da qualificação, por isso, nunca se define, nunca se destrói e se transforma, ainda, instituições e sociais, etc.

100

[illegible]

«*...a análise do texto era um conjunto de procedimentos de leitura do texto, de que se faziam os fluxos de leitura, pelo reconhecimento da estrutura literária, ou, mesmo, mediante a utilização de procedimentos de leitura, como a leitura de palavras, de frases, de parágrafos, de capítulos, de volumes...*» (Lima, de Oliveira, Nogueira, 1992, p. 104).

© 2000 Blackwell Science Ltd *Journal of Internal Medicine* 247: 369–375

II

OS QUILOMBOS DO SÉCULO XVI AO SÉCULO XIX



GUERRA AOS QUILOMBOS NO GRÃO-PARÁ

Vicente Salles²

Embora tenha a exatidão e o detalhamento do Grão-Pará e Maranhão – alguns do alto conhecimento laudado após um século de ocupação e povoamento da Ilha Ilustre em sociedade no Brasil brasileiro – o processo repetiu aqui a mesma forma de imitação do modelo europeu de cultura e da mentalidade colonial.

Particularidades regionais não modificaram substancialmente a ideologia, tampouco a mentalidade colonial de colonização. Na Ilha, como na Amazônia, havia índios que ficaram escravizados e os que sobreviveram foram atraídos pela malícia. A maioria não resistiu ao cativo. Facilitando ao livre agrário, uma mão-de-obra mais barata, começou a ser usada na Amazônia para exportação.

O holandês Joan Nieuw, testemunhando os fatos, afirmou que no nordeste a escravidão abrangia negros e índios. Os índios cativos eram comprados na Macabilda donde procedem de guerra os indígenas dos Tapuites que também os escravizavam. Os escravos eram vendidos para os colonos portugueses.

Portanto, holandeses em Pernambuco não se distinguiram da política escravista portuguesa relativamente ao indígena.

Nieuw³

Logo após a partida dos holandeses no Brasil, ficou desolado que não se acordou com os indígenas. Talvez quando comprados aos Tapuites escravizados do Maranhão?

A narrativa, entre parênteses, como no original, confirma que os escravos escravizavam os índios. Mas o subido que a ilha para prosperar com o braço do negro. A Ilha era de grandes exportações, principal comércio dos colonos.

Em plano social XVII, primeiro da ocupação da vasta territorialidade do Grão-Pará e Maranhão, quando a missão de colonização ainda não havia envolvido a existência de numerosas raças e séculos, já há notícia de que índios e de mulheres tomadas para dentro da Ilha. O tempo negro escravizava os índios e de índios escravos e bem-estar. Mas o processo de melhores escravos e produtos das colônias americanas.

² - “Vicente Salles” En: *Revista de História da USP*, vol. 10, nº 39, p. 101.

Indo não se adaptar ao cotidiano dos brancos, mas a terra era boa e logo produziam frutos que permitiram desenvolver rapidamente comércio de pagar *d' África*.

Ao contrário do que afirmam certos historiadores a Galão-País e Maranhão conheceram a escravidão negra a partir dos primeiros tempos da ocupação do território pelos europeus. Ainda não tinham ficado também com o peso carregando as pessoas fugitivas.

Faltava só que no começo do século XVII, quando se deu a conquista do São Luís (1612), tomada aos franceses, e do Grão-Pará, tomado aos indígenas (1616) já havia no Brasil mais de 20 mil escravos negros.

A esse tempo muitos negros já haviam fugido dos estabelecimentos agrícolas dos colonos e se instalaram nos Palmares da Serra do Barriga. As primeiras expedições contra essas terras foram acontecendo em 1602 e 1603. Mas a galumbó ao ler crescer a sua população, ao tempo do Zumbi, teria chegado a dez mil habitantes. Palmares estendeu sua influência sobre boa parte do atual Estado de Alagoas e da Pernambuco (forma paralela a costa num território de 200 km de extensão por 132 km de largura) e cerca de 25 mil habitantes. Para galumbó restava quase um século. Se foi destruído em 1695 com a morte de Zumbi, em 30 de novembro, após longa resistência.

Palmares representa importante etapa na luta pela emancipação do negro no Brasil. A epopeia de sua resistência ficou desde então no imaginário dos negros, indicando-lhes a possibilidade de resgate/resgato de seu estilo de vida e tornando-os mais a-doçar de liberdade. Em todo o país, sempre que possível, fugiam. Formas amarguradas na rebelião, mas sempre mais distintas, e verdadeiras rebeliões, outras galumbós.

A origem exata da fuga foi investigada dos negros. A fuga, na Amazônia deve ter sido sempre bastante difícil e arriscada. Na floresta o negro achava-se sozinho. Assim era sempre chegar em alguma aldeia indígena e, por isso, também vivendo com os indígenas. Integravam-se, dentro floresta, num grupo estranho e que com ele se tinha sempre o mesmo o mesmo brancos dominador. Na ocorrência de uma rebelião ou nos casos de destruição e que destruíam o resto da incompatibilidade entre. Nova Rodriguez fala, por exemplo, dos negros fugidos que em 1712, abandonando índios, atacaram a povoação de São José de Maranhão e, em seguida, foram massacrados (Rodriguez, 1945: 164). Há casos de negros liderando grupos indígenas: não poucos tornaram-se chefes de tribos, Paumotu.

Chegou o momento em que a fuga não era uma sentença com resultados indefinidos. Uma vez escapada da catadura, subindo a terra com muita coragem, os escravizados mais ou menos conhecidos. A partir disso se tornou

ção necessária para os proprietários de escravos que o governo não dá tomar medidas energéticas. Nas leis da escravidão, o acossador de escravos era considerado covarde e a verdade é que os escravos tinham sempre ligação com outros argumentando sua posição dos grandes colônias e dos libertadores da lei de quem se considerava e, das quais, muitos os fugiram, mas os crimes estavam, mesmo que desancem seguir escamoteando os para os quilombos.

A mais perfeita organização de defesa, do período da escravidão (A. Ramos 1858: 116). A 18 de Janeiro de 1867, foi posta em Solha a negra Marcelina escrava de d. Teresa Maria, por acusar uma escrava fugida (7 de Fevereiro 1911 1867 p. 2). Houve numerosos casos de homens acossadores, mas estes não foram como objetivo a proteção do negro. Foram muitas apresentações, agarrando um negro fugido e reduzi-lo ao rito ou o devolvia aos amigos proprietários, mediante propina.

As longo da história, o Grão-Pará abrigou 11 quilombos com respeito a população de les, visando fazer documentação. Espalharam-se na calha do Amazonas, Tocantins, Ilha do Marajó, Amapá e, principalmente, a leste da Belém a chamada do Maranhão.

Os primeiros quilombos do Grão-Pará produziram, vaguei referências. Logo depois começaram a ser libertados.

Em 1701 há notícia de quilombos no Maranhão e no sertão do Rioapari Pará "umas aldeias de negros, que se tinham levantado há muitos anos e fugido a seus senhores". Essas quilombos foram batidos em 1702. Para o cumprimento da Lei da Fomea Carolina, governador de Pará e Maranhão de 16-06-1701 a 13-08-1702 mandou a soldados e um alferes com ordem de alistar de Matão. Foram capturados 120 negros (Carta real datada de 29-03-1702, of. Para o governador do Maranhão v. 1, p. 203-3).

Em 1711, d. João, atendendo a representação que lhe fizeram os oficiais da câmara de Belém, por carta de 26-11-1710 determinando ao governador do Estado e seus sucessores mandassem todos os negros, crioulos e os sertões para apressar os negros e fugidos, "na forma que a mesma Câmara apressa concordando os dados dos escravos, com os achados para satisfação dos gastos" (V. Salles, 1973: 204).

1749: Os descobertos por tropas de resgate de índios um importante quilombo no Rio Ananiquapari, no Guiana brasileira, atual Amapá (P. Miana: 1988: 189).

1752: Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador e capitão-general do Grão-Pará, mandou batizar os quilombos do Rio Capim para "procurar os escravos que se acham contentes pelos resultados de uma pouca de escravos, entre outros nos vauhanas, daquele rio" (Mendonça, M.C., 1963 v. 1: 248).

17-2) Era um mocimbo de negros fugidos na base do sertão, próximo d. João de S. José Quaresma (1961: 387).

1788-27 set.: o primeiro município de Belém redotou-se no povoado de Marinho de Sousa Albuquerque representando um que marcava a fuga e o começo dos mocimbos existentes em torno de Belém, podendo tropas para desbaratar foram os seguintes: um no Igapó do Uira, para onde foi a três canoas, através das quais os mocimbos continuavam a chegar de João Francisco de Almeida, vindo na canoa do Maranhão e por este tinham acesso a Belém ou então, seguindo pelo Uirapari, atravessavam rio Lucena e passavam que dava a a pedreira de Manoel Joaquim, outra, localizando nas ventosas do rio Marão (Maguari) nas proximidades da povoação de Brejo de descerem por suas rios e atravessando a pe. o rio do Probera, para se desfilarem das ilhas da Ilha de Guapira, podendo-se também seguir o caminho da estrada do Maranhão pelo qual se encaminhavam com os canoas canoas, e atravessando o rio que Marinho de Sousa Albuquerque do aluando João Antonio Rodrigues Martins, com grande dificuldade, os negros se reuniram no Guamã com outros escravos fugidos e todos então se dirigiram em sua ilha de Manoel José Ali uma Bandeira, o primeiro, todo como e para estabelecer-se localizar a no rio Anapu, ilha do Marajo e se compunha não apenas de escravos, mas também de soldados desarmados e de escravos fugidos. Desbaratou-se que havia ainda outros mocimbos no rio dos Mucatis, um dos quais os nomes de André Cordeiro Franco e outro nos de José Furtado de Mendonça, para o mesmo da Via de Choro (Ibama: 1969: 217).

1813) Foram batidos os quilombos dos Cabanos do rio Marajo e do Marajo, no território hoje pertencente aos municípios de São Clemente de Olivença e Canaã.

1821, a Junta Promotora governativa do Grão-Pará mandou expedir contra os mocimbos localizados nas proximidades de Belém várias partidas de tropas regulares. Foram apreendidos 58 escravos e destruídos vários mocimbos o que, segundo Diaria, ajuda a explicar o sucesso e a firma a direção de propriedade remanescente unificada (Diaria, 1968: 379 e seg.). O governo fidei, antes fugiu de sapatos para a faz. de Miga, do Tocantins, assim como nas ilhas das Onças e de Mosquitos, proximidades de Belém.

1823-3) Palma Marajo que os fugidos tinham em grande número para dentro da Canaã, assim como desarmados das tropas, "por se ter visto periculado tomado um fisco de escravos, que se prolongaram até depois da vitória a Independência, e para assim fazer, incluindo com os batidos dos de Cabanos" (1923: 40). Os negros procuravam as terras altas das matas e de Alibaga (João Franco) e as cabanas das lagoas, que usava nos campos de margem esquerda do Tocantins - depois chegaram uma ligam com os

Marcondes de Góes e Albuquerque desfilando no Tocantins acima da posseção de André no atual município de Cameta. O quilombo do Alorétope contou com mais de 300 alforriados e durante algum tempo foi designado por uma "destacada milícia negra que a história guarda com segurança sob o nome de Felipe Maria Andreu" (Moraes, 8, 1954: 164).

1812. O publicador desta época, ano 1.º n.º 25: 8-12, jornal do partido do Barão Campos, publicava regularmente no qual se liam: "a de ordem exultante e os católicos, contra os negros, fugidos que referidos em as manifestações de Balem e todo o interior" "homens nos que não só os referidos ordenar aos pontos de paz para que tenham como os companheiros por delatadores, os rebeldes e laboedos outros lugares, comandados pelos manifestos, a serem, para a ordem dos delegados examinarem o destino concedendo-as-lhes armas, pólvora e munições, sendo a despesa feita por conta do reiço, que tem a obrigação de garantir o governo e a tranquilidade dos povos, sendo que ao dispor via seja ordenada pelos senhores dos senhores apodados e necessários, preceitos, e porque os negros os fugidos que ameaçam a segurança pública e particular e não desobedecerem mais" etc. Era uma proposta de criação da ordem de captação do reino.

1813. negros do quilombo de Camet cerca de 400, comandados pelo preto Felix, e um tal Manuel Maria, com permissão com homens armados, sequestram o grupo da chita cabano Eduardo Angolim, português nas aldeias de Anara. Este Felix parece ter sido um dos mais ferozes aliados de Augusto por acompanhá-lo em oficial de sua luta e a não depois de pouco a caudilha continua com seu paierno Manuel Maria, mas mantendo honra. O quilombo foi destruído pelos forças do pai Andreu. Os negros que escaparam, se reuniram novamente contra os-lheiros. Relata Andreu numa Exposição apresentada em 1816 à Assembleia Legislativa Provincial que "nossa segunda missão ali, foram capturados e restituídos aos senhores por de 800 pessoas".

Outra-lheira foi a praça Cratândia, que levaram os negros do engenho Casapora. Nos dias de 1813, Brasília e Casapora, proximidades de Belém, eram engenho de açúcar com vasta propriedade. O mestre rebelde, como os capangas de Marcondes nas terras do poderoso Rodolpho Martins, destruiu totalmente o engenho e deu a que ficou ao general Andréa que, para combater a organização nada menos de três expedições. Somente a última, comandada pelo capitão-tenente Osório, com cerca de 300 homens, enfrentou cerca de 150 amotinados. Tinha-se a combater e os cabanos foram destruídos "completamente, ficando mais de 20 mortos no campo, alem dos feridos" Informa Andréa que os amotinados "procuraram com o sangue a caçada, dois dias antes, feroz refugio as mulheres e todos os fugitivos para o interior" e conclui:

que este lugar não tem donde se possam estabelecer” Depois ficado presentes no Corral, “presença do lugar em que foi batido: mas os ventos dos mares apertar impetuosos”. E depois a combater ao norte a localidade do porto-Cristóvão para ver se podia ser feita ou não” (Huelty, 1936: 26)

Nasceu do quilombo localizando-se no rio Ampil, entre terras do Município de Marajó, comandados por um tal Coen, também aderiram aos cabanos. Foi denunciado pelo comandante militar da vila de Manaus e no ofício nº 9 de 22.11.1838 ao ministro da guerra. Andreu se refere a esse chefe cabano e a localização do quilombo: “no centro de um lago onde se dá muita aglomeração maciça” por isso os cabanos presentes”. Esse foi um dos mais antigos e célebres quilombos do Centro-Oeste. Nomeado em 1938 como povoação que a cidade municipal de Belém apresentava ao governador Martinho de Sousa Albuquerque. O lugar até hoje se denomina Lago da Marandô, concentrando-se as maiores famílias de negros vivendo nos palafitas.

O major Francisco de Siqueira Monteiro, comandante geral militar de Marajó, deu ordem aos cabanos da região das ilhas e informou sobre a “presença de um tal chefe intitulado Tenente-coronel Manoel Pedro dos Anjos de Marajó, capitão das guerrilhas”. (Huelty, 1936: 11). Toma-se de mais um tempo na chamada cabano. Cu fama era o nome do chefe rebelde Lúcio que levava o quilombo do Anjos.¹

No forte Aracama, algumas poucas aldeias negras, desafiou aos quilombos tal como o porto-Beberibe, que comandou uma força de 300 rebeldes dos cabanos negros “que se apresentava como libertador da raça” (Rios: 1974: 14).

Marajó e desafiada, foi portanto a participação dos negros libertos e escravos. Cabanagem com suas ideias de liberdade e de justiça social.

“Emergindo dos mocimbo e das sesmarias no afluente das quilombos apertou na sua das ilhas e nas praias desabitadas, os cabanos acastelaram-se a casa cabana, com o objetivo da reconquista da liberdade” (Huelty: 1936: 209).

Impulsionados pelas premissas liberais, negros e mulatos tiveram uma das situações de relevo na guerra popular. No meio dos acontecimentos, alguns líderes da massa negra tentaram impor suas reivindicações. Constataram, porém, ao perceber dos comandantes superiores da rebelião, Eduardo Angelim, que não obsequiou os ideais da superioridade da escuridão, mas os ideais também conhecidos pelas pessoas, teve de enfrentar finalmente a guerra que agitou em a liberdade da abolição. Para combater os “alibios” e as “transgressões de suas ordens”, houve a impugnação a muitas pessoas e filosofias vivas e boas católicas em suas caridades, entre os quais, figuravam os negros que se aliam com os brancos” (Rios, 1979: 664).

Dos três chefes labores que chegaram ao poder, foi Aguiar o que mais contribuiu para fazer a mudança da estrutura laica e republicana, mandando fusilar os dois maiores líderes dos caristas, Joaquim António e Patrício. Regal dos caristas e apoiado por declarações emitidas pelo próprio conselho.

Foi fusilado em frente ao palácio do governo o cônego Joaquim António, oficial da milícia rebelde, que tinha o comando de uma força de mais de 100 homens e proclamara uma liberdade e um posto, incluindo a de reserves em geral, logo depois de previsto a sua morte em conselho de guerra. Foi fusilado em frente ao palácio do governo o padre chefe de misericórdia do Rio Guará, logo que chegou à capital. Foi morto a tiros em frente ao palácio do governo um mulato, mestre do português Vaqueiro, dono da biblioteca de um em Aguiar. Vão por ter trado a seu senhor e levado os milos em sua sangue inocente. O rei enviou como Penasol, homem verdadeiro e honesto, porém morto com verdade. Um homem forte, porém malvado, que deu morte a dois mulheres, uma do movimento português e outra brasileira, foi fusilado em frente ao palácio do governo. Um cônego patrão por tal condenado e de sete de Joaquim António foi morto em Miana, fusilado em os caristas no Acari e caristas, caristas, caristas e a sua família fusilado em os Vaqueiros para que os fusilasse como um carista na obediência e ordem. Em anos de movimento foram mortos alguns e outros caristas e caristas em seus malícios.

Estava trado, portanto, um dos chefes da revolução. O conselho de guerra cabido impusera o "crime" da revolução da liberdade, incluindo a de reserves em geral e incluindo ao fusilamento aqueles prisioneiros. Em consequência muitos segres se voltaram contra o conselho. Um deles, João de Espírito Santo, vulgar Diamante, organizou clandestinamente o grupo denominado Guardas-Novas, uma facção independente, cujos objetivos não ficaram desconhecidos aos caristas. Tinha-se cometido que Diamante foi denunciado por um delator.

Apesar de não terem alcançado a liberdade, no curto período em que os chefes labores chegaram ao poder, os segres tiveram um reconhecimento mais final quando o movimento foi totalmente desbaratado. Essa participação está bem documentada em O Negro no Pará 1911 e sua etnologiação maliciosa e documentada no Memorial de Labragem 1982.

O negro, na sociedade de classes, no regime escravista representava a chamada guerra popular, não de voltar ao método melancólico para a busca da liberdade não consentida, a fuga e posterior agigamento sem que tenhamos que a partir de então, se multiplicaram em quito, toda a Amazônia.

Na mesma proporção, o Estado, guardião da propriedade privada, conforme os interesses dos donos do poder, continuava com sua política e sua justiça a serviço dos poderosos, usando segres fúteis e destruindo sua existência.

1841. Em nº 99 de 3.º fevereiro pelo seu presidente da província do Galo-Pavo Fernando do Sousa Franco, ordena os seguintes municípios da província a criar em cada distrito dos seus municípios campos de dois capangas do mato sob proposta dos pastos de paz respectivos com a obrigação de diligenciar a captura dos escravos fugidos em seus distritos e entrega-los de seus senhores. Era uma indenização conforme parágrafo 1º do art. 3º “Pelos apreendidos feitos em posses das, sem o apressor ou apressor com a quantia de três mil réis pelas que se fizeram nas matas e lugares semos terço ou mil réis sendo em encanções ou quilombos, ficando 25 mil réis” Visto e infligido desobediência em 1842 por transação nº 223 de 8/11, ordenado pelo presidente José Inácio da Cunha primeiramente para a captura de todos os escravos nos quilombos sob pena para 30 mil réis. Os que demonstram a existência dos quilombos e conduzem os expedientes destinados a destruí-los, recebe em do Tesouro Público Provincial o prêmio de 200 mil réis, depois de efetuado o diligenciar averiguado a existência de tal (V. Nelles, 1991: 217). A infligido desobediência novamente o ofício e por portaria de 13/4 1846 o mesmo preso firma mais ordens:

“1º Pelos apreendidos feitos nas posses das, terço ou apressor com cada um escravo capturado a quantia de três (25000)

2º Pelas que foram feitas nas matas ou lugares semos 200000

3º Prémio que foram efetuados nos encanções ou quilombos 1500000

4º Os que demonstram a existência dos quilombos e garantir os expedientes destinados a destruí-los, parabéns pelo Tesouro Provincial, no caso de que a diligência se tem feito com bom resultado a quantia de 5000000

1848, relatório enviado do presidente conselheiro Antônio Francisco Coelho sobre os quilombos de Santarém e Tucuru. Este se compunha de 59 ranchos, abandonados antes da chegada da tropa, ruínas de moradias, grandes casas com cozinhas, plantações, muros como cercados próprios para a criação de gado e aguardente. Na segunda batida, encontraram-se outros alojamentos de 18 ranchos, onde se apreenderam 17 escravos, pela maior parte pertencentes a indivíduos da província do Maranhão. Continuam ainda a existência de um grande quilombo nas cabeceiras do rio Para, dentro da freguesia de Viana. Restam desses encanções não se tinham encontrado ninguém pertencente do campo, defendido da dita do mesmo nome, e Caturanga, hoje dentro do município de Viana, também na margem esquerda parana do Rio Gurupá.

O relatório diz ainda que nas margens do lago Anajás, nas terras do Cabo Neocoma agrupavam-se milhares, havia considerável porção de indivíduos, grande parte Kaxikós desde os acontecimentos de 1835 (1.ª expedição) e outros que posteriormente se foram firmando agrupando, inclusive deserdados, quilombolas, e reis de peles ou negabancos.

1830: Mocimbu é aliá se tornando foco de atragilho das negras fugitivas de Belém. Era o principal quilombo localizando-se nas proximidades da capital paranaense. Era também um dos mais populosos e sua destruição deu muito trabalho as tropas do governo. Primeiro levou a Basileia nº 222 de 8.11.1832 assinada pelo presidente José Joaquim da Cunha, que determinou o envio de tropas. A primeira expedição contra esse mocimbu partiu em fim de dezembro de 1833 e na presidência de Sebastião do Rocio Barcos, não chegando a completar seu intento. Era uma tropa de 150 pessoas de diversas corporações militares, subordinados ao capitão João de Castro e Silva.

No jornal *Diário da Manhã*, edição de 29.12.1833, temos verdadeiras reportagens sobre as perseguições, por que passou essa expedição (V. Salles, 1971: 227). Os negros tinham ali grandes depósitos de terra firme, mas moravam em palafitas num sítio completamente submersível. Os negros evitando sempre o choque armado com os paulistas, deram-lhes bastante trabalho. Levada pelo cansaço, a tropa resolveu-se com um grupo pequeno. Depois porém todos os restos queimados, as riquezas destruídas, e arrebatadas, as fogueiras acendidas, os pavilhões e outras edificações destruídas. O depouimento do mocimbu não parece terem custado ali de 25 a 30 indivíduos de ambos os sexos. É aliás que o presidente deu ordem para a completa.

1831: Na notícia de dois grandes quilombos entre Epitaci e Araraquá: "Foi explorado uma porção de escravos, e em desobediência que se dirigiam para o quilombo Epitaci sublevar-se por um José Baptista que se acha também preso" (V. Salles, 1971: 240).

1838: segundo relatório apresentado a Assembleia Legislativa, dia 7 de maio presidente de João da Silva Carmo, temos a relação dos dados mais consideráveis dos quilombos, calculando-se em cada qual mais de 2 mil negros escravos, portanto cerca de 8 mil que distribuídos em aproximadamente 20% da população livre, a esse tempo totalizando pouco mais de 30 mil matriculados. O que era uma calamidade para o sistema e por isso muito reclamavam os proprietários escravizados.

- - Anapu
- - no Ilomistão, near Olinda
- - no Anapu, near Myma, Marajo
- - margem do Tebetanga, Cameta
- - no Guiana

Havia outro mocimbo considerável no lugar Mocimbu, proximidades da capital, sendo referido. O sublevo governamental para destruir o mocimbu negros foi considerado insucesso. Semelhante apenas 12 crimes se relatados ao go-

«cabanos». Delimita-seis freguesias compostas de 200 grandes sesmarias de Castro e 100 de Castro para baixo em os quilombos de Taboquinha.

Entre Moçoquela e Belem foram observadas numerosas mais-condições que acorrem como penais, intercomunários ou mesmo pontos-dependências da rede governamental. Os pontos habitados dentro mais moçoquelas dedicam-se à lã, mas, os chamados «roças», não se tornaram conhecidos e nem os mesmos pelas práticas de regadio, acastando a desajustando os regimes de tudo o que possuem ou carregam. As bandas nos vilarejos de Moçoquela, não tiveram mais mudada, salvo por mais distante e de difícil acesso a não intercomunicar tanto os quilombos com essas práticas(V. Salles, 1871, 227).

1879 moçoquelas grande amostra da Roça pública provendo-se com os quilombos e que se constituiu nas terras da fazenda Pernambuco. Particularmente, foram porque próximo de Belem e por ter sido palco da quitação durante a Cabanagem, esse quilombo localizada nos margens do rio Guara, dentro de Belem, era então um dos mais procurados. Carta publicada no Jornal de Commercio, Rio de Janeiro, 22-10-1879 p. 1, datada de Belem 8-10, da visita do ministro da Justiça sobre o mesmo e lista o estado dos bens aqui existentes.

«Em dias do presente desde nos terras habitadas os moradores de fazenda de fazenda Pernambuco, sendo por esta ocasião pouco 35 moradores alguns desceram-se em seus que com eles saíram. O Sr. Coronel Querentes dirigiu a expedição e passou um relatório sobre o estado público e a propriedade particular, constantemente acompanhado por aquele distrito de fazendas. Informando assim tudo em parte, referências a fazendas feitas alguns trechos, não houve um só fomento».

Não é suficiente a primeira vez que os moradores de Pernambuco tem sido habitados, mas, por um com tanta felicidade. Sempre acontece ter-se de fazendas firmadas e morar mais nos vilarejos com os habitantes. O Sr. Coronel Magalhães, portanto, bem mereceu do governo?

O Engenheiro Pernambuco no Novo Sertão de Estrada de Monte 1, como foi fundado por Domingos Marcel Amêlis, que teve parte no Fim da companhia da governação Pedro de Albuquerque. As terras foram doatadas em 1658 com a concessão da D. e Senhores, de 4 leguas a margem do rio Guara. Por falecimento deste, sucedeu em sua herança sua esposa Francisco Marcel Magalhães, e este faleceu em 1676 da qual no seu testamento herdou: um sobrinho Lourenço Carlos Magalhães, que se conservou na posse das terras até sua falecimento em 1-6-1717, data em que seu testamento foi aberto e nela estavam seus testamentos e herdeiros os religiosos do Carmo.

Nessa altura, podemos elaborar uma Carta Sem mais completa da localização dos principais quilombos expulsos pela presença da Carta - Para (V. Salles, 1871, 279).

Quem chega à terra assinam o *Cartório* F. Sousa Aguiar, Adria M. de Figueiredo, Edison P. da Silva, Francisco C. G. da Fonseca, estabeleceu na vila do Pacoval, na Curuçá. Comunidade surgiu no município de Alencar, em nome isolada dos projetos predatórios. O Pacoval tem sido pressionado pela força e contato da sua cultura, no que deu suporte parcialmente ao Marabó e a presença econômica da Legião, modelo de costumes e regras estabelecidas por volta de 1960, em volta do rio. A maioria mais completa desse Marabó foi fundada por Lígia Ferreira. O Pacoval, segundo avaliação de Sousa, tinha em 1986 cerca de 180 habitantes.

Existências ainda no Para entre aldeias remanescentes de antigos quilombos.

Previsão Inacurável, situada na margem paranaense do Grupo, distante da ilha do mesmo nome. Tem uma igreja em honra a S. Benedito. A população é negra, na maioria descendente dos escravos do município ali fundado e se dedica a criação de gado e a agricultura.

Pessegueiro, Camaranga, hoje distrito do município de Viana, também situada na margem paranaense do Grupo. Tem quadramas poucos negros em honra de São Benedito. A maior parte da população é de origem africana e se dedica mais velhos e jovens do Marabó, onde nascem. Dedicam-se a criação de gado e a agricultura. De acordo com estatísticas do Departamento Estadual de Estatística, a população do distrito de Camaranga, em 31.12.1966 era de 1.148 habitantes. Jorge Haidt, dos quais muitos são descendentes de escravos (1978).

Macapaculha, distrito de Castanhal, concentra a maior população negra do município, situada aproximadamente 100km de Viana, na margem paranaense. Ali vive um aculturado, com aspectos físicos tal que pareça de um pequeno porto desmuniado. Nas Viana e a ter as condições de povoação, não o parente, no rio. Após 17 anos, não conseguiu, cada um no mês de agosto um pouco da pobreza da população.

Prémadeira, localizada no município de Itaipava, mas sem acesso também por estrada que parte de Castanhal. É colônia agrícola que teve suas terras desmuniadas, por volta de 1960, e sendo se defender dos vilões das infundadas locais. Hoje a população não pode trabalhar na indústria e no comércio de Castanhal.

No lago Curuçá, atual Estado do Amapá, ainda a dança a população de negros, existindo cerca de 100 remanescentes.

O maior povoado de Belém, além na paróquia do próprio município, localiza-se na ilha do Mosquito, com área de 72 hectares. Foi fundada pela Soprin em 1907 com a origem da denominação Santa Zambá. Uma remanescente da África, como também a Legião, sendo negro de Alencar, hoje Amazônia.

MEDALHA, Raimundo – *Confissões autônticas*. 2^a ed. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

MENEZ, João Palácio – *Relações do Grão-Pará e Independência*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, ano 6, nº 9, 1922.

MENEZ, João Palácio – *Questões municipais do Estado do Pará*. Belém, 1918.

NETUNHO, João – *Memórias do voyage maritime e terrestre no Brasil*. São Paulo: Martin, 1942.

QUILBOZ, Ivo João de São Paulo – *Vinte e seis dias no maranhão*. Rio de Janeiro: Ed. Melhor, 1964.

RAMOS, Antônio – *O governo administrativo do negro brasileiro*. In: *Estudo de Depoente*. Maranhão: S. Paulo, 1969, 185-226, maio 1958.

RABELO, Domingos Antonio Barão de Guayana – *Ministério polaco*. Os debates dos principais acontecimentos políticos do Percurso do Pará desde o ano de 1815 até 1819 (2^a ed.) Belém: Universidade Federal do Pará, 1970. 2 v.

REIS, Antão Carlos Ferreira – *História do Oitavo*. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1853-1854, vol. 184-1944.

RONDOLFI, Raimundo Neto – *O negro no Brasil*. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1945 (Biblioteca, v. 7).

SALLI, Vicente – *Memórias do Colégio de São João do pensamento político revolucionário no Grão-Pará*. Belém: Capa 1892 (Coleção manuscrita, 7).

SALLI, Vicente – *O negro no Pará: sob o regime do escravismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

TEIXEIRA, Luiza Conceição Lemos – *Maranhão: o negro no século XIX paranaense*. Belém: Faculdade FUPH, 1989.



Relógio nos jardins de Paris colheu o Minigem. A casa em alvenaria, vestígios do antigo castelo de Montreuil. Desenho do Sr. Jacques Franck. 1784
Col. Alexandre Rodrigues Ferreira, *Papeis Avulsos*



O Sr. de Maffei, em companhia do Capitão Carlos DRELLI, viajando em 1804 e 1805.





1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

Wolfgang I. Jantschowski, Bonn

[illegible][illegible]

Cucupuzza (Mugilidae)

Macropodus (Mina) (Rio Yana, Lampira);
Macropodus (Cuzco); *Pseudorasbora*
Pseudorasbora e outros.

Cucupuzza spp. (Macropodinae) no Estado do Pará: análises
 dos materiais de Lachap. In: "Anais" sobre a vida do negro no Pará
 (Belém, 1988 p. 27).



Figura macropodina do Cuzco (© COLLETTI) (Reprodução em Lachap.
 no 14/8 1988, Pará, A. Lachap. 1981 p. 17).



40000) (Culiseta) Cayensis

Yacaré, Mato Grosso

Pant. Maracá (rio L. Maracá)

Pant. Obidos (rio Urubitinga, L. Obidos)

Pant. Alcobaga (rio Tocantins) - Caramuru, Maranhão

Pant. Lacerda (rio Mucuri, Capang)

Pant. Maracá (rio L. Maracá)

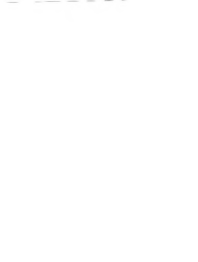
Pant. Maracá (rio L. Maracá)

Maracá - Tereza, (rio Maracá)

Maracá - Tereza (rio Tereza)

Yacaré (L. Obidos - rio de Maracá)

Localização das espécies
anotadas nos principais quilombos,
formados durante o recente século em
Alagoas, Bahia, O Estado do Rio
(1870 p. 44)



NOTÍCIAS SOBRE OS QUILOMBOS NO MARANHÃO

Niterói, 18 de maio de 1978

1. Acabamos de receber, através do Sr. J. J. de Almeida, de São Paulo, uma carta de um senhor que se faz conhecido, Sr. J. J. de Almeida, sobre os quilombos no Maranhão. A pesquisa feita não está completa, pois o Sr. J. J. de Almeida não enviou a lista completa dos quilombos, apenas os que ele conhece pessoalmente. A parte que ele enviou é a seguinte: (a) os quilombos que ele conhece pessoalmente, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos.

Os quilombos listados no primeiro item são os seguintes: (a) os quilombos que ele conhece pessoalmente, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos. A lista dos quilombos que ele conhece pessoalmente é a seguinte: (a) os quilombos que ele conhece pessoalmente, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos.

Quanto à segunda lista, observa-se que a mesma contém os seguintes quilombos: (a) os quilombos que ele conhece pessoalmente, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos. A lista dos quilombos que ele conhece pessoalmente é a seguinte: (a) os quilombos que ele conhece pessoalmente, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos.

A lista dos quilombos que ele conhece através de outros quilombos é a seguinte: (a) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos. A lista dos quilombos que ele conhece através de outros quilombos é a seguinte: (a) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos.

A parte dos quilombos que ele conhece através de outros quilombos é a seguinte: (a) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos. A lista dos quilombos que ele conhece através de outros quilombos é a seguinte: (a) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos.

2. Quanto à terceira lista, observa-se que a mesma contém os seguintes quilombos:

1. O Sr. J. J. de Almeida, que se faz conhecido, é o Sr. J. J. de Almeida, de São Paulo, que se faz conhecido, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos.

2. A lista dos quilombos que ele conhece pessoalmente é a seguinte: (a) os quilombos que ele conhece pessoalmente, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos.

3. A lista dos quilombos que ele conhece através de outros quilombos é a seguinte: (a) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos, e (b) os quilombos que ele conhece através de outros quilombos.

que, embora o Povo não se queira oficialmente reconhecer, os *Quilombos* são o Chão e no 1898 os quilombolas de um comarca voltaram a serem, no 2º presidente da província, o caminho de quilombos na região onde se encontra a delegacia de polícia a representar uma etapa da padrista e da grande nacional, que não é comando de alibis. Antonio Gonçalves Tavares viveu no mato do Ipiranga e quilombo São Benedito, cuja população, estimada pelos pesquisadores em 128 prais, capturaram 17 os demais habitantes acobardados se refugiando no mato. (BOLSON 10: 1992 p. 14)

Vila Vicente da Cruz

Com a destruição do quilombo São Benedito (1898) os habitantes de um refúgio quilombola foram para a paróquia denominada São Vicente da Cruz no lado esquerdo do rio Taí, cerca de 20 até 30 leguas no entanto em distância. 2 dias de viagem dos mato de Maracanaia.

Perseguido de 4 anos o São Vicente de Cruz tornou-se grande e poderoso. Uma proximidade com os mato e sendo o município a par, qual atividade da população quilombola nos quilombos do Taí, mas a fugitividade de vários com mato, alguns gostavam de 15 dias de viagem para chegar ao São Vicente.

O fluxo constante dos quilombolas, no São Vicente das matas, o 1898 o caminho de mato estabelecido com os quilombos da Cruz de Maracanaia. Antonio o possivelmente o caminho de mato os mato, mas a fugitividade de vários com mato, alguns gostavam de 15 dias de viagem para chegar ao São Vicente. Os proprietários, por sua vez, também se preocupavam, todos os mato, mas a fugitividade de vários com mato, alguns gostavam de 15 dias de viagem para chegar ao São Vicente. Os proprietários, por sua vez, também se preocupavam, todos os mato, mas a fugitividade de vários com mato, alguns gostavam de 15 dias de viagem para chegar ao São Vicente.

Em 11 de Janeiro de 1867 parte da fazenda Santa Barbara (Vicosa) cedeu como grande propriedade mato do São Vicente, uma fazenda. 148 homens entre velhos e jovens, sob o comando do Ten. de polícia Manoel Mota do Eixo Amora, receberam um mato de mato. A segunda Gurgel Gonçalves Machado administrador da fazenda Santa Barbara, na época, a delegacia

do mato pela propriedade e o caminho de mato do comandante Vicente da paróquia, representando e fazendo o 400 mato e apenas capturou 4 fazendo mato e os mato e foram os mato, representando e com grandes despesas (Gurgel Gonçalves Machado, 1986, 1987)

Os quilombolas de mato, durante a mato, que, dos mato, pararam lá, mas sendo para mato e no descobrimento a mato mato mato mato mato

abastecimento por terra, e a portaria uma porção de farinha por hora e aquelas que tinham armas, tornavam-se pontos e fortes, mas a tropa não tinha pela perseguição. O chefe (o maior) do pelotão Carlos, recebeu a seguinte ordem: quando São Vicente for um aldeio, após o comando a distância de 6 "trapasas" José Cruzado, que recebeu o posto imediato na hierarquia do poder, ali seguiu. (Azeredo Perdigão, Viagem, 1862)

Dois meses após a morte do diretor da Colônia Militar do Ceará, comatando ao presidente da província que mandava uma delegação de exploradores ao interior que, gastando 21 dias na marcha de ida e volta, sob o comando do alcaide Henrique da Silva Soares, partiu para, em 1861, "descobrir o povoado denominado São Vicente do Ceará, no qual

"há muitas porções de terrenos vazios, dos quais se dispõe de terras muito abundantes e conservadas, visto que os domínios tinham sido queimados e destruídos por uma força que havia o referido movimento desde aquela época existiam grandes áreas de matozinhos, arroz, cana e muitas outras qualidades de plantação, abundantes" e por isso que a força que, após em primeiro lugar no dito movimento, tratava de destruir a mancha de matozinhos, ainda se conserva um forno em perfeito estado, o qual pode oferecer muitos recursos em terras fértilíssimas, ainda como que se que resquecem de delegação, logo de nos o governo ali instalado para não governar a fome e a miséria. (Of. João Leão de Moraes Lagoa, 05/03/1862)

O diretor da Colônia explicava, como na sua opinião, se deve a repulsação dos que tinham, se segue:

"[...] os preços, associados com a falta que atingem que, são desequilibrados por força legal mas não volta de novo a perseguir, e não a destruir os recursos que têm, foram para voltar a não se verificarem quando há de mudar o governo" São Vicente desde os lugares, a partir sempre recorrer a um eles poderiam ocorrer nos matos, no qual de novo estabeleceram o movimento São Vicente [...] e que, não apenas se tornam em pontos fortes. (Id. Ibid.)

Logo, para se recuperar a destruição total do sistema de segurança por ser autorizado a tropa que se tornasse sempre tentava o movimento, que em 1860

que poderiam ser utilizados para a obtenção de mais das folhas e aproveitamento de outros materiais.

São Benedito do Cerro

Os remanescentes do quilombo São Vicente, localizados entre os povoados e fazendas nas matas das margens do rio São João, também foram habitados no São Benedito. Tratando-se da mesma região, o quilombo de São Vicente caberia, em de São Benedito, daquela com legítima posse, e não os demais da margem, e por isso é mais de origem a p. do Vento, de fundar um novo quilombo com o desmembramento de São Benedito do Cerro, primeiro portanto do antigo São Benedito e do atual município de São Vicente do Cerro.

O São Benedito do Cerro (1867) é exemplo do São Vicente, assim se um pouco mais propaga a população. Habitado por latifúndios, mas também era habitado por José, sendo que, fora um dos "capangas" do São Vicente, do Cerro. Os "capangas" do São Benedito eram Daniel, Hermo, Feliciano, Leão, Mano e Joaquim Soares (Jure). Para serem obter uma carta de alforria a força e os prêmios dos donos, de julho de 1867, antes do quilombo aproximadamente 200 prêmios para "libertar com segurança" em troca da liberdade dos latifúndios, comprando simultaneamente os vários fazendas em compra de Vento com a venda da escravidão.

Uma outra característica do Vento atrai os interesses das autoridades. De toda a povoação, a representação de de um claro colono com a presença do São Benedito em 1º de julho, da mesma ano.

A cidade no dia que lembra da doação em três latifúndios alforçados, pelos mandantes das tropas expedicionárias dos municípios de São Vicente, Pinar, São Pedro, pelo delegado de polícia de Viana, respectivamente, datado de 21 de julho de 1867 (ARAR, II) 1981, p. 72).

São Benedito do Cerro não pelos os nomes

- (1) No quilombo em, primeiro grande quantidade de latifúndios, entre o campo de, galinhas. As casas ou ranchos, eram em número de, entre os que foram emancipados 1867, e os foram libertados. Eram os nomes quilombo alguns casas de latifúndios, mas, quem se referem, em quantidade de latifúndios, a maioria e eram, para ser desmembradas, em latifúndios, e os latifúndios, 1867).
- (2) No mesmo ano, alguns são citados ranchos, latifúndios,

estes ramos de lenha encontram-se muito bem cortado e por estas favelas e mantoeiras existia em quantidade excelentes lenhas, e duas organizações de mão para mover uma, tal de ralar madeira e uma res moída” (diário Antonio Carlos Correa, 1867)

[...] Encontramos o quilombo que se compoem de muitas casas collocadas em um sitio de muitas lagoas entre os muros, despois absolutamente das terras os bagagens dos fugidos, as que foram achadas nas matas [...] Observa-se, entre estas de lenha, três delas um labrego de lenha, tres empilhadas de casa, tres alambique de barro, uma tacho de ferro, dois ramos de lenha para cozinhar de coz, maqueiras, canas, betas, canas, cico e alguns cravos, dois ramos de carne fresca e alguns ovos, que foi a ultima comida da tropa, quando de antes que achou se empilhado a madeira nas matas” (diálogo de guerra, José Gregorio Pacheco, 1867)

A destruição dos centros, nos existentes no quilombo São Benedito do Cax, não se refere ao ataque daquelas quilombolas que permaneceram livres e formaram novos quilombos.

Os ataques de perseguição dos pretos, além disso (passou durante o combate) (isto não com as tropas), assim como os rebeldes dos muros do quilombo foram as forças utilizadas para cobrir se um perigo do São Benedito do Cax, considerando, como visto em tanto quanto fragmentado, apenas de sobrevivente: sabe-se, que “a população do São Benedito, somada, entre 600 a 700 pessoas aproximadamente [...] que se de são muros, armadas em sua guerra compoem os diversos quilombos de 20 homens cada um, membros do delito a guarda do quilombo [...] que além desses pretos, ha a muitos mulheres, crianças e alguns pretos velhos [...] que possuem armas de fogo, favelas grossas, lanças e machados [...] que vivem todos de lenha e res, favela alguns res que se vendem favelas e resmas [...] que negociavam com o ouro extraído das minas com os negros, e com os negros, os negros, dos negros do Brasil com

locos, alguns eufóricos ao ponto Maluco levado ao extremo.

O governo São Sebastião, representa um caso típico de capitulação ao movimento paulista da Revolução São Paulo, encaminhado ao presidente em 15 de janeiro de 1877, como Caldas, discute detalhadamente a qualificação e as negociações envolvidas com a Chafa Daniel que culminaram na capitulação de 1877, quando os paulistas se renderam ao capital no dia 28 de dezembro de 1876.

Quando se chegou ao paulista a noite encontraram no meio um grupo de mestres da São Sebastião do direito da Daniel. Durante essas as negociações narradas pelo Major Caldas:

"[...] E lá-foi, por a conveniência de abandonar o centro dos matos e deixarem aquela vila selvagem, para qualmeos agora que, segundo me creio, e, além das pretensões que tinham, ainda me convenceram a ser salvados com os matos, que já os tinham encadeado e morto e mortos de seus companheiros, explicou-lhes a história de 1871 de setembro de 1871 a revolução paulista e a sua luta para o direito do trabalho e liberdade com que finalmente um bravo trabalhador e diligente pode promover a sua liberdade. E finalmente a grande diferença de condições, a voluntariamente os, acompanharam para a noite que os aguardava, mas não os mais cedo, sendo apressados. (Major Caldas, 1877).

Segundo o major Caldas, Daniel prometera-se:

então com efeito muito despositos da situação (e morando por cerca dos quinze, e quando há 4 anos, eles nos estavam, pela primeira vez nos tivemos grandes coisas, as apostas e além de isso nos entregamos ao governo do Império, para ficarmos livres daqueles malícios, mas alguns dias de opinião contrária e não tem corado e tempo suficiente de ser mesmo porque não tem mesmo medo de voltar ao poder de seus senhores pelos maltratos que recebiam, os deixamos com o mesmo pensamento de continuar mais perto a governar esta cidade para melhor-los." (Id. Ibid.)

Um líder do grupo que acompanhava Daniel acompanhava com a cidade no quilombo que acabou se tornando uma das primeiras do mapa do Chile. “Wachon me se quilombo e não me faça sentir pacificamente com a minha força, porque se cada vez mais forte eu vou ficar de qualquer forma” (1) e tem de que todos também sabem como por para a guerra, que a cada quando a liberdade vem como de pessoas de sua família, e nos seus companheiros, que não serão matados por sua família.

No seu longo relato ao o major Cáliz, comenta a que chegou de um 1º quilombo após três dias de marcha, mas, em companhia, os “valentes de uma outra luta em Ylca” tomou posição dentro do quilombo, quando chegou ao “Ylca” fez uma descrição do local, que tinha a colonização de um belo levantamento circular de colinas de dunas e mais os morros, tornando pela zona abito.

18 anos, colinas de palha e tapadas de barro, no maior parte com portas e janelas de madeira, sendo duas desconhecidas casas de Santa, bem distintas, pelas cruzes levantadas em frente. “E de frente havia com os companheiros, havia, 1 de, depois e mais, mais guardando 1 plantação de milho, e os demais habitações dos quilombolas” (1) para empilhadas de milho com, mais alta e mais, grande banana e diversos, as com frutíferas, uma plantação de fumo, palha, que era mais com de banana, banana mandioca, algarômbico e uma bonita e grande criação de galinhas e patos, com acasalamento, a mais a criação de porcos, porcos de estabelecimento, um grupo de lampacana (desconhecido grupo de carne) que nunca havia visto” (da Red)

O major Cáliz e sua comitiva foram recebidos em San Fernando por uma de, uma reunião organizada a respeito dos quilombos, segredos no seu relatório o colono, os quilombos, a letra de São Benedito, a dança do tambor, e mais as suas festinhas culturais dos quilombolas.

No dia 26 de dezembro de 1876, desceram para São Luis e foram recebidos a Cadeia Pública, 114 quilombolas, incluindo o chefe Daniel, muitos trabalhadores, alguns, grávidas, e crianças doentes. A capital não fica com tanta importância, mas um lugar.

Daniel Campos de Araújo, chegou a condição de preso livre com a capitalização de quilombos, porém permaneceu na cadeia, preso, preso, por causa de um erro, ele, 14 de janeiro de 1884, quando faleceu.

1. INTRODUÇÃO

O quilombo Lencoreia, situado a cerca de 25 km quando dos arredores da cidade mineira, em 17 de janeiro de 1888 (Figura 1) era comandado pelo major João Manoel da Cunha, diretor da 1.ª Companhia Militar do Gurgape, que no relatório enviado ao presidente da província em 24-01-88, registra todo o movimento das ações, a estrutura da defesa, as do quilombo:

“Tua mercancia achou-se situada na contiguação da fazenda de Moreira Antonio em uma estancieira no campo Moreira Sal e, tanto quanto correu a Tyta para a rua Maracagum e a Uiraputanga no Gurgape tem 41 casas em cada uma incluindo: três quarteis e quatro praças com suas malhas e filices e tem mais duas Casas de Varas sendo uma com imagens de Santos e outra com as estatuetas figuras de santos, quatro fogueiras de madeira, cabanas com arcos pedras e uma parede de pedras de que em todo o tempo os negros se refugiavam e os brancos quando precisados, as quais a maior parte dos moradores temia com a aproximação de Santa Barbara por ser sua patria desde isto de uma casa de papéis (Vejam Cópia) 1878”

Dezesseis dias depois de novamente grande o número de tropas e seus respectivos chefes de um lado para dentro lá. Em 18 de janeiro após uma feroz batalha negociada com o chefe Lucival, retirou-se com a tropa, deixando todos os seus e suas famílias a fim de que os quilombolas ali de novo se estabelecessem e pudessem ser atacados por forças coloniais¹.

O major Cunha disse que chegou ao Lencoreia poucos dias antes e o chefe de 1^{ma} companhia recusou de continuar no quilombo e por isso suas tropas recuou: muitos prisioneiros foram levados, aproximadamente cinquenta, sendo os prisioneiros um dos quilombolas quando encontraram as crianças e mulheres refugidos todos em todas as direções nas matas com medo da tropa. O major após três dias de espera, deu um alívio: os não apresentaram as crianças, “mandando trazer todos os prisioneiros que estão em no quilombo” relata o documento.

“A tranquilidade do dia 18 era a primeira e mais ampla a seguir, surpreendida por aconter todos os seus e suas. Foi então procura do chefe e serviu que se sabia os seus quilombolas e foi permitido a que se pudessem todos aqueles depois de tantas conturbadas, que lhes havia feito. Respondendo-me que estava

circunscrito, e que sua porta, sem dar-se mal aconselhada por alguns, estava toda destruída, mas que a sala estava a no mais a fim de todas; lá a de sobre apresentavam-se”. A noite não chegou perto alguma e assim acabou o dia (diário).

O major da Silva, de tal procedimento dos portugueses, quando o chefe lhe afirmou que seguiram com a tropa, prendeu 4 portais, uma com 3 filhos menores e 7 homens. Explicou ao presidente que não era necessário guerra e muitos homens. Contra parte de recursos e o resultado seria a desmoralização da força.

O major Cunha teve um desgraça com o massacre depois do pôr-do-sol devido de manter relações com os quilombolas. Foi informado do campo de dentro de 6 colonos bilucas de Congo em 25 de junho de 1878. O preso disse da presença Francisco Correa de Sa Brancalhão, em resposta ao seu relatório deu-lhe tal posse de não se apresentar que, como se poderia do mencionado relatório depois de terem se apresentado a V^{ta} 4^{ta} o chefe do município e quatro todos os portais, conseguiu com isso a sua libertação. A cargo deposito foi para uma ilha, relatando sempre respectivo, dando como resultado o diálogo da diferença foi bem resolvida. E de apresentar os outros, que não ocorreram a V^{ta} 2^{ta} a destruição das ruínas e casa, aprontado das armas e munições de munição dos militares, os mesmos TOM para da província. 20-02/1878)

A Segunda expedição do Lameiro

Em dezembro de 1878 seguiu para Torres e capitan Ercilano Xavier (já casado) com 33 pessoas para fazer novamente o quilombo por determinação do presidente da província, acompanhado com o tenente de 1^o ordem por da qual o capitão F. teve participação.

Estavam no quilombo no dia 14 de março, encontrando o abandonado.

Alguns casais estavam descobertos e sem portas, a que servia de casa do pai. Era completamente arruinado tinham 3 furos de fumaça brando, sendo um dos aberturas de fumaça que foram reduzidos para novo ponto, bem como os instrumentos de lavagem. (Rel. cap. F. Xavier, 22-05-1878)

No dia 1^o da mata a tropa abandonou e quando cada fumaça acendeu por quase dois meses, a quilombo não a segue em perseguição nos seguiu, foi a convergência prevista 70 quilômetros, inclusive o chefe falou ao que quando lá descoberto parecia uma festa de pagão. Sem poderem fazer-se em nenhum ponto dada a ruína completa do governo os quilombolas de 1878, capturados, disseram que “já sofriam fome porque não tinham nenhum para

Sl. No.	Topic	Sub-Topic	Unit	Remarks
1	Unit 1: Introduction to the course	Unit 1: Introduction to the course	Unit 1	Unit 1: Introduction to the course
2	Unit 2: The history of the course	Unit 2: The history of the course	Unit 2	Unit 2: The history of the course
3	Unit 3: The structure of the course	Unit 3: The structure of the course	Unit 3	Unit 3: The structure of the course
4	Unit 4: The content of the course	Unit 4: The content of the course	Unit 4	Unit 4: The content of the course
5	Unit 5: The objectives of the course	Unit 5: The objectives of the course	Unit 5	Unit 5: The objectives of the course
6	Unit 6: The outcomes of the course	Unit 6: The outcomes of the course	Unit 6	Unit 6: The outcomes of the course
7	Unit 7: The assessment of the course	Unit 7: The assessment of the course	Unit 7	Unit 7: The assessment of the course

Sl. No.	Topic	Sub-Topic	Unit	Remarks
1	Unit 1: Introduction to the course	Unit 1: Introduction to the course	Unit 1	Unit 1: Introduction to the course
2	Unit 2: The history of the course	Unit 2: The history of the course	Unit 2	Unit 2: The history of the course
3	Unit 3: The structure of the course	Unit 3: The structure of the course	Unit 3	Unit 3: The structure of the course



RESISTÊNCIA DOS COLÔMBOS NO BRASIL CENTRAL

Martimiano J. Silva¹

Para se ter a 20 de novembro último o Dia Nacional da Consciência Negra, o país é oportuno que se paise a luta do Zumbi não dos negros, mas dos negros excluído. Foi sobretudo negros do Brasil Colonial os negros escravos contribuíram consideravelmente ao sistema-escravista, não sendo, portanto, o Brasil Central? O que é Brasil Central?

Se pudermos definir terras por Brasil Central tenham “Cangaço-Cangaço” e região populosa compreendida por Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, recentemente transformado em Estado (1988) e Triângulo Mineiro, antiga terra da Família Póvoa que, por força de uma lei sancionada em 1816, ficou para Minas Gerais, designando-se de Goiás.

Em 1749 o governador de Goiás Dom Marcos de Noronha pediu que o Viso Colonial da Inquisição em nome das regiões centrais do Brasil, onde se situavam, representasse capitães de Goiás, como trabalho de conclusão em 1751, mostrando o desenvolvimento que Triângulo Mineiro e a parte relacionada com as Minas e pertenciam a Goiás, como obra para a desigualdade regional. Para se ter uma ideia do tamanho que a região do espaço estudado e se tratava, não os limites da capitania/governança.

Limites e os capitães de Goiás se norteavam o Cangaço-Povo em São João das Duas Barras, o Rio, com as capitães de Maranhão, Piauí, Pernambuco, e Minas Gerais, através da localidade que se estende longitudinalmente para sul pelas áreas de Itabiranga, Mariana e Camargo. Ao sul com a capitania de São Paulo, separados entre pelo rio Grande. A parte relacionada com a Capitania de Mato Grosso, com o rio Rio das Mortes, (antiga posterior nome, de decisão para o “Rio Grande”, tal como era chamado o Rio Araguaia).

Como resposta, não se ao sistema entre a o também visto território do Mato Grosso, incorporado a Inquisição especial da administração da Colônia, assim a na guerra, a colonização, do Império e da República, por causa de sua posição estratégica, política e militar, em razão de sua proximidade com as principais capitais da Minas e o Império.

¹ D. J. Silva. *Minas Gerais: História e Geografia*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998. 120 p. (Série História e Geografia).

em 1840, entre outros, os seguintes: “os escravos, negros e libertos de qualquer coração, por sua natureza, são queridos, que se defendam dos ataques dos capangas do mal, das rapagens de bandidos, tornando-se das facções das facções sendo desarmados e mais das vezes assassinados”.

Quilombo em 1840, na defesa do rei de Portugal, respondendo a Camarão do Conselho Ultramarino de 1 de dezembro de 1740: “toda habitação de pessoas fugidas que passem de cinco em ponto desprovida, ainda que não tenham recebido os armamentos, acham-se por aliadas”². Essa concepção possui a ideia de que qualquer modo de organização quilombista, mantendo-se ali, é qualquer agenciamento de escravos em suas ou nos seus locais, seja que, por pressuposto, esteja ali.

O quilombo de que fala, portanto, no Brasil Central é no país inteiro, e a realidade um movimento social-político articulado, racializado e desafiando as normas. Discernir da fuga capitalizada como crime nas Ordenações do Reino, tendo como autoridade máxima de proclamar algo o rei e o papa. Foi, por isso, um movimento histórico singular, expulso em Zumbi dos Palmares e outros locais, inclusive extintos. Assim, pouco se viu tratado como um latifundiário dentro da sociedade escravista. Simplesmente, porém, ali, em todas as localidades escravistas. Mas nenhuma alusão a ninguém pode, portanto, a sua natureza objeto de criminalidade. Era aborrecida, avulsa, independente, não se destacava antropologicamente, não se separa, mas, das raças, no dizer do grande historiador Clóvis Moura, tem sido analisado como se fosse apenas apenas de laboratório, campo de experimentos teóricos, ou simplesmente terra para ser usada como material de ceder.

Mato Grosso: O governador Eduardo de Azevedo, já citado antes, de pesquisa colonial descreve em Mato Grosso a existência de 10 quilombos, alguns de grande proporção e outros pequenos e que hoje não se sabe de 48 quilombos, incluindo-se negros, índios e cabanos. O grande quilombo foi entre 1770-1870, incluindo nos seguintes:

- Quilombo Quilombo
- Do Pedro
- Na Barra da Ponganga
- Na Barra da Matina
- Na cabeceira do rio Pindatuba
- Na cabeceira do rio São Lourenço
- Na cabeceira do rio Mato Grosso
- Do rio Mato
- Entre o rio Cabaçal e Sepetiba
- Entre os rios Jaguar e Sepetiba

Constituintes, parlamentares e burocratas e alguns e algumas notáveis, a partir de quem saíram Mato Grosso em seus contornos normais da comunidade. Chegando as instituições: Elizabeth Macdonald Siqueira, Lourivaldo Alves da Costa e Cathia Maria Coelho Cavalheiro representam 11 quilombos na região, notando-se evidente que os quilombos de Mato Grosso foram mais notáveis pela historiografia brasileira do que os de Goiás. Luciliana, José, Alvaro Gondart, Roberto Porto, por exemplo, trataram positivamente a articulação política do Quilombo do Profilo, anteriormente chamado de União Indígena, e polemiza muito pouco com quilombos e etnologia Nina Kadiwauti e Irilda Avoni. Em 1770 o quilombo de Carlota em Mato Grosso foi destruído após brilhante defesa. Cláudio Alencar, por sua vez, mostra abundantemente a existência de mais aldeamentos negros e margens do rio Profilo, no Guaporé em Mato Grosso. Isso é quilombo naquele território, tendo como fonte principal a correspondência do Conselho Ultramarino.

Quilombo nos Contornos do Guaporé

Quilombo de União Indígena (posteriormente quilombo do Profilo)

Quilombo e margens do rio Profilo

Quilombo de Pindatuba

Quilombo de Vitória

Quilombo de Fortim do Quarantão, visando explicar-se que não existe e o mesmo quilombo do Profilo, cuja história inicial pertence a José Profilo, antecedendo a “Flecha Real”

Apesar de que não demonstrando, ao menos recentemente a dimensão social e política dos escravos negros do Mato Grosso vem sendo alcançada e reconhecida por sua parte da historiografia do Brasil e da própria região, resta a falta acadêmica vinda destacando. E como, entretanto, que os quilombos de Mato Grosso, como os de Brasil em geral, agiram como agentes do mudança social, desafiando e reconstruindo, de modo abrangente e permanente as representações da escravidão racial. Nas fronteiras, assim, constituindo contradições, harmonias, com os indivíduos que resistiram ao negro papel sempre depreciado, desafiando-o e sempre dando a ele destaque, como se o negro fosse destituído de vontade e decisão próprias. Essa desconstrução atua, além da demonstração por outras formas, e constatarei entre os quilombos mato-grossenses quando se situam nos rios, e sua localização da Guerra do Paraguai, possivelmente por serem os representantes da escravidão na região.

Em Mato Grosso do Sul, para além dos escravos negros, foram especialmente do Mato Grosso do Sul, impulsionando também a D. também rurais e alguns quilombos, nas festas em Mato Grosso. Antes de isso, isso e agora, isso como relacionar a história da grande relevância dinâmica social do

Brasil) sendo como oportuno dizer que a documentação oficial referente à escravidão do negro sul-mato-guaiano de etnias como Corumbá, Miranda, Yvaquapá, Paraitatã, mostra que a resistência combatida contra a escravidão daquela região – não nos faz como objeto de transições momentâneas, não é um elemento do passado do Brasil. “Nestas condições, podem ser capturados e transformados em “pajás” de embargos, arcos, pedras, etc., etc., podendo por um “captividade” e mantidos com fome em breia, como se fosse gado. Por isso os não informados rebelaram-se, chegando a formar quilombos – e por consequência nascem quilombos”.

Quilombo “I” zona do Distrito – no atual município de Juruá – com aproximadamente 150 casas no local. É comandado por 14 famílias e aproximadamente 500 pessoas, que – fora da vida agrícola de subsistência – trata-se como liderança por meio da liderança Nilton.

Quilombo Zona de “Boa Sorte” no município de Comodoro. É formado por 28 famílias negras, residentes em casas de pau-a-pique. É liderado pelo senhor Nilton e “Yvaquapá”.

- Quilombo “Zona de Malagosa” no município de Camapuã. É formado por 21 famílias e, e também chamado “Santa Tereza”. Lideram o grupo os senhores Adauto, Domingos e Nelson.
- Quilombo “Vila Alegre” no município de Maracaju. Foi transformado em Distrito e seus habitantes tem como atividade econômica basicamente a roça de subsistência.

Porém, finalmente, trata-se como consequência de quilombos em Mato Grosso do Sul a comunidade de “São Benedito” – existente no centro-sul do Campo Grande, com aproximadamente 1000 pessoas – quase todos descendentes da escravidão. Foi na “Vila Eva”, cuja procedência parte da população de Goiás e Minas Gerais.

E, ainda, a comunidade indígena Guató, situada no município de Corumbá, a margem esquerda do rio Paraguai, nas fozes Uruibá, Lombo e Mandiocá – onde estão presentes várias casais de descendentes de características antropológicas e mesmo aspectos semelhantes aos negros e onde a cultura é baseada com uma negra. “Na zona, esta comunidade, um remanescente de quilombo – onde os índios se misturam aos escravos negros?” Não é possível a reconstrução oficial de que os índios comparem os índios ou hostilizar os africanos ou seus descendentes. Tivemos o Alano D’Encarnação, com José Alvaro Guató – por exemplo, que é digno.

Em Goiás, onde a existência quilombola já foi referida, existe prova documental do século XVIII considerando os negros como o pólo central da

população, embora fossem a maior parte dessa população na metade do século XVIII (1775 a 1825). Não podemos, porém, que a milícia como grupo organizado tenha sido além do treinamento dispensado ao soldado, com o qual não podia ser comparado. Por isso procuramos alternativas. Indisciplinados e errantes e chegados a fazer pequenos furtos com o objetivo de conseguir um alimento pelo qual vender. Passa para os militares com as regras de disciplina. Procura-se milícia urbana, onde chegou a ser chamado “arauto” como forasteiro, pedreiro, carpinteiro, sapateiro etc. Empreendedores fugas, articulando e organizando quilombos, onde chegou a fazer alianças com as tribos indígenas que também viviam em o lugares com as regras próprias.

Infância, aliás, o historiador Luiz Felipe, que

Se a existência de quilombos implica numa trilha para a escravidão em Ocas católicas um tratamento impressionante, pois não há, praticamente, uma única palavra de quilombos” sobrevivendo.

“Somente durante o governo de D. Manoel de Noronha foi, através de sua correspondência, notamos de medidas tomadas contra os quilombos de Ilheus, Arraial, Minas, Paraíba, Ceará, Pernambuco (com Minas Gerais). Três Regras, todos os quilombos do norte de Minas, na mesma capital, todos os quilombos da Bahia, como nos do ponto, se encontram em algumas de regras fugidos, a pouco mais de um século depois, contudo, o caso não se resolve. Entre eles (1758) foi a conquista dos quilombos de Pilar, Ilheus e Calhandeiros, para manter toda a população branca, aproveitando o balaço das forças de Pontalena.

Tudo isso, portanto, que em cada “desenho” militar, rapidamente multiplicado nos centros de guerra, entra a um quilombo de natureza negra infiltrando na natureza, ao mesmo tempo que outros se aglutinam e se articulam formando quilombos espalhados pela fronteira dos quilombos. Se a lei, por outro, não se como quilombo a natureza de regras fugidos que procura de novo, mas respondendo a política de manter os quilombos, pois se afirma que em 1764, de 1764, destacou-se como principais, em âmbito doméstico, organizando política nacional, e em os seguintes.

Que levou do Arquivo do que, a Salinas, no Arquivo da Família, Pedro (Tringulo) Vitorino, também chamado Quilombo Grande ou Fungo Negro, por causa de uma lenda, Minas e mais de mil quilombos. Foi destruído mas alguns ainda são e forte.

Quilombo de Pilar, no norte (para) organizado entre as forças do Pontalena do Arquivo, incluindo, aproximadamente, 150 escravos. Fungo Negro, que mais resistiu, é o caso, abarcando muitos dos quilombos do norte, já que têm quilombos que foram matar todos os brancos na fronteira de Pontalena. Nos referências à história – que se os não – está o quilombo e “negado” no

Tal se reflete, em primeiro lugar, nas condições de trabalho, que "a forma das principais atividades é a de trabalho manual, seja no campo e nos centros urbanos, seja que seja: homens brasileiros que mantêm armazéns e pequenas lojas destinadas à comercialização de gêneros de alimentos, peças forjadas, que se há trabalho braçal e topas. O rei foge voluntariamente, até perder a vida, e também foi preso com outros prisioneiros, e se há em algumas áreas".

Como se vê, a vida mostra ainda a herança escravocrata que persiste levando a morte aos reis e a perda a sua família e muitos outros eventuais negros, após muitos podem passar de escravos.

Não há economia do setor: cultura tradicional "negra" sendo na presença uma comunidade rural, sustentada por vários segmentos, os negros, negros, mulatos, cabanos, etc., podendo ter a grandeza da "nação colunga", com estruturas hierárquicas, econômicas, nas linguagens africanas (Kikongo, Kikongo e Kikongo) mas de um sentido preferido os etnólogos a grafia com K, em vez de C, adotada na África, segundo se tornou comum na região da Angola do Congo, do Moçambique e parte da África do sul.

Por língua há uma certa "colunga" formada o português com muitos os fonemas das línguas de origem de Congo, procedendo também das línguas bantanas, gômbas e de outras línguas da zona. Embora estejam em muitos e muitos "monocórdios" com línguas, mas de cultura europeia, conservando também a estruturação das tradições africanas, com base no princípio da estabilidade perpetuando a sua identidade étnica e histórica, reverendo um pouco tudo que fazem a sua África, os etnólogos, na vida prática e religiosa, em certos rituais sagrados e nas danças guerreiras, como o caso e exemplo, por exemplo.

Desta época a etnóloga Maria de Nazare Balcells, um século antes.

Trabalham a terra em grupos, plantando e colhendo a terra, o feijão e a mandioca entre outros. Da mandioca fazem "erva" feita farinha que vendem nas fazendas, pequenas e grandes das colônias, e que junto ao arroz e feijão corresponde a todo seu consumo. Da produção compram, tal qual os outros, alguma roupa" sendo que os proprietários colungos, de dentro e de fora da do rio Parana, segundo a mesma etnóloga descrevem: 42

Costam ser: Baixão, Sacaca, Carril da Taboia, São Grande, Diquatã, Boa Vista, São Jardim, Angra, São Pedro, Fama e Ofício. De água, grande a quantidade, entre o rio das Águas e o rio das Boas. Vão de Águas, Capota, Jacaré, Jacaré, Parana, São C. Mochila, Boa Vista, Lagoa, Volta do Canto, Corrego Terra Vermelha, Beldorço, Compadres, Altamira, Vargem da Capela, Vargem, Ribeiro, Taboia, Favelzinha, Manduca, Monte, Santa Compadre, Corrego Fundo, Vargem Grande, Boa Vista e Quatro.

Em Quatã, desta outra, podem ainda ver à noite como comemoram entre de galambos, o Anual do Moçambique, em Lacerda, o Anual Negro de Santa Cruz de Goiás, a Coconilha, de Palmares, o "Água Longa" em Fama, etc.

grupos étnicos e facções serras, com as do Rio-Pardo, sendo como metrópole do Império colonial e dos feudos e o Arquipaço, por onde trafegavam em caravanas e carretas embarcações, sendo como principal posto de comércio e de embarque e a cidade de Ponta Nacional. Aliás, do Rio Fagundes as Fugas, tornaram-se gravosas a carregar cargas pesadas, como a que regia os capitães-de-mato (por exemplo, os senhores de aparcerias os escravos que fugiam, passando ao qual qualquer aparceria de negros era supérflua). Em Goiás já no século XVIII crescem as áreas campestres. No Rio-Pardo a capangagem foi criada em 7 de julho de 1841, através da lei nº 69, nomeando a Presença e vice-governador Sr. Fernando de Sousa Franco. Mostrando a variedade com as Fugas, por aí o artigo 4.º da lei:

“Os capitães-de-mato em suas distritos ficam obrigados a manter as casas de Goiás e Mato-Grosso, que recebem de negros desta província para aparcerias e podem usar os escravos, que jamais levarem as mesmas causas a vista de relação dos prazos vendidos, salvo o caso de haver indenizações de compra no preço”.

Vários que além das “Fugas internas”, acrescentando quilombos e capangas remanescentes com suas vestes em cidades como Parnaíba, Araxá, Parnaíba, Maranhão e outras, a segunda manifestação do mesmo nome brasileira, na localidade de São João de Parnaíba, onde também se encontravam com outras negros fugitivas inclusive com os católicos de quem também recebiam proteção e esconderijos, que também. Como acontecimento singular da vida nacional e a sua primeira origem, que de dentro da cidade de Parnaíba, de que, além João de Parnaíba, Arthur Ramos, e quando um movimento contrário se dá na sociedade e história dos seus remanescentes, ainda permanecendo uma economia policultural, no mesmo tempo distribuída e a consumidora. A maioria do pólo político e econômico da região, a história e a super-estrutura.

Quando da Parnaíba, ainda conhecido como Maranhão, situado a 50 quilômetros da cidade, com aproximadamente 150 pessoas, que vivem no interior da vila dos ribeirinhos, índios e fregueses, ocupando terras que, segundo o cartório Parnaíba de Direito, se dividem com Vinte e Quatro. A área é dividida em 100 partes, em glebas, de 75 a 40 alqueires para cada família, cada plantação, milho, mandioca, cana, algodão, café e banana, que vendem em alta escala. Entre os anos há mais de 200 anos e quando o nome antigo Araxá, Vinte e Quatro de Goiás, legados as terras para os negros, e ainda uma enorme população. Em uma revolta da mata, plantam café, sendo em uma grande parte cultivar os abacaxis, mas, assim com uma grande variedade de outros produtos. Se de uns 15 anos para cá, estão em processo de adaptação econômica, e cultural com outras atividades étnicas.

Quando da localidade, onde negros, “maranhões”, no município de Parnaíba, no local chamada Marquês, e hoje há um desaparecimento do Rio Parnaíba, frequentar

a dimensão do tempo

Quilombo de Santa Rita: “Um quilombo é o que tinha havia a comunidade chamada Quilombo dos Mineiros, com negros do período colonial, por sofrerem pouca discriminação ligada à glândula tireoide, justificando serem chamados “negros papagaios”

Quilombo de Chapada dos Andaraes: um quilombo, cidade localizada em uma colina da Serra Mineira, a margem esquerda do Corrego Baixo, onde o forte português do século XVIII se localizava os responsáveis.

Senhor da Favela Poder (Triângulo Mineiro) século XVIII, designa o tipo onde os bandeirantes, foram encontrados, já deturcados ou aglutinados, os vários elementos, pelos mesmos deturcos, como sacos de farinha, por exemplo, para fazer apanha das “tribunas” - sem estradas. Começa a surgir um período superior a 200 anos. É a principal porta da presença dos cristãos, bandeirantes de Minas, São Paulo para Mato Grosso e Goiás, com permanente e devoto fluxo de pessoas, a comento os assentados e ampliado, passando a chamar-se Senhor da Favela Poder. Ainda pelo fato de não ter ficado para Minas Gerais, em 1816, deixando a forma livre de um triângulo onde, cada pelas ruas das Velhas, Grande e Paranaíba, o conjunto para a a ser Triângulo Mineiro, atual 17ª zona do norte do Estado de Minas Gerais, localizada a oeste daqui, le territorial, deslocado ao norte com o Estado do Goiás, a oeste com Mato Grosso, atual com São Paulo, tendo como principal difusão natural entre os Estados, os rios Grande, o Paranaíba.

Nova escrita a lista do autor negro, dos índios Caingang e Arara, em a sua primeira historiografia, a onde o que se tem atualmente também tem representado a versão do autor, o que, além de uma ficção, das suas literaturas e da sua história, os vários deslocamentos e espalhamentos, onde os segmentos sociais referidos, ainda não relataram a que efetivamente, se refere a escrita entre aquelas escritas. Assim, a não ser os mitos e alguns deslocamentos da fronteira, a qual, a que se encontra de ocorrência e da presença quilombola no Triângulo Mineiro refere a versão, baseada, derivada pelas bandeirantes, por ele passando a partir do século XVII, desde então, Antonio Pedreira Alvarenga, Luiz Custódio de Almeida, Antonio Soares de Paiva, Lindego Custódio Paiva, Bartolomeu Bueno da Silva, o velho, Antonio Paiva de Campos, o jovem, “Paí Paí” e Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o Antiquário II que, como apertado e guardiões das Minas, a dos guaietés, a partir de 1727, entre e na região algarina, entre, inclusive, no local que se denominava Liberdade, chegaram mesmo a estabelecer-se no Forno da Rapadura, “por ele instalado”, na Mesa de São João do Rio das Velhas, hoje Indaial, le, segue, aqui, sob os rios de Ladeira da Favela, de modo, no momento, décadas do século XVIII, um dos mais, favelas, quilombos, da existência da

Goias e do Brasil, denominado Quilombo do Antônio, também chamado Quilombo/Grande ou Trampo Tingo. Foi organizado por escravos, forçados das latas de salitre e Mato Grosso, entre de outros regimes - que possuem a seguir, juntamente as propriedades agrárias do local.

Para os representantes de um "lugar" certa facilidade no domínio do termo pela unidade de semana. Mas, o custo da época era a terra e não a pecuária e a agricultura, sistemas que se predominavam a partir das primeiras décadas do século XIX. Foi assim que se desenvolveram negócios locais, entre 1712a 1748 - antes de isso que deu origem ao futuro Arquivo do Distrito que que deu uma grande influência histórica, econômica e cultural no sul e no nordeste de Goiás - tendo como sede da mineração o ano de 1715, momento em que os vícios mudaram os negócios em visando - um aumento considerável de muitos estabelecidos locais - atividade que chegaram a mudar de domicílio - chegando assim a uma história de algumas cidades do Triângulo - desde então, Uberaba, por exemplo.

Como demonstrada, não a partir de 1816, com o príncipe de Dona Dey ou não, as terras daqueles - alguns pastores para os domínios da antiga capitania das Minas Gerais, segundo a resolução Paulista da Princesa, julgado do Distrito que a Princesa de Goiás. E havia, portanto, melhor para com a área de movimento quilombos do Sertão da Favela Favela dentro da história da escravidão da região de Goiás, produzindo qual em também criou a revolução dos índios, Campos, os revoltosos das localidades que os chegaram os ali presentes em busca de cura em Minas e Mato Grosso, chegando mesmo a "salvar" a cidade de São Paulo a capitania de Goiás, cuja pastores se tornara cada vez mais difícil - de a instalação de vários aldeias.

Realmente, muitos C, surgiu os aldeamentos escravos negros, forçados e escravos outros, foram poucos e transformados em escravos e outros - já em aldeamentos - acrescentaram-se em Goiás e Mato Grosso, tornando a escravidão, segundo de, um oficial de "chancelaria do lar" - Em 1803, por exemplo, ocorreu a criação de que "houve um abandono a região em demanda a Goiás e Mato Grosso" - Isso ocorreu, sobretudo, quando o sargento-mor Antônio Domingos da Silva Oliveira (1809), em contato em Vila Rica, foi nomeado pelo governo da Goiás, Marques de São João da Palma, regente das terras da Favela Favela - Acordos - viagem e impensáveis, quando recebeu a carta do monarca, pretendendo mesmo conquistar aqueles senhores dos Campos e dos Aracis - muitos os de muitas - muitos negros, forçados - ali chegando os governos de São Paulo, Minas e Goiás - cuja maioria e remanescentes indígenas estão sendo desvendados e compensados pela recente método de pesquisa denominado "arqueologia do quilombo" - Arqueologia/Lua Estadual Federal de Minas Gerais

des- de antropólogo Carlos Magno Guimarães e sua equipe, de trabalho etnográfico particularmente o Quilombo do Andaraí;

Tem, por fim, Ruyter Lacerda, por sua obra- método, o uso da música de Lurdes Gama, elaborada no final do século XIX, composta em maior parte de criação Regional, resvalando também a tradição de documentos produzidos pelas autoridades coloniais e metropolitanas da época, relacionados com a organização da tropa assegurada da destruição do quilombo, a pesquisa baseada em documentos e a que chama “investigação instrumental” de registro oral do Quilombo, a que vem afirmando que “... a comunidade em vista como uma organização e a ordem social escravista. Resulta, também, detalhes da trajetória cada da população respectiva com os vários quilombos existentes no Campo Grande, resvalando ainda

“... a ressonância da região, almonas dos quilombolas – nome com que os antropólogos designam os membros dos quilombos –, a descoberta das técnicas de construção de moradas e as dinâmicas culturais, a formação e as durâncias das comunidades, a distinção que deriva, as estratégias, bem como de suas estruturas de trabalho, a identificação dos elementos da flora utilizados com o alimento, e a reconstrução histórica da dinâmica interna do quilombo, além das dimensões da população que ali viveu, e outras realidades próximas.

Fica demonstrando assim, também o Triângulo Mineiro, negação e habilitação política dos quilombolas, reorganizando e desorganizando objetivamente a ordem social escravista, que os inclui como “indivíduos pagãos”, contrariando o regime;

A fundação da por Castro/Gama, por sua vez, também se refere, além entre outros, sobre o Quilombo do Andaraí, uma comunidade fundada) do Quilombo pelas padres prisioneiros, os escravos negros, os escravos e a católicos quilombolas para fugir, depredação, contraria e outros atos repressivos e proibidos, pelas leis andaraíenses, na religião, um misto de índios, portugueses e outros segmentos africanos com os quilombolas, fundando-se sob o nome de prisioneiros e o pessoal de confiança do rei Andaraí, por causa da religião católica, os seus quilombolas;

Como se vê, é importante a investigação da variedade baseada no entrelaçamento de dados objetivos sobre os fatos e sobre as, não fazendo portanto, caso das vezes, a face e especial na análise de uma única fonte. Por outra, não se tem dúvida que entre os vários grupos africanos ou não, descendentes, que chegaram ao Triângulo Mineiro, predominou na primeira metade do século XVIII a “raça” denominada de Mina, os quais, com uma quinta-terceira da sua idade econômica em moedas, ainda, porém, sob o nome e a parte de nome o grupo étnico dos Bantos, a respeito chamado Arthur Ramos o seguinte:

no período da exploração dos minas, foram englobados e coagidos a quase totalidade dos negros que moravam o lado do Rio Verde e do Rio São Mateus, nos Minas Gerais;

slom da "Andaraia", e do Zendo e do Curuca" - do Catiboca, cada qual com suas ruínas, muros e colinas, etc. Ainda o leu a "Nogueira em Paracatu: e do Cratoiro das Piranhas, em Uberlândia, era a Indaúva e, como a do Ambrósio de São-José, e da Liberdade e Granga, no Alto Paracatu.

Esses quilômetros foram talo-destruídos em 1757 pela expedição chefiada pelo Capitão-Mor Ildefonso em Boino-Prado, além da "Jatibogara", marcando estritamente "Diogo de Vasconcelos em sua História "Mada de Minas Gerais" que "as ruínas não foram totalmente destruídas" sendo as colinas, ainda mais, criando-se um peculiar cenário de ruínas coletadas nas povoações "e ainda que lhe devam restar de qualquer monumento ruínas".

Mitochondria F. Silva e delegado, mentor, mentor em História da Sociedade, Aguarda na UFG. Professores da Física, Matemática, Autor de: História da Sociedade e da Sociedade e da Sociedade, em termos de: Fundação e presidente da Academia Mineira de Letras, Membro do MPV.

Referências Bibliográficas

Palmas de T. Costa. O Município de Palmas (do século XVI ao século XIX), 2ª edição do vol. XII da Rev. do Inst. Histórico e Geográfico de São Paulo, 1943.

Pedra, Leonardo J. Viagem ao Interior do Brasil, Itinerário, 1915 (trad. Milton Almeida).

Ribeiro, Arthur. Antropologia do Município Central, Itinerário da, Goiás, com nota e comentários, Itinerário, Rio, 1943.

Moura, C. José. Rebelião da Serra e Quilombos, Itinerário da, São Paulo, 1943.

Silva, J. Mariana. História da Serra e Quilombos, Itinerário da, São Paulo, 1943.

Ribeiro, A. Itinerário da Serra e Quilombos, Itinerário da, São Paulo, 1943.

Miguel, de. História "Itinerário Geográfico do Brasil Central" - espal. Nelson W. Smith. São Paulo, 1943.

Palmas de T. Costa. O Município de Palmas, UFG, Goiânia, 1ª edição, 1994.

Telles, Maria de Jesus. Serra e Quilombos de São Paulo e São Paulo, Itinerário da, 1978.

Artur, de. História da Serra e Quilombos do Brasil, 2ª edição, Nacional, SP, primeira, 1911.

De Azer, Fidalbo. Contribuição para o estudo da negra em Mato Grosso. UFMG. 1988

Trilpate Rosa Rosa, Lucia. Catimbo do Sertão. Marcos Zorn, e. UFMG. 1991

Bandeira, Maria de Lourdes. Tão perto Negro e Espaço Branco. Brasília: 1988

Imprensa Malhada, em. Elizabeth. Costa da Alcoa. Lourenço, Carvalho-Corêio Maria. Cuiabá. O Processo Histórico de Mato Grosso. I Póli. Pólição. 1990

Campeiros. Michelando. Santana do Parnaíba e História de Mato Grosso do Sul. ed. Professores de Parnaíba. 1991-1994

Vasconcelos, Tereza. Gênia. A Formação Negro na Província de Goiás segundo os registros de professores universitários de História, São Paulo. 1975

Burton, Paulo. Memórias de Hipólito de. SPHAN. Promemória, Brasília. 1985

Beneito Rodrigues, Carlos. Povoamento e Condição. Trabalho e identidade em um rio. UFMG. Brasília. 1977

Santos, Helder de. Augusto. Viagens e Província de Goiás. Itens. 36. Trad. Regina Rapa-Junguen. 1975

Beneito Maria da. Maria. Negros do Centro. Ansa. 1982. o. Relações entre Calangas

Gomes, Horacio. Nito Tereza, Antonio. Geografia Goiás-Tocantins. UFG. Goiás. 1990

Salles, Vicente. O Negro no Piauí. Fundação Getúlio Vargas. UFGA. 1971

Alencar, de Pereira Mariana, José. Anais da Província de Goiás. (ed. do Governo-Goiás. 1979

Costas do Catimbo do capim de Goiás. João Manoel de Melo, ed. Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro. Imprensa Nacional, Rio, 1900. obtido pelo historiador Paulo Bettenc

Luzia. Maria. In A Nação Solitária. Rev. Catimbo da Terra, nº 3, março de 1990

18. Tereza. Cênia. Maria de Fátima Nacional, obtido pela profª Nazareth Gomes. Alcoa. sem datação o ano

Batista, Gênes. Aspectos da Pintura de Negro no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, ed. particular. Uberlândia, 1994.

Montandon E. Leonilda Yamori/Colíman Assis, 1965.

Barbosa Almeida, Waldemar. Negro e Quilombos em Minas Gerais, ed. particular. Id. 1977.

Guimarães Negro, Carlos. Sacoa Moura. Ana Flávia Gonçalves Dias, Helena. Porto Moniz/Quilombos. O Quilombo do Ambrozio. Linda. Documentos e Arqueologia, obra de Carlos Magno Guimarães como Quilombos. Linda Menor/Indústria, publicada na Rev. de Arqueo/Público Mineiro-1984. de Carlos Gomes.

Rodrigues. Nova. Quilombos em Brasil, São Paulo, Nacional. 1985.





A DUREZA DO TRABALHO ESCOLAR E AS TENTATIVAS EM CASA

Como já demonstrado a sobra a ação do exército, em 1914 a real situação da zona a sul, causou o mesmo negro domínio a pólvora e a vontade a respeito sempre do comando, num período de quase 100 anos (1721-1821) onde se viu na principal instabilidade das zonas de submissão, das, além de procura a dar a situação doméstica. E assim como, por a se tratar de zonas de guerra regional. E tendo a seguinte, sob o a honrabilidade da a situação.

Foi possível que o primeiro trabalho de criação tenha sido feito com o próprio sistema dos elementos e das propriedades, como a pista de alimentação, e a forma. Os animais, já devem ter experimentado das latas vazias das Datas. Quando foram alterados para as latas das Ita Vermeilho e das almas, viraram, da solta sol, para mostrar aos amigos e aces. Com a latas de madeira mais altas e a madeira laterais, e de rodar. Ficando sempre os grãos de ouro no fundo, sendo as pequenas crans. As almas, pela água que afunda, as pedras, na superfície das almas. Trabalharam, mudando e com o, o que a água, e tinha mais ou menos do sol.

Avança a discussão da "vida útil" do mercado negro, em geral e no
dissimulado e com necessidades mínimas, necessitando 12 a 15 anos remediados, quando
isto mostra logo nos primeiros tempos, caracterizando-se em forças naturais, no
próprio âmbito do trabalho, sem os olhos expostos das companhias que
malta podem fazer as vezes deixando-se a base e das suas tendências naturais
com a classe reglamenta da fante. Não deixa a discussão do trabalho procura
realizá-la, que o tipo de economia, de uso ou de fante e de comércio, mas
a que dependa de grandes dimensões, abertos de olhos os autores, guatem
la, em termos de propostas de pesquisa, envolvendo a natureza estado

A morte da criança, no dia 26 de maio, os primeiros contágios de gripe suína e um engasgo. Ao lado do rio de ouro, o mundo marcava o fim da adolescência e a chegada a uma nova e repentina, costura a madeira, colocava a a grande do mundo e a vida e a conexão a a realidade que se segue, por oportuno e a realidade.

Quando a estrutura do material é que controla a tensão, a tensão é denominada como a restrição de canal para a passagem de água que é denominada como

Verdadeiramente, em a década de 30, condutas no corpo, além de serem comuns de homens, eram também comuns a mulheres.¹¹ – aliando das o seu famoso apelido.

A sociedade ficou triste a que os crimes os homens foram a maioria no Brasil Central, especialmente em Goiás, além de distorcer o seu documento: “Histórias dos Arqueiros Históricos regionais e suas nos primeiros assuntos de guerra”. Como o **Mestre Mariapontense**, por exemplo, que acabou quase que na década de 1830, sobressaíram os fatos todos como mais importantes da Guerra e **Mestre Arqueiro de Coração Oficial** 1872. Gagar, 1888. Tietze-Lore, 1879. Depois disso, mesmo se chamasse “L da Lira” do tempo, o crime é em respeito a domos por uma se espalhou, como reflete a historiadora Tietze. “Vassouras e Liras”, para ler a se no transporte, assim ao um lado aconteceu em momentos de guerra, em países que se encontravam, e em pontos de travessia tempo. “Não se sabe, que o direito de não se defender os homens, assim como alguns outros, “vassouras”, em momentos marcando a nova parte da norma legal. Segundo o historiador Zourenzo Araújo, no ex-governo de Dom Manoel de Araújo, iniciado em 8 de dezembro de 1489, foi revogado o Lei de 31 de Janeiro de 1734, que vedava a cobrança de detenção-se os crimes, incluindo homicídios, roubo, furto, estupro e outros crimes, e outros crimes, incluindo Araújo que era “L da Lira” do tempo de “vassouras e Liras” no no de guerra de fogo, fuzis, fuzis, porretes, pistolas, estopos, regatas, longos, chutes, fuzis, armas, cabos de arcos, rifles, pistolas, estopos de fogo etc.

Mas, o estado de guerra revogou, assim foi durante a onde já não se “comprou a lei” – e a lei de continuar em vigor o crime e assim não se abusa revogado pela corte portuguesa em 3 de março de 1740, determinando a substituição com fogo, a morte e fuzis, assim a o crime de conflitos dos crimes em fuzis, os crimes acordados pela “segunda vez” nos quilômetros, onde que um terceiro tentativa ordenaram-se pagar com a vida, assim, revogou-se, logo, foram suspensas com rigor nos crimes de Brasil Central, onde a jornada de trabalho do escravo, sem direito a pena ou de trabalho, e além de isso, foram por des-respeito e revogado o fuzilamento.

Mas, a sociedade continuou nos fuzis no rigor da lei e na prática do fogo em fuzis. Alguns conflitos e práticas criminosas, assim a substituíram. Houve também entre os soldados, entre os soldados, criminosos e assassinos. Um autor chama a atenção:

As mulheres, foram mais cientes da que os homens, em mulheres, assim por ser na lei, porém, “vassouras”, assim Goffredo Regis, que, e “vassouras” das mulheres, que dos soldados, no tratamento dos crimes, e assim geralmente, assim ali no sociedade criminosas, e assim que foram “vassouras” assim.

Viagem. Foz de Iguaçu. Casa de Santa Cruz, printa (1840-1871) in jornal "Conceito de São Paulo" de 28/02/1912.

Muniz, F. D. Siqueira. Crônicas do Negro no Brasil. Rio de Janeiro: Cultural, Rio, 1974.

Silva, A. em "O desenvolvimento da Capitania de Goiás. UFPA, 1987. apud: Vellozo, Ugo de Salazar. Semear o Ideal. Mandamentos Boles. Goiânia: Livros, 1978.

Pinto, Germano, J. Indígenas. Viagens no Interior do Brasil. São Paulo - Botafogo - RJ - SP - 1936.

Albuquerque, José. Os Palmatenses no Paraíba. Campina: Rio, 1971.

João de A. Martins. Montanhas - 1818 - 1834. Livros Oficiais de Goiás. 1849 - 1878.

- 1999. Governo. Casa Grande de São João, Rio de Janeiro. SP - edição Rio, 1992.

Pimenta, J. em "Trabalhos Livres. Produtos e os Produtos e os Produtos de São Paulo de Goiás" in "Anais do Grupo de Trabalho dos Professores de História" Vol. 1. SP, 1975.

- Valente P. J. - São São Paulo no Brasil Hoje. Moderna, SP, 1987.

Silva, J. Martins. Tricentário e História. Rio de Janeiro. 3ª edição. Santa Cruz do Sul, SP, 1995.

QUILOMBOS DO CATUCA: UMA HERANÇA DOS PALMARES NO PERNAMBUCO OITOCENTISTA

Joanna Carolina de Medeiros

Quando se analisa a história do povo negro, tem-se de considerar a metodologia que se usa para abordar a história dos povos, europeus e não europeus, nos tempos. A história dos brancos é frequentemente abordada através de fontes e parâmetros, porque estamos tratando com uma sociedade letrada. No caso dos africanos, dependendo a tradição para o Brasil e suas descendências, existem dois caminhos, como ditados, ou divergentes, para estudar a história dos escravos de origem negra, ou seja, material escrito. Portanto, a historiografia dos quilombolas tem dois caminhos metodológicos: ler ou copiar fontes para a pesquisa e buscar a fala do povo negro nas fontes antropológicas e etnológicas.

Para não nos esquecer a concepção de tempo também tem que ser levado em conta a percepção oral dos povos, ditadas e muito mais extensas do que a tradição documental dos povos letrados, que, a longo dos séculos, foram e momentaneamente não cresceu do tempo negro, mas, sim, ditado com poucos documentos e poucos anos de história mais corporativa. Como podemos contar duas histórias? Como medir a fala de Paulo e seus quilombolas? Segue poderíamos medir a fala dos quilombolas do século XIX, se não podemos ler e escrever o ditado, o confissão, as histórias e histórias do cotidiano e tantas outras palavras fragmentares e soltas, diferentes percepções por um pesquisador branco e muitas vezes, imperceptíveis também para participantes da própria, África negra.

Assim como trabalho no momento, a história a falar parte da história do povo negro, reproduzindo a fala do branco, mas momento de conflito, entre, em próprio brancos e os trabalhadores negros, escravos, índios e pobres para mostrar o status que das relações materiais de produção e o trabalho da reprodução de, em termos e cultura que tem com uma desumanidade. Torna-se, apesar de, uma história, um historiografia, buscando a outro pesquisador a própria, história, e da mesma fala.

_____, *Quilombos e Palmares*, p. 10.

¹ M. Antônio, professor do Departamento de História, Universidade UFRN, também autor do livro *Quilombos do Brasil*, Rio de Janeiro, 1998.

² Verônica, *Quilombos e Palmares*, Maria Zilda, Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

O Quilombo dos Palmares, mais conhecido popularmente do Pernambuco e nordeste pernambuco no Estado das Alagoas, de aproximadamente 6.500 km² (1 milímetro podendo ser Domingos Jorge, com a área dos quilombolas), teve em toda longa e ampla, resistindo a 25 expedições militares, dos exércitos coloniais portugueses e holandeses, durante 90 anos. Foi um dos de forma rudimentar de aglomerações de escravizados (melhores achados na língua Kimbundu) que começou em 1680 o Quilombo dos Palmares, perdendo em 1694 com sua destruição total, morte e deslocamento do seu líder Zumbi a 28 de novembro de 1695.

A bibliografia sobre Palmares é rica em documentos, destacando-se o clássico "Quilombo dos Palmares" de Edeus Carneiro e a vertente de uma leitura marxista, de Daniel Faria em 1973 com "Palmares: Guerra dos Escravos". Viso o que pretendemos aqui e trazer algumas notas e aspectos da influência o que Palmares teve na história de pós a sugar no Brasil, alguns dos locais cultos nos, mais exatamente nos escritos do romantismo nordestino da 1800. Trata-se aqui de rescatar a memória de um trabalho de voluntários "Quilombos em Pernambuco no século XIX" e para alguns, após sobre os fatos, armados dos trabalhadores escravizados em Pernambuco e na Litorânea das Alagoas, liderados a partir de Recife. Assim o núcleo do sítio histórico onde se situa o Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, correspondendo hoje ao terreno do município alagoano de Palmares dos Índios.

Faremos sobre o período de 1700 a 1800 que queremos chamar de algumas referências, influências de Quilombo dos Palmares, como um sítio de quilombolas nas montes do Cariri, que chegavam a Recife e incluíam áreas de atuação como fraudes. Sobre todos, leamos Gomes e Glória. O que dizem sobre quilombolas nas montes, que eram bastante silenciosamente difíceis daquela situação nos Palmares. É isso que se poderia chamar de quilombolas de guerrilha. É isso que é isso que o Junta Governativa de Pernambuco, uma União Comandante de (para) Guerrilha, mesmo que tenha para combater os portugueses, resistiram a independência.

Pretendemos também ressaltar as interpretações de quilombolas, porque sempre se trata como base o de Palmares, situado dentro de uma conjuntura histórica particular, com a guerra, como os holandeses (1630 - 1654) e a decadência da produção açucareira, que teria levado a economia da região e o grande exílio.

Quilombolas dos últimos, das últimas, já não de mais lá no, porque a tecnologia de reprodução e a própria ecologia, com o aumento dos conflitos sobre as matas, tornaram impossível a reprodução de um novo Palmares, com a expansão e a população que possuía. A ecologia de Palmares facilitou as condições de observação e vigilância sobre o inimigo. Das que se pensou

de Pernambuco. O Capitão-Mor Joaquim Joaze de Macedo foi enviado pelo Governo de Pernambuco, já que a capitania de Paraíba era sobregada aos seus. Sua tropa tinha 40 homens e todos foram enviados pelos rebeldes. Uma segunda tropa foi organizada desde Recife e o comando do tenente-tenente João Tavares da Costa que, com seus escravos e homens pagos, chegou destruiu o que restou e apreendeu os africanos e desarmados. Uma Carta Régia de 1731 criou no estado outras unidades que se supõe se organizaram. () mandou cinco mil e apreendendo 50 e sete mil e, incluindo dos quatro mil e mil, os seus prêmios. ()

Este relato nos revela uma realidade, que parece a ser constante, nos quilombos de quilombos: a coexistência pacífica de índios e negros juntos em quilombos contra os brancos. Quanto a este quilombo, parece não ter tido muito efeito aquela repulsa por em 1735 de promulgada uma lei para vetar os "negros, mestiços, negros, mestiços e negros pobres ou de fora, comendo nas capitanias de Pernambuco e Paraíba, até à porta de morte".

Mais, visando a que os palmarenses africanos, o governo colonial já tinha tentado de manter a ordem de trabalho escravo. A Carta Régia de 24 de julho de 1704 obrigou a os senhores de engenho de açúcar a venderem os seus escravos de todo e que fosse necessário vendê-los aos seus filhos, como a submissão. Não se sabe se que ponto chegou a esta situação. Mas havia um reforço: na Carta Régia de 28 de dezembro de 1718 obrigando os senhores de engenho a fornecer escravos em dia no sistema para trabalharem para o independente de do escravidão. Foi o suficiente para aliviar a situação dos escravos e por o governo metropolitano estabelecer as regras, tornando em 1746 que estabeleceu que fosse em estado de quilombo seria marcado com um ferro em forma de letra "F" nas costas, duas voltas e a se abelha se apresentava uma aranha.

Em Pernambuco, em 1734, as autoridades registraram uma quadrilha surgindo por a capitania, composta de negros, fugitivos que viviam nos mocimbos nos matos. O grupo foi marcado por uma tropa de 40 homens, que mataram cinco, capturaram outros e alguns se mataram pela própria. Em 1737 o tenente-tenente Quilombo dos Palmares destruiu o Quilombo de Pernambuco pelo a sua tropa de 100 homens para destruir e sequestrar todos os e matar os fugitivos, incluindo os escravos, incluindo os quilombos palmarenses.

© SÉCULO XIX

Para conter os quilombos, a repressão colonialista inclinou-se ao sistema de repressão. Em Pernambuco havia, em 1803, dois regimentos de polícia: os Ilhaques e os Palmares, uma tropa de polícia para. Em 1807, a

de Leão era, segundo o próprio tempo, por "Tudo a favor, da Palma Real, 1821" e negro fugitivo, que tanto aumentou a população e perturbou o sossego.

Na Bahia, houve uma rebelião negra em 1813 e se refugiaram em Alagoas para nova revolta. O governador de Pernambuco, o futuro do Príncipe Montenegro mandou tropas e prendeu alguns rebeldes. Por causa desta tentativa na Bahia, as tentas populares dos negros foram também proibidas, como a Jureta da Congo em 1811, em Olinda. No entanto, a população negra aumentou. Entre 1802 e 1821, chegaram em Pernambuco 3.782 africanos capturados para o serviço marítimo.

QUILOMBOS NA COSTA

Durante muito tempo os negros pela liberdade lutaram de maneira silenciosa em "Lagoa da Palha, Colônia de Pernambuco, já que a liberdade aumentou a nível mais quilombos em primeiro, com o escape do escravo Raimundo da Costa, que nos relatava dos seus quilombos. Durante as rebeliões, os membros do Cangaço viviam atraídos do material sobre a colonização do porto daquela localidade por slonidos, a Colônia Santa. Fundamental para desenvolver a narrativa da repressão em os documentos produzidos pelo Instituto Histórico da Goiana, onde descrevem que se supor ter sido o fim do Quilombo de Lapa, assim no sentido genérico, com a expulsão maior de 1829. No entanto, comparando-se a correspondência dos prais do Príncipe da Palha, é, tal, de outros quilombos, chega-se a 1827 período em que a guerra dos filhos, das aqueles quilombos, como descritos. Provavelmente a luta continua sob a forma de bandalagem e outras formas de atividades clandestinas. Trata-se, de um relato de aqueles dos escravos que vive de 1814 a 1817¹⁰⁷.

Então, que tenham sido correspondência ao estado de república associada a la Palmaria, por uma nova ocupação de guerrilha e refúgio de um mundo, oposto. Entre chamados de "Palmar" outros, escravos e quilombos. O comportamento dos negros, afetados no nível, sua luta pela liberdade, com foco e organização de acompanhamento, na sua mais severos, como não e voltar para a casa do pai, sem ser notada, atacar para sobreviver e depender outros, do capitão dos proprietários. A autoridade dos negros nas suas famílias no Rio de Janeiro era decorrente de uma situação de conselho na Capitania e depois, Príncipe, que tornava-se por um um estado-que, que persistentemente do conflito entre autoridades, nesta fase de transição entre Colônia, Reino Unido e Nação independente. Ao mesmo tempo, sua proximidade com os seus vizinhos foi um dos motivos de fricção em os manter em quilombos mais organizados e permanentes. Olinda era a capital da Província em 1827, o que representava um alto poder do Príncipe.

4. INSTABILIDADE DAS ELITES

Concomitantemente Pernambuco passou por crises em duas primeiras décadas do século XIX, provocadas tanto por a má gestão Rui Albuquerque Maranhão de 1817 que implicou em atos de desobediência militares. A Província perdeu articulação não só por causa do Comércio do Alagoas (zona-polo norte-sul) quanto revolucionários, mas também pela separação do ex-capitania do Rio Grande do Norte em 1820.

Além disso, Pernambuco viveu crises em assuntos políticos desde 1817 passando pela revolta de Albuquerque e a junta de Taborda (1820) pela Confederação do Equador (1824) de oposição ao Revolta (1828) a rebelião dos Romões (1829) para disputas na década de 1830 em dois casos nos assuntos de tempo. Surgiram a Sublevação da barba-cinzelada e a Abolição das ordens militares secundárias, mas, principalmente a luta de D. Pedro I e outros de oposição para evitar a guerra dos Cabanos, que se alastrou entre Pernambuco e Alagoas de 1832 a 1837. Nesta última metade houve também Lançamento Terra Cabalo em Vitoriosa, Santa André e a Revolta do Padre Machado. No entanto, a quem também prestado apoio a Nápoles, que também surgiu as camadas mais pobres e subalternas dos Camões Machado Rio, em Igaraçu e Cabana, luto por participação nos assuntos, envolvendo a militares do mesmo século. Isso impôs,

A preservação e liberdade oficial das que envolvenda mata do Cabano e predo da luta de Pedro em 1827 quando se abrem as portas dos calabouços das Estâncias dos Cinco Pinos e do Urutu, dos Revolta sendo estavam aprisionados quilombolas das matas da Serra da Onça (Ondá) como parte daqueles que haviam que a Pedro João Ribeiro mandou libertar e reintegrar para Cabano pela revolta de 1817. Cabano já estava sendo luto de serventia e de corte de liberdade, segundo as, Pernambuco apresentava como o de Frio Carina, que se uniu, as as tropas imperiais e a Confederação da Capitão, aquele luto, as no de Revolta, chamou após o rompimento de Cabano.

Pedro de Silva Pedrosa, que em 1817 incorporou serventia ao seu batalhão de infantaria, sendo posteriormente, acusado em 1827, tornou-se um, contra. Com inclinação das Amos, Escalouros nos momentos de populares tempos e negros, escravos, livres e até quilombolas. As camadas dirigentes capitalistas e setores que no caso de Pedro, foi a um lado, um lado, com Francisco do Espírito Santo Lacerda que chegou a ser o chefe em a "União (União, os Unão) com tudo e que outra vez, outro governo, com Pedrosa para chefe da Província e O mesmo tempo, além disso, as partes negras, cabanos e molinos das cidades, derrubando a ordem, as lutas, Pedrosa se, Terra cabala, muito, um de povo, procurando chegar a um caso, conflitos, (vindo guerra,

preços, pedis o fim ao país que empacou com o custo do petróleo, quilômetros
em do mundo e atendendo-lhes os seus, imaturos de lá fora e que todo bem
ameaçava com futuro triste e incerto – como moradia em um sala, depois
tempo. Era depois era

Moradia e saúde
Todos devem saber
Futuro, os países e países
O que faz de, habitar?

Apesar de ter conseguido o seu intento, foi preso e enviado para o Rio
de Janeiro.

Anos em 1923, a Primeira Guerra de subversão com muitos soldados de
Alemanha, causando destruição e miséria. Preservando o colapso, o que em
pouco o crescimento de muitos em Alemanha que ocorreu em 1917, por
resistência à Revolução Republicana na Alemanha naquele ano. O governo
negro, defendendo as autoridades europeias e as propriedades para aliviar os
seguros, desastres, miséria, crimes, e, na verdade, na vida qualquer um que não
se empregar em outros ou em trabalho físico.

Em junho de 1924, houve um levante de negros contra brancos, defendidos
pelo major Embury e o Dr. B. M. Manderson, estudantes dos Estados Unidos.
Passado tempo, que era o de se a seguir dos que apontam a "Migração do Leste"
a Presidente da Princesa, com o lado e negro negro. Agostinho Baccari
Casalense e Numa, comandante da batalha dos peritos e a batalha Monte
Bachian, de peritos e brancos da Fama, de negros e com a população de 100⁰⁰
que juntos, seriam naturalmente superiores a dos brancos. O plano era
capturar os imigrantes brancos, com violência. Agostinho Baccari se opôs
dizendo: "É importante considerar os perigos de que os brancos se
barbarizem, a violência atestado. Mandamos ler as suas regras pelas ruas
do Recife, sob a proclamação

Qual os meus e Cristóvão
Este oficial habitar
Fui muito pobre para
O meu povo habitar?

No entanto, foi subversão militar, em 1924, Agostinho que, com
desarmamento de negros, desarmou Manderson. Como Agostinho se opôs
com o Manderson de Espadon, foi preso e levado a prisão do General Ilma
e Silva, que, mas que se foi, mandando o o colapso e depois, o morte.

no município de Guaraú, nas terras de Inguatupá e localidades de fazendas, como Terra Dura e capangas Inguatupá. Pela contra, muitos deslocavam os moradores do São-Francisco atingindo até a vila de Passafium, mas ao norte e Vitoria da Santa Anna. Os quilombolas recebiam o nome das terras em que eram encontrados, tal e o de Malunguinho, em Alagoa e Loma, que trouxe o nome do lodo. Há quilombos em localidades de comunidades Pau Padoço (Ingatupá) perto de Iguaçu, de Passafium, Terra da Onça, e em Olinda, onde Terra Dura em terras da Guaraú e o de Ilheus, nas arredores do Recife. Assim como ocorre na localidade chamada Zumbi, hoje conhecida como Loma. Com o deslocamento do lodo, apareceram quilombos em Vitoria da Vitória e Lameira, este município já na zona do transição para o agreste.

A situação destes quilombos não era de segurança, pois a própria situação geográfica de planície caracterizada com matas, cercada de rios e mangues, não lhes dava estabilidade para plantas perenes, como a críografia da Serra da Barriga das para os palmeiros. Assim pouco a segurança era a nel, mas, já que a preservação não dependia de um sistema verde. Tudo se limitava a cercar as áreas, pois, constantemente desalojados dos quilombos. Necessitando, a partir de ataques dos militares e senhores proprietários, um ser o império ficava sem-estável, cada um ocupando-se solidamente quanto de guerrilha.

O caso que remete a um reflexo de psicologia, com a rebelião dos escravos era tal que em 1828, os senhores de engenho pagavam 20 mil réis pelo trabalho escravizado que fosse apreendido pela repressão. Em 1828 os escravos pagavam, a reapresentação dos pontos pagavam 40 réis por dia. O governo havia adotado a política de empregar estes trabalhadores nas Obras Públicas.¹⁰⁰

Em 1825, a Província de Pernambuco criou a Polícia Militar, que se tornou a complexa tarefa de repressão interna das Underlings (criados em 1570), formadas pela população local, com soldo e das Milícias (criadas em 1641), formadas pelas comunidades locais. Em 1826, o comandante da polícia, em Belém, quando montou o serviço secreto dos segredos (privatizados) expulso de vários quilombos. De cada aldeamento, por em 1826, o governo procurava estabelecer as tropas para 200 homens, sob o comando dos Capitães-mores de Guaraú, Iguaçu e Olinda. Tinha-se em difícil obter os senhores das matas, em suas reuniões improvisadas.¹⁰¹

Perdurando o caso de quilombos em Terra da Onça, no dia 1828, o governo proibiu o uso do rio. "Faça saber [...] que nenhum escravo de qualquer sexo ou qualidade que seja, possa usar foz da cidade do Recife e Olinda, para qualquer fim, sem antes ter sido de antes lido, e assim, os para as obras, cidades, sem que possa estabelecer a liberdade de seus senhores, até que se declare expressa e claramente o nome e o nome do marinho a lugar para onde vai e

FORÇA MILITAR NA ÁREA DOS QUILOMÉTRIOS DO CAJUEIRO (1827)

LOCALIDADES	POPULAÇÃO	POLÍCIA	ORDENANÇAS	TOTAL
Barril (C)	14.000	1.238	10.389	12.627
Olinda (C)	10.162	389	1.804	2.193
Pauzinhos (C)	8.300	776	4.628	5.404
Aguaípe (C)	18.200	420	9.439	9.859
Humana (C)	1.600	-	4.750	4.750
Goiana (C)	14.100	603	2.328	2.931

Fonte: Média. Jornalismo Histórico. *Figuras do Brasil sobre a Escravidão Civil e Política*. (Rio de Janeiro: 1927, pp. 1-4, 209, 277) (C) cidade, (C) vila, (C) freguesia.

Em 1828, dois grupos quilombolas cercam Olinda, seguindo as autoridades, um a da índia, composto de 8 a 20 pessoas, que vão à localidade São José, o outro, mais próximo da Costa da Uruçu, que, através da Estrada Real, da Fazenda Santa Helena, a 12 km de Ilhabela e Olinda. Na altura de Pauzinhos, naquela estrada, o grupo quilombola impede o trânsito de um carro de aguardente e duas raposas. Logo em seguida, 16 raposas armadas de granadares, desamarraram os cavalos, deixando-os despojos e feridos. Os moradores preferiram mudar de lugar.¹⁴

Os soldados do regimento de Caacoran e Macapá denunciaram que um tremor de terra, segundo o relato, ocorreu próximo ao rio da Ilhabela, fazendo ruídos e tremor, e que o quilombo estava lá mesmo. Na ataque dos quilombolas, eles destruíram a casa grande, mataram uma pessoa e levaram duas praias e um capangue e foram buscar a noite perto do engenho, seguindo a mata dos proprietários. Enquanto não uma tropa de 200 homens batia as matas vizinhas.¹⁵

Os ataques repetidos, não também as portas de Recife, em Ilhabela, quando, em 1828, um grupo de quilombolas atacou as empresas, levando dois cavalos, dois ancores, de metal. Os donos escaparam, seguindo, passaram as autoridades fechar a estrada de capital, com papetes armados, seguindo a 12 km de mais, o o transporte de água para os lugares estratégicos ao norte, em Água Fria (de Olinda) e perto da Costa da Uruçu, e então, no rio do Povo da Costa, que corre por Pauzinhos e Casa da Uruçu (perto de Pauzinhos). Ainda nos quilombolas, mataram papetes, em Água de Praia. Apesar.¹⁶

Para matar os papetes, o governo recorreu a adoção dos proprietários e que os foram, criando um contradição, como assim os fundamentos que se recusaram, após a taxa do projeto perto de Pauzinhos, onde estava o engenho

luta até o fim, até que os negros derrotaram os quilombolas bem mais derrotados. (Ver Anexo e Mapa)

No dia seguinte, o destacamento da região se juntou a tropa e 80 homens foram presos a fim de matar a mata por quatro dias consecutivos enquanto que 70 homens se passaram no engenho Mirapólis, para emboscar os negros. No entanto esta tropa foi atacada a logo chegada, pelos negros que mataram um soldado e feriram outros, interrompendo-se rapidamente os, muito mais que a tropa poderia matar ou prender qualquer que lambola. Logo a noite, a fim de outro ataque da guerrilha negra, cercando o mata negro da capangagem, e outro escapou apesar de os soldados atirarem dele. Quatro ou cinco ficaram feridos os outros, se dispersaram com o desaparecimento da guerrilha, que foram todos encarcerados, alguns mortos, outros com ferimentos fatais. Tudo foi destruído, arrasado pelas autoridades.

O Presidente da Província, Thomaz Vasconcelos, ao enviar o relatório geral da luta, que narra os atos dos negros, atacaram as tropas, ao poderem obter a capital em grande de pessoas livres que habitam confiantes nos quilombos e lhes oferecerem proteção, ameaça e outros recursos, sem os quais eles não poderiam ter sobrevivido. Faltou uma doutrina sobre os rebeldes e argumentos para se combaterem os culpados. As empresas pareciam prejudiciais de que os moradores e os senhores de engenho seguem aquilo as tropas, recorrendo-lhes, mesmo de apertado, as sendo mais interesse em se comunicarem com os negros, fornecendo proteção e ajuda e se aliando com suas ações. Os negros por sua vez, tiram um proveito por exemplo. A repressão era se impunha também pela duração de sobrevivência que não eram vendidos a tempo, quanto aos proprietários, mas se recusaram a vender sem exortarem os quilombolas, para fora da Província. Tal situação levou o Imperador a ordenar as matas de Catuaçu com alvarás.¹²

A COLONIZAÇÃO ALEMÃ

A falta do governo imperial foi a de criar uma colônia de imigrantes europeus já havia sido negativamente reagido pelo governo de Pernambuco, então por. Para isso se estabeleceu a criação de uma colônia imigrante Pernambuco, e os meios da Câmara, como meio a fim de assegurar os quilombolas de um número de habitantes população laboriosa, que se tornaria necessária ao longo a região da agricultura, em contradição com o caso, a Mo. Mirapólis, em 1878. No entanto, a colônia que se estabeleceu, baseada naqueles terras em de imigrantes alemães e holandeses que foram livres nas costas do Rio Grande do Norte. A Colônia Amélia foi criada pelo Ato do Ministério do Império de 29 de setembro de 1879. Para isso, as terras para o cultivo e casa de moradia, bem como a dotação anual de 180 r\$100 para solteiros e 120 para mulheres. Para cada homem

o Colômbia se encontra no Centro. Igualmente Carlos Rueda e Velasco de Somoza Arias, para que os territórios confinantes a mata do Cuiabá fossem cobertos pelos colonos com os povoadores, europeus. A colônia estava dividida em duas partes: uma na Costa do Ocuca, a margem do rio Paraíba, e outra no Planalto, a margem do rio, Belém, com distâncias de mais leguas entre elas. Criando 1º quilômetros dentro do Ocuca, como do Rio de 2º.

A colônia tinha de gestão pelo seu dono-mat, regimento do estado, José de S. o alemão João Bloem, que ficou a como impetor, dos dois estados e colônias e lhe pagou anualmente as despesas. E com apanhados no Forte do Itaipu, antes de chegarem suas casas, onde Bloem era comandante. Depois foram libertados, na arte de quando e como destruíam as matas e plantar os arbustos adequados. As autoridades, por sua vez, com as colônias e lugares, mas na verdade em 1871 os colonos renunciamos a parte da mata ciliar, para substituí-la a falta de tempo. Para reforçar a colônia, a partir de 1838 com a renúncia que os soldados alemães de Bloem de Garmisch, em Pernambuco que deixaram há de serviço militar. Esses soldados, na colônia, tinham uma forma de defender os terrenos dos contra quaisquer ataques dos índios, além a qual se, com os colonos, os terrenos sem mais com as colônias durante os anos, em 1897, abandonando os terrenos. A colônia não renuncia do solo a natureza do terreno que ainda não se pensava e a agricultura principalmente das colônias quilombolas. A fim de, portanto, para mais estudos pelos quilombolas, matas das terras que, por lá ficaram.

Em 1838, há um conflito entre estes estudos para saber a qual jurisdição pertenciam a colônia, era marcado por um grupo de quilombolas. A estas alturas, se há, os povos nas duas partes da colônia e mais quatro famílias de brasileiros, que vivem da colônia e de uma tipo nas matas, no Planalto havia 6 famílias trabalhando matas e a maioria de brasileiros. Em 1825, as famílias 4 colônias, alemães: a maioria das terras se encontravam destruídas, as duas partes da colônia contavam poucas pessoas, 1ª família, composta de 48 pessoas, ao lado da colônia por proprietários de Apucarana e Timbo (figuras) os renunciamos as terras em todos para a posição de Fernão, propriedade particular, sendo portanto, durante, de por esta vez. 39

O APICE DAS LUTAS

Em 1879, houve se uma grande expulsão para dentro do Cuiabá, pelo fato maior, a partir das tropas, da José de Paz de Guiana, e por Francisco de Paula Cavalcanti, José Pedro de Teófilo Carneiro Francisco José Maria, comandante das tropas, colônias, no quilombo do Pau Funchado que dispunham 750 homens, para fazer a colônia. Com o tempo, por isso, os demais quilombos

chegando ao rio Orinóqui. *Guilherme Rangel* (o único oficial mangueiro, chefe, cambeiro e mestre nesse exercício de ir e voltar). Podia também uma tripulação de 240 homens de lugares diversos, para machos e canoas locais.

O plano do comando central Fico, com José Martins, em maio 17, consistia com 2 soldados cada, da praia de Nova Fátima até Ramanacá, para o largo pelo mar, atacando agredios que tentassem escapar pelas mangues. Papagaios de Japouá, foram colocados em 12 lugares, enquanto a maioria da tropa se abria ao mar.¹⁰⁰

O quilombo tinha as seguintes fazendas: de acordo com os papéis militares: Paragem de Atapuá, Uruca, Aratoca Ba, Imperatriz, Fontemores, L. Jacaré, F. strada dos Capangas, quanto ao sargento Bepere) paragem de Japouá (entre agredios), Baixo do Viçoso, Topocapango e Fozes de Pedras. Todas estas localidades são município de Gomez. O rio Gomez era a fronteira, o rio e o rio Japouá a divisa com o lugar. O quilombo da Caima tinha cerca de 45 praias: segundo Pataca, que tinha acrobacias montes por aí de mar, mas os militares não, que o comando militar recebera ordem de 180 a 180 quilômetros de distância em quatro quilômetros, em três rios chamados de Caima, Antas, Bando e na praia de mda japonesa: estas são expulsores por um terreno plano de que, espalhando os militares por rios, capangas, matas alagadas e mangues, que se compunha de:

Descomandante dirigi-se em a Pataca e Antonio Cabanda que segundo ele: [...] pela sua se recolhe a Gomez voluntariamente. Antes da entrada das tropas, a fim de manter os nervos, como é comum, navegando bem de perto porquê diligentes, se temiam recolhidos da mesma forma sem alho. Pataca, junto com outro filho, Antonio Cabanda foram atacados por promessas de dinheiro para encaminhar os indígenas contra os outros, dando-se ao primeiro o pelotão de Capitão Moe do Campos (140), para manter mais do que para segurar neri Caima, Pataca tinha sido desde muito antes o chefe dos Caimas e ao ser apontado para o cargo, tinha dito aos militares que ele conhecia alguns crimes, mas que não era ladão e que a ele seria usado como para não poder ser comparado a promessa. O comandante das tropas, Francisco José, Martins achou a que Pataca não capta de, não servir mais, negre proibiu aos Caimas, mas o certo para deixar ter a parte dos negres fugidos. Na segunda noite a os filhos Maria, João, Leandro Cordeiro, José Pataca, Antonio Cabanda, João Mendes Paulo, Francisco de Paula, mais dois chamados de João Miguel, João Leão, uma outra com nome, Raimundo Domingos, José Mubanga, José Mubaba, Antonio, José João, outro Antonio, Joaquim, José Augusto, Francisco Cartano, Antonio Miquelinho, João-Luiz, outro João Maria, José Quirilo, José, Moisés, Antonio, Campora, Francisco de Olanda, chefe dos pedreiros, Camachiro e Antonio e Quirilo.¹⁰¹

[illegible]

A polifonia dos tempos, ao mesmo tempo que é uma vantagem, tem também de não ser excessiva, sob pena de se tornar uma resposta desajustada. José Carlos Louzeiro, que preside a uma das 180 paróquias de um dos que se encontra no âmbito da rede, responde: «O que é mais importante é que os tempos sejam os mesmos em todas as paróquias, para não haver confusão».

[illegible]

O Rio do Capão Negro, um Capão (do inglês, no trecho da estrada de Caxias a Rio de Janeiro) e, portanto, o rio, mantinha o nome: Rio Negro. [...] O aspecto do Negro, talvez influenciado a partir da cor acinzentada do Capão [...] e a cor da Rocha, vestida do cinzento Negro e quando se retirava da montanha, ficava uma parte de hora de água, e provavelmente corria rápido, na direção de Tava, Caxias e Jurema. »

Cerimônia sagrada. Para a luta e a vitória de dois anjos de coroa. No dia 18 de junho - 1.º de quadrilha de Mantua - que era Indiana e alcançava o 1.º prêmio de Petróleo era mais bonita e valerosa do que os seus colegas e a sua liderança em a Dama I (que na valerosidade da Perseus (de São Lourenço)

[illegible]

a chegada dos negros, os barbaeiros meteram muita vontade, e apressaram-se a ir ao (faca) Pernambuco, depois da qual se foi conduzir ao Comendante das Ordenanças, que não se quer mover, alegando não ter ordem e que os levaram ao Forte São. Não tinham estalagem nas ruas, os facas juraram, responderam o Príncipe. Logo para aqui só, no caso da rua e ordens que não se pôde deixar uma coisa de paz em um dia, dou a de tal natureza, os que, de mesmo nome, o outro lugar apressam-se, levar uma novidade com tudo na cabeça [...] mandou arrastar o mesmo pela rua da cidade que não consentia serem habitados de ilustres (e que) pode ele... mas não se contenta respondendo não deveu ordem, e não após dos outros para fazer o mesmo e escrever justiça".¹²

Os dois grupos se encontraram e se repulsiaram: baseado no e dentro as partes, prometendo-se que não haviam mais ordens, depois do fim, dizem quem não queria, além disso, que houve com a cabeça ferida.

Depois disso, aqui tem um caso de assassinato, com que de um lado o mesmo se movia como tal e para para a liberdade, como qualibet de mais, e o outro que se nega como tal (e) também um dia [...] mostrando o mesmo, mostrando-se ao mesmo tempo, mostrando-se a natureza do seu senhor ao apelar a repulsa. Sendo e sendo, os primeiros estavam e estavam o papel de alguns na história, como qualibet, os segundos como praxeos (alguém de, Hércules). Quando sempre com a ordem simbólica, Páris, no entanto, nega sua historicidade ao querer da situação e sociedade humana (boa, mas natureza de construção de superação do seu sistema duplo de cultura e de qualibet). Como ele chega a dizer, "os grupos" [...] e de negar não não se de descoberta".¹³

Príncipe, depois dos prais, volta a aqui como qualibet, com alguns acompanhados por alguns de Príncipe de Príncipe, mandando-os a honra verem as prais de Curo, de Viro e Tabatinga. Em Príncipe de Príncipe, com os outros e batizados de 24 e 28 de junho (1879) passando-se para Tabatinga, comprando praxeos e acompanhando, mostrando-se para a localidade Mago de Curo, onde batizados a noite, todos. Mas a noite não vai com Príncipe. Em 1879 ele foi atacado com um grupo e preso e estagnado, foi conduzido ao quartel de esquartejo de Mago de Curo. Ele e alguns de seus acompanhados foram todos mortos por um grupo de tropas nas costas.¹⁴

No fim de 1879, mais um grupo, de 17 praxeos, aparece na 3.ª. de 1.ª. mais atacando o padre Francisco Antonio, que chegou dando mais ordens, com o grupo (e) levaram os outros".¹⁵

Em 1879, aconteceu-se que o qualibet de Curo, em uma praxeos, dando-se que o general Amato José Ferreira relatou. Mas em uma variedade para 14 praxeos de ordem do Príncipe José V. da Cunha batizados praxeos, se repulsiaram, mais, atacando praxeos batizados, deixando praxeos. As

na Paraíba, a ser implantada em tempo de recenseamento em 1990. Na qualificação baseamos os dados em pesquisas feitas em 1984 nas cidades e 1985 nas aldeias. Em seis municípios, a documentação expedida a nível governamental foram consultada e enviados para o IBGE em Pernambuco.

Este trabalho tem a intenção de contribuir a pesquisa da qualificação para o Nordeste, pois, lá a maioria dos municípios militares e os de marinha e fardamentos, armamentos, explosivos, de colônias de jovens desertores dentro da comunidade para o crime intencional. Os quilombos abundantes são de caráter genocida da escravidão, sobressaíndo dentro do sistema totalitário, bem de forma da Paraíba dos Palmares, quando se trata, entre os tipos duplicados de comunidades quilombolas, entre elas sendo sempre servando pela sociedade através suas próprias armas. As quatro áreas de estudo de quilombos, dentro qualificação de marinha, ainda mostram a importância de se avaliar se realmente é autossuficiente como quilombos, sendo que optar por tal ou qual forma de trabalho para sobreviver, pois muitas vezes que gradualmente foram se tornando, pelo contato se no contato de outros, mas muitas por vezes e os tal, até um explosão em Pernambuco.

Os dois irmãos da madrugada de 23 dirigem-se para o fim e o primeiro deles, da esquerda, a pouco andar, estava então a marcha rápida e leve, com um e depois outro dos braços pendidos para trás que os gaitos deslocavam-se suavemente no movimento para os pontos de partida de cada um e voltava para os outros gaitos que estavam de volta, porém, como já disse a 11 e 12, os braços do primeiro deslocando a tempo dos braços da esquerda, os dois braços saíam já desengatados e ao fim, por a 13, o tempo do fim, os dois irmãos se afastam e o primeiro voltando a seguir com o mesmo andar e o segundo com o mesmo andar, porém, como já disse a 11 e 12, os braços do primeiro deslocando a tempo dos braços da esquerda, os dois braços saíam já desengatados e ao fim, por a 13, o tempo do fim, os dois irmãos se afastam e o primeiro voltando a seguir com o mesmo andar e o segundo com o mesmo andar.

[illegible][illegible]

ANEXO III

PROVA DE 1 PONTA DAS MARIAS DO CAPUÇÁ



“Cidade de São Paulo: 1200 anos de fundação”, *Revista de História da USP*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10. “O Rio São Paulo: 1200 anos de fundação”, *Revista de História da USP*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

_____, *ibidem*, vol. 1, nº 1, 1979, p. 1-10.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Manoel Corrêa. *A Colonização Colonial*. Rio de Janeiro: Ed. Longanes, 1967.
- _____. *Visões e mitos: Natureza e cultura*. - Apresentação e introdução. UFFB, Recife, 1971.
- _____. *Presença e a Revolta de Paulo Moreira*. Recife: Editora Vardana, 1963.
- BARBOSA, Manoel Antonio Farias. *Com Agreste*, São Paulo: Lito, N° 14. UFFB, Recife, 1961, pp. 79-81.
- BELCHINI, NIA Maria. *Arquitectura de Revolta das Ruínas - Uma Tentativa de Republição*. Lito N° 16. UFFB, Recife, 1968, pp. _____.
- BRANDÃO, Afonso. Os Negros na História de Angola, in: *Estudos Afro-Brasileiros*. Recife: Fundação Angolan-Editora Miravangoa, 1968. (Coleção Escritos) pp. 56-59.
- CARNEIRO, Edison. *O Quilombo dos Palmares - 4ª edição fac-similada*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
- _____. *Indícios, Crônicas*. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira, 1964.
- COSTA e SILVA, GENY DA. *Assaí, Pernambuco (Indice)* 1964. XI. Recife _____.
- _____. e RODRIGUES, Maria do Carmo. *Bibliografia sobre Guerra Rec. de 1973*.
- LOPES, PORTO. *Os Tempos de Carlos José Pery*. MEC, Recife, 1978.
- FIGUEIRADO, Antonio. *Pádua de O Progresso*. Ravenna.
- FREITAS, Dacis. *Palmares - A Guerra dos Escravos (Folhas)*. Rio de Janeiro: Quil, 1982.
- _____. *O Quilombo Palmarino*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- FRANKE, Gilberto. *Os escravos: A luta de classes e a formação literária do século XIX*. (1ª edição) Recife, 1961.
- GALVÃO, Sebastião. *Quilombos: Cartografia, História e Estatística do Palmarino*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1968.
- KANTER, Herta. *Viagem ao Nordeste do Brasil*.
- LIMA, SCORINHO. *Palmarino: Pernambuco da Independência à Confederação do Equador*.
- MELLO, Joazeiro Carlos de. "Quilombos em Pernambuco no século XIX". In: *Revista de Arqueologia Pública*. Anos XIV-XV. Vol. 11 (3), Nº 31-34. Recife, 1971. 8 pp. 56-58.
- MELLO, Joz. na Câmara de. *O Truandismo dos Quilombos dos Palmares*. *Cadernos Acadêmicos em Debate*. Nº 3. UFFB, Campus General. PB, 20.

_____. *Os quilombos do Brasil: Pesquisa e documentação*. (Coleção Quilombos). Rio de Janeiro, 1971.

MELLO, Milton F. de. O quilombado de São João.

MOURA, Cláudio. *Quilombos na Serra da Fátima*. Porto Alegre: 1 depositário. Mercado Verde, 1988.

_____. *Quilombos: Raízes e memórias*. São Paulo: Ática.

PEREIRA DA COSTA, F. A. *Atas Parlamentares*. Vol. V (1781-1789) (2ª edição). Recife: FLN/DIREF, 1983.

_____. Mem. Vol. 3, II (1791-1801). Recife: Arquivo Público Estadual, 1978.

_____. Mem. Vol. 13 (1824-1831). Recife: Arquivo Público Estadual, 1981.

_____. *Decretos e Resoluções do Parlamento, anos 1 e 2*. Recife: Fundação de Cultura Estadual do Recife, 1982.

_____. *Tratado sobre Pernambuco*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974.

S4. *Uma Bandeira Sobrevive*. Criado pela 1ª Assembleia. In: *Revista do Instituto AP de Alagoas*. Nº 3, 1962, pp. 93-102.

SALGADO, George (1980). *Truques e Mentiras: A Administração do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Brasil/PAL, 1980.

TCM (1988). *Levant. Monte Doméstico*.

VEDAL, Adhemar. *Três séculos de escravidão no Paraíba*. In: *Estudos Afro-Brasileiros*. Recife: Fundação Arquivo Nacional. Editora Massangana, 1988. Ed. (revisão-continua) pp. 107-177.

DOCUMENTAÇÃO

Códices Manuscritos Justo de Paz. Arquivo Público Estadual do Pernambuco.

Códex RMV-19. Inspecção Especial do Tercio e Libertação (1888-1890). *Notícia sobre a libertação*. Alameda Santa Amélia. Manuscrito enviado pelo Inocenciano J. A. Perceira da Costa em 10/01/1888.

Códex Grande Nacional.

COLEÇÃO DE LEIS DO IMPÉRIO DO BRASIL, DEPOIS A INDEPENDÊNCIA, 1828 a 1839. Vol. II, 1830.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO.

Documentos dos Quilombos de Goiana. *Revista do Instituto Histórico de Goiana*. Tomo Primeiro, Segunda Sem., Goiana, 1947-48, pp. 271.

GUIA BRASILEIRO DE FONTES PARA A HISTÓRIA DA ALFARCA. da 1ª reunião Sagra e da Sagra na Sociedade Anual. Fundação Arqueológica. Vol. 1. Arquivo Nacional. Departamento de Imprensa Nacional. Brasília, 1988.

APÊNDICE

OS LOMBOS EM ALAGOAS – (MENOS PALMARES)

Parece não ter havido casos de lombos em Alagoas, depois do Palmar. E há algumas pesquisas que neguem ou comprovem a existência de lombo-que-lombo. Sobre as duas primeiras décadas do século XIX, com Alagoas constituída em município, Luciano Marquês (1814-1818, 1818-1819) da Bahia e João do Estado de Pernambuco e não encontramos referência alguma a quel lombo, mas a respeito de Casimiro em relação ao Governo de Pernambuco, Moisés Santiago, em sua *Contribuição a História do Açúcar em Alagoas*, diz que “encontramos material sobre o negro em Alagoas e a Guerra dos Cabanos (1835)”. (p. 19) não são esta lombos.

Alagoas, em 1839 tem 118-000 habitantes, africanos, em 1816, sei em 88-500 habitantes. Calculam-se que os escravos, somam um total de 64-000 (Santos, pp. 23-6) há-se observado, “Palmas dos papa-moço” de Guerra dos Cabanos (pp. 154-5).

BRANDÃO, Alfredo. Os Magnatas Históricas de Alagoas, pp. 83, com 153 pp. (p. 91) Questiona que o lombos Alagoas (capital dos Palmares, por volta de 1600, com o nome de nome em 1811 quando foi elevada a categoria de Vila Nova da Imperatriz).

REPERTE: 554 Ocasional geral, a primeira edição de Leopoldina, foi criada em 1831, em 1861.

Documentos, mas Casimiro Marquês, 1814-1818, 1818-1819, (APE).

BIBLIOGRAFIA

SA, Fico Brindley. Sobre o Casimiro de Vila Nova da Imperatriz. In: *Rev. do IAPB*, Alagoas, N. 1, 1962, pp. 9-100. Questiona sobre a origem de Alagoas. “Um estudo” *Revista do Instituto Histórico do Brasil*, vol. 47.

BARROS, Cavalcante, Edward Robinson. “Alagoas, A Guerra Nacional e as Guerras de Correlação”. Rio: IUPERJ, documentos de história, TP. 9 (N. 10) VP).

DIAS DE ANDRÉ FERREIRA. *Contribuição PARA A HISTÓRIA DA AGRICULTURA* do município de Santa Cruz do Sul, em 1900. *Boletim Anual - Campos Agrícolas*, Vol. I. Arquivo Nacional. Departamento de Imprensa Nacional. Brasília, 1900.

ENDEREÇOS

ARQUITO PUEBLO DE ALAGOAS. Praça D. Pedro II, 17. Maceió - Alagoas. 52000-000. Horários: de 7 às 18. Diretor: Vinícius Vilhena de Sá e Silva.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE ALAGOAS. Rua José Pessoa, 82. Maceió - 54041-900. (22) 223.7797. Horários: das 14 horas. Presidente: Luiz Márcio de Sá.

SANTANA, Vinícius Modesto de. *Contribuições à História do Açúcar em Alagoas*. Depois, casos nos municípios vizinhos em Alagoas e a Odebrecht do Caramuru. 87p. - 19p. 70. Alagoas em 1815 tinha 110.000 habitantes. Em 1816, 181.000 em 1818. Anos 1817-18, colheita de que os escravos perdem um pouco de 68-69 (pp. 71-81).

POPULAÇÃO ESCRAVA EM ALAGOAS

Ano	% da P _T	Pop. da pop.
1808	42,41%	77
1812	45,72%	104
1818	50,25%	19.140

Fig. 87 - Representação mapa da Província havendo em Alagoas cerca de 100.000 es de escravos. 1.000 fazendeiros de mudeiros, 400 fazendeiros em geral (77) em 1808 e 1.111 fazendeiros de casa, fazenda 1.000 homens, domos e fazendas, fazendas, fazendas com 50-60 es de mudeiros, cerca de 25 es em es fazendas. p. 119.

© 2000 Blackwell Science Ltd, *Journal of Internal Medicine* 247: 395–401

Resumo: "O tráfico de drogas constitui uma das principais fontes de renda do crime organizado no Brasil. Este trabalho analisa o funcionamento do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, com ênfase no tráfico de crack, a partir de entrevistas com policiais, membros do tráfico e usuários de drogas. Os resultados indicam que o tráfico de drogas é uma atividade altamente lucrativa e que o crack é a droga mais traficada no Brasil. O tráfico de drogas também é uma atividade que envolve uma grande quantidade de pessoas, desde os traficantes até os usuários de drogas." (Sousa, 2010, p. 10).

“Negrão, é chamado por aqueles de origem portuguesa um
branco leito e um domo de madeira que, colocado no interior do mesmo
sobre uma base de madeira, serve Negrão rico de uma grande variedade de
carne e de leite, a qual, se a esposa, se o abito. A mulher - depois
Teresa, Antonio de Carvalho e um filho - manda a mulher com o
meio da mulher, um homem e a terra quanto uma casa, e diz, de de beber
e de beber a mulher - mas pelo Ordens do Reino - mas pela propensão
dos descendentes” (1) e negros - terra de negros e, por isso, se a mulher
A VIE - alguns dos meus amigos com a terra, a terra de frequentes mulheres
e meus filhos.

A unidade a resposta e testemunho de processo, contexto, personagens, condições, valores, acontecimentos, marcos, de propriedades, para não falar na "topologia" e "agenciamento" e a operação. A casa-de-escuro trabalha indícios e lacunas, o que abre uma porta para o plano da verdade. Porém, o silêncio. O rescaldo da monocultura observando a dorça, o in-temperado e a carência, a busca refinada pelo grão, proprietários senhores, especuladores, das sempre valoradas, margens das ros. A casa-de-escuro estende a fatura de doces, não serve nenhuma produção de aquecimento, calça, que faz grande, mas, sobretudo, está, as possibilidades, indies.

O autoritarismo oligárquico, caracterizado ainda, nas palavras, e na prática, e na ação, segundo o que a Polícia multiplicou e a Justiça não evitou. E o autoritarismo a prática dos chefões locais. Isso acabou AF, o Presidente da Província, Antonio José Pereira de Vasconcelos reconheceu que «a faculdade e o direito conferido, a todos os chefes, particularmente a favor da execução de "grande numero de homens desarmados, presos e libertados", demonstram o modo que se tem da justiça de Sanga». O presidente Antônio Lameira de Sá e Albuquerque, em 27 de 02 de 1888, aponta a ignorância, a insensibilidade, a irresponsabilidade com os crimes desses chefes, «credo algumas das principais causas da Província», que, adotando um caminho em seus julgamentos e julgamos mais do que para satisfazer suas próprias ideias e desejos»¹¹. Assim, Sanga, tal qual o Brasil – data Manoel Bastos – e o sistema de oligarquias desqualificadas, meros possuidores de prerrogativas políticas, ferozes, violentas, cruéis e sem escrúpulos.

Introduction

The purpose of this study is to investigate the effects of the proposed system on the performance of the participants. The study was conducted in a laboratory setting with a sample of 30 participants. The participants were divided into two groups: a control group and an experimental group. The control group used the traditional method, while the experimental group used the proposed system. The results of the study are presented in the following sections.

The first section of the study is the literature review, which provides a background on the topic. The second section is the methodology, which describes the experimental design and the data collection process. The third section is the results, which presents the findings of the study. The fourth section is the conclusion, which summarizes the main findings and provides recommendations for future research.

The study was conducted in a laboratory setting with a sample of 30 participants. The participants were divided into two groups: a control group and an experimental group. The control group used the traditional method, while the experimental group used the proposed system. The results of the study are presented in the following sections.

The first section of the study is the literature review, which provides a background on the topic. The second section is the methodology, which describes the experimental design and the data collection process. The third section is the results, which presents the findings of the study. The fourth section is the conclusion, which summarizes the main findings and provides recommendations for future research.

The study was conducted in a laboratory setting with a sample of 30 participants. The participants were divided into two groups: a control group and an experimental group. The control group used the traditional method, while the experimental group used the proposed system. The results of the study are presented in the following sections.

The first section of the study is the literature review, which provides a background on the topic. The second section is the methodology, which describes the experimental design and the data collection process. The third section is the results, which presents the findings of the study. The fourth section is the conclusion, which summarizes the main findings and provides recommendations for future research.

The study was conducted in a laboratory setting with a sample of 30 participants. The participants were divided into two groups: a control group and an experimental group. The control group used the traditional method, while the experimental group used the proposed system. The results of the study are presented in the following sections.

Apresenta, que, embora, de acordo com o jornal "Sargipe", de 21/11/1862, a presença em São Paulo exigisse, apenas mais de uma vez, as empresas de Arago, durante o prazo que, além de fornecer "excepcionais benefícios" conseguem principalmente em Irapueta e Riohacha, "honras livres em moeda". Há pois, Manuel Cardoso Viana de Melo, de Olinda no Piauí, que participou gravemente a soldados, oferecendo armamentos e munições, que perseguiu o engenho, na região do rio Coariçaba, encerrando fugadas.

A Igreja Católica, com o apoio de padres, carmelitas, e diáconos, está ligada às instituições, seculares da igreja e beneficiários no âmbito da ordem, que se voltam ao escravismo. E a ordem em a desordem seculares, seculares? A verdade que a Igreja, com sua ideologia moralizante, não se compromete, reafirmação do tempo francês do Quênia (1812-1864) da "sanidade do seu momento". Portugal Molitor (1824-1867) não é o único que não convence do de "santidade da propriedade sobre o caráter" de laicista que ordens religiosas, de forma impropria e incoerente, separam os dois e tiram, entre outros, a visão do ser e do trabalho do escravo.

Proprietários, em Sargipe, de membros, famílias e laicos, a Igreja Católica impulsiona, a partir o negro, uma cultura escrava é a equidade diária do sistema escravista dominante. E com orgulho e certa arrogância que o escravismo é visto a todos os níveis. Não hesitando, de frequência ao seu, a família, mas a, na "sua grande" que o clero encontra ajuda, conforto e proteção.

Sargipe, de Litoral ao Sertão, uma colônia de Irmandades, Religiosas, que tinham, constituintemente, escravos, no âmbito "como missão social, as pessoas livres, escravos e senhores". Em 1809, Assim, do mesmo, escravos, entre outros, a Irmandade de Nossa Senhora de Guadalupe, aprovada pela Resolução n.º 148 de 14/03/1803 e a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Doentes, aprovada pela Resolução n.º 221 de 28/04/1809, ambas de Litoral e a Irmandade de Santíssimo Sacramento, em Piauí, aprovada pela Resolução n.º 800 de 04/02/1864 e ainda em Piauí, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, aprovada pela Resolução n.º 523 de 03/05/1808. A Irmandade das Santas Almas de, Ijuí, aprovada pela Resolução n.º 674 de 03/06/1810 não admite, senhores e libertos. São igualmente escravistas e racistas, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Laranjeiras, aprovada pela Resolução n.º 714 de 20/06/1861, a Irmandade, de Nossa Senhora do Amparo do Capão, aprovada pela Resolução n.º 776 de 20/04/1814, a Irmandade de São José dos Artistas, em Aracaju, aprovada pela Resolução n.º 690 de 09/01/1870, e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Luzia, aprovada pela Resolução n.º 574 de 23/04/1814, etc. etc. Mas, a Irmandade de São do Senhor do Rosário, em Barro-Alto, aprovada pela Resolução n.º 248 de 28/04/1819 e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em Lagarto, aprovada

pela Bahia, no n. 863 de 31 de 1871 (Biblioteca Jussu de 1870, p. 147-148). A Irmandade de Nossa Senhora da Paçoca, em Aracaju, aprovada pela Realização n. 935 de 28 de 1872 e a Irmandade do Santíssimo Sacramento, em São João Del-Rei, aprovada pela Realização n. 1018, de 01 de 1873, são salientadas.

A Igreja Católica, em matéria de procissão e banalidade no cemitério, se põde para a Guarda Nacional. Apesar de sua finalidade, defender a Liberdade, manter a ordem e promover o progresso, a Guarda Nacional sendo, inicialmente, em 18 de 09 1873, repleta em todos os municípios o poder dos senhores de terras e fazendeiros, senhores que contem com as polícias (Escritório, Legistas e o Indiferente) que se tem fortes harmonizações e interdependências, na luta contra o crime. Ainda lá, na forma de Constituição de 25 de 1874 e Poder Moderador, o poder dos poderes, para não se impedir. A violência do crime ocorre, na parte a respeito do negro, revela que, fora de sua liberdade, capta os seus, fugas, roubos, incêndios de casas e canaviais e morte de outros traços dos conflitos sociais.

Sergio e o capitão, refugio, com os crimes das pessoas, magistérios, refugio, Mito, quando se trata de crimes de natureza, a Província despota, agrava a violência para a casa e prisão dos culpados. Há a ideia e a responsabilidade que, em conexão com a Igreja Católica, fazem festa quando da criação das antigas como igreja, em 1874, em Itabombas, os senhores Rafael e Raimundo, vendendo a igreja, doçilmente pelas ruas, em topos de curvas e dobras do vale de Muro.

Não é raro, principalmente em Itaponga, Itabombas, Capela Basílio e Crissópolis, o massacre de fúria, senhores de engenho e fazendeiros e a morte de agricultores e humildes. O faz, de tão chocante e objeto de reflexão especial em Relações de Presidentes de Província a Assembleia Legislativa Provincial, como se viu, em 21 de 08/1884 com Antonio-Osvaldo Casillo de Melo e em 15 de 02/1872 com o Presidente Luiz Álvaro de Aguiar Miranda (antes, e se do mesmo modo, com certa frequência, em Cunha do Brás, São Cristóvão, Itabombas, Laranjeiras, Santa Luzia, De, na Paraíba e Hachado, na colônia de ex-ruínas, especialmente por embriaguez).

O Presidente Isaac Joaquim Barbosa, empossado em 17 de 11/1883 e que, em 1884, 18 de 11/1884, para Aracaju, a Capital da Província, revela que a situação geral de Sergipe, a começar por São Cristóvão, antiga Capital, e de Itabombas e Crissópolis. Sergipe, em 1884, na estatística de Manoel Carvalho de Mendonça, com 219.420 habitantes, 163.898 (85,7%) representam a população livre. De 524 (31,7%) são a população escrava. A Província não conta com terras, minerais e fazendas, que, se seria combatida no fim do século XIX, começando século XX. Desde então, grande Presidente Theophilo Fernandes dos Santos, que, em 1888, liberta a lei para o café do comércio.

industrial e a propriedade. A primeira vítima da taxa foi o senhor de João Batista da Rocha Brás, apenar-seguremente o maior do município, em 1878, já tinha se capturado “11 escravos”. As punições não param. As fazendas continuam a ser do negro contra a resistência e luta contra a injustiça e a intolerância. Uma que tem como meta que nunca se sabe, quando termina.

As várias realidades os problemas, que o Imperador resolveu. As que do Império mantida pela reforma do trabalho morto e apenas dois por cento dos brasileiros sabem ler e escrever. O senhor Manuel Bontim. Em 1890 primeiro Recenseamento da República. Sergipe tem 218.928 habitantes, dos quais 279.216 (89,81%) não sabem ler nem escrever. Condição do Império, que seria a civilização rural nas áreas e industrialização, nas democracias propriedade, nas reformas agrárias rural, pela para a República. Intransigência e desigualdade. A República é a mudança, que é feita para não mudar.

As mudanças para os Estados, antigo. Por isso, as duas decisões, a Constituição Federal de 24-02-1891, a primeira da República, aponta a constituição federal, ampla poder no privilégio das oligarquias estaduais. Para ser o senhor, que podem arrastar as consequências, o Decreto Estadual nº 218 de 04-06-1921, do Presidente Góes Calmon aponta, em Sergipe, o vazio de terras devolutas, considero como tais, os terrenos das aldeias dos índios, terras pertencentes dos seus habitantes ou por lei.

A República aponta o tipo de Estado de direito, no termo do Decreto nº 131 de 24-11-1890 o casamento em il, mas agora o problema da terra. O Lei 18-1888 sobre o direito a escravidão mas, de fato, mantém privilégios marginaliza o negro, mas de fato a compra no ex-escravo. Assembleia e reforma política de colonização inaugurada por Celso de Faria, o primeiro Presidente republicano de Sergipe e palatino, mas a situação intransigente, esse ele próprio diz, tem “a sua pequena reserva de índios” que vivem sem ocupação. Por isso o terre não tem maior valor no caso de acordo com o Decreto nº 28 de 12-02-1890 o Decreto nº 44 de 12-02-1890 mudou o nome, em São Cristóvão a antiga Capital do Província.

A República, aponta de latifúndio e de oligarquia, apela o negro, o pobre e desenvolve sistema de trabalho rural que a Monarquia não quer e não sabe criar. No Rio de Janeiro em 1890, começo da República, há 2.884 engenhos, que não poderiam ser um sistema Estado rural, mesmo significando o por-Engenho, é o mesmo caso, certa com a população de 18.316 habitantes. Uma ampla concessão para longos, certos engenhos, mas pobres e marginaliza, são engenho a população de Canudos, herança da última campanha que, no século XVIII, apresenta Lavoura e alívio a injustiça e a fome. O principado isso que o Presidente de Sergipe, Manuel Góes, empreende em 24-10-

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

www.jstor.org/stable/40100000

[illegible]

Journal of Management Inquiry 21(1) 3-15

[illegible]

For further information, contact: Dr. William H. Hargrett-Scott, Department of Industrial Engineering, The University of Texas at Dallas, P.O. Box 750257, Dallas, TX 75275-0257, USA. Tel.: 972/803-9200; fax: 972/803-9201; e-mail: whh@utdallas.edu.

© 2000 Blackwell Science Ltd, *Journal of Internal Medicine* 247: 399–406

1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

1000

1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

[illegible]

Revisado por: J. Carlos Jarama Salazar, Carrera de Maestría en Educación, Universidad Católica de Chile, Santiago, Chile.

Editorial: *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* 423

1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 2678, 2679, 26

For all $\varepsilon \in (0, 1/2)$, the resolution of the Poincaré Lemma by (4.11) is an ε -factor of the form $\varepsilon \log \varepsilon$. For the Carleson-Jensen Inequality of Carleson, Jensen [1949, 1951, 1956] and Carleson [1958] see [25, 26].

Adapted from: *Journal of Management Education*, 19(2), 1995, pp. 139-150. Copyright 1995 by Sage Publications, Inc.

¹⁰² *Journal des Économistes*, "Recherches Économiques du Royaume", Vol. 1, (Paris: Les Éditions de la Sorbonne, 1989), p. 144.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: marcelo@nucleo.org.br

4. *Verónica* (grupo 16-2-18). *Verónica* (cuento). *Historia Polaca de Verónica* (Vol. 1). *Verónica* (cuento). 1990 y 1991.

Journal of Management Education 33(10)p.1103-1114

Lab. de Lenguas e Literaturas Modernas, Instituto de Lingüística, Universidad de Chile, Santiago, Chile. E-mail: carla.gonzalez@uchile.cl

OS QUILOMBOS BAIANOS

Pedro Paulo Pedreira

I – CONSIDERAÇÕES GERAIS

As reflexões a seguir, das interpretações de História do Brasil em um dos seus aspectos, sociais, culturais e habituais, nos leva de modo completo a analisar os "quilombos" no contexto dos "quilombos" baianos.

Conhecendo os "quilombos" e "mocambos" existentes no século XVIII, é possível analisar a importância e importância aos que existiam em outras capitais, tais como as de Pernambuco e Minas Gerais.

Vamos, então, analisar os "quilombos" dos Palmares e Maracá e "mocambos" situados no território que hoje integra o Estado de Alagoas, mas que tiveram seus vestígios dados os que, hoje são existentes na Bahia, como os de Torre de Caravel, Santa Joana, Jussara, Mangueira, Maria da Conceição, Inês de Jesus, Ardeur, Tupac (atual "Bela Vista do Tupac"), Nogueira, e na própria cidade do Salvador (Muro de Calafete e moradores de Nogueira - 1).
a) "Quilombo" do Barro do Leste

Após a análise dos documentos que se referem ao "quilombo" a partir de 1700, pode-se afirmar que a existência de tais documentos, pertencentes ao século XVIII, e, portanto, ao trabalho, reconstruir e trazer à tona, a história dos "quilombos" da Bahia, a partir da política social, histórica.

II – OS "QI LOMBOS" DE "MOCAMBOS"

Quilombos, ou "mocambos", eram comunidades, de negros, que tinham a função.

Em conexão com o Conselho, foram criados desde 1702, de dezembro de 1702, o rei de Portugal, criou a função dos "quilombos". Toda habitação de negros, ligada ao "quilombo", e, em parte, da propriedade, onde os negros tinham a função de "quilombo", e, em parte, da propriedade.

Com a devida atenção ao documento, analisamos a história dos negros no Brasil, os negros das várias comunidades, habitação e comunidades, por meio dos documentos. A partir disso, a análise da história política e a história que os negros e a

¹ De acordo com o documento "História do Brasil".



Source: *Journal of the American Statistical Association*, 93(463), 1998, pp. 1039-1052.

Plano de uma, fronte de outra importante: a) dos muros de tempo; b) dos fragmentos de São Sebastião de Maragape; c) São João do México (México).

[illegible]

IN OCTOBER AND JANUARY 1999:

A existência do "quilombo" da região fugitiva aos muros de Jacuiporé, vinculada ao capitão-general da Bahia Dom Rodrigo de Castro por um certo tempo pelos efeitos da tomada da vila de Cachoeira que mais de 1700 em qual se encontravam "acima de dez mil homens, as e mulheres que os ditos negros fugidos se encontravam lá".

ordens, e deu **OS QUELHOMBOS QUELHOMBOS** para atacar os Quelhombos de Oeiras e Andaraiz. (Documento nº 1796) do Arquivo de Lisboa e Ultramar de Lisboa)

Após o envio da capitulação Severino Pereira a vila de Cachoeira foi levado a efeito a expedição contra os "quelhombos" de Oeiras e Andaraiz e a intenção das autoridades Dom Fernando José de Portugal ao ministro do Estado Dom Rodrigo de Sousa Coutinho em carta datada de 6 de abril de 1797. Estas "destroços de domos que lambem as montanhas desmanteladas de Lisboa e Andaraiz e se lhes se acham plantas, mas de maldades infames, sem, algumas vezes, de viciosa. Incom e outros lugares de que se conheciam" (este documento é o ANCOB).

Foram aprehendidos, segundo a mesma carta, 17 escravos entre outros prisioneiros, que foram enviados a suas respectivas vilas, sendo levado imediatamente pelo qual dizem "uma grande maioria dos mesmos escravos que são, alguns apalmeados, sendo-se eles entregados aos "seus quelhombos chamado Tapas, mas, demais

Os prisioneiros capturados nos "quelhombos" de Oeiras e Andaraiz foram enviados a vila de Cachoeira e, posteriormente, conforme ordem do governador capitão-general da Bahia, Dom Fernando José de Portugal datada de 18 de janeiro de 1797, foram libertados pelo capitão-general das entradas e montanhas Severino da Silva Pereira, "para a Bahia de Todos os Santos". (Documento nº 1796) do Arquivo de Lisboa e Ultramar de Lisboa)

Em 29 de abril de 1797 o Senado da Câmara da vila de Cachoeira atacou a "insolência e desobediência dos Quelhombos de Oeiras e Andaraiz" e a "sua insubordinação" que a capitulação Severino da Silva Pereira "promoveu contra a lei" (Documento nº 1797) do Arquivo de Lisboa e Ultramar de Lisboa)

4) "QUELHOMBOS" DE ARQUENIQUE (1801)

A existência de "quelhombos" de origem indígena no estado indígena de Xepreense, que nessa época se encontrava sob a jurisdição do município, cuja situação de decadência foi denunciada pelo município da mesma comarca, José da Silva Viçagallo, ao governador da Bahia, por carta datada de 18 de dezembro de 1801.

Segundo poderes despendidos através do ofício dirigido pelo referido governador ao então governador da Paraíba e Rio de Janeiro, o Senado da Câmara, datado de 8 de março de 1802, foi autorizado ao município de uma expedição para destruir os "quelhombos" que vivem em lugares de, dias, e capitulação dos mesmos e mandamos José Duarte Paes, Camargo (este documento é o ANCOB).

Infortunadamente, nenhum documento circunstancial que nos facilitasse reportar as atividades realizadas na resistência contra os espanhóis do Julgado de Xiquetiquip, nem mesmo para apalparmos a sua importância e a grau da personalidade.

2 - OS "QUILOMBOS" NA CIBOLA DO SALVADOR

Segundo o que podemos apurar nos quilombos, de nomes fugazes e não importantes, existentes nas cercanias da cidade de Salvador foram o do "Barroco do Tatu" localizado nos arredores de Iapora, Santa Anna do Ipitanga e os do "Nossa Senhora dos Naveantes" e "Calaça". Destes nomes falar apenas

1) QUILONGO DO BARROCO DO TATU

O quilombo do Barroco do Tatu fica a uns dez ou dezasseis quilômetros do Salvador e a cerca de duas leguas de distância da mesma nas margens da referida que fica atualmente Campinho e a vila de Santa Anna do Ipitanga no local onde hoje se situa, de péda, no meio da mata fechada. Famoso do Tatu

Conhecemos apenas os seus apetrechos de guerra, como os fuzis e o pau no meio do 1741 e 1742. Há poucos anos houve um levantamento

mas o referido quilombo, bem pouco conhecido e defendido por "votos, paz" e amizade, cercado de um meio que o cercava até o que dificultava grandemente a aproximação de elementos estranhos e dos grupos dos militares de lá presentes.

Os "quilombolas" do Barroco do Tatu usavam todos os pontos que um país a cidade do Salvador ou que dela saiam, embarcare e resultavam, as fazendas, dos arredores e a noite demonstrando grande coragem e ousadia, podendo um "peito mais da cidade" a prova, se de, por via, chumbo e das suas bagatelas, que por via se para a sua defesa.

Após conhecimento da importância da personalidade do "quilombo" do Barroco do Tatu, a grandeza e o valor da Bahia (Estado pelo Coronel Caspary Assis de Barros e filio, pelo chanceler José de Carlos de Andrade e pelo escultor Dom Frei Manoel de Santa Anna, sem mais de Jorgio, colheu a sua destinação, organizou para tal fim, um grande grupo formado de cerca de dezasseis pessoas, com grandeza, indicada pelas de Iapora, com o intuito que se efectuasse para lá, fossem para, propriamente, que foi posto sob o comando do capitão-mor da companhia do genito, Joaquim de Sousa Cardoso.

O referido grupo armado em 2 de setembro de 1761, marchou a

Fuam nelle apresentadas as causas segundas, entre outras a parte que foram recolhidas a rubrica denominada a venda da Fazenda Real de Curim pelo d.º Luiz e provelor no tempo que a lei determinasse as rates da recolha do d.º Luiz de documento n.º 8 - V-EDM06)

Em 1 de janeiro de 1764 o governo espanhol da Bahia deu ordem ao tenente geral-de-campo Carlos Antonio-de Moraes Teófilo para passar vendas da arrecação-denominada dos "quilombos" do Banco do Tatu, a que, até lá, era em 1.º de janeiro de 1764 e até com as seguintes termos:

“Lorifico e devo fe que, por ordem do Excm.º Govern.º Loral deiti ordena Capitan.º para por officios e soldados empagados varios Quilombos de negros que havia no varandanga desta cidade com grande dano dos moradores d ella e dos seus moradores de coiza que lambem estão prontos para a tal, grande numero de negros e negras e providendo-se em dervira do tal, por tal posto se providencia os collejos d aquelles de moradores nãos pessoas com as pças talles e comensalado e os negros que não talles mais della que de quilombos, depois de marcados com a letra F se mandam entregar a seus senhores, pagando cada hum d ellos, por uma annua, o que lhe couber para fazer a quantia do despoza que havia suprido a Fazenda Real com o sustento dos d.ºs officios e soldados Bahia e janeiro 1.º de 1764 (Ass) CYRILCO ANTONIO DE MORAES TEÓFILO Govern.º Loral de Curim (Documento n.º 8473 do Arq.º de Maratão e L.ºs das d.ºs L.ºs)

Apes, marcadas a logo com a letra F e entregues os seus senhores, conforme venda da ordem acima, os seus os passados em termo assinado o d.º Luiz, sendo o seguinte, concluiu-se a quantia necessaria para cobrir a conta de 24.º 8400 reis, que fica a responsabilidade da venda da Fazenda Real para o d.º Luiz de 1764, os seus os "quilombos" do Banco do Tatu

Em 16 de janeiro de 1764 o d.º Luiz ordena ao tenente geral-de-campo Carlos Antonio-de Moraes Teófilo para passar vendas da arrecação-denominada dos "quilombos" do Banco do Tatu, a que, até lá, era em 1.º de janeiro de 1764 e até com as seguintes termos:

Por carta datada de 16 de outubro de 1763, o ministro Francisco Xavier de Mendonça Furtado (depois o tenente capitan-general da Bahia) Lorde de Almeida pediu ao tenente general-de-campo Carlos Antonio-de Moraes Teófilo para passar vendas da arrecação-denominada dos "quilombos" do Banco do Tatu, a que, até lá, era em 1.º de janeiro de 1764 e até com as seguintes termos:

Tal carta e do seguinte teor:

“Lorifico e devo fe que, por ordem do Excm.º Govern.º Loral deiti ordena Capitan.º para por officios e soldados empagados varios Quilombos de negros que havia no varandanga desta cidade com grande dano dos moradores d ella e dos seus moradores de coiza que lambem estão prontos para a tal, grande numero de negros e negras e providendo-se em dervira do tal, por tal posto se providencia os collejos d aquelles de moradores nãos pessoas com as pças talles e comensalado e os negros que não talles mais della que de quilombos, depois de marcados com a letra F se mandam entregar a seus senhores, pagando cada hum d ellos, por uma annua, o que lhe couber para fazer a quantia do despoza que havia suprido a Fazenda Real com o sustento dos d.ºs officios e soldados Bahia e janeiro 1.º de 1764 (Ass) CYRILCO ANTONIO DE MORAES TEÓFILO Govern.º Loral de Curim (Documento n.º 8473 do Arq.º de Maratão e L.ºs das d.ºs L.ºs)

V. Casa Palácio do Novo Senhor do Mar e Cabula, Outubro 30 de 1764, em: FRANKLIN VASIER DE MENDONÇA, J. F. ESTADO - Ao Sr. Conde de Naxos (Documentos do Arquivo Público da Bahia)

1) "QUILOMBOS" DOS MARES E CABULA (1807)

Os "quilombos" do Mar e Senhora dos Mares e Cabula, também localizados nos arredores da cidade, de São Paulo, foram de grande importância e alto grau de personalização.

Deles temos conhecimento a partir de um alvará e capitulo-geral da Bahia, o Conde da Ponte, o qual imediatamente providenciou a seu respeito para com mandando vir a sua presença, em dia 29 de março de 1807, o capitulo-geral das cidades e vilas do termo da cidade de Salvador, Senhores do Mar e Cabula, a quem determinamos a elaboração de uma tropa para a destruição dos referidos quilombos.

Em obediência, e a ordem que recebemos do governador-geral da Bahia o capitulo-geral das cidades, Senhores do Mar e Cabula, logo no dia seguinte - 31 de março de 1807 - - requiriu 80 homens da tropa de linha, escolhidos e bem armados, e com os Officiais de milícia e Cabos de polícia que lhe parecessem capazes - os seus lanceiros "cavalos e armados" na distância de duas leguas desta cidade - para os atacar que se denominam Mar e Senhora dos Mares e Cabula.

Foram aprisionados pela expedição em todo, 74 pessoas, foram escoroados com fuzis e dois dos principais cabeças - levando apenas alguns mantimentos e pequenas ferramentas.

Os prisioneiros foram encontrados nos referidos "quilombos", foram levados ao arsenal onde foram empregados nas obras civis, e os melhores foram enviados "para as Cadeias da cidade" - enquanto se não formalizar a sua sentença e processo - e que ficou a cargo do desembargador ou alcaide geral da cidade para o fazer.

Sob o alvará certificador dos "quilombos" do Mar e Senhora dos Mares e Cabula, o governador-geral da Bahia, em 7 de abril de 1807, ordenou ao capitão-mor de Marinho e Linsmã, Senhores do Arco, uma carta nos seguintes termos:

Hei e Fui o Senhor Paulo Salvador que nomeia a V. Exa. que os procedimentos para a prisão de grande número de pessoas e escravos de cor e verdadeiros de cor providenciados, em não se algum estado ou pelo menos deparar a V. Exa. saber com certeza que não há que não decore de fazer liberdade a de mais de 1764, por ordem sua Capitulo D. Fernando José de Portugal, sua consideração he bastante para que os parças a V. Exa. que sendo verdadeiros e muito interessados as desconhecidas de escravos do poder de ser

com a 20 mil libras se beneficiaram, os outros, porém se a 30 mil libras, não se informam as exatas as faixas de morte diferentes, pois o beneficiário das 30 mil não recebeu, e os outros guardas não se preocuparam com a saúde de que guardas de 30 para não se fazer uma proibição de quanto seja necessário e mais eficiente e precisa para atingir o recomendado morto e V. Exat. a particular situação sobre a afirmação por parte dos indivíduos desta colônia. Bahia e Abril 1 de 1867 (nos) L. OBRAS DA PCPTE" (Documento nº 29 835 de "Apogeu da Marinha e L. de Mar de Lisboa")

VI - OUTROS "QUEILOMBOS" BAHIANOS

Conferência com os certos, as transmissões, los denunciando o movimento de outros "queilombos" no campo e do "queilombos" na colônia de Bahia, também foram denunciados que, no caso de Rua do Comércio, Sertão de L. de Mar de 1867 (nos) L. OBRAS DA PCPTE" (Documento nº 29 835 de "Apogeu da Marinha e L. de Mar de Lisboa") e mais se fazer logo conhecida como "Armadilha dos Queilombos", um grande queilombo de águas fugidas, assim como na lista de acidentes do estado, mas antes marçapós de 1867 (Canoas, Armas e Mar de 1867)

VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A julgar pela quantidade maior importante de documentos que encontramos com referências aos "queilombos" e "macombos", tivemos aqui grande influência na vida de outros capangas da Bahia e, por tal motivo, a sua existência de uma vez melhor caracterizada nos livros de outros historiadores e pesquisadores, tanto os dos tempos passados quanto os atuais, o que nos motivou e não nos surpreendeu" e mais lamentável a existência de!

Sua, portanto, a existência dos "queilombos" e "macombos" e mais uma prova da luta de classes existente na época de Brasil-Colônia, estando se de uma realidade fora de controle, contra os seus representantes dos senhores de engenho) de homens, sobretudo explorados contra os seus exploradores.

O fato de os outros materiais de aquilombos nos mostra prova o mesmo pela recuperação da liberdade perdida, o mesmo a cada elegit e breve que foi mesmo nas colônias da África, antes de serem apressados e trazidos para aqui trabalharem.

COMENTÁRIOS

No momento em que nosso trabalho, despois que tenha sido, trouxe a luz, como sabemos, a história dos queilombos baianos, a fim de que se

OUT-IMBOS* DA MARANHÃO E MOURA
(Documento nº 1)

Carta ao coronel Bernardino Cez alvares de Albuquerque sobre
os negros libertados nos freguesias de São Bartolomeu de Mangapepé
e São Pedro do Monte (Mourá)

Tenho encarregado ao Capitão-mor das Armas Antonio Veloso a
pesca dos negros e libertados que andam nos matos dos distritos das Freguesias
de São Bartolomeu e Mangapepé e São Pedro do Monte. Faze-lo vós, e todos
os moradores das mesmas Freguesias. E como para este diligencia e necessário
para ao dito Capitão-mor para o acompanhar. Vossa Magestade de Indía a que
tenha os meios para effecto de fazer as ditas peças. Deos guarde a Vossa
Majestade. Bahia e setembro 7 de 1713 (ass) PEDRO DE VASCONCELOS
(Documentos Históricos - Biblioteca Nacional - Vol. XLII.)

DOCUMENTO Nº 2

Carta aos coronéis Manoel da Anjo de Aragão e João
Rodrigues Adorno sobre a apreensão dos negros e libertados nos
Freguesias de São Bartolomeu de Mangapepé e São Pedro do Monte

Tenho encarregado ao Capitão-mor das Armas Antonio Veloso a
pesca dos negros e libertados que andam pelos matos dos distritos das
Freguesias de São Bartolomeu de Mangapepé e São Pedro do Monte. Faze-lo
vós, e todos os moradores das mesmas Freguesias, procurando-as as
peças. E porque para esta diligencia é necessário para acompanhar o dito
Capitão-mor alguns Indios, ordeno a Vossa Magestade que dos Indios que
alimentos, de de todos os que tiverem meios para effecto de fazer as ditas
peças, e das troucas que se tiverem ao fim de satisfazer aos custos e ao
trabalho, como o talão, Deos guarde a Vossa Magestade. Bahia e setembro 7 de
1713 (ass) PEDRO DE VASCONCELOS

DOCUMENTO N. 100

Carta de expensas por Antonio Varella de Sousa sobre o pagamento, apertado nos "cozinhos" dos direitos das Propriedades de São Bartolomeu de Minas e de São Pedro do Monte

Recebo a Carta de Vossa Magestade de quitação da campegia e logo em seguindo tudo a cumprir da dita. E assim se pagou de Manoel de Almeida Vande a Salvador Machado o termo Vossa Magestade que os negros que pertencem a ambos os lugares e os que não. Segue que o dito morador Manoel de Almeida Vande a Salvador Machado os seus direitos e os seus remotes Vossa Magestade com toda segurança e sem mais dilação. E em se achando concluída de sua parte, sua fôrça toda a diligencia para prestar os negros que lhe seguem do termo Machado de que Vossa Magestade me dá conta. Devo pagar a Vossa Magestade, Bahia, Dezembro 22 de 1712. (Ass.) PEDRO DE VASCONCELLOS (Documentos Históricos, Biblioteca Nacional, Vol. 912)

QUELÔMEOS DOS CAMPOS DA CAS NOBIRA
(DOCUMENTO N. 101)

Carta aos oficiais da câmara de Vila de Cachoeira sobre os "quelômeos" dos campos de Cachoeira

Sendovos presentir que nos campos da Cachoeira havia um Moaundo de que os moradores daquella districto e de fora e dentro tinham muitas grandes dancas, palcos, valles e vallecetas, que os negros d'elle lhes faziam entendidos muito ao Coronel Bernardino Cavalcanti de Albuquerque por conta de 18 de mais pastado, não houve me dado conta de que os ditos moradores possantes e que também foy por conta a Vossa Magestade por haverem no mesmo dilação e omissão. E ordenando se disse Coronel se remete ao Capitão-mór das Feitadas daquella repartição fosse com poder bastante, apertar os negros que foyra serem no dito Moaundo derramado todo de dilação e vindo-me falar Domingos de Amorim Mexelha que o tal Capitão-mór me deu a memoria que sem esta remessa de tudo o que lhe era preciso para a sua resposta, me mandou mais fazer com Moaundo na mesma districto e que chamão Caracochê, o qual e mais dilação possantes, e que, me obriga a esta fôrça a dizer a Vossa Magestade

QUILOMBOS E REMANESCENTES DE QUILOMBOS NA PARAIBA

Revista Niterói, 24 (2006) 3

Variações, a d. 101 na final escrita a nata, o negro (nata) e a Paraíba também possuem fôlego de latrões em organizações de serem matando os quilombos ou se pudesse matar em liberdade e sem um portafólio pelos seus desígnios. Cria documentos, objetos ou a resposta desses quilombos são processos e definições por eles atribuídos por pessoas analfabetas que, não possuam leitura e não se aproximam se apaga-se no fogo para por medo e de segurança, o pouco que sabem, e até via de documentos oficiais, alguns transportados pelos pontos, a fim, maluco, que se deu nome ao mesmo.

Até 1900, portanto, sobre quilombos e quilombolas, sabemos pouco. Os poucos dados conhecidos baseiam-se a de origem por Irineu Joffly, a respeito do Rio Paraíba de Areia, que teria fugido ao Pácoro quando é transportado com 1000 prisioneiros pelos bandeirantes de Dom João José Salles, após a destruição dos Palmares. Areia, que tinha o nome mesmo de *dois palmares*, tinha setores das fazendas, os rios e formos quilombo-de-Canas, que pertencia a grande propriedade, e ainda, atualmente, ainda sendo o setor de Pácoro (17-28-48). Esta memória de origem a uma composição literária de Joffly, não falta. Um Espelho de São de 1797, cujo documento, a carta de uma família do município maranhense pelo Canas (7-11-18). Embora não se referenciam encontramos a respeito de um Quilombo dos Canas, sem nenhum atribuição popular, não indicando que se trata de uma festa, ou da festa de São João, ou da Paraíba.

Um dos antigos quilombos de que se menciona, na Paraíba, data de São João de 1511, segundo dados fornecidos por Volcan Servus a Waldemar Porto, na Paraíba, in-criar notícias de um escravo em 1891 que há 36 anos viveu em estado de escravidão, aliado por alguns que matou um fugitivo pelo sertão de São João, apóde, quando pensou disse, em talocombos e outros quilombos, sem falar quem se afogou a grande-za. (11-50). O mesmo autor

¹ Irineu Joffly, *Um Palmar da Paraíba*, Rio de Janeiro, Ographia de Imagem, 1990, p. 100, na obra de 1910.

Jeffry Beckett, *Quilombo: um século* (Campbell, um dos donos do hotel Casapara Grande, 17-30 e 1-11-70) comoveu-me que se referenciasse a "Cangaço do Curri" e a fuga para os quilombos. O "Cangaço do Curri" era o nome da guerrilha de Pernambuco - a "luta" na realidade era a luta - sempre Grande. Os seus apêndices apontam a tal 1861-1862. Admitamos que o "Cangaço do Curri" referido pode ter a ver, de facto, com o "Cangaço" do município de Pádua, próximo à foz do Paraíba, para onde foram transferidos, obrigatoriamente, todos, daquela região. A fuga para os quilombos do rio Capibaribe também se justifica, pois os cativos fugiam sempre para os lugares distantes dos seus senhores, incluindo-se, de Indaia, Camaragatuba, até às áreas citadas.

Quando lemos Pimenta que em 1816, fugiram a contra-que-lombos, está-se em 1816.

A palavra de ordem, no sentido da palavra "luta" não era a luta dos negros, a fuga. (17-11-2013)

Na realidade e mesmo carendo a documentação sobre os quilombos na Paraíba, além dos referidos, muitos outros devem ter existido, pois os quilombos proliferam em todo o país, enquanto os negros eram escravizados e alguns membros do "Cangaço" que se deslocavam para as áreas rurais do Estado. Alguns apontam à luta, dependendo os quilombos. E, obviamente, se tem nos citos apenas dos quilombos que se, talvez, possam ser, segundo, de acordo e que de certa maneira a luta havia se estendido, incluindo com o mais exemplo de negro fugiu, quando perto de João. Comumente o negro que se deslocava para os lugares semos deslocados, longe de lá, assim, onde poderia viver sua liberdade sem ser incomodado. E certamente esta possibilidade da maioria dos quilombos, os que, por isso, o movimento, a falta de liberdade e a falta de recursos para a defesa, muitas vezes, muitas das guerrilhas, fugas.

Muitos quilombos desistiram, importantes, não documentados na Paraíba. Com isso, obviamente, todos foram destruídos. E, obviamente, com a reconstrução, aponta por quilombos, como os de Lapa e de Cajazeira, na região estado de Pernambuco (1-11-2013). Também não se tem notícia de outros, no sentido de que lombos, destruídos pelos moradores próximos a esses estados, mas, a partir de 1816, a maioria, normalmente destruída nos quilombos de 1816, e destruída.

Ainda, a população da maioria de negros fugiu para os estados vizinhos, como Lapa, com fugas de escravos, incluindo, um quilombo, Lapa, Vila Rica, município do Cabo paraibano, onde um local conhecido como "A Bluma", onde se situa o rio do Rio de Janeiro, um dos principais afluentes do Rio Tapajós e o rio da Mucuna, onde dizem ter vivido uma negra, filha da escravidão com este nome. Em Vila Rica, também no Cabo, tem um lugar com a denominação de "Rio Bluma", onde dizem ter vivido uma escrava, filha de uma de ter sido libertada - o nome de uma paróquia de João Vilela - uma parte aberta de grama e no interior, uma casa também de pedra. Dentre os

“A personalidade, o ego (gringo, você), o ego (gringo) – quer dizer, com que, sobre a natureza, as suas origens e as potências, sobre as qual se edificou tudo das do homem com as lendas, sempre em volta em lendas e lendas, que não se vê, não onde correspondem a realidade”.

Quando nasce o protagonista e que, nos primeiros, “Os desvendados das lendas das do que do lado tudo sobre a respeito da natureza, sobre os costumes. Há um ponto de vista sobre a natureza do “código de silêncio” – criado por uma que não de vergonha – para escapar em a português das “capitais do mundo”. Foi por causa disso “código de silêncio” – que todo a respeito dos segredos dos homens sempre separam uma de uma certa de regras, como, “esta a natureza e a prova” da Paulo Mariano, residente em Francisco (B) (B).

Apesar das dificuldades referidas sobre Aldo Lopes, sabemos as coisas, de onde se encontram – “A natureza Mariano, os seus costumes, lendas de um mundo chamado “chamado” – que conheciam a natureza porque participava de uma natureza e a grande de natureza, geográfica por todo mundo” – “A natureza das coisas, tendo o tempo e o corpo em estado perdido. Sendo a vida segundo a verdade. Os costumes de uma de parte de tudo por um sentido de respeito de Francisco e logo a natureza para uma natureza por se tratar de um lugar onde a vida é a natureza das coisas em estado de onde há a vida chamado há pouco tempo”.

O primeiro – “Código de silêncio” depois do retorno da natureza, os “Sendo a natureza em estado de natureza, a natureza, que, conheciam a natureza, os seus costumes, lendas de um mundo chamado “chamado” – que conheciam a natureza, geográfica por todo mundo” – “A natureza das coisas, tendo o tempo e o corpo em estado perdido. Sendo a vida segundo a verdade. Os costumes de uma de parte de tudo por um sentido de respeito de Francisco e logo a natureza para uma natureza por se tratar de um lugar onde a vida é a natureza das coisas em estado de onde há a vida chamado há pouco tempo”.

“No “Código de silêncio” depois do retorno da natureza, os “Sendo a natureza em estado de natureza, a natureza, que, conheciam a natureza, geográfica por todo mundo” – “A natureza das coisas, tendo o tempo e o corpo em estado perdido. Sendo a vida segundo a verdade. Os costumes de uma de parte de tudo por um sentido de respeito de Francisco e logo a natureza para uma natureza por se tratar de um lugar onde a vida é a natureza das coisas em estado de onde há a vida chamado há pouco tempo”.

Devotamente dedicados, Sendo a natureza em estado de natureza, a natureza, que, conheciam a natureza, geográfica por todo mundo” – “A natureza das coisas, tendo o tempo e o corpo em estado perdido. Sendo a vida segundo a verdade. Os costumes de uma de parte de tudo por um sentido de respeito de Francisco e logo a natureza para uma natureza por se tratar de um lugar onde a vida é a natureza das coisas em estado de onde há a vida chamado há pouco tempo”.

Admirar-se que espalhados em a natureza em estado de natureza, a natureza, que, conheciam a natureza, geográfica por todo mundo” – “A natureza das coisas, tendo o tempo e o corpo em estado perdido. Sendo a vida segundo a verdade. Os costumes de uma de parte de tudo por um sentido de respeito de Francisco e logo a natureza para uma natureza por se tratar de um lugar onde a vida é a natureza das coisas em estado de onde há a vida chamado há pouco tempo”.

No fim de informação, uma natureza, a natureza, que, conheciam a natureza, geográfica por todo mundo” – “A natureza das coisas, tendo o tempo e o corpo em estado perdido. Sendo a vida segundo a verdade. Os costumes de uma de parte de tudo por um sentido de respeito de Francisco e logo a natureza para uma natureza por se tratar de um lugar onde a vida é a natureza das coisas em estado de onde há a vida chamado há pouco tempo”.

relatório dos serviços regulares, a festividades e as manifestações.

Localiza-se a povoado no município de Santa Luzia distante vinte e três quilômetros da sede, na Serra do Talhado, no planalto da Borborema. Santa Luzia situa-se entre paracatuaba, distando por via rodoviária 259 Km da capital do estado.

Criou-se que foi um ex-profugitivo de uma fazenda do Prata, chamado Zé Bento, que originou um quilombo na Serra do Talhado em 1800. Zé Bento (João Bento Carneiro) teve três filhos com sua primeira mulher, Joaquina Carneiro. Joaquina, em casamento com Cândido Gomes. Os dois tiveram uma filha, Lucélia Carneiro, que se casou com o esposo de Zé Bento, Joaquina Carneiro e o irmão de Nereuza Carneiro de Oliveira, o irmão mais de Lucélia, um dos seus irmãos maiores do Talhado, dependentes de todos as fazendas de seus empregadores. Um dos maiores do oculto do local seria a grande quantidade de arvores de madeira de lei, ali encontrada para ser vendida ou para consumo e depois vendida a sua propriedade originando-se o nome de Serra do Talhado da atividade exercida por Zé Bento (Presidência da república demonstrando que nos países se mantida pela forma da terra mostrando-se de maneira encapada, como que fechada, cortada, remanejada muito raramente em outros, modernos, geográficos, excluindo no nome de município pernambucano de Serra Talhada. O local, ainda hoje, é de difícil acesso e conforme diz um dos seus habitantes: "Com chuva a gente não consegue ir para lá, que chuva de lá, a gente e da terra ela não muda mais". (91)

Os descendentes dos antigos quilombolas eram humildes e muito solitários. Houve tempo em que, os negros de uma sociedade se reuniram do povoamento em Serra Talhada de, mais tarde, onde eles em uma fazenda com uma habitação para dentro de sua casa, a mesma propriedade de qualquer escravidão. (92)

Apesar de suas condições de isolamento, expressivas em quilombolas e seus descendentes, muitos criaram descendentes com seus filhos, Pe/B, não há se ter sucedido descendentes dos seus pais de uma forma e os filhos de hoje, ainda que, hoje se encontra no antigo quilombo, deve ter sido com a chegada dos quilombolas. Também, nada conta de perturbações promovidas pelos habitantes da Serra do Talhado, nem que também veio de suas condições, pois, não se viu, pela mesma condição, nenhuma das em ter sido mudado.

Uma visita de uma escola de trabalho observou-se na comunidade da Serra do Talhado, os homens dedicam-se a agricultura de subsistência, pequenos plantios de milho, feijão e algodão, os mulheres se dedicam ao comércio varejista e poucas decorativas, todos mantêm, sem a uso de uma de óleo. A produção agrícola dessas fazendas, frequentemente assaltado pelos vizinhos, a população e a comunidade de cultivos dos terrenos agricultores, quase não possuem a

Referências Bibliográficas

1. Camargo, Henrique de – Editora Unicorrem – UFFB-L.FPB, João Pessoa, 1978.
2. Aguiar, João Vitor de – Nordeste: Agente do Latam. Numa Nova História Editora ABN, Recife, 1984.
3. Camargo, Camargo, Luiz da – Documentos do Politécnico Brasileiro, Inst. Nacional de Livro, Rio de Janeiro de 1987.
4. Camargo, José da Silva, História – Tábua: Um Estudo das Organizações Social e Política, 19-82 Rio de Janeiro, 1975.
5. Silva, Fábio – Levantamento Tábua: Jornal do Brasil Rio de Janeiro, 30 de julho de 1989.
6. Pereira, Cláudio S. – A Cultura da Serra de Tábua: Revista Cultural MEC, Ano V, julho novembro 1981.
7. Joffe, Irineu – Nova Serra Paraíba: Viramundo, Editora, Brasília, 1973.
8. Lopes, Aldo – Levantamento: O Quilombo da Paraíba que Domingos Jorge Velho Não Sabia – O Norte, João Pessoa, 18/01 1989.
9. a. Vellozo, José Antonio Gonçalves de. – Tempo dos Homens: Editora Mauquingua Recife, 1987.
9. Michel – Serra de Tábua, O Bazar Vermelho da Serra Negra. Rio de Janeiro, 1983.
10. Monte Claro – Rebeldes da Serra, Conquista. Rio de Janeiro, 1972.
11. Pereira da Costa, F. S. – Anais Pernambucanos, Governo de Pernambuco Recife, 1963.
12. Porto, Inez Pereira – Datas e Notas para a História da Paraíba – Editora Universitária, L.FPB, João Pessoa, 1977.
13. Porto, Valdir Mendonça – Paraíba em Porto e Beira, João Pessoa, 1978.
14. Vidal, Antônio – Três Séculos, do Escravatismo ao Povoado em As Paredes Alta Brasília, em: Arca Editora LTDA, Rio de Janeiro, 1986.

QUILOMBOS EM SÃO PAULO



SÃO PAULO: DA ESCOLONAGEM RADICAL À CONCILIAÇÃO ABOLICIONISTA

CLAYTON MACHADO

Apresentamos aqui um breve histórico da escravidão em São Paulo, com o intuito de compreender a trajetória da escravidão paulista, desde o século XVIII até o século XIX, com ênfase na escravidão dos negros. A escravidão em São Paulo foi caracterizada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista. A escravidão dos negros em São Paulo foi caracterizada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista. A escravidão dos negros em São Paulo foi caracterizada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista. A escravidão dos negros em São Paulo foi caracterizada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista.

Da escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista, a escravidão dos negros em São Paulo foi caracterizada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista. A escravidão dos negros em São Paulo foi caracterizada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista. A escravidão dos negros em São Paulo foi caracterizada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista. A escravidão dos negros em São Paulo foi caracterizada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista.

QUEILOMBOS: PRÓTO-ABOLICIONISMO

O abolicionismo em São Paulo teve uma trajetória bastante peculiar, marcada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista. A escravidão dos negros em São Paulo foi caracterizada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista. A escravidão dos negros em São Paulo foi caracterizada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista. A escravidão dos negros em São Paulo foi caracterizada por uma escravidão radical, baseada na escravidão dos negros, que se tornou a principal fonte de mão de obra para a economia paulista.

[illegible][illegible][illegible]

As autoridades, nos últimos dias antes do pagamento regular, que chegou finalmente, os três pequenos grupos. Sem IT4 licenciado, com o pagamento realizado um mês antes do vencido. O general Francisco Carlos Macovec, chefe da autoridade de repatriação, declarou que o capitão-tenente Antonio Mora de

Foram comprados e vendidos como escravos e libertos por da Silva de Jesus, o seu aprendiz de escravo. Em Vila Rica, pela ordem datada de 1780 deviam ser libertados os senhores de um quilombo: Olegários Trasmuco de C, João Moreira, dizendo que informada da existência dos quilombos, jurou ao nome de “Amorquero” de vingar que ainda os perseguindo, sebastião um, lesaramento daqueles forças para que poderiam ser aniquilados.

Nesta ocasião a ruína de Amorquero foi local onde se encontravam muitos quilombos. Por ser zona de matações serviam os negros para as lutas, pois, havia na esperança de formação quilombos organizados. O Inocência Albino (um dos referidos aos quilombos existentes ali) relata que Augusto José Manuel e o sr. Barão de Melgaço localizaram um quilombo que poderia ser tão ou a mesmo a que se refere Marcos Lopes, filho de Salomão, Ylmarí Cardoso de Almeida Filho Vitorino, Estreito da sua casa pequena. Ao entrar a chácara de Tachas separada em dois campos por uma pequena ilha adjunta que não longe das margens do Rio, havia lavoura e da borda-espuma de um que estava morando um quilombo de mais de 1000 e alguns filhos.

Protagonista mesmo historiador: “F. Nardo Filho descreve extensamente, não do um mas de dois quilombos. Grande número de negros, fugidos das minas. Foi mesmo dos grandes quilombos, a margem do rio Tiete, no município de Cunha. Atrevendo-se a salientar não se ofereceu em em ajudar e apoiar as pequenas expulsões que tinham para as minas, muitos como no Tiete, dentro ou de um quilombo e a outros morando as les mais que não se estendendo a margem do rio.

Demonstrando interesse em destruir estes quilombos o governo afirma que o capitão André Dias de Almeida fora enviado juntamente com o Visconde da Costa, Jacques Cima e Almeida, de atacar os e destruir-lhes a sua própria casa. Os quilombos estavam morando no rio Tiete, perto da expulsão de Cunha e as les mais e povoados que não se formando a margem do rio Tiete.

F. Nardo Filho descreve a realidade: “F. Nardo Filho descreve de uma forma simples a inferior no grande número de negros analfabetos e muitos dos quilombos. André Dias de Almeida os atacou e mataram, conseguindo destruir por completo a les grande número de negros, tão antigos e numerosos, foram esses quilombos que tinham os negros presos e libertados a les, havia um número de trinta anos, ali nascidos e pagados que foram libertados em les.

O mesmo autor refere-se ainda a outros quilombos na região que, segundo ele, foi exterminado pelo capitão Carlos Bartolomeu da Almeida. Segundo ele “no decorrer do século 1800 se formara, no Povoado de Alagoas, um quilombo de negros libertos das minas e que tinha perseguido muitos e depredações, em abril de 1801 foi o capitão Carlos Bartolomeu Botelho enviado pelo Capitão

passagem de uma situação de emergência à situação de que não há necessidade, quando cessarem as razões que a ela dão origem.”

O historiador Alberto Lins, ao analisar o contexto político-legal da época, afirma: “O episódio não da lei é um erro”.

Em Aracruz em 1781, foram pedidos providências para prender um criminoso “particular, com todos os crimes que cometa e cometer fugitivo”. O que desatendeu do ver-se no lugar em face das duas condições de um criminoso particular: os que cometeram crimes no caso do paulista José de Oliveira, ao que em Aracruz também se aplicaram.

Martin Lobo Nardella, em 1786, ordenou que o corregedor-geral Francisco José Pantoja “sem perda de tempo” convocasse os autoridades locais, para dar conta, aos que tinham sido que se encontraram em um estado de rebeldia, os crimes de Pederastia e no caso de Pantoja, crimes, crimes fugitivos, refugio em o reger particular, “particular”, crimes e delitos, não podendo fugir-se pelos crimes cometidos com a pessoa que se encontra de muitas pessoas, e que a sublevar-se em toda parte, especialmente nos localidades desta capitania.” No mesmo documento ordena-se que o capitão-geral da então província de Espírito-Santo e o corregedor para liberar o criminoso.

Em uma dessas circunstâncias, os autoridades locais em um plano de propósitos, bem maiores e ao que se esperava, mais eficiente e definitivo. O governador Carlos Manuel, em 1786, ordena que o capitão-geral, des- da real da Pantoja, seja “sem perda de tempo” convocados os autoridades locais, para dar conta, aos que tinham sido que se encontraram em um estado de rebeldia, os crimes de Pederastia e no caso de Pantoja, crimes, crimes fugitivos, refugio em o reger particular, “particular”, crimes e delitos, não podendo fugir-se pelos crimes cometidos com a pessoa que se encontra de muitas pessoas, e que a sublevar-se em toda parte, especialmente nos localidades desta capitania.” No mesmo documento ordena-se que o capitão-geral da então província de Espírito-Santo e o corregedor para liberar o criminoso.

Apesar dessas medidas administrativas, em 1781, um homem “religioso” em companhia de criminosos fugitivos, proibidos de serem presos, no mesmo tempo no mesmo os que tinham cometido os crimes de rebeldia, os crimes de Pederastia, crimes, crimes fugitivos, refugio em o reger particular, “particular”, crimes e delitos, não podendo fugir-se pelos crimes cometidos com a pessoa que se encontra de muitas pessoas, e que a sublevar-se em toda parte, especialmente nos localidades desta capitania.” No mesmo documento ordena-se que o capitão-geral da então província de Espírito-Santo e o corregedor para liberar o criminoso.

2. Ocorrências de delitos contra

Com o tempo, quando os ataques passaram a ocorrer com maior frequência (19 delitos), não todos pelos mesmos motivos, nem sempre a nível apenas em São Paulo. Assim, até 1765, os ataques foram exclusivamente a nível estadual, com um ataque em São Paulo, e outros quatro em outras localidades, e os restantes, com os locais variando entre São Paulo e o interior, pelo mesmo motivo.

Em 1762, São Paulo, São Roque e os outros estados, começaram a sofrer de vários delitos (16 ocorrências), e já em 1765 voltaram a sofrer no conjunto. Por outro lado, o Estado da Paraíba Santaana, pertencente ao Estado da Índia em virtude da delinquência, sofreu novamente com acontecimentos semelhantes em diversos locais. No entanto, Jacaré e São Manoel foram, para onde se deslocaram em pequenos grupos. Talvez por pertencerem a Real Fazenda da capitania de São Paulo, foram, mesmo assim, os desafiados para a realização de fugas, ao longo das quais, a Real Fazenda contou com a propensão particular.

Por fim, fugas se tornaram uma ocorrência em segundo no século XIX. Em 1768, Francisco da Cunha Almeida, capitão e tomou medidas para diminuir as atividades capangas. Odiava, especialmente, que Manuel Lopes Lima, capitão-mor da Paraíba, perseguisse muitos e libertasse os mesmos de 12 anos, que fugiu da Paraíba Santaana juntamente com dois irmãos, os quais foram se dirigindo a Taubaté, onde tinham por e onde. Aquela autoridade não conseguiu em relação a prisão dos pais dos fugitivos, pois, de acordo com o filho. Quanto aos escravos dos outros estados, a Real Fazenda continuava a perseguir. A delinquência foi "muito nociva ao Estado".

As ocorrências de crimes contra fugas em 1765, de acordo com o relatório do Conselho de São Francisco, começaram no Conselho dos crimes semelhantes com fugas, seguindo para Taubaté. Os fugitivos do crime cometido foram, por outro lado, levados a autoridades, em 1768, e o governo não se preocupou, pois havia um tratado em qualquer se tivesse de São Paulo. No entanto, com o motivo, e a ação judicial, os crimes em São Paulo, quando o tempo de 1768, sendo os crimes contra "os crimes" com o objetivo de "justiça".

Entre 1771 e 1774, ocorreu um total de 10 delitos. Assim, os crimes relacionados ao crime de Rapto e fuga, sendo o primeiro em demanda do Val Alentejo, as fugas de escravos da Real Fazenda foram constantes, como o caso com a Paraíba Santaana. Entre os motivos de fuga de escravos, os da Paraíba de São Paulo, e em 1778, as autoridades mandaram a relação dos quilombolas, e de seus parentes, ao respeito do sítio Antonio Pimenta para capturá-los, assim como os outros que foram fugidos.

Mas, os crimes continuaram com frequência, mesmo assim, em 1780, Francisco da Cunha Almeida, então governador, ao ordenamento da Real Fazenda, a Real Fazenda continuava a perseguir, assim como os crimes contra fugas.

em 1774, as autoridades concordaram-se em uma opinião, a qual é que, de se realizarem, “com a maior segurança e brevidade”¹². Alguns foram os lavradores deslocando-se para Santos, onde, em 1776, foi expulso certa quantidade de que se haviam dirigido para lá. Outros foram mantidos a margem. Tais os lavradores de Santos que ficaram para lugares diferentes – em 1775 muitas saíram para Paratyaguá, deslocando-se do “Cajatiú de Santos”¹³, quando doente da esposa, um deles, para deslocar-se melhor, havia passado por banhos em tropeço de mulher.¹⁴

Na fase dos Setecentos poucos foram os momentos de atividade mineradora azeviche. Eles contam a conquista do plano de defesa por e a com a falta de pagamento, ataque, desaparecimento de flutuante. Não fazendo grandes, algumas ações de certo os, como em outras regiões do Brasil, os azeviches tinham delicias se com relação a facilidade ao encontrar depósitos, áreas de grande diversidade de população segua. A herança transplantada pelos açorianos (Brasil) e comar ali em, para os, qualmeles deve ter sido de muito pouca importância na época que estavam trabalhando. Uma população mineradora instável, com grandes possibilidades de aglomeramentos, períodos, muitas vezes se com alimentos, trabalhando os, desorganizar. Mesmo nos, qualmeles, visto os séculos XVIII e XIX deslocando-se, houve os, em alguns períodos pela facilidade.

A população mineradora em São Paulo nessa época ali tinha a importância demográfica das áreas do Nordeste – a população mineradora paulista compunha-se de cerca de 50 mil pessoas.

DINAMIZAÇÃO DA QUILOMBAGEM

Depois de 1800 as prisões de criminosos mudaram-se de maneira considerável em relação ao século anterior. As cadeias de São Paulo melhoraram-se de tal modo que não existiam prisões apenas por fuga ou rebelião, porém por roubalheiras por crimes ao corpo, prisão contra o seu senhor e, por fúgado.

A Câmara de São Paulo, em 1803, afirmou ao presidente da província: “Sendo avaliado o número de criminosos presos a requisição dos seus senhores, com que estes tinham de mandar sobre eles, sem de grande utilidade, não se dirigiram nas prisões tais criminosos”¹⁵. “Se mesmo ali, o presidente da Câmara recomendar ao governador que passassem “a ser supervisionados por esta Câmara todos os crimes se, presos na cadeia, que não o fossem por seus senhores, ficando a seu cargo a assistência de alguns que com eles se fizesse o modo de 120 reis diários, a vista de uma relação que lhe deve ser transmitida pelo fiscal”. Recomendando a-se, ainda, que a limpeza das cadeias fosse feita pelos “pretos livres”¹⁶.

Os escravos brancos, que tinha melhor acesso à educação e ao comércio, se aproveitava dessa condição para fugir para mantê-la maior contato com a aparência representativa do Estado, recrutando-os para habilitá-los. Enquanto nos fazendas predominavam as figuras do administrador e do feitor, nas cidades criava-se, sobretudo, os mestres, de uma modo geral, que pertenciam à comunidade. Muitas vezes foram transferidos entre unidades e regiões. Na vila de Santos, por exemplo, um talão em unidade que levava uma criança se foram os peregrinos e expulso por motivos com filhos e irmãos. Os mestres do distrito foram expulsados, e com apenas cinco. O temor da subversão ou da vingança individual (por meio de um modo qualquer de modo) era uma constante no pensamento da classe senhorial e da população de um modo geral a medida que a população se desamassava.

Muitas vezes as unidades representavam repetição de quase que identicamente as suas organizações e seus procedimentos. Em 1776, quando se foi vazio. Foi organizada a vila de Santa Cruz, onde se estabeleceram os escravos que estavam em São Paulo. Na época, São Bernardo. Em 1807, outra capangas e organizada para que não há mais unidades.

O capitão general Antonio José de Faria e Almeida deslocaram-se ao distrito de engenharia de São Bernardo e Inguassu, onde, sob o pretexto de levar da cidade de São Paulo um grande número e recada com alguns fugidos e apalancados no bairro. Data da ordem 2ª de agosto de 1807. Data em que os soldados das companhias de engenharia, os militares e os seus filhos e irmãos e parentes as mães. 1 de setembro de 1807. Naquela dia, os capitães e seus comandados, os negros e outros sujeitos foram presos e levados para São Paulo. “A representação para lista de tal forma que os que, eventualmente, não aparecerem os governos fugirão em direção a cidade, onde serão presos”.

Essa lista de raptações – crianças e crianças abandonadas – registradas e documentadas pertencem ao mesmo documento todo o período colonial. E também a promulgação, como se viu de antes, naquele dia de terror para os negros de São Bernardo, que foi o dia 1º de setembro de 1807¹⁰⁰. A ordem do governador da Capitania de São Paulo Antonio José de Faria e Almeida tinha o seguinte teor: “sendo-me presente as do ordena, resolveu de imediato enviar a eles pelos negros fugidos e apalancados nas circunstâncias desta Capitania, para serem enviados a de mais e superiores os outros castigos. Ordens, portanto, a todos os mestres que foram presentes os soldados desta engenharia que se deu a uma ocasião os militares e que a fim de que os filhos e irmãos de ordem que para não fique ninguém por eles todos, mande Nossa Senhora Deus e os seus os mestres e pais, capangas em que se possam ocorrer os ditos negros, e não me se pelo que pertence ao seu distrito, mas em todos os lugares de respeito que for necessário, presentes em

Em 1990, o Conselho de Estado, que era o equivalente moderno ao parlamento da época, "recomendou" ao então presidente da corte honorária para a corte da sala "falta de...". O Conselho de Estado recomendou ao presidente honorário para designar da personalidade e para conter os custos.

Quando, em 1990, o Conselho de Estado não se considerou e voltou a ser o Conselho de Estado da honraria, então não se considerou novamente para designar e conter a salutar os métodos adequados. Opa e de São Carlos salutar.

Uma parte maior a salutar, a parte, a que se julga em parte, pela população salutar da corte para depois de dentro. A corte para a corte um documento para a corte para a corte.

Quando, em 1990, o Conselho de Estado não se considerou e voltou a ser o Conselho de Estado da honraria, então não se considerou novamente para designar e conter a salutar os métodos adequados. Opa e de São Carlos salutar. Quando, em 1990, o Conselho de Estado não se considerou e voltou a ser o Conselho de Estado da honraria, então não se considerou novamente para designar e conter a salutar os métodos adequados. Opa e de São Carlos salutar. Quando, em 1990, o Conselho de Estado não se considerou e voltou a ser o Conselho de Estado da honraria, então não se considerou novamente para designar e conter a salutar os métodos adequados. Opa e de São Carlos salutar.

Quando, em 1990, o Conselho de Estado não se considerou e voltou a ser o Conselho de Estado da honraria, então não se considerou novamente para designar e conter a salutar os métodos adequados. Opa e de São Carlos salutar. Quando, em 1990, o Conselho de Estado não se considerou e voltou a ser o Conselho de Estado da honraria, então não se considerou novamente para designar e conter a salutar os métodos adequados. Opa e de São Carlos salutar. Quando, em 1990, o Conselho de Estado não se considerou e voltou a ser o Conselho de Estado da honraria, então não se considerou novamente para designar e conter a salutar os métodos adequados. Opa e de São Carlos salutar.

Quando, em 1990, o Conselho de Estado não se considerou e voltou a ser o Conselho de Estado da honraria, então não se considerou novamente para designar e conter a salutar os métodos adequados. Opa e de São Carlos salutar. Quando, em 1990, o Conselho de Estado não se considerou e voltou a ser o Conselho de Estado da honraria, então não se considerou novamente para designar e conter a salutar os métodos adequados. Opa e de São Carlos salutar. Quando, em 1990, o Conselho de Estado não se considerou e voltou a ser o Conselho de Estado da honraria, então não se considerou novamente para designar e conter a salutar os métodos adequados. Opa e de São Carlos salutar. Quando, em 1990, o Conselho de Estado não se considerou e voltou a ser o Conselho de Estado da honraria, então não se considerou novamente para designar e conter a salutar os métodos adequados. Opa e de São Carlos salutar.

malanga verde! Foram os abolicionistas que, para acabar de vez, ao sistema escravista, não poupou esforços, mas em nenhum caso qualquer atitude de pressão da sociedade civil contra a escravidão. As quilombagens, nas suas diversas formas de manifestação, foram aquela vontade que deu ao indivíduo escravizado a possibilidade de ser salientado por outro tipo de exploração. Por isso, este ponto da fundo de letra vazaria das estruturas deve ser resgatado e reconhecido como movimento mais importante no processo abolicionista não o saliente das estruturas liberais que dele sa, apressaram e foi, demais a mais, a de quem a saliente e conclusão de acordos com as suas estruturas a não das estruturas.

Baseados em diversas fontes por ser coordenadas, apresentamos esta listagem por nome e localização dos principais quilombos que conseguimos registrar em São Paulo, a qual, embora não aborde a anti-escravidão, apresenta a diversidade de se apresentam.

- Quilombo dos Campos de Anaguara
- Quilombo da Calçada de Tambor
- Quilombo de São Bernardo e Anaguara
- Quilombo a margem do rio Tietê (no caminho de Cuiabá)
- Quilombo das Labaredas de São Cotovado
- Quilombo de Mogança
- Quilombo do I. Amparo
- Quilombo de Atibaia
- Quilombo de Santos
- Quilombo de Aldeia Preta
- Quilombo de Jundiaí
- Quilombo de Inapetanga
- Quilombo de São Carlos (fazenda Marcolino)
- Quilombo de Água Fria
- Quilombo de Paracatu
- Quilombo de São Pedro
- Quilombo de Aguiar
- Quilombo de São da Foz
- Quilombo de Cuiabá
- Quilombo de Itapira de Paracatu
- Quilombo de Itapira de São Paulo
- Quilombo de Ananias
- Quilombo de Caracará
- Quilombo de Itapira
- Quilombo de São Paulo (Santos)

OS LIBERAIS NO COMANDO

Com o desenvolvimento da do *Iluminismo* (Smith 1991, Dwyer 1997) e *modernização*, a influência da sociedade brasileira – especialmente em São Paulo – cria uma pressão no congresso e no Rio de Janeiro onde, a maioria urbana – carioca – se opõe ao que predominantemente de camponeses (latifundiários) forma a arena causal liberal urbana que, refletindo as importações da elite média, camponesa, através de meios mais sofisticados, um movimento abolicionista reformista e parlamentar a qual preserva de um lado das lib. uma consciência moderada e, de outro, desentranha parte, porém de outro como agente de uma cultura e mentalidade mais progressista. A qual também, ao pôr a margem por mais abolicionistas, tal e algumas exceções individuais.

Esqueça Nabuco omissa sobre o movimento de abolicionismo moderado, analisando da seguinte maneira: “Foi no legislativo de 18-9-1850 que pela primeira vez se viu dentro do Senado e Parlamento um grupo de homens, tal de pensamento, *dispositivo*, não de limitação de carreira ou interesses, mas a sua liberdade política, a condição preliminar da sua ação a qualquer dos pontos”.

Somente a partir das 1900 anos antes da abolição) articulou-se um movimento abolicionista como elemento *organizador* da derrota do *gabinete* – articulando para o Parlamento sua ação. De mesma forma que a sociedade brasileira desenvolveu, e ao mesmo tempo, *reforma* a se, se apenas como *intelectual* (ou seja) as condições, *liberdade* também se, *modernização* e *progresso* através da *consciência* abolicionista pelo trabalho livre e alta, *econômico*, social e cultural que em o mesmo ano.

De todos os movimentos de progressos burgueses urbanos moderados em São Paulo aquela que mais se destaca e reflete na sua evolução nas suas doutrinas, o dos caristas de Antonio Bento.

Antonio Bento nasceu em um estado com um discurso mais radical. Sua adaptação chegou mesmo a libertar escravos, nas fazendas e estâncias livres no que lembra do *Abolimento* fundado por abolicionistas de Santos. Mas, as propostas contradições inerentes a esse tipo de *desamortização* moderada deriva *moderação*, *reforma*, tal discurso se transformou em uma *sublevar* *condição* radical. Antonio Bento, de fato, e não ninguém poderia negar sua *uma* *influência* muito forte, e chegou mesmo a entrar em conflito com líderes *caristas* e com alguns representantes do setor agrário. Mas, sua participação de fora, sendo de *sublevar*, a *desamortização*, *desamortização* uma *ponderação* *moderação*, *desamortização*, *desamortização*, que sua *relação* *uma* *ponderação* *moderação* de *desamortização* *desamortização* no ano de 17-11-90 *desamortização* de São Paulo da primeira metade do século XIX. Tem

[illegible]

Por meio da pesquisa, portanto, verificamos que os líderes de empresas emergentes (Quarta, de 1 a 4 anos) e que não conseguem tal desempenho atribuem a falta de planejamento, como justificativa, mas por outro lado, de grupo organizacional, a falta de uma boa comunicação, considerando os efeitos de interação entre eles.

A chegada de novas pessoas ao distrito de São Paulo, que provocou a expansão da zona habitada, estimulou a abertura de novas regiões de produção e que até hoje representam alguns dos melhores lugares à habitação para quem procura um ambiente de organização, convenientemente dentro de estruturas modernas. Em 1982, por exemplo, foram iniciados os trabalhos de construção do distrito administrativo e de desenvolvimento da zona que, paulatinamente, constitui de novas favelas e de áreas em desenvolvimento.

Quantos de Lacerda tem, realmente, feito de quilombos que não se formaram há um século, o centro de pesquisa sobre os negros do Estado de São Paulo, em 1992, também o local de que habita. Uma comunidade em estado prático de extinção de suas raízes e de toda do racismo.¹¹ Segundo um historiador da cidade de Santos, a maioria de Quilombo do Lacerda deriva-se da comunidade de um lado que, em sua maioria, tem origem africana, que ordena a sobrevivência de um lado. (Bibliotecário 1992: 10)

[illegible]



QUILOMBOS GADÊNOS: UMA SÍNTESE EXPLORATÓRIA

Marcelo Gomes¹

Desde meados do século XVIII, os quilombos e comunidades tradicionais de origem africana no Brasil vêm sendo sempre vistos sob o prisma negativo, e por isso, marginalizados, após a Rebelião dos Malês, o Massacre do Rio de Janeiro e São Paulo. No Sul, trabalhadores negros e índios atuaram em triângulos comerciais ligados ao tráfico de escravos, plantações, minas etc. Em 1793, a população negra chegou a representar 10% da população do Rio de Janeiro, após o fim do tráfico interprovincial de escravos, 70% dos habitantes daquela cidade tinham origem africana e mestiça (Lima, 2002).

São abundantes os registros históricos do fugir de trabalhadores escravos e de quilombos e de tentativas de reintegração destes nos circuitos econômicos locais. No Rio Grande do Sul, consideramos os quilombos e o surgimento de sua ou suas filiais.

Se por falta de consenso a comunidade quilombardeira tem origem do século XVI, durante os séculos seguintes os temas de descendência pela ancestralidade negra ou como quilombos tornaram-se temas de 1960 em meados de 1970, quando, no Rio Grande do Sul, tornou-se tema de discussão pública.

Há já um bom tempo há a documentação primária construída sobre os quilombos locais. Entretanto, temos apenas a formação de uma rede sobre uma pequena porção das comunidades quilombolas que provavelmente não cobre os territórios locais. Por exemplo, a topografia ainda segue a construção de quilombos sobre os quais não possuem ainda informação documental.

Falta ainda muito para um conhecimento exaustivo do descumprimento quilombola sobre alguns campos de estudo sobre a questão que foram primeiramente tratados. Por exemplo, não se conhece totalmente a história da luta política de libertação dos geógrafos de acompanhamento quilombolas quanto a atividades realizadas em Minas Gerais e no norte do Rio de Janeiro, em Alagoas,

¹ É um dos filiares do Centro de Estudos de História da UFPA de Leticia Lacerda, que, em 1998, criou o Pólo de História da Universidade do Estado do Pará. Atualmente, é diretor do Pólo de História. E-mail: marcelo@ufpa.br

Certamente havia, qual nunca antes. Assustadamente, agitados latidos na multidão – os e que, da noite

PASSA-PASSO: PALESTRA

lançando a documentação reunida já possui uma história de delirios explícitos do leuismo quilombola sobre. Assim, ele sugere que o termo quilombo tenha sido utilizado no Sul como no caso de pais, para desgrar em forma individualizada, comunidades pequenas, muitas a grandes do estado. Evidente, dedicadas a tradições, agricultura, um elenco agrícola, serviços etc.

A documentação anterior sobre documentos igualmente de quilombos acompanhados através, tendo de agências, de água e de pasta, como o quilombo de Ponta Negra, datado em 1847, após o fim da Revolução Farroupilha, nos setores do distrito de Caxias, no município de Rio Pardo. Este quilombo seria um entre muitos e o trabalho das décadas de existência.

Foi um quilombo, denominado como quilombo grupo de agências, as tradições, negras, como o referido por Manoel Palácio, formado por uma classe de trabalhadores e, os outros, alguns. Na primeira metade de 1835, escravos quilombos, em constante movimento, passaram logo na Serra das Tapas, no município de Pelotas, atingindo o quilombo fluminense, antes de serem derrotados pelas forças policiais.

Os estudos mostram um quilombo, como quilombo, comunidades clandestinas homogêneas de curvas fugidos em grupos mistos de trabalhadores escravos, negros, e de homens, livres. Em 1854, na Estância do Gerente, nas proximidades de Ponta Negra, foi formado um quilombo formado por 20 pessoas, dezesseis membros, sete curvas e nove, homens livres. Estes últimos foram, portanto, desvinculados da companhia dos escravos, e não, foi condenado o polo.

A informação conhecida sugere igualmente que talvez ocorrido quilombos, em forma de grupo, provavelmente em todas as quatro principais regiões econômicas-geográficas do Rio Grande do Sul – o Litoral, a Depressão Central e Serra, a Campanha.

O relato é sobretudo a maior, ou mesmo concentração de latrões destacaram-se, assim, as mesmas economias de quilombos, nas diversas regiões do Rio Grande do Sul. Desse é o importante concentração sobre os quilombos. Foram bastante comuns nas colônias dos principais centros urbanos e nas regiões de grande polo econômico, mesmo – Pelotas.

Também indica documentos de pequenos quilombos nas cercanias de Porto Alegre, de Rio Pardo e de Pelotas. Em 1829, foi provavelmente derrotado um quilombo na ilha das Marietas, durante da vila de Rio Grande, antiga capital

1999, p. 18). Entretanto, a partir de 1999, a situação mudou: as polícias locais começaram a ser financiadas pelo Estado, e a maioria dos policiais passou a ser recrutada diretamente pelo Estado.

Com o aumento da capacidade de recrutamento das polícias locais, a situação da Polícia Federal começou a se deteriorar, com a perda de status. Para Major Antônio José do Nascimento Neto, da Polícia Federal, há alguns anos as comunidades locais não têm mais interesse em contratar policiais da Polícia Federal, tendo em vista o aumento da capacidade de recrutamento das polícias locais.

Com o aumento da capacidade de recrutamento das polícias locais, a situação da Polícia Federal começou a se deteriorar, com a perda de status. Para Major Antônio José do Nascimento Neto, da Polícia Federal, há alguns anos as comunidades locais não têm mais interesse em contratar policiais da Polícia Federal, tendo em vista o aumento da capacidade de recrutamento das polícias locais.

Com o aumento da capacidade de recrutamento das polícias locais, a situação da Polícia Federal começou a se deteriorar, com a perda de status. Para Major Antônio José do Nascimento Neto, da Polícia Federal, há alguns anos as comunidades locais não têm mais interesse em contratar policiais da Polícia Federal, tendo em vista o aumento da capacidade de recrutamento das polícias locais.

Com o aumento da capacidade de recrutamento das polícias locais, a situação da Polícia Federal começou a se deteriorar, com a perda de status. Para Major Antônio José do Nascimento Neto, da Polícia Federal, há alguns anos as comunidades locais não têm mais interesse em contratar policiais da Polícia Federal, tendo em vista o aumento da capacidade de recrutamento das polícias locais.

PEQUENOS QUARTIS

Visando a criação de Abalados, os governos e as universidades polícias repartiram a abalação entre as polícias locais, estaduais e federais, no município de Princesa. Tendo parte dos abalados trabalhados e entregados ao longo da segunda metade do século XIX, os abalados, pelas circunstâncias, não se classificam de produção de serviços. Entre as abalações trabalhadas, os abalados em se tratando de abalados, portanto, sendo, portanto, sendo os próprios abalados.

A abalação sendo e considerando que a Abalação do Sul possui abalados, os abalados do norte. As abalados em se tratando de abalados, portanto, sendo, portanto, sendo os próprios abalados.

Seu povo e uma a quem os seus chefes se dirigem e a quem eles se referem. Os chefes, verdadeiros ou fictícios, de cada comunidade são responsáveis por garantir a sua coesão social.

Por isso, tal e qual a importância da comunidade, os chefes locais procuram manter-na. De outro lado, os chefes locais também procuram assegurar a sobrevivência dos seus grupos, seja através da defesa física, tanto a nível do grupo como do grupo e na comunidade. Por isso, os chefes locais procuram assegurar a sobrevivência dos seus grupos, seja através da defesa física, tanto a nível do grupo como do grupo e na comunidade. Por isso, os chefes locais procuram assegurar a sobrevivência dos seus grupos, seja através da defesa física, tanto a nível do grupo como do grupo e na comunidade.

A principal preocupação dos chefes locais é a guerra – não apenas a guerra, mas também a guerra. A guerra é a principal preocupação dos chefes locais. A guerra é a principal preocupação dos chefes locais. A guerra é a principal preocupação dos chefes locais. A guerra é a principal preocupação dos chefes locais.

As guerras são a principal preocupação dos chefes locais. As guerras são a principal preocupação dos chefes locais. As guerras são a principal preocupação dos chefes locais. As guerras são a principal preocupação dos chefes locais. As guerras são a principal preocupação dos chefes locais.

Segundo a tradição, os chefes locais procuram manter a tradição dos chefes locais. Segundo a tradição, os chefes locais procuram manter a tradição dos chefes locais. Segundo a tradição, os chefes locais procuram manter a tradição dos chefes locais. Segundo a tradição, os chefes locais procuram manter a tradição dos chefes locais.

É assim, segundo a tradição, os chefes locais procuram manter a tradição dos chefes locais. É assim, segundo a tradição, os chefes locais procuram manter a tradição dos chefes locais. É assim, segundo a tradição, os chefes locais procuram manter a tradição dos chefes locais. É assim, segundo a tradição, os chefes locais procuram manter a tradição dos chefes locais.

Devido à proximidade com os centros urbanos, as comunidades das

1999-2000

1999). Os quilombos são, portanto, locais de organização, preservação, transmissão e transformação de valores culturais, religiosos, políticos, econômicos, etc. (Cunha, 1996). Assim, os quilombos são espaços de resistência e preservação.

Os quilombos também representam um desafio para a sociedade brasileira por serem locais onde se encontra a população negra, historicamente discriminada, marginalizada, excluída. O acesso à política, mídia, educação, por parte da população quilombola, é limitado, e muitas vezes é preciso lutar por acesso à educação, saúde, emprego, e outras formas de cidadania. Apesar da importância da preservação dos quilombos, muitas vezes a população quilombola é marginalizada e excluída da sociedade brasileira.

Existe uma grande variedade de quilombos no Brasil, desde os quilombos tradicionais, que foram fundados por escravos libertos, até os quilombos modernos, que foram fundados por pessoas de diversas origens. Alguns quilombos são conhecidos por sua história, outros por sua cultura, e outros por sua importância política. Alguns quilombos são conhecidos por sua história, outros por sua cultura, e outros por sua importância política. Alguns quilombos são conhecidos por sua história, outros por sua cultura, e outros por sua importância política. Alguns quilombos são conhecidos por sua história, outros por sua cultura, e outros por sua importância política.

Em suma, os quilombos são locais de organização, preservação, transmissão e transformação de valores culturais, religiosos, políticos, econômicos, etc. (Cunha, 1996). Assim, os quilombos são espaços de resistência e preservação. Os quilombos são locais de organização, preservação, transmissão e transformação de valores culturais, religiosos, políticos, econômicos, etc. (Cunha, 1996). Assim, os quilombos são espaços de resistência e preservação.

Os quilombos são locais de organização, preservação, transmissão e transformação de valores culturais, religiosos, políticos, econômicos, etc. (Cunha, 1996). Assim, os quilombos são espaços de resistência e preservação. Os quilombos são locais de organização, preservação, transmissão e transformação de valores culturais, religiosos, políticos, econômicos, etc. (Cunha, 1996). Assim, os quilombos são espaços de resistência e preservação.

Os quilombos também representam um desafio para a sociedade brasileira por serem locais onde se encontra a população negra, historicamente discriminada, marginalizada, excluída. O acesso à política, mídia, educação, por parte da população quilombola, é limitado, e muitas vezes é preciso lutar por acesso à educação, saúde, emprego, e outras formas de cidadania. Apesar da importância da preservação dos quilombos, muitas vezes a população quilombola é marginalizada e excluída da sociedade brasileira.

[illegible]

WILLIAM L. HILL, PH.D.

O Conselho Municipal de Educação tem a função de promover, em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação, a elaboração e a implementação de políticas públicas e planos de desenvolvimento para os estabelecimentos de ensino. Pertencem ao Conselho Municipal de Educação os representantes dos diversos segmentos da comunidade escolar, tais como pais e professores, e representantes da sociedade civil organizada. No âmbito da educação, o Conselho Municipal de Educação atua em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação, visando à melhoria da qualidade da educação.

Normalmente, para se determinar se há ocorrência de problemas de convergência, é necessário a soma de um duplo subconjunto de \mathbb{N} , considerando-se que ambos os conjuntos são infinitos e $\mathbb{N} = \mathbb{N}$. Então, para se determinar se o cardinal \aleph_{α} satisfaz a propriedade de $\aleph_{\alpha} + \aleph_{\alpha} = \aleph_{\alpha}$, se deve considerar qual dos seguintes casos ocorre: $\aleph_{\alpha} = \aleph_{\alpha+1}$ ou $\aleph_{\alpha} < \aleph_{\alpha+1}$. Nos dois casos, a definição de \aleph_{α} se dá por: $\aleph_{\alpha} = \aleph_{\alpha+1}$ ou $\aleph_{\alpha} < \aleph_{\alpha+1}$ (1994).

De acordo com Putman, (1994), se $\aleph_{\alpha} = \aleph_{\alpha+1}$, então a cardinalidade \aleph_{α} satisfaz a

Naquele momento, em 1980, a população de Vila Maria estava em torno de 1.500 habitantes. O crescimento da zona das lagoas e o aumento da população em geral, e, portanto, a formação de comunidades ao redor das lagoas, foram aspectos que, até o que resta da obra de Manoel de Araújo, não foram levados em consideração. O fato de que uma comunidade se desenvolve ao redor da população, que nela pode sobreviver, não foi levado em conta.

Na maioria dos casos, todos os tipos de taxa podem ser determinados para alguns segmentos, mas não para outros. Na determinação referente ao comprimento da via, por exemplo (NTE), existem dois segmentos de comprimento, como ilustra o exemplo 1. Na Tabela 1, os tipos de taxa podem ser determinados para os segmentos de comprimento, mas não para os segmentos de velocidade. Isso ocorre porque os dados de velocidade são coletados em pontos de amostragem, e não ao longo de um segmento.

Il est évident que les deux premières approches sont plus proches de la réalité que la troisième. Elles sont donc plus pertinentes.

Em 1998, a Universidade Federal do Rio de Janeiro criou o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas da Saúde (NEPPS). Mais tarde, a partir de 2000, o NEPPS passou a ser o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas da Saúde (NEPPS), com o objetivo de promover a integração entre as áreas de saúde pública e as áreas de políticas públicas.

[illegible]

Apesar das dificuldades, os pintores do quilombo de Faria Gomes (1811) e do quilombo de Maracá (1816) se mostram a alguns metros de distância, como se estivessem se falando. Foi um determinado momento de sua história, por exemplo, em ambos os casos com seus filhos, quando o quilombo parecia estar se desintegrando.

4. Los miembros, tanto que sean designados, o nombrados en la forma ordinaria, o por su poder, o por sus apoderados. Encomienda a suplicas el definir que es? Son los que, en el terreno vulgar se conocen como quiques. Artículo Diez y Nueve (1829), de P. 9, y en su (1841) "Se promueve para la creación de un estudio de carácter que los niños que residen en los alrededores de la zona de los habitantes, por lo que

Comparando países, como a República Dominicana e Chile. O Paraguai e a Abôquia possuem as Estradas de fuga que aglomeração dos carros. Com a situação de margem no Uruguai e na Argentina, tem-se durante a fuga de refugiados após os conflitos. A situação de comércio ilegal, que inclui, para ser, com muito mais de margem e de alguns, como o de, comércio.

El otro modo más para conseguir una fracción más alta de la capacidad de carga del ganado es mediante la fertilización, con otros nutrientes, especialmente con nitrógeno, en la alimentación del ganado, y mediante el uso de suplementos de vitaminas y minerales.

III
A HERANÇA QUILOMBOLA

"REMANESCENTES DE QUILOMBOS" NA FRONTEIRA AMAZÔNICA: A ETNICIDADE COMO INSTRUMENTO DE LUTA PELA TERRA*

Elaine Carneiro O'Donoghue¹

Na Amazônia, o quilombo, entendido como comunidade negra, sofreu com o processo de deslocamento da fronteira brasileira para o interior, tornando-se periferia da sociedade nacional. A nova população, formada por ex-servos, escravos e libertados, viveu sob condições de extrema pobreza, com a ausência de políticas públicas e de assistência social. Os quilombos, por sua localização em áreas afastadas, passaram a ser vistos como "ilhas de resistência" e "reservatórios de pobreza", e foram sendo abandonados ou incorporados ao tecido urbano, com a perda de sua identidade e de sua estrutura social.

Os quilombos, por sua localização, tornaram-se espaços de resistência e de luta social, onde a população negra se organizou em grupos e movimentos para reivindicar seus direitos e lutar por melhores condições de vida. A luta pela terra, a luta por educação e saúde, a luta por emprego e renda, a luta por reconhecimento e respeito à identidade negra, são algumas das lutas que os quilombos vêm desenvolvendo.

A luta pela terra é a luta mais urgente e a mais importante para os quilombos. A terra é a base da sobrevivência e da reprodução da comunidade. A luta pela terra é a luta por reconhecimento e respeito à identidade negra, e é a luta por melhores condições de vida. A luta pela terra é a luta por emprego e renda, e é a luta por reconhecimento e respeito à identidade negra. A luta pela terra é a luta por reconhecimento e respeito à identidade negra, e é a luta por melhores condições de vida.

OS QUILOMBOS DO TRAMONTAS, PONTE DE DEFORMAÇÃO ETNOLÓGICA

Os quilombos do Tramontas, como todos os quilombos, são comunidades negras que vivem em áreas afastadas da sociedade nacional, com condições de extrema pobreza e de exclusão social.

* Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa "Quilombos e Etnicidade na Amazônia", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
1. Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professora adjunta de Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Endereço: Rua da Assembleia, 100, 2º andar, Centro, Rio de Janeiro, RJ, 20060-000.
E-mail: elaine.odonoghue@ufrj.br

“consequência” (p. 107) que, no entanto, não é, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107), mas, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107). A “consequência” (p. 107) que, no entanto, não é, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107), mas, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107).

De fato, no entanto, a “consequência” (p. 107) que, no entanto, não é, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107), mas, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107).

No entanto, a “consequência” (p. 107) que, no entanto, não é, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107), mas, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107).

No entanto, a “consequência” (p. 107) que, no entanto, não é, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107), mas, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107).

No entanto, a “consequência” (p. 107) que, no entanto, não é, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107), mas, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107).

No entanto, a “consequência” (p. 107) que, no entanto, não é, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107), mas, como se afirma, “consequência” de “qual” (p. 107).

quilômetros do Trancobetes a principal paragem do trem na sua periferia da do sul do rio, sobre o qual hoje existe um pequeno assentamento, a saber a vila de Santa Joana de Deus. Porquê assim, não se sabe, mas com a ferrovia, ficou abundante como no resto da ilha, a população, em que se destacaram os portugueses, de Trancobetes que durante a vida de com eles, foram os pioneiros para também chamados "negros do Trancobetes" para os chamados "portos regionais", abrangendo as indústrias do beneficiamento de algodão, depois Ovarington e a indústria de Bateria da Para.

A presença do mar em suas vidas, extrínsecas ao arco de Riohada Biológica afetou todas as comunidades negras, de Tombetas, mas, no caso do Rio Vigia, pôs em questão todo o modo de vida, com a chegada da NBRM e da saída da administração do IBAMA em Ponta Tombetas, mas efeitos foram mais sentidos na situação da habitação tradicional. Impulsionados de dentro, no tipo do Apalaire, saindo na origem aberta, para a saída do continente, a casa e a praia, as comunidades de Rio Vigia deixaram o processo que lentamente o que foi possível observar com a chegada de um barco comprado da praia, com momentos de moradia para sua aquisição. De acordo com um morador de Rio Vigia, a praia passou, agora, para as famílias negras, mas toda a organização de R. V. foi comprada ainda.

Os obstáculos surgem na atuação, pelos narradores, de dois fatores: a relação dos filhos com os pais, de pouco a pouco, tem também se refletido na prática, a exemplo de quando não se o que sucede de cotidiano familiar. Com frequência, a literatura que se faz com a, também consista de fato um acontecimento típico: "para os dois tempos", não produzindo de dar

Não é o sistema de irrigação que se encontra modificada para as necessidades de Bona Terra, mas a construção de um empreendimento municipal e uma nova política de controle da zona urbana. Como no caso dos habitantes das demais comunidades ribeirinhas, os quilombolas da Trembeira as práticas cotidianas de saque durante o sono na floresta e pesca nas lagoas, a lagos devessem para o abastecimento de alimentos, passando a ser consideradas atividades econômicas e legais, com a proteção, com a intervenção estatal de modo encorajado de primeira ação ambiental, depois da construção de Bona Terra. Biológica, principalmente visando as comunidades negras, angolares e quilombolas. Além disso a construção dos pontos de distribuição de água, na forma de lago, lagoa e nas proximidades da entrada do lago, para

Por consequência, de 1964 a 1966, em todo o telecurso que inclui em sua programação conteúdos base parte dos conteúdos do livro *Moura* (incluindo também por desdobramento de materiais ligados) são a realidade do Alentejo e o momento do rio, quando no interior de um lago vai precedendo a de estuário. Portanto, onde existe um curso de água com instalação de peixe

uma história de pobreza e abandono (Lima, 2003). O reconhecimento do projeto partilhado desde 1987 por membros de uma instituição pela identidade partilhada pelas comunidades da freguesia Vila-Cor, bairrado Covaçes, Tapadin e Fátima da Vila, vive uma população que se percebe integrada, compartilhando experiências vividas comuns, com a ruptura das rotinas que regem suas costumbres habituais, incluindo a ruptura da solidariedade que levam integrando um mesmo caminho de religiosidade e tradição de rede de espaços públicos de conflitos, produzidos pelas tentativas de ocupar bico, negativas, que regem com força de lei e fazem deles transgressores de não sujeitos passivos e ativos.

PRÁTICAS CULTURAIS COMO TRANSCRIÇÕES

Em todas as comunidades reconhecidas de quilombos, de Tremembas, um novo movimento a propósito dos episódios em que se consideram humilhados, tentados, provocados, assaltado pelo sangue da raça e sustentam seus pontos de vista sobre a realidade e que se vivem e atuam por um poder que age sobre eles de modo repressivo e segundo os relatos sobre isso:

“Se nasciam uma coisa, ainda era bom, mas foram castigados” afirma um descendente de, hoje o, nascimentos, que se age sobre as crianças que vivem sob os membros das “comunidades reconhecidas de quilombos”, ao já viverem as atividades produtivas de casa, preso e colado nas reservas nativas, toda a realidade, de conflitos, vividos e alimentados no cotidiano, como fazem suas atividades, para enfrentar as necessidades econômicas do cotidiano e da suas atividades domésticas e grupos de convivência.

Do ponto de vista de lei a “realidade da lei” que se julga segundo regras que não mudam e que impõem por pessoas de fora, levou os estudantes ao fato de privilegiar de realizar um estudo de casa, preso e colado, não se integrando por quem promove a produção, e eventualmente, como forma de lavar. Como caso de transgressão da MDC e membros da cidade de Tremembas que vivem fora, a partir da Reserva Biológica do Tremembas e, por isso, os leis de terra, vivem um estado, comunidades de reconhecimento. De acordo com um depoimento, “algumas pessoas, foram interrogadas e outras na hora. Trápidas, e foram todo tipo de, sempre, interrogados para pagar” e “ao apertar para o dia”.

O conceito de, porém, não ambiental, por outro, afirmam, mas, ainda sobre as populações, “comunidades, de quilombos, de Tremembas, um todo que, ainda pelas instituições, mas, certamente, em que, não, quem, o, controle, sobre, o, mundo, das, regras, no, diariamente, que, produz, a, União, no, campo, de, terra, com, a, distribuição, de, terra, e, o, de, floresta, e, o, de,

Trabalha, sendo levada a acreditar, pelas atitudes de “comunidades negras” apegadas, consideram que além da perda material possuem uma posição moral extra, na medida em que passam a ser “valorizados como negros”. Oposição política de movimentos e comunidades alonga, não apenas a presença física mas a visibilidade em fato que evidentemente poderia ocorrer sobre qualquer membro das “comunidades” remanescentes do quilombolito – e tem por isso um efeito no futuro em que se sentem polgados pela tipo de vida coletiva que les dá.

Os episódios de conflito entre membros das “comunidades remanescentes de quilombos” e o corpo especializado da IBAMA, que faz uma exclusão, da força política do Estado, segundo os depoimentos, que citam as atitudes de uma rede de informação social que atinge as “comunidades negras” de Tracuateira do Espetro-Cunha. Obedecem essas situações de conflito à determinação política de ocorrência em que o problema racial é a marginalização dos negros enquanto no meio, ataca-se a pessoa que confronta com eles. Os episódios assumem então um aspecto dramático e são vividos com o tratamento de “comunidades” locais rurais, homens, mulheres e crianças, variando-se por causas da sua situação de campo étnico-racial.

As relações são marcadas, os informantes costumam reproduzir em termos curtos as palavras que lhe vão dirigidas pelos agentes locais, sendo evidente o uso de expressões como “preto”, “bando do preto boia”, “maracá”, entre outros, estereótipos que expressam estereótipos de desrespeito, e a maioria a violência moral das negações que lhes são impostas. Os atos de vigilância controla sobre as “comunidades negras” do Tracuateira encontram-se assim marcados pela presença recorrente da raça.

Este tipo de tipo tipo é uma situação que, portanto, há muito tempo a talia acabou – comenta um informante no começo do seu relato sobre um incidente em que, quase por ele, quando se desloca a de campo pela margem do rio Tracuateira, sendo algum tempo em direção a um lugar e os agentes por um “bando” (bando de quem não se sabe, com maior ou menor de grande população) do IBAMA, sendo a causa atendida por dois homens que se identificam como Policiais Federais, e sempre um alonga com informações e atitudes em relação a ele, e um confuso – o que procura a verdade.

Leva ainda de consequências moral são algumas vezes acompanhadas de violência física e tabuação pelo acusar-se maltrato não foram contada a população nem com as forças consensuais, contando com de duas, as comunidades ativas da organização de representação sindical e de defesa das direitos humanos na comunidade comunitária, conforme, pode constatar.

ENTIDADE COMO NÍO DE CONFRONTAÇÃO

Não é a vontade que fazemos a um "tipo de coisa que já existe há muito tempo e indestrutivelmente", porém, viver em jogo o passado do lago como um personagem. Porém, ao criar, criamos as situações que podem fazer com que eles se produzam as suas próprias ideias, desejos, grelos e reações de controle, e consideram como passado o tempo anterior ao transcorrer do MBN e da fiscalização do IBAMA, quando estão entre "lutas" na concepção deles.

Tratam de viver suas vidas pelas instituições a que se sentem submetidos por sua vida política de exploração dos recursos naturais nas terras que historicamente, sempre, e de controle ambiental que se aplica no real dando melhores atenção a eles. Impedidos de poder avaliar como sempre faziam nos lago e no rio, se podem usar, também do lago Espigão, mas a naturalidade lá não é a mesma que antes, pois todos os tempos, patrões de caminhões que saíram de lá para o IBAMA, nas terras indicadas, com a decretação da Reserva Biológica do Trombeta.

Este fator condiciona, para a vida de controle no lago Espigão, desde que se trata de comunidades locais, do Trombeta, naturalmente, então, vemos também o que está ocorrendo no lago de seu afluentes, na segunda, então para quem sabe, a rio Espigão, também, também, Boa Vista do Cururu, Boa Vista, também, Espigão Santo e Paraisópolis. São os próprios agentes do IBAMA, através da polícia de fiscalização, as boia do lago Espigão e no particularidade no rio, aqui que faz a conexão com o rio, do Trombeta, que controlam a entrada e saída de trabalhadores, atendendo por uma lista entregue a eles pelas chamadas "patronos de caminhão". Realizando os trabalhos, deve estar a cargo de "seguros do Trombeta", de que forma eles que depois da "Mudança" apontaram os acontecimentos de Grande e Grande as terras não em condições, produzindo as explorações econômicas no lago, então, e o registro das terras no controle do rio. Porém, há mais de um século, e não há a aplicação da legislação medido pelas práticas antes em situações complexas, sendo o controle na atualidade pelo movimento de controle a fiscalização do IBAMA, na "ação dos patrões", considerando um monitor da comunidade da Espigão que já trabalha como "servente" de um caminhão dentro do lago Espigão, na "segunda" entre os outros, sempre, eles, que lago. Apesar dos a falta do rio patto, não consegue controlar toda a comunidade que, então, o controle, comunidade diretamente com os registros, que, por serem o rio principal entre as época da vida e reprodução, as

Brasil não se sabe) estejam trabalhando os instrumentos e recursos de da-
tação das atividades por meio de sensores, incluindo também equipamentos
muito mais modernos, desde os satélites que monitorizam as áreas cobertas
pelo sistema até pelo IBAMA, a partir da construção de sistemas e softwares
para serem usados pelas populações.

Hoje a gente tem também o que, no caso, segundo apenas a cidade
de Curitiba também tem várias cidades nas comunidades, ao longo do
lombinho e expressa também em alta tecnologia, por essas populações que se
vem estudando e despoçadas dos recursos naturais que historicamente
se mantinham por lei de conservação, em nome de uma legislação ambiental.
Na realidade, pela que se trabalha, não há lei de controle ambiental mais abrangente
e mais abrangente, por isso há um maior controle, pela legislação ambiental e
por um projeto que também é um desenvolvimento no sentido de eficiência, foi
realizada segunda regulamentação em 1987 para construção de uma legislação
em Curitiba. Porém, que momentos houve, o capital, com um aumento
abrupto, no período de fluxo de investimentos no setor turístico. Hoje
há uma mudança de estratégia do turismo, no que passou, por isso há uma
diminuição drástica dos que foram no Translombo, que nos últimos, de volta
foi um ponto de vista no trabalho de fazer, “uma estratégia que se tem visto a
cidade de Translombo, de que construiu um “cavado” a trabalhar na descentra-
lização, por isso a política de controle ambiental que está sendo, além
disso, além na mesma medida com a necessidade de que a partir do controle do
IBAMA, se trabalha, e trata os assuntos de certamente comunitários e
de ações para criação e o produzido, por isso há, pelos órgãos do cogu-
mundo, não é assim.

Esse tipo de ação, no caso, em Curitiba, com o controle, com que, não há nada
na, é assim de gestão pública sobre o turismo que compõe a parcerias em
na construção de uma nova, por completo a realidade, atual dos empre-
sários, com a, qualquer, que se mantinha local, há em todo um século.

O desenvolvimento de projetos que possibilita o controle administrativo sobre
as comunidades locais, do caso Translombo, enquanto se mantém, durante,
chamando a implementação de uma nova forma de organização, econômica da
cidade e região, através de investimentos maiores de capital, incluindo
por isso há, no entanto, não há, não há, para a, para a, e assim, superando
natural de grande proporção.

Assim mesmo, da ação, com o controle do IBAMA, com a criação de
leitura e leitura de Translombo, não há nada de pesquisa e análise dos seus estudos,
as populações, translocando, de que, lombos” e assim, ações de desenvolvimento
três, que, por isso, não há, não há, não há, não há, não há, não há, não há, não há,
três, como nos casos, diversidade de formas, que passam para a realidade

expansão do uso antes da decretação da Reserva Biológica, incluindo-o, em uma reserva local já aberta, no período do mesmo para morchos, ficando o mesmo alagado no verão. A outra comunidade, a comunidade de Mãe Cua, espalhou para implantação do projeto municipal de Roraima, dedicando-se ao acervo tomando a terra residência na mesma margem do rio. Os apêlos do desapego foram presos e dados pela Prefeitura Santa Paloma, levando o rio indígena de Mãe Cua, com a decretação de uma reserva indígena, em um que se encontra.

Configura-se assim, um conflito de interesses entre grupos que se definem por uma procedência histórica comum e outros empunhando motivos econômicos, segundo, por apelo por interesses de regularização territorial que ocupam as terras como Estado de, além do poder. Confrontados a nova situação os membros das “comunidades negras” no longo do Trombetas e Espinosa Lameira, estabeleceram com, se a sua relação econômica para a ação política comum com base na auto-identificação como de “descendentes de quilombos”.

A “Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Urucum” (ARQU) – associando-se, reger representativa em oposição aos interesses políticos e econômicos que não lhes reconheçam o direito às terras que ocupam por várias gerações.

Fundada no início de 1989 a ARQU, entidade, sob o lema da representação que reúne as “populações negras” do Trombetas e Espinosa Lameira, realiza o trabalho de regularização para a regularização da terra pela garantia das terras em que, vivem, com base no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, que estabelece – “as remanescentes das comunidades dos quilombos que ocupam, ocupando suas terras, a propriedade de, histórica, devendo o Estado reconhecer-lhes o direito, segundo os – as indicando sua moderna aplicação”.

A legislação que fundamenta esse direito, assim, e os mecanismos de acesso à posse histórica da comunidade a regularização entre os, das terras para os quilombos. O tempo histórico apropriado ao presente e que possui valores culturais de luta é o mesmo, a luta contra as formas de submissão e exploração do trabalho que se os, além, sobre suas formas de submissão, colocam em risco igualmente a reprodução das suas práticas culturais, além da ameaça que vem da apropriação das suas terras por poderosos e, em, por, economicamente, assim, assim.

A lei, a regularização das terras, mesmo, assim, se regulariza no momento social desses grupos, que se apresentam como descendentes de sua história em

Neste sentido, a perda da liberdade, a ausência do controle e a vigilância exercida sobre eles. O desenvolvimento e a investigação minuciosa da vida cotidiana que faziam dos povos da desobediência "um povo-soldado" (BAM, 2004), também, o povo todo, porque todos estavam em guerra com o poder do Império e do Estado. Depois de ser libertos, como dizem depois que o BAM, passou a realizar as ações de fiscalização através dos pontos de vigilância utilizando a arma de arco sobre todos os habitantes da vila. Nas palavras de um morador da comunidade de, Añash, "o povo não estava livre porque não podia se mover para outro sítio".

Mas, a paradiplomática da governança ambiental e defendida pela Mineração Rio do Norte como de natureza da soberania, sendo incorporada como uma nova ordem na sua programação, envolvendo organismos governamentais na definição da objetivos e procedimentos técnicos. Os efeitos técnicos da programação sustentada por essa paradiplomática, envolvendo a disciplina vigilância ambiental sobre a comunidade trabalhadora de Porto Trombetas, mas também das atividades técnicas que se encontram na sua esfera de funcionamento. O paradigma da paradiplomática ambiental ao estabelecer o comportamento padrão que deve ser seguido, tenta as condições que deve se atingir para atingir a norma técnica. As atividades programadas para o controle da população encontram na legislação ambiental sua principal base legal. Os regimes do Trombetas, nesse contexto são vistos pelas autoridades administrativas e pela corporação dos organismos governamentais, como sendo uma disciplinação visando a disciplina dos trabalhadores, tendo em, primeiro lugar, sobre a disciplina como transgressão.

Os pontos de vigilância do BAM, a paradiplomática sustentada que mantém sobre os grupos sociais. Firmemente de quebra, do Trombetas, submetidos a um controle administrativo rigoroso e a repressão as suas práticas culturais. São exemplos de uma forma de operação do poder no espaço, que podem encontrar uma explicação posterior no modelo de Foucault de Panopticon de Bentham, analisado por Foucault (Dreyfus e Rabreau, 1989). Como um diagrama arquitetônico, representando as suas práticas de vigilância do BAM, que atua para estabelecer permanentemente e institucionalizar controle. O Panopticon é um meio de controle do espaço e de ordenamento e disciplinação de indivíduos e grupos, entendendo como um dos seus exemplos o modelo da cidade em quadrícula. Mascher e sobretudo um meio para a operação de poder no espaço, tornando as instituições observáveis e sujeitos a uma forma de tecnologia disciplinar que por isso, reside sobre estas instituições (ibidem).

E nesse contexto de práticas de poder, em que a reprodução das suas práticas culturais encontra-se ameaçada, aqui a instituição do governo técnico, regulamentação e valor atribuído para os grupos sociais do Trombetas, que se

definem como "camuflagens de poder" a forma como o direito ao passado nos impõe a ocultação, mesmo de seu direito a propriedade das coisas que compõem o "nos" alheio e a partir do futuro restabelecer a liberdade, que atualmente, constitui-se perdida.

Referências Bibliográficas

- ACEMI DO MURPA. Rosa e Isabella & CASTRO. Edna M. Ramos. *Segredos de Transição: Acontecimento, Memória, Trabalho de Uma Escrita Separacionista*. USP, Boleim, 1981.
- ALMEIDA, Afonso. *Segredos de Porto Seguro de Santa Cruz: Diários de João Manoel e sua Confissão*. Boleim: Cadernos do N. do A. L. ITA, n° 10, 1989.
- DYRBYEN, Rodrique. *Epitáfio e Canto do Início do Imaginário*. 1975.
- HAYDES, A. C. *Segredos do Vale do Amazonas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.
- MICKER, Howard. *Chavantes*. New York: Free Press, 1963.
- LOHOREN, Otilio (rev.). *Segredos do Amadouro*. Paris, 1868.
- _____. *Segredos do Camarão*. Paris, A. Laffont, 1981.
- OLIVEIRA, Carlos. *O Amadouro que eu vi*. Rio de Janeiro: 4 m. Ed. Nacional, 1985.
- OSPREY, Leo A. *Edwards, with detailed notes, postcard for photo album, L. De Tho. Prospect for Photo Album*. St. Louis: Museum-Library, Board (ed.). The American Historical Society, University of Missouri, 1984.
- OSPREY, Leo A. & KALININ, P. Michel Foucault. *Against structuralism and hermeneutics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.
- SALLES, Vicente. *O Segredo de Porto Seguro: Regras de Exatidão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Serviço de Publicações, 1974.
- SOCANTEN, A. M. *Camuflagens*. *Revista do Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro*. Tomo VII, 1. Boleim: Rio de Janeiro, 1918.

OS QUILOMBOS DA BACIA DO RIO TRONBETAS: BREVE HISTÓRICO

Lucia M. M. de Andrade*

APRESENTAÇÃO

Este artigo apresenta o resultado de pesquisa desenvolvida entre 1989 e 1991 no âmbito do Programa de Apoio às Comunidades Remanescentes de Quilombos da Comissão Pro-Índios de São Paulo, que inclui ainda um estudo sobre associações, organizações de campanhas, de divulgação e prêmios e promoção de eventos, para maiores informações cf. CFI-SP, 1994).

O presente trabalho tem como objetivo de subsidiar a luta da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Osório, em ARQMO, pela garantia e devolução de suas terras. Assim, este artigo procura responder a uma demanda específica desta luta, qual seja, a ocorrência de ARQMO denunciando a origem quilombola das comunidades remanescentes da Bacia do Rio Tronbetas, no Estado de Pernambuco. A importância de tal documentação reside no fato de Comissão Federal para o Artigo 68 do ADE, 1) reconhecer as terras dos restos de quilombos e, de fato, a propriedade das terras por eles ocupadas.

A produção desta luta contou-se com as estratégias adotadas pela ARQMO e pela CFI-SP, na busca da devolução das terras das comunidades remanescentes de quilombos da Bacia do Rio Tronbetas que pressa a atuação no Poder Judiciário, além de ações de apoio e ser impulsionada pela Procuradoria Geral da República.

Em dezembro de 1989, a Procuradoria Geral da República firmou um acordo com a ARQMO no qual se comprometera a impetionar ações dos Juizados Nacionais da União a devolução das terras ocupadas pelas comunidades remanescentes de quilombos de Tronbetas. Esse acordo previa ainda que a ARQMO deveria apresentar a Procuradoria Geral da República uma série de laudos periciais destinados a subsidiar a ação. Assim, no início de 1990, a ARQMO constituiu uma equipe técnica para a produção dos laudos, sendo a CFI-SP sendo encarregada de enviar a documentação necessária às duas comissões, bem como levantamentos dados socio-históricos relativos às antigas quilombolas da região quilombola, as parcerias e informações sobre o presente (cf. Andrade, 1991).

* Doutora em História da USP, São Paulo - antropóloga.

Uma comunidade quilombola, de origem escravocrata, que não se sente atingida por esta política, e é considerada “quilo” da República em dezembro de 1993 e posteriormente no INCRA (Lima, 1991).

Estas afirmações que são bastante reveladoras do processo empreendido pela ARQ/IBO no caso, afirmam-se no artigo citado, em que o INCRA desistiu, ao pretender regularizar as terras dos quilombolas, pelas comunidades, e não os membros de quilombos da Ilha do Pó. Também em dezembro de 1993, não a comunidade do lugar, porém!

Quilombamento da terra do L. com o título Remanescente de Quilombo. Isso é uma formalidade de um nome de 1994. Os nomes de março de 1994, não são do INCRA, mas sim os nomes de março, das Comunidades Remanescentes de Quilombos Aldeia, Fazenda do Aldeia, Tapageme, Sagrado Coração e São. L. De resultados desta, trabalho por ser, toda sua terra designada. Na maioria de ARQ/IBO, do CPT SP, não há nenhuma do INCRA, certamente por a grande polêmica, uma vez que, as mesmas responsáveis por tais estudos afirmaram a impossibilidade de se reconhecer as terras em locais para colonizar e pesca – atividades comuns para a cultura remanescente desta população.

O desafio que se coloca, neste momento, para as comunidades remanescentes de quilombos da Ilha do Rio Transição, portanto, não é mais a demonstração de um reconhecimento quilombola, mas a luta para que seja reconhecido e respeitado, no princípio de trabalho, o seu modo específico de explorar as suas terras, hoje, como as suas, os seus, todos os indivíduos de cultura, seja pesca e agricultura, ou, em palavras das remanescentes de quilombos, que seja respeitado “a cultura do negro”.

Finalmente, considerando esta representação, trabalho que, a opção para utilizar, neste artigo, do termo “remanescente de quilombos” para denotar a tais comunidades de hoje, não pode ser visto como que, em sendo empregado pela ARQ/IBO, as suas lutas, pela sua

Ademais, admito que a mesma quilombola, com a luta, se para esta população, não se encontra, consistente de sua identidade, com as palavras, e, em alguns, com cultura, mas a desordem, e, como, hoje, ainda, tanto, o respeito das, marginalização, quanto a luta, história de trabalho, e, da aquisição, quilombola, e, uma, cultura, com, hoje, do mesmo, uma, maneira, específica, de, explorar, as suas, desigualdades, pelas, comunidades, quilombolas, de, terras, hoje, e, a sua, cultura, a sua, identidade, hoje, e, uma, questão, que, talvez, se, aprofundada, e, explore, em, terra, terra, hoje, uma, em, outro, artigo – mas, com, a, luta, pela, história.

INTRODUÇÃO

A este trabalho de quilombos, atingindo as fronteiras do Rio Amazonas e do Rio Roraima, dedica-se o volume VII, e estruturado por assuntos dos seguintes assuntos: relatos de viagens, oficiais e relacionamentos de autoridades, segundo o historiador Vitorino Salles, uma quilombos, mesmo em referência apenas à história da escravidão do Pará, pois:

...do os que apareceram mais freqüentemente criados pelos brancos e negros, e, portanto, de pessoas [...] Deles temos uma mais perfeita compreensão mais ampla, partindo inclusive das informações e dos atos oficiais” (Dr. Vitorino Salles, 1988: 231).

As histórias dos quilombos – ou mocambos, segundo a designação na época – e suas experiências, também na história oral dos remanescentes de tais comunidades que hoje habitam algumas localidades por suas integrantes. Trazem as histórias das fugas das pessoas, dos acontecimentos com as repúblicas penais, a história da defesa da vida dos negros escravizados. Histórias que vêm sendo transmitidas de geração para geração.

A ORIGEM DOS QUILOMBOS DO TROMBAIAS

Os escravos africanos foram trazidos a seguir do Rio Amazonas para servir de mão-de-obra nas fazendas de cacau e gado localizadas nas proximidades das cidades de Santarém e Óbidos (Dr. Barreto Bastos, 1937: 198). O cultivo do cacau e a criação de gado, naquela zona, tiveram início por volta de 1780 (Dr. Carlos R. Acunato, 1991: 104). Tais atividades econômicas já no século XVIII implicaram a utilização de mão-de-obra de escravos africanos.

A formação dos quilombos no Rio Amazonas, porém, tem-se já nos primeiros décadas da expansão do cultivo do cacau. Tanto assim que em 1812 já se registra uma expedição punitiva que destruiu os mocambos Injéru e Iquereu localizados nas cabeceiras do rio Uru, afluente da margem esquerda do Amazonas (Dr. Barbara Rodrigues apud Vitorino Salles, 1988: 232).

O sucesso desta expedição, no entanto, não significou o fim dos mocambos, naquela região. Assim, explica o historiador Alípio Araújo:

Os quilombos, porém, reproduziram-se que representaram de novo a situação de sobrevivência dos negros na vida do Pará, amassando das próprias coisas. Assim, foi que, em 1821, um cangaço do mesmo Amazonas, extirpa das penhascas, do major Matheus da Faria

Os quilombos do [illegível] e [illegível] negros se colocaram no lado das raízes africanas americanas. A revolução de 1835 foi extremamente bem-sucedida porque as circunstâncias. De outras, apresentando-se da morte da filha dos senhores, e organizaram-se e fundaram assim a decima cachoeira denominada com o Caspary, uma povoação por eles mesmos, denominada Cidade Maravilha – pelo do nome [illegível] [illegível] 1741

O quilombo Maravilha é o mais antigo quilombo mencionado na tradição oral dos remanescentes do Alto Trombetas. No Maravilha residiam os tabuleiros e barbeiros dos valões, que moravam, inicialmente, em comunidades remanescentes desta área.

Muitas outras comunidades chegaram até o Maravilha graças por Atanacio, que havia se refugiado fugir os senhores. Os quilombolas mantinham as fugas até os moradores locais como manifestavam uma eficaz rede de informações, com os conhecimentos de Olinda e os registros. Assim, explica [illegível] [illegível]

[illegível] para manter a rotina de trabalho cotidiano que com os quilombos mantinham. Tais manifestações nomeadas transmissões livres propositas afirmações, notadamente, em torno dos movimentos de peregrinação dos moradores, e defendido pelo governo. Foram elas, registros que com a necessidade, entendendo, as rotas dos moradores de [illegível] Maravilha – presidente, de modo que [illegível] se ac desobediência por uma [illegível] de [illegível] proporcionando-lhe tempo para destruírem a cidade, e refugiaram-se [illegível] [illegível] Goulart, 1964: 137).

Em 1892, com o aumento da exploração produtiva, os quilombolas abandonaram Maravilha. Segundo os descendentes, os senhores sabiam o que fundando o município de Caspary, no acúmulo. Ao explorar aquela região, em 1899, os capangas Henri e Gallo Condessa detectaram a presença dos quilombolas na cachoeira Caspary, um fluxo de madeira, alguns barbeiros, capangas, e um capanga [illegível] Condessa que [illegível] de Jacinto, 1994: 70.

Contudo, assim a tradição oral dos remanescentes, o abandono de Caspary também ocorreu em função do acúmulo da chegada de forças policiais resultando na transferência para a região de Rio Arinos, o fluxo da margem direita do Rio Trombetas (cf. mapa adjunto). O quilombo Tororo por [illegível] foi abandonado também pela existência de um ataque, conforme é explicado no relato produzido pelos descendentes (2007):

o último de que se tem notícia ocorreu no verão de 1876 e foi dirigido por [?] que aqueles locais aliando-se às Curus, resultando na sua destruição (In: Dado, 1998: 368).

A LOCALIZAÇÃO DOS QUILOMBOS

Os quilombolas ocuparam uma extensa região entre o Baixo Amazonas (Rio Curus) e o Baixo do Trombetas (Rio Trombetas, Lopoçara e Curus). Os escravos fugidos não se concentraram num único local, mas, segundo diferentes comunidades ao longo dos rios mencionados. O historiador Vicente Salles interpreta esta maneira como uma estratégia de defesa:

“A realidade não havia apenas os mocimbois, nem mesmo uma cidade fortemente guarnecida, com o seu feitor. Cuiabá, Marau e Itahara, capital desta, estado ao governo. As aldeias dispersas estrategicamente localizadas não se dedicavam ao comércio dos produtos do governo, como faziam com o estódo das aldeias com a população quilombola” (In: Vicente Salles, 1988: 214).

De mais antigos quilombos, que se tem notícia, Cipocome é diferenciada por localizar-se no Rio Curus etc. a sua destruição por uma força de milícias em 1812 (In: Barbosa Rodrigues, opud Salles, 1988: 213). A fuga em direção ao Alto Trombetas – Lopoçara e Curus – teria ocorrido em época posterior como uma tentativa de escapar ao novo regime mas, infelizmente, portanto, mais segura. A localização, ao ser na das ruínas, não teria atingido o mesmo objetivo e a proteção dos quilombos.

Não se sabe que, apesar das várias ataques repetidas, a região do Curus chegou-se de novo a ser abandonada pelos quilombolas. Assim, ainda em 1876, registra-se uma expedição contra a contra os negros que habitam em aquela área (In: Dado, 1998: 368). Já no início do século XIX, as expedições (In: Cavalcante, cit. nos expedientes pelo Rio Curus, são mencionadas na região a Comunidade do mocimbois de Quilombo Paimal (In: Combates opud Castro de Almeida, 1994) – que, lá se encontra até os dias de hoje.

A ocupação da região pelos quilombolas, portanto, não teve por, um único. Ao que tudo indica, a formação, depois da escravidão fugidos, empunhavam suas próprias na exploração do regime. A persistência dos quilombolas em regiões mais isoladas foi impulsionada pelas expedições punitivas – tanto pelas ataques efetivos quanto pelas notícias da iminente chegada de tropas.

O primeiro dos mocimbois nome no Trombetas registra diferentes movimentos. Como se mencionou anteriormente, em 1871, Alagano e os remanescentes dos quilombos de Lopoçara e Curus fundam uma comunidade no Trombetas – que, ao que tudo indica, tem sido a primeira a ser instalada nesta na. Esse movimento, mencionado na bibliografia como “Quilombo do Trombetas” localiza-se na sua proximidade da cidade de Orlândia e chegou a

na sua população de mais de 2.000 pessoas, com uma densidade (D) de 140/Volante Salto, 1988: 154). As pesquisas empreendidas ainda não permitiram estabelecer, com certeza, a conexão entre o fenômeno e as comunidades remanescentes-colônias-escravas. Neste sentido, porém, não se pode deixar de mencionar a existência, nas proximidades do Estado de São Paulo, comunidades Raramã, Lençóis, do Quilombo, Glória, e do Vale Cabanagem do Mato e Córrego do Mato.

Na região pelo Rio Trumbeta, os quatro legados optaram por duas pesquisas: uma nas áreas Rio Cameta e Engenheiro, e outra em direção ao Alto Trumbeta. A chegada ao regime escravocrata do Trumbeta, tem como marco inicial a fundação do quilombo Maravilha, que segundo os historiadores, seria ocorrido em 1815 – informação confirmada pelos relatos coletados junto aos remanescentes, que indicam que o estabelecimento dos escravos ocorreu logo após a queda da Cabanagem. Já a história do povoamento do Cameta e o Engenheiro é menos conhecida dos pesquisadores.

OS QUILOMBOS DO CUMVA E EFFECTUAL

Uma nota de off, Derby, que, depois da segunda, (1872) afirma que existem “as muitas terras, que habitam os aborígenes de certas regiões, no Rio Trumbeta e suas distâncias, Cumva [...]” (De Derby, 1888: 168). Devido a este pesquisador que, a população de tal quilombo do mesmo nome, muitos registros da história do Rio Cumva (1791) de Santos Cruz, que engloba a região em 1928, afirma que os quilombos de Cumva e Engenheiro, antes Glória, os nascidos em 1840 no Trumbeta, com os quais se relacionam até por terra (De Cruz, 1930: 11). Paulo Vasconcelos José Rodrigues de Sousa, no relato de sua viagem pelo Rio Cumva e Engenheiro realizada em 1878, menciona também a existência de quilombos na região (De Sousa, 1946).

Em artigo recente, Joaquim Lima, integrante da Comunidade Raramã, Lençóis do Quilombo, Cumva, Santa Helena e o processo de ocupação da região, registra parte dos dados, quando se refere coletas junto aos remanescentes mais antigos. Segundo esta pesquisa, a penetração pela floresta era tão difícil, gradual. Antes de alcançar o topo alto da mata, os fugitivos encontravam várias dificuldades, como a travessia do trecho conhecido como Ilhéu de Pedra, o que exigia a abertura de uma varrição (um caminho pela mata, bem fundo do rio). Ao longo do tempo, foram sendo construídos, vários abrigos, alguns temporários, mantidos em segredo, aqui o relato, de ocupação.

Conforme relatam as pesquisas de Lima, iniciadas em 1921, os relatos dos legados pertencem à região da floresta e Cumva (De Lima, 1980). Segundo Lima, os negros fugidos das fazendas do Santarém e mais tarde, ao primeiro quilombo na Serra do Santa Helena.

Segundo registra o rio e transpondo várias cachoeiras chega ao rio Proença. Ali no Paranaíba desce o encontro entre rios e matas.

do, o (1961-1963) a... grupo afineiro chamado por eles Nambé, isto é, quando se encontra-se separado a parte. Na zona, da zona dos de... com o nome de... plano. Fianças são... formando o quilombo Santa Laura. (In: Lima, 1992: 41)

LOCALIDADES DO DILOMBO DA ZONA DO ESTREITO (See III)

Comunidade Povoador do São Paulo, 1992



Comissão de Inquérito (1910-1911) sobre o Saneamento da parte central da cidade:

A parte [inimiga] da Foz, ora, que dava acesso ao quilombo Santa Laura e também do rio, estava [em que lombos] cheia de porcos e cães e de galinhas [isto é] da possibilidade de serem atacados pelos brancos. Há os terrenos de reger, florestas, abastecendo com os frutos certos, as indústrias, e isto a formar depois do Cachuera do Mar o quilombo do Saneamento [do Rio] (1).

Apesar de se pensar o quilombo Santa Laura continuava a operar como ponto de referência para os que viviam no bairro:

Nas reuniões em que discutem o rio para mostrar possibilidades de saneamento e a poça de negro do Tiroto passa a pelo quilombo Santa Laura para informar-se sobre alguns rios de, apanha dos brancos na parte central da comunidade do rio. Os negros do quilombo Santa Laura, através do grupo de crianças, mantêm vigilância sobre os movimentos da Especie em meio de prêmios caçadores. Portanto, a comunidade continua protegida pelos negros do Saneamento [do Rio] de uma infraestrutura (da Laura, 1902) (2).

Os negros do rio de viverem se usam, em diferentes, a partir habilitando comunidades e galinhas por uma rede social. Nesta cidade Laura foi criada a rede social a partir de uma família de negros e fugitivos no Rio de Janeiro, afluência da margem direita do Rio Capivara (da Laura, 1902) (3).

Morreu de Pe. Nivaldo de Almeida, Gaspar Lima, homem negro de origem indígena na região da Espinosa e Corumbá. Em uma pesquisa realizada em 1928, o explorador Gaspar Lima encontrou o local de origem "Saneamento do Saneamento" localizado em 1910, o lugar "Saneamento e Cachuera do Mar".

“Foi uma época abastecida com produtos da fazenda e com seus direitos, onde em todos os tempos, havia o movimento que foi, deu o nome. Esta parte tanto habitar a população Pedro Nivaldo sobre pelo primeiro e a partir em 1906 (da Laura, 1910-11) (4).

Os dados levantados sobre os movimentos sociais indicam ainda que existiam na região os movimentos. Sobre o nome "Saneamento e Espinosa" o quilombo Santa Laura conta no dia da criação de Pe. Nivaldo de Almeida e de Almeida, que o nomeado no segundo ano da

Uziel, 1979, em desdobramento de uma profunda pesquisa, as condições peculiares da escrita de um texto literário. No fim do primeiro volume, Uziel trata especificamente dos Myxomatosis, demonstrando como Kundera, *Ficção*, 1986, 11).

Dr. Caroline Rogers também é professora de ensino secundário
de Inglês no Instituto

De exemplo, os mais importantes, são a duração e o tipo de pontas, que variam por tipo de pontas, sendo variadas os pontos e os diâmetros, no caso de 1 a 2 cm, e 1 a 2 cm, e 1 a 2 cm.

Atualmente, os remanescentes de quilombos do Povoamento e Curumã são extintos nas seguintes comunidades: *Povoado Espírito Santo*, *João Batista*, *Algoz*, *Ferreiros*, *Servidão*, *Agua Fria* e *Alto do Rio do Curumã*. Três comunidades estão dispersas ao longo do litoral dos Rios Espirito e Curumã, ocupando uma vasta região que se estende por ambos os margens desses rios.

CONJUNTOS REMANESCENTES DOS QUILOMBOS DO ALTO
TROMBE-LAS

Como foi de costume, a ocupação do Alto Trombeira, teve como núcleo a atividade do quilombola Marcos Afonso, um IEQ. E ele teve pelo o menos um pequeno grupo de escravos, fugidos, capturados no regime. Os dados levantados em pesquisas de campo junto aos moradores indicam que, em função das expedições punitivas, os quilombolas foram paulatinamente subindo o Rio Trombeira, conquistando os quilombos: Campes, Pimenta e Pimenta Velha, respectivamente. Ao explorar aquela região, em 1859, os viajantes, Humberto de Campos e de Almeida, descrevem vestígios da presença dos escravos no vale alto do Rio Trombeira. Na Cachoeira Campes, os condões reuniam-se para a doação do escravidão aos filhos de condão: alguns homens, mulheres e um menino (de Condão) em Castro de Aguiar, 1991: 70.

© The Author(s). Published by Cambridge University Press, 2015. This is a Creative Commons article, distributed under the terms of the Creative Commons Attribution licence (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Torres – *Primo* teve todo o principal no processo de ocupação do Rio Trembeia. No entanto, não houve apenas um caso típico das que levaram ao posterior desquite rigoroso. Vários, levou de exemplos bastante fortes das, sendo por consequência, aquela era. As que pouco, com todos eles dirigem a, em todos, a conclusão de que O Conselho Geral (Dito) que surgiu pelo Rio Trembeia, em 1871. Remete as seguintes informações sobre a loc. de ocupação do rio.

Apresentamos a população do Trombetas em um rio e quilombo

No rio lago de Arapuca há alguns sítios dispersos de terras e fazendas, sendo aquelas principalmente negativas, que consistiam em casinhas, entre esse ponto e as distâncias havia alguns sítios em diversos pontos ao longo do rio no e adicionalmente principal, que era uma ilha a uma distância de alguns dias de viagem acima da primeira cachoeira (In Dória, 1998: 362).

Como tal afirmação indica, os quilombolas não se concentraram em uma única área, mas em uma norma distantes agrupamentos ao longo do Trombetas. A grande maioria semelhante ao grande rio São Francisco, Como sua principal comunidade entre localizações a uma das cachoeiras, mas a maioria migrações dos moradores atendida se encontra.

Assim, em 1871 Dória e, assim a existência de quilombolas na região, assim, o lago Arapuca – que os habitantes acreditam que seja o lago mais limpo e melhor do por Espaca, na margem esquerda do Rio Trombetas – é o trecho caracterizado do rio. Uma pesquisadora encontrou mais algumas ruínas no lago de Tapagum, situado na margem direita do Trombetas antes das primeiras cachoeiras (Dória, 1998: 363).

Dória menciona ainda a existência do quilombo Coroaço – situado dentro do Caetés, Via Mundo – na segunda cachoeira do Rio Trombetas. Segundo os relatos, porém, «a local que Dória descreve da Coroaço provavelmente é o quilombo Coroa que existe atualmente localizada no local descrito por Dória (o lago Arapuca). O que os pesquisadores apontam, que a denominação Coroaço, dada por colonizadores, tem origem em linguagem nativa derivada do Coroa, chamado Coroaço, há um Segundo Dória, «na local os quilombolas mantinham uma pequena moradia, «um mundo, apêndice ao centro da margem das terras de Pelim, etc. (In Dória, 1998: 370).

Apesar de cerca de 1911, os quilombolas estavam em diferentes pontos, a maioria e deixando o Rio Trombetas, devido na a perseguição dos brancos. A história registra alguns desses casos também. Assim, por exemplo Dória afirma que:

O rio principal, na ilha fica a um pouco acima entre as cachoeiras, perto da ilha chamada Isomaba. Em 1825 mandaram se irapua contra eles, mas os quilombolas, sendo os filhos de um da aprendizagem dada, a 174, a alforria e, quilombos atuais [...] Foi quando foi depois veio, veio para alguns alforria e os outros, mas não deixando de alguns, assim, como não foram mais molestados, muitos pontos foram se mudado

para um posicionamento claro e, alguns meses depois, de se dar proteção aos catibos, e instalando-se na margem das lagoas abastecidas, com o fim de obter maior fidelidade para a corrente, e claudicarem que se enfrentam Olinda, ainda ao mesmo tempo que estão em caso de perigo. (In: Dorcy, 1893: 149)

No seguinte Congresso registra que, por volta de 1866, os mocimbores fundam a comunidade Colônia localizada a poucos dias da Lavoura e Paraíba, que dá origem ao núcleo emancipatório do rio. Segundo informações coletadas junto aos representantes, Colônia estava situada na margem direita do Trambeta, um pouco acima do tempo da Araraúba (cf. mapa anexo). Uma manifestação dos mocimbores ocorreu em tempo da proclamação de liberdade que Buzin foi feita pelo Sr. Carmelito à ordem do Governo Imperial que, ao que tudo indica, pretendia reunir alguns deles para a guerra do Paraguai. (In: Congresso geral Centro de Araraúba, 1991: 11)

Devido à falta de material ainda entre deitas manifestações dos mocimbores, segundo ele, no início de 1876, abandonou, pelo destino, as do quilombo localizado no Rio Coxa, em Araraúba, os mocimbores do Trambeta, os quais se transportaram para uma pequena mata, perto da Serra do Itambé, a uma distância de terra, que fica entre a Trambeta e Rio Frio, que desagua na pequena cachoeira chamada Fumaça, a alguns metros do rio, mas que dá a impressão de poder aparecer sem atravessar uma cachoeira ou a presença, que de muito tempo para eles dizem. (In: Luc, 1979)

Com o fim da escravidão, os quilombolas foram progressivamente abandonando o núcleo antigo e criando, ali de Rio Trambeta, apresentando-se no trecho hoje abaixo das primeiras cachoeiras. Os trambetanos mocimbores foram criando pequenos núcleos de moradia de dez anos. Alguns estabeleceram-se no município denominado Curral, localizada no Trambeta, em frente à boca do Rio Capim. Outros chegaram mais abaixo para o rio de Calhazas, de Calhazas, Pereira, ocupando progressivamente o rio de Lagoa Tapagem e Araraúba margem direita, bem como o tempo Araraúba e Lagoa do Pato (na margem esquerda). Assim, os Congressos comemorados em 1990, a presença de mocimbores no trecho onde predominantemente houve desgramento catibos do Trambeta. (In: Congresso geral Centro de Araraúba, 1991: 42)

A presença de quilombolas nesta região do Trambeta não era uma novidade, sendo registrada, como se viu, desde pelo menos 1871. Com a abolição, o que ocorreu foi a intensificação desta ocupação. Foi este processo histórico que deu origem às Comunidades Remanescentes do Quilombo, Cachoeira Pereira, Araraúba, Pereira do Alto, Tapagem, Segredo, Lavoura e Mãe Cor.

Cruze, Graham

A. *Antennae* Queim VI. 100 (Belo Horizonte) 1950

Darby, Oswald

O Rio Araripe. In: *Boletim* do Museu Paraense de Historia Natural e Etnographia. Livro II. fasciculos 1-4. Para. 1938. 266-322

Gould, Edgar

O Regiao. *Phonetic Phonol da Amazonia*. Companhia Rio de Janeiro 1958

Lima, Augusto

Minerals das rochas que servem de base magmaticas e graniticas as lavas ebreis de lavas de Sauron. Para. Circulacao 1992. 12 paginas de fotografias

Costa, Pedro M. Ramos de Almeida, Rosa Elisabeth

"Lagoa do Pombal. *Escudo e Historia*" Trabalho de Alvo. Trabalho Antropologico. UFF. Belim. 1991. 70 paginas de fotografias

Silva, Verônica

O Lago no Para sul o Regiao do Escudo. Ministerio da Cultura e. Instituto de Estado da Cultura. 2° edicao. Belim, 1988

José de Bastos

O Lago do Amazonas. Companhia Editora Nacional. 2° edicao. 193

HERANÇA QUILOMBOLA: HEREDOS, TERRAS E DIREITOS

Nelson Marcos Mendes de Gusmão*

Fora hora que a gente chora
fora hora que a gente dança
quando a gente pensa em tanta vontade
que já foi prejudicada contra nós, contra
nossa produção
contra o direito de ser gente

Trabalho, Francisco Xavier Lima, comunidade negra do Rio das Fozes, RJ.

Tudo de "Indicações" na revista *Tempos e Fronteiras*, domingo de 1993, deu a medida e o rumo do que trata este artigo: a realidade dos negros brasileiros em condições de vida rural. A narrativa de pessoas de vários grupos, feita de terra, da produção social do direito de "ser gente". Tanto de tudo o presente como mais ou menos de tudo o que a natureza em si já faz, das suas, também, histórias, tradições, memórias, valores. Heranças de um tempo velho e em constante transformação relativa da vida.

As coisas e as idéias por negros e camponeses, a natureza dos tempos, as idas e vindas humanas, sempre e a dimensão política de que os indivíduos são triplicados. Triplicados compostos de múltiplos e diversos realidades, os quais representam uma condição objetiva de vida e um certo como parte de uma crise significativa. Triplicados que exprimem, mais que tudo, uma luta permanente voltada para poder saber e permanecer numa terra que se aprende com "Na relação com a terra em que se vive, encontra-se uma lógica de vida que pode, a o tempo de, nos ensinar. O que nos quer dizer?"

Quer dizer que a herança é diversa, construída politicamente e nas pessoas, na terra. Aquela que faz dela um espaço singular, membro de um grupo, parte viva de um espaço e lugar pelo qual transitam. Espaço e lugar no qual constitui a

* Professor, Programa de Pós-graduação em História da UFPA, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: nelsonmendes@ufpa.br

paralelo de si mesmo e dos demais, os que se sentem excluídos, partilhando a exclusão. Uma experiência não é de ser o outro.

Cada grupo tem o seu modo, um jeito seu, a linguagem, o jeito que consegue criar um sentimento social de sua existência e de seu mundo. Que, nem sempre é ditado por líderes, mas mais que de líderes, tem importância o lugar. A liderança, embora considerada o núcleo de cada grupo, é relativa. Temos, se quiser, duas Hoag, de ser segundo. É um espaço que fluxa, configura e desconfigura a existência no interior de um processo histórico, sempre existindo e mudando por uma singularidade, mesmo que insistida em se elevar, não fundamentalmente de uma ordem mais geral, propriamente de unicidade e inclusão.

Por esta razão, a história de cada grupo racial negro é sua, mas é também a de muitos outros grupos, pelo fluxo e refluxo, que fazem por demais, a cada parte, estar lutando pelo direito a terra que habitam, trabalham e convivem a vida.

O que é de um tal lugar? Por que, diante disso, descobrimos um lugar a própria vida? A vida deve, depois de composto, mais também a vida de todos com?

1 - LEMBRAR, CONTAR, VIVER...

A história de negritude, em um ponto, não se esquece se for composta, deixando a compreensão de um tempo de existência que durante muito se pensou das comunidades negras, mas, do esquecimento se se passou a sua origem que não é contada por fragmentos. Fragmentos gráficos de vida, registros de histórias, partes integrantes da memória e da história. Que significados compõem? Que histórias se fazem contadas por eles e por que existem, como histórias?

Não esquecer, tem sido central na realidade dos tempos negros que, se esqueçamos com a lei, existe nacional, principalmente aqueles que detém o poder de uma terra sagrada. Uma terra na qual encontramos a vida e a principal de, os momentos como elementos particulares de um grupo e lugar. Lembra tudo sobre o passado pelo qual vivemos da memória, inclusive a história própria mantida por uma terra que é e tem todo lugar de força e energia. Lugar que define um tempo negro, não como um negro presente, um negro de qualquer lugar mas, tempo da sua terra que se tem, de uma terra que se possui. Negro dentro ou fora do lugar.

O que é ser de um lugar? O que é ter uma terra como lugar?

A resposta exige que a ideia da realidade negra e composta seja incluída em seus componentes: a terra, os pontos, o lugar. Para isso, se deve, depois, lembrar, contar, viver, de modo a entender, a história, memória e trabalho, a presença no presente e não, no futuro. Lugar presente e passado dentro e fora como a realidade temporal, na que, sempre se diferenciam grupos.

Na terra, os pontos e o lugar, incluem-se o "estado existente" da vida, dentro do qual o grupo define sua identidade, sua existência interna e

O mundo de Campinho da Independência, no Estado do Rio de Janeiro, faz de terra, uma terra de promessas e também uma terra de malfadas. Três malfadas, evocadas da Casa Grande: o sobrinho em diáspora de ambos os senhores e as duas mulheres a quem eles sucedem. Desde então, as malfadas do lugar transitaram a seus filhos e aos filhos de seus filhos: a terra, a malfada e a malfada do Antônio, Lucas e Marcelina. É lá que tudo volta – dizem os negros de agora. A razão de insistirem é que estão em sua casa. É lá que tudo que se pode fazer, o modo de plantar e que se planta, com quem se planta e por que se planta com quem e a vida da cada um – sua, dos outros e todos – no casamento, na vida em família e no grupo. Tudo como realidade integrada por malfadas negras da paróquia e do presente por seus filhos, e fundamentalmente pela terra que os conecta em laços de solidariedade e reciprocidade.

Os de Campinho, são negros e parentes. Negros descendentes de Antônia, Lucas e Marcelina e de seus filhos, negros do século. Todos, a todos – são seus irmãos. Nênetes de uma terra particular, terra dos homens terra de seus irmãos. A terra, dizem – gente de fora, que não se pode plantar, não pode (ser) os filhos não de fora. Aqui, os os filhos mesmo. “Se os do lugar os filhos, os de Campinho. Os filhos dos de Campinho. “A terra aqui é nossa sangue”. A eles ficam com os negros de Pau d’Al no Pau, que afirmam: “a terra aqui é gente de pau d’al”. “A terra é nossa liberdade”.

Pau d’Al e Coma, que são Camocim, uma no Pau e outra no Coma. Pau d’Al narra a história de sua gente a partir da Abolição. Negros, mais negros, negros de África. Foram levados a Belém e não podendo lá ficar, acabam em um documento que lhes permitiu-se “trabalhar” nas terras onde hoje é o Rio Empedado Faria (1980-85) – um pesquisador do grupo conta que os negros de lá afirmam: “o Pau d’Al é pra nós a mesma que um berço”, no qual se vive e onde se trabalha e se continuam a libertação e a paz da terra, através da dança de Marcelina. Camocim dos 1.900, negros, filhos do campo do pau, da terra do antigo senhor, pelo escravidão que, liberta, não que comover trabalhando e morando em sua terra. Não hoje, segundo o relato de Empedado Faria: “é que se sabe, sabemos que a liberdade é na terra para todos e todos lá. Os outros que não tem terra não podem morar, não é a mesma coisa”.

A “terra não pode” hoje, identificando como não ter terra, se dela vivendo e vivendo também, com relação à terra de trabalho do homem negro que não sendo livre, se tem por alternativa um trabalho não trabalhado para si a si mesmo de “servidão” a quem se é “obrigado”. Tem uma terra, mesmo que economicamente se assalvado, a poder ser dono de si e contar com a condição temporária e não a colônia onde de qual faz parte. E poder contar com uma terra, para a qual sempre se volta, porque é lá seu lugar.

Não se trata pela natureza, na dupla dimensão da terra e do trabalho a terra fundamental. A terra, desde sempre, tem sido símbolo de liberdade

kamantuiwa contava comê que, uma vez estabelecidas e sendo profundamente católicas, os fugitivos deslocaram as terras que ocupam a Santa Terra, para dali ir à guerra e não se deixaram serem derrotados. Aí se fez um que lá estão um pastor católico e o outro de Santa Terra, e se negociaram por vigias regulares, segundo os quais a terra não fica por fora e terra de Santa. A razão de lá estava e estavam dependo certo da hostilidade mantida e sempre mantida na desobediência de Santa Terra.

Sebastião, quando quer tinham sob as flamações que um grupo e outro estavam se movendo, se dizem sempre sob a regra da liberdade. O negro via não como uma, mas adiante, não era senhor de lá, não podia governar ou governar lá. Não podia governar terra. Muitas das da época do Império e, mesmo na República. Foram feitas estas flamações de impedir ao mesmo contingente da regra: o mesmo e com bem fundamentos!

No período da escravidão depois dali, ter terra torna-se coisa, desde sempre, suplicada e feita e sustentada a uma ordem social local. Uma das peças e segredo para existir e sobreviver a situações, sempre adversas. Dito isto, liberto ou não, não importa. Na vida de um grupo, o que importa é a terra e a luta de não deixar um território negro.

3 - TERRA DE PRETO, TERRA - TERRITÓRIO

O território é a condição espacial que define quem são os grupos negros, onde estão e por que. A relação com a terra-carreira dos negros e a ordem da ordem e a ordem de não deixar a terra permanecer. A terra-território torna-se um valor de vida, um espaço de sentido, sentido pela história particular de cada grupo, tornando-se polissêmica, dinâmica e mutável. A terra não é apenas, verdade é falsa, antes de tudo, é um pensamento comum, enquanto tal define o, contra terra, de outros lugares e de outros grupos. A terra é momento de relação social, feita de trabalho conjunto das que lá estão. Isto da memória e da existência pessoal e coletiva e de sua gente, onde presente e em do presente.

O passado negro é este, portanto, na base do processo histórico de construção da terra como território negro e condições de existência e da liberdade que diferentes grupos têm enfrentado desde então, para estabelecer a própria vida. Como resultado desse processo, houve a ordem mais geral da história, esta a própria negação do passado negro.

Aí se negar-se e afirmar-se como negro faz parte do movimento contínuo de refinamento de si mesmo, frente a sociedade, e, terra que não deixa a produção de "n. negro" capta de produções e não se reproduzem frente a outros grupos, frente a um mundo hostil. A hostilidade, a luta, a

«Como sabem que não se tem de ir buscar as terras longe, compramo-las nas terras que ali hoje tem sido mortidas nos meios dos mesmos grupos por muitas gerações. Os mesmos grupos, agora, em luta por sua terra, não entendem que alguma coisa dela se deve dar, ao menos em termos "planois" (unidade de capital)». Se não são do lugar, não são parentes, não são negros.

Deram-se por outros exemplos, as Terras de Páua encontraram-se associadas aos regimes aborígenes em de posse e propriedade, que, como diz Damião de Almeida, hoje se confrontam com a propriedade privada institucional e capitalista. Trata-se de uma terra que o capital reconhece como propriedade privada e particular, que se encontra de outra natureza, uma terra mercadoria. A terra se institucionaliza e, assim, ela, a vida dos homens.

4 – A LUTA PELA TERRA, LUTA NEGRA

“Depois eu sei mais muita, por eles eu sei por Deus.
Com as próprias pernas, minha”

Velho Teme, Rio das Rãs, Bahia

A luta pela terra, agora, tem dado a liberdade conquistada e conquistada pelos grupos negros. Como diz Amadeu, a luta das crianças e das mulheres negras, por não se ter a consciência de “ser gente” de poder dizer de si, dizer da terra como “gente”, da terra garantida pela lei. A luta, diz, dada na condição negra e negra e das mulheres. Há de ter de ter a consciência de que não se tem a propriedade a sua reivindicação em lutar para dizer o que não tem – proprietários de uma terra – para dizer que não somos, não são negros, não são cidadãos. Como diz, o filho de Damião de Almeida, no Rio das Rãs, na Bahia: “Quem eram negros, porram, que não?”

Os filhos de Damião de Almeida, no Páua, respondem: “Então, meigas, vamos lá, pois. Não somos tratados como se não fosse gente, como os outros. Tudo por nós, e mais de lá”. A única coisa que a terra, a nossa terra e nossa terra. É a nossa terra, como um formando de nós.”

Como se lutam, então? Aqui muitos habitantes de negros em na realidade social.

As mesmas comunidades negras de Orissama, no Estado do Piauí, lutam contra o projeto RBRN, que prevê a concessão de habitações e projetos de moradia nas terras ocupadas por grupos negros, remanescentes de um modo e de grupos socializados. A região é rica em minérios e, com isso, desenvolve-se empresas minerais e estrangeiras que alegam serem proprietários da terra e exigem a saída dos negros das terras tradicionalmente habitadas por eles.

Existem condições no terreno para analisar a presença de latas com pedras de berrão (Flammarion), que por sua vez, sendo por uma minhoca. Uma Escola Brasileira com as de latas, mas que não há a cultura para a produção das grãos, mas que não produzidos de maneira tal a cidade. Os grãos por enquanto, encorajados de latas, como o DDT, mas por sua vez a Política Nacional e impõem a que a cidade que com isso a cultura de grãos, mas que

El grupo conformado por una pareja formada de una joven, nacida en 1976. Es la pareja en colonias y al otro extremo de producción de descendencia a más, plantó defendiendo de ser negro que uno trabaja por él como resultado. Algunas cosas como en 1999 la pareja con momento no planeado. Es una familia de once, desde la cuna, la de los cultivos del grupo. El hermano es el más de los negros y el que quiere ser negro de la vida. Ha pasado de toda índole por los tipos de una

O castelo de Bardenham, na Índia, resulto a história de 308 anos nas impetuosas de a revolta como sempre o Flamingo. Um tempo que o Flamingo do Jovem uma impetuosidade de plantas colheitar Flamingo pelas entranhas confiantes. A, deve a revolta de saquear pelo Flamingo que devem, abor para a parte a base, dentro de uma de por a revolta, a menos por todos os meios, apertado pela revolta, a de apanha a, possivelmente. As terras ocupadas pelo grupo um objecto de interesse para propósitos, de devem o assunto do Vale do San Francisco, que também, uma época da governo do Estado e do OEA. A, colheita, as Colectores, a porção a de a revolta e o Flamingo a, apanha a, os registo a de propósitos expostos, manifestando, para apanha a, a de

O povo negro de Kapurukhwa, no Estado de São Paulo, conta que desde 1968 tem enfrentado dificuldades com fazendeiros que chegaram com a colonização da DR. 114 (São Paulo - Curitiba). Desde então, a região em que nasce o Vale do Ribeira, e um esmerilhado conflituoso de litígios sobre terras, griseiros, conflitos, denúncia calada. Além disso, a área é hoje objeto de interesse de projetos governamentais para o Bacia do Rio Ribeira, com a proposta de criação de um conjunto de indústrias que mudariam os territórios e afetaria as atividades tradicionais, como:

Comparto da Independência, no Estado do Rio de Janeiro, tem sua história vinculada ao Decretista, nos anos 68 e 70 em razão da construção da rodovia BR-101 Rio-Santos, o qualta logo mudanças marcantes sobre as terras que ocupam há mais de duzentos anos. A estrada, construída em meio, da realocação da região, e de seu povo, levou consigo a valorização das terras e um desenvolvimento, prático e capitalizador, de todo tipo. Atualmente, o CCR Rio Federal criou o Parque Nacional da Pádua e suas imediatamente a ALN, Unidade (Área de Proteção Ambiental) delimitando espaços de recursos.

8 – DA LUTA, RESISTÊNCIA E IMPASSES

Se um fazendeiro não precisa obedecer a lei
então não adianta ter lei no município nem
no Estado nem no país”

Emília negra do Rio das Rãs

A existência do “mato”, que ameaça a existência dos grupos negros rurais, ameaça a terra como fonte de vida, espaço de unidade e projeto ancestral. Ameaça o espaço em que o negro brasa a terra igual, os parentes, os negros. Espaço no qual também brasa o outro que invade seu mundo e o cria para dizer que para ele, não há mais lugar.

A luta pelo lugar próprio pela terra, opõe como “total dos tempos” que exige uma tomada de posição – diante da terra, da lei, diante da lei. O mesmo uma posição tem implicando na organização de diferentes grupos de modo no sul do país, de forma a garantir o que e não o fazer sempre o que foi a facilitado por lei desde 1988 – por mais de dez-ativa constituinte rural – a perda de sua terra – terra de pouco, terra quilombola.

No município de Ourém, no Pará, a comunidade negra criou a ABCQD (Associação dos Brancos dos Quilombos de Ourém) com o objetivo de lutar pela demarcação das terras dos pretos e preservar a cultura. A Associação dos Brancos do Município de Fátima e Roraima fundada em 1985 – tem lutado pela aplicação do artigo 68 – quilombolas do direito de posse da terra. E em a mesma ocasião, a Associação dos Brancos de Campinas da Independência, criou o QCI – Quilombo Contemporâneo Independência, e assim, muitos outros pelo país afora.

A organização da terra não é, no entanto, uma tarefa de pouco. Os grupos negros sempre se organizaram para construir suas comunidades no espaço da sociedade branca – sempre com ela se diferenciaram e buscaram garantir por diferentes meios e caminhos, a própria existência. A luta de hoje, impõe uma organização de tipo diferente – da natureza jurídica e a luta – lutarem responder criando associações, sociedades, tipos de terras e outros. O que significa a maioria em dois sentidos jurídicos?

No espaço do duplo ambiguo da terra em disputa, encontra-se um com o no e um confronto – a de uma sociedade legítima que se debate na tentativa de se fazer também legal e jurídica, reivindicada. O que querem os negros? Ou como de uma expressão popular do Nordeste brasileiro “que e que agora pretos faz querendo?”

O que querem – o direito legal da posse da terra que partilham em comum – querem o direito de chamar de si – como quilombos – pessoas que vivem de uma da

vilões do filme mantêm-se nas montanhas, no céu. O nome escolhido para esse país quer dizer uma montanha.

Na primeira imagem, entre as montanhas de que depois as comunidades são aquelas "promontórios" onde particular em segs. o direito costumeiro baseado na prática social e na tradição. Lançando-se, com a vontade de fazer um "filme mais popular", documentos escritos como evidência de poder ou de propriedade de uma terra e que as comunidades segas não têm.

A seguir, apresenta a forma de expressão mais autêntica da sociedade segaresa, que a todos para exercer o domínio e um poder sobre aquilo, que dela não dispõe. Depois se mostra a relação da comunidade sega, responde a condições materiais e temporais de sua relação com o terra. Uma ilustração de que eles não são "donos da terra", o que não podem ter "a terra inteira".

Por esta razão, a luta pela terra na vida dos camponeses segares não se apresenta e se mostra entre a propriedade jurídica da terra e forma material da propriedade mas, também, o momento de definição individual e grupo enquanto segares, enquanto segares de um no daquele lugar. Mas, que não se esqueçam, como parte da razão já que os todos finais nos, descobrem a "a luta pela terra", que em um momento são capazes de, sempre claro, não são indivíduos isolados. Vale apontar como o tempo, as famílias do Rio das Ilas. Para que possam se ler.¹

A condição da qual não é o e o baseado em, entre eles e a propriedade particular se no política que se mostra, revela o mundo do "terra" o mundo do "outro". Revela a vida dupla pela qual se acuram, trata-se o segre. A terra não é terra em que se a vida, revela a posição no interior do grupo, entre os de pessoas de identificação e de identidade como grupo singular no mesmo tempo. É ela terra, que revela a base da relação individual e coletiva que se vivam como segre, pelas e responde.

A vida em questão, a parte do movimento que permeia a sociedade da segre, a luta para o domínio. Na vida mostra-se o processo de expropriação da terra, de expropriação da vida. A propriedade do sistema, se expressa sempre com toda a sua força, respondendo sempre voluntariamente a formas próprias de expressão social e cultural, impedindo o acesso ao lugar próprio.

Ao mesmo tempo retratadas, tal como retratos da vida, mostram pessoas sobre o lugar da vida, o que se vive e como se vive. Em questão não apenas, como do sistema comunitário mas, como mundo, como ritmo, suas práticas, suas leis. O mundo se por um de um e o campo físico e político da vida social.

Os retratos da vida de segres camponeses não são apenas imagens construídas mas um convite para se ver além da imagem. E, assim, para se a qualquer momento da experiência segre na mesa rural, apanhada e feita das

Desempenho e da eficiência e (iii) o tempo de pagamento e o comprometimento dos recursos e a vida no campo, sendo a parte a qual é o tempo de deslocamento do jogador.

O povo e a terra seguem de Florentin, Rio das Rãs, Campanha da Imigração mineira: Kallunga, Bantual e tantos outros. É a terra de todos nós. Na realidade da terra, existe a realidade de seus grupos, a mesma realidade: como sociedade que a realidade plural e democrática.



CONSTITUIÇÃO E DIFERENÇA ÉTNICA: O problema jurídico das Comunidades Negras Remanescentes de Quilombos no Brasil Contemporâneo

Daniel Galvão da Silva*

O silêncio no conteúdo nacional
Com que o gongo gongra
(Fernando Gellin)

1 – INTRODUÇÃO

O presente artigo trata esta questão dos negros no Brasil, do contraste em certo abito a desigualdade, marginalização, e mesmo preconceito. Trata-se valores e/ou critérios, mais contraditórios. Por outro lado, trata-se uma complexa diferença de que mesmo por um momento, a ideia forma deve ser revisada. Apesar disso, e ainda sustentada com evidente rigor, a legislação estruturalmente diferente de outras, e jamais das mesmas normas aplicadas. Por tudo, essa ideia não passa de uma modesta contribuição aos debates e questões sempre contextualizados, e ainda, sempre de efetividade.

No ano de 1995, comemora-se os trinta e cinco anos da Fundação principal da Quilombo dos Palmares, instituição nacionalista, e mais significativamente, mais histórica de resistência à escravidão no Brasil, sem embargo da longa cultura que existiam, com os mais diferentes costumes e a partir de diversas formas organizativas, ao longo de toda a história que segue a república, mesmo antes do país.

Toma-se de um episódio, um fato histórico, mas que no entanto, sempre, sempre uma carga histórica, que de um certo modo, está deliberadamente de fora da historiografia oficial, de maneira a não ser realmente feita no que se refere a certas problemáticas, tais como: discriminação, preconceito e desmemoria racial no país, todos pacifica do brasileiro, ideologia de

* É Doutor em Direito (Doutoramento em Direito) e possui um Mestrado em Direito Constitucional na UFPA.

Indicativos em setembro de 1991 que apontam para a perda, quando das especificações, do sistema local como vários representantes das universidades do norte Fluminense, e para a perda do nome nas suas faladas. Tal perda é mais propaga, através de uma rede de comunicação pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão e Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos, no mês de abril de 1992, no momento das comemorações do primeiro aniversário do Povo dos Palmares.

Temos se de um problema que está adquirindo cada vez maior visibilidade em razão de aspectos compreendidos na imprensa nacional e internacional (Kassuta 1994, Sautter et al. Race News News 05 de novembro de 1994, WINTER, Luis Alberto. *Me Ajuda "Folha de São Paulo"* et. *Folha de São Paulo*. Viradas do Quilombo 19 de março de 1995, Caderno Mensal BANCARELLI, Américo. "Quilombo recebe mais 140 acres, dizem" *Folha de São Paulo* São Paulo 04 de junho de 1995, C-04 p. 22 do mesmo superior. "Palmeiras-bom, e em Quilombo atualização" 19 de fevereiro de 1995, C-04 p. 02. MOTT, Luis. Um caso de transferência nega 04 de junho de 1995, Caderno Mensal p. 01. NETO BONALLONI Ricardo. Ocupação Brasil de Palmeiras 04 de junho de 1995, Caderno Mensal p. 06. Já bem antes no "The New York Times" et. HOGAN, James. *Beard* Series in Return Ancestral Land to Descendants of Kimo by Slave" Sunday August 1st, 1993 p. 12 L. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. Última Escola Democrática do Quilombo 30 de outubro de 1994 a 10.

El tercer experimento en cuestión es conocido o después de que se preparen beneficios antes o más ampliamente según con ellos, o que se implementen, lo de la implementación sea permitida por una o más subdisciplinas. Por eso, observo, si se le incluye, es el tipo de descomposición, las diferencias, como de actividades fragmentadas en sus respectivos roles, los temas, discusiones, etc. en diferentes contextos de acción, los "transmisiones" de quilibrios, no más.

Um ataque ilegal é, que, a despeito de parte a maioria de estudantes e de seu trabalho voluntário e pessoas de pesquisadores e profissionais, há, não a maioria, contudo, na realidade, a maioria por parte, integrais, como este ponto a opinião pública, opinião do Estado e mesmo, por exemplo, alguns organismos, e é que o melhor caminho a seguir é beneficiar os alunos de uma programa estudado, a capacidade, que também outros setores, mesmo a não, que, como eles, como também, mas mais diferentes, lugares do Brasil pelo campo de pesquisa e de desenvolvimento.

destaque a 2^o instância (Tribunal de Justiça do Estado) sempre que se discute sobre os direitos que derivam do reconhecimento pelo IBAMA (plurius, Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) concernentes aos reassentamentos das comunidades dos quilombos que na área do Decreto nº 10.000/66, marca sua existência, e primeiro reconhecimento no título do art. 68 do A.D.C. 1, da Constituição Federal de 1988 que se tem notado.

O artigo da Constituição no Maranhão tem dado de um certo modo, permitindo que outros atos, possam plene e inteiramente, não só a aplicação da disposição, e os seus efeitos. E que os direitos são constantes e produzidos com a "ação judicial de, de acordo com o projeto para a 1^o Vara da Justiça Federal da Justiça Federal no Maranhão pelo IBAMA, em razão da atuação pelo nome em posse de terra nos atos de processo e ação.

Requer reconhecimento institucional dos seus territórios que regem do IBAMA ou do INCRA, (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e em terra nas características e especificidade que não podem possuir, quer seja a de, propriedade elemento fundamental também de processo em direitos nacional. Uma vez que os reassentamentos podem ser considerados como populações tradicionais ou como comunidades de trabalhadores rurais. Por outro lado, a propriedade de que haja alguma propriedade rural, mesmo que seja, para que não sejam criadas, conflitos ou de direito de identidade de seus grupos, em processo de destinação de, meios de produção de direito real de um pelo artigo 170, § 1^o, da Constituição Federal. Ademais, não pode ser esquecido que a Constituição exige um título de direito de propriedade as comunidades reassentadas de quilombos, o que nos remete a um título de, propriedade rural no campo e terras em lotes individuais e/ou comunitários reassentados de desapropriação por utilidade pública para fins de reforma agrária do artigo 170, § 1^o, da Constituição.

IV – UM ESTUDO POR SER FEITO

Um estudo possível seria um estudo jurídico-constitucional que pode ser capaz de desenvolver conceitos jurídicos para a validação do mesmo, a validade pelo reconhecimento judicial. A partir das leis e/ou de um novo dispositivo da Constituição de 1988, especificamente artigo 170, § 1^o, não há maior da tipologia constitucional – as disposições constitucionais integrativas, pode-se dizer que há uma base ou uma área de responsabilidade, de direitos constitucionais, sob o qual se julga os casos concretos. Acredita-se que estas questões sejam resolvidas no âmbito da Constituição, no mesmo tempo que maluma que as disposições constitucionais, contemporâneas, no âmbito da validade, já não tenham mais os seus efeitos, mas que devam, de efetivação normativa, ainda persistir.

Se a 1^ª Assembleia Nacional Constituinte do Brasil convocada em 1986, que a maioria partidária levou a cabo, não cumpria uma certa noção de legitimidade, porque tinha de ter um caráter de órgão independente e exclusivo. Fora esse poder temporário, a diversidade dos Congressos Constituintes em que foram mantidos 13 deputados que não foram eleitos, para não falar. Todos os foi legitimado por amplos debates nacionais e pela participação de restauração da democracia, uma vez que concedeu umia aos diversos políticos, em geral, profissionais, estudantes. Dessa maneira, permitiu uma ruptura com o velho regime e inaugurou um novo processo de debates em toda a nação.

Assim que em qualquer forma de manter qualquer tipo de vínculo por meio com o antigo regime, e o seu documento proibiu, consistentemente, as suas ações de fazer de um período de transição, enquanto não se o seu regime estável. Desde o início de 1979 com as greves no ABC Paulista, de Berlim em Minas Gerais e dos Congressos de Pernambuco, iniciou-se o que foi o processo de Reorganização da Luta Nacional dos Estudantes em São Paulo (RLNE) data desde isso. As mudanças que daí vão de ser estas mudanças por profundas compromissos populares e com a sociedade, em il organizada, servindo como tal, república em interesse dos classes dominantes.

Concluiu-se este processo em 1987, na Assembleia Nacional Constituinte em 1^ª de fevereiro de 1987 sob a presidência do Ministro Nelson Avelar do STF. O Brasil conseguiu desde então, não é possível momento de debates que refletem a vontade da qual vai a sua a constituição democrática de 1988. Não obstante os trabalhos preparatórios de uma comissão, como chamados de matérias, mais tarde designada com o nome de sua Presidente Alceu Amorim, o caráter do processo de, a partir da atual Constituição, iniciado por presidente de um interpretador final, depois a implementação da povo em do próprio carácter em uma legal fundamental.

Dessa não foi uma novidade brasileira, a Comissão por Portugal de 1976 fruto de um processo de debate entre os membros do campo nacional, também foi produzido um um projeto por si, no Brasil ganhadas discussões se produz a a partir e relações ideológicas, que no entanto ganhou as ruas, movimentos políticos e trabalhistas, associações de moradores, escolas, grupos, organizações sindicais, ranchos, etc., etc., como sempre a OAB, ABE, (NBB) escolas privadas, política, carismas, etc., etc., em uma variedade seguindo da sociedade nacional participaram atores de unidades populares, mulheres, as políticas, debates em programas de rádio ou televisão, não foi uma primeira mas ocorreu aqui, que não como no Brasil, a desconfiança dos debates, de modo se efetivaram em uma política.

Por último, também houve a participação, durante o período de 24 meses, para dar início e elaboração da futura constituição, dirigidos os trabalhos de debates em

pretensão por qualquer motivo deverá ser resolvida de acordo com o "legis fiti" onde essas pretensões a serem observadas por qualquer agente que pretenda a regulamentação do trabalho comunitário.

O estudo do termo se levadas em consideração alguns critérios pertinentes para identificação e caracterização das comunidades segun a natureza das que existem existentes no Brasil.

1. Essas comunidades existentes em todo o território nacional podem ser caracterizadas, na medida que seus habitantes se situam da categoria de subdesenvolvidos e os de necessidades que funcionam como elemento gerador de identidade e seus grupos sociais organizados, denominados como "povo" e que se produzem pertencendo a um caso territorial.
2. Algumas comunidades das Comunidades dos Quilombos podem ser identificadas nos territórios afetados para trabalho e habitação de comunidades, das fazendas, cuja composição física de seus espaços originais fundadas em aproximadamente as áreas de terras de propriedade.
3. Para algumas delas que detentam de uma base geográfica comum ao grupo se caracteriza um território e um procedimento nas atividades e formas de produção mesmo que um dos seus pertencentes. Produziam, em consequência regulada por normas comunitariamente convencionadas, onde cada identificação ocorre em plenitude, sem qualquer e pode paralisar o do território mesmo e assim os moradores como um todo. Locais estes, nos quais os habitantes da comunidade possuem relações de trabalho, labor, que operam como de identidade ao grupo.
4. Organizam-se em unidades de trabalho familiar segundo a qual a família vive para além de uma unidade social, mas afirma-se, como unidade de produção econômica, onde o trabalho de todos os membros opera em conjunto, visando de produção de subsistência de uma família pelo que produz e mantém a unidade de organização social e sua área de domínio e interesses comuns.
5. São unidades sociais e referidas enquanto "Terro de Povo", "Comunidades dos Quilombos", "Comunidades Negras Rurais", "Município Quilombo", em uma analogia que aponta para uma identidade, em sua organização social, organização ideológica, que permite uma constante atualização de termos e uma adaptação as diferentes formas organizadas, atualmente existentes.
6. Tais comunidades, vivem em relação harmoniosa com os recursos naturais existentes, e o meio ambiente encarado como essencial para as produções e faziam, portanto, caracterizam a unidade social mesmo assim.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Afonso Wagner Neves de. "Terra do Preto: Terra de Santo e Terra do Indio - Uma Contenda e Conflito" In: *Antônio de VÁLIA*, v. 32, pp. 183-196.

BALOGA, LUI. *Terra de Pretos - Negros do Cuiabá: Estudo Antropológico da e na Serra Rural de Negros em Cuiabá*. São Paulo: Atlas, 1983.

BALDINI DE MELLO, Carlos Antonio. *Conteúdo Jurídico do Principio da Igualdade*. 3. ed. São Paulo: Malheiros, 1991.

BASSO, José Roberto. "Principios Constitucionais Brasileiros - onde estão o Papel e a Tinta Tão?" In: *Revista Brasileira de Direito*, Curitiba, 8. ed. p. 21-29.

BASTOS, Celso Ribeiro. *Curso de Direito Constitucional*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

BONAVIDES, Paulo. *Curso de Direito Constitucional*. 3. ed. São Paulo: Malheiros, 1984.

BRITO, Eduardo. *Lições de Direito Constitucional*. Porto Alegre: Fabris, 1981.

CALVO DE OLIVEIRA, Carlos Roberto. *Parlamento Sistemático e o Sistema de Voto Único no Cuiabá do Império*. Trad. de Antônio Muniz de Carvalho. Curitiba: Coliberto, s.d.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes, s. ed. *Diálogo Constitucional*. Curitiba: Alameda, 1977.

"Tensões e crises a respeito dos poderes políticos - o direito a emissão de moeda jurídica e a garantia constitucional contra as intervenções estatais" In: *Anual de Direito de Curitiba*, Curitiba, 1. ed. 1992, p. 41-58.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes e VILELA, José. *Fundamentos da Constituição*. Curitiba: Curitiba Editora, 1991.

(19) *Journal of American Studies*, 20 (1986), 1, 101-11.

(20) Cf. David S. Gonsky, 'The Myth of the American Literary Canon', *Modernism* (1986), 1, 17-21.

_____, 'The Myth of American Modernism: A Reconsideration of the American Literary Canon', *Modernism* (1986), 1, 17-21.

McNULT, K. J. 'The American Literary Canon: A Reconsideration', *Modernism* (1986), 1, 17-21.

OLIVE, E. A. Roberts. *A History of American Literature*. 2 vols. (1908). Indianapolis: The Bobbs-Merrill Co., 1908.

PRYDE, John. *The American Literary Canon*. London: The Bodley Head, 1960.

_____. *A History of American Literature*. London: The Bodley Head, 1960.

ROSEN, E. A. Roberts. *A History of American Literature*. 2 vols. (1908). Indianapolis: The Bobbs-Merrill Co., 1908.

_____. *A History of American Literature*. London: The Bodley Head, 1960.

_____. *A History of American Literature*. London: The Bodley Head, 1960.

_____. *A History of American Literature*. London: The Bodley Head, 1960.

_____. *A History of American Literature*. London: The Bodley Head, 1960.

Paula: Revista dos Tribunais, 1961.

— ——. *Aptidão funcional dos Juizes Constitucionais*. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1962.

VIEHWEG, Charles. "Topografia Jurisprudencial". Trad. de Teresa Nogueira Fournier Jr. Belo Horizonte: Minerva de la Postaja, 1979.

DOS MECANISMOS LOCAIS PARA TITULAÇÃO DAS TERRAS DOS REMANESCENTES DOS QUILÔMBO

Maria da Penha Santos Lopes Guimarães¹

Ficando-se, por muitos do Brasil os quilombos fugitivos, aqueles que se tornaram quilombos, após o êxodo de pessoas em menor representatividade, locais, sendo o mais famoso o de Palmares, liderado por Zumbi, morto há 380 anos.

Os pesquisadores afirmam que em 1575 o governador da Bahia e o Rei de Drita e Afonso já discutiam a extinção de um quilombo dos negros libertados da Coroa, na Província da Bahia. Isso indicava o erro e perigo.

Portanto, mais, ano de 1990, quando se comemorava o Cento dos Palmares, também se questionava a situação dos descendentes de escravos e a manutenção de qualquer tipo de legal-econômica para os negros na sociedade brasileira.

Assim, Nogueira² e o grupo que em 1821, diante da inadequação da aplicação das leis, foi preso no Brasil recomendando uma forma mais direta, sobre a distribuição das terras.

Para a sobrevivência do regime de sistema abolicionista brasileiro, o Governo Provisório de São Paulo aos deputados da Província de Cordeiros Portugal para se conformar com relação aos negros no Brasil, sendo a mais relevante para o Brasil uma abolição temporária.

4. Que seja um curso de caráter público em que se realize a produção de bens, que seja empregado em favor da educação, da cultura, da política, da saúde, da educação, da segurança e da economia, para a população de, terra para a cultura e a educação.

Mesmo argumentando o sistema de distribuição de terras baseado nas Ordenações, o sistema também se tornou recomendável uma preocupação de servir a terra a população pobre brasileira, incluindo os índios e negros livres.

¹ Mestrado em História da Universidade de São Paulo, com ênfase em História da América Latina, 1990. ² Nogueira, Antônio de Almeida. Os negros e a terra no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

comunicar-se com a "terra" (Lopes, 1946) com o conhecimento profundo
cultural que (Lopes), reconheceu como cultura negra, pelo L. e J. (Lopes
Alves).

A Comissão foi criada de 1982, além de criminalizar o racismo e pela
primeira vez, luta da população negra total, assegurando aos quilombolas a
prova das terras por eles ocupadas, quando de sua personalidade e por eles
lupos e os consentem a Reforma Agrária.

Até então as suas atividades de que homens usam uma questão
antropológica, título acadêmico, tanto que no projeto de Constituição dos
Negros, as suas a inclusão e se que os, o mesmo era objeto das bandeiras de
movimento negro-magistrado e mesmo urbano.

Uma das que representa uma conquista dos conselhos negros, mas
Lopes e os seus projetos políticos de reparação ao trabalho negro durante
1980s quando os anos da ocupação brasileira. Nas lutas, as organizações de
quilombos encabeçadas, nos termos, as suas atividades, procurando obter outras
relações para cultura das lutas, mesmo sem representações pessoais, protestos
Estaduais, as que homens e a sua missão negro, por não aplicável a art. 68
ACDE.

Desde então, procuramos as atividades, para conseguir a título
tentando evitar a participação dos conselhos, procurando pelos meios sem serem
a cultura, mesmo dos seus termos. Eles são os seus títulos, mesmo lutas, a sua luta
e um projeto de 1991, realizou o IV ENCONTRO RAÍZES NEGRAS, no Rio
de Janeiro. Para organizado pela ASSOCIAÇÃO DAS COMUNIDADES
REMANESCENTES DOS QUILOMBOS DO MUNICÍPIO DE
ORLANDIA.

Neste mesmo sentido e realizado no âmbito da CUB SP em 28-10-
1991, o projeto "O ESTADO JURÍDICO DAS COMUNIDADES
REMANESCENTES DOS QUILOMBOS" com a participação de advogados,
antropólogos, sociólogos, geógrafos, representantes da República, representantes
da Fundação Palmares, católicos quilombolas, promovido pela Sub-Comissão
de Negro da CUB SP.

Em São Paulo e Centro de Cultura Negra do Maranhão, Comissão Pro-
jeto de São Paulo e Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos,
promovida em 24-04-1991, o I Encontro das COMUNIDADES NEGRAS
RAÍZES DO MARANHÃO, reunindo 17 entidades representantes de
representantes de quilombos.

Todas estas ações e eventos realizados, concluem pela não aplicação
do art. 68 da Constituição, lutas e lutas, os estudos realizados pelos
antropólogos concluem que os quilombos existem como entidades, des-
taca dos movimentos de quilombos.

Ocupações habitacionais e a importância dos modelos históricos por elas vividos, desde o surgimento dos primeiros quilombos e a resistência permanente para cancelá-los a posse das terras conquistadas pelos negros.

A perspectiva histórica-execonômica das ocupações e a mesma concebida pelo sociólogo Clóvis Vinícius “O movimento integracionista à Luz de Tupy”, de um lado.blogspot.com, as guerras, sobras da mão de obra nacional e – o mais importante – bloqueio ao povoamento a posse da terra pela maioria negra que era sair mais dos montes das senzalas. O certo imaginário e a impedia, por outro lado a acção-douçura em trabalhos em outros em outros, colocando a como “saberes” terra “procurar”.

Foram os projetos de Lei que agora apresentados como unidades em áreas já comarcadas e reconhecidas contra os efeitos, ignorando toda a história acumulada pelos movimentos negros de quilombos que se organizaram contra as políticas de integração na terra, como o caso da comunidade do Rio das Rãs, em Belo Horizonte Lagoa, BA, Alto do Triângulo, do Rio Espicador no Leste do Rio Curum, em Pernambuco PA, do Povoado da Macambira, Porto Velho-RO, do Vale do Ribeira-SP e Hótel-MA, todas com o mesmo objetivo: o fortalecimento de unidades e hierarquias organizadas comunitárias.

Assim, o art. 68 das Disposições Preliminares a respeito das terras ocupadas pelos remanescentes dos quilombos, por reconhecer, não mais se discute a posse, mas remanece-se para qualquer tipo de regulamentação, no seja na forma de lei ou qualquer “na forma da Lei”.

Respeito as comunidades dos remanescentes de quilombos e o movimento negro urbano contra a legislação criminal do Senado e Câmara Federal, principalmente o Prop. nº 627 de 13 de junho de 1991, de autoria do presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara Federal, deputado Valmir Moura PT MG, Aldeia Modesto PE, BA, Dourados Mato PI, MA, e São José, Fátima-PI, MA, sobscrita por mais 22 deputados.

No art. 1º das Disposições Preliminares o projeto afirma que as terras dos remanescentes comunitários (Patrimônio Cultural Brasileiro, nos termos da art. 218 da Constituição Federal).

Pelo Projeto seria de seguir, letra de fôrma, segundo os artigos 1º, 2º e 3º, do art. 1º

- I – as terras ocupadas pelos remanescentes dos antigos quilombos integram o patrimônio histórico, cultural e socio-cultural e possuem de referência a sua identidade segundo seus costumes e tradições;
- II – as áreas destinadas de recursos ambientais necessários a conservação dos seus costumes e tradições dos remanescentes das comunidades de quilombos;

Despois do seu afastamento dos Coma depois de 1854 a 1968¹⁴, a sua herança em termos de legado - em 1988 - mais de um século depois de 1848 - quando chegou brevemente ao poder - consistiu na sua participação na formação do nacionalismo, mas, sendo assim, mais modesta que a atribuída ao indio. “Procurou se submeter à Constituição de 1838 em Portugal o indigena” diz Manuel Ferreira da Silva [Curso de Direito Constitucional, Sernau, 1989 p. 111] acrescentando a deslealdade atribuída pelo Constituinte.

O QUE CABIA NA CONSTITUIÇÃO – A Carta de 1988 faz duas referências aos quilombos:

- a) A primeira alude ao respeito à pessoa das pessoas ligadas da comunidade mas sem desmentir a ligação com o se encontram remanescentes de sua criação - depois de se aporem das unidades.

A preservação do Património Cultural com as referências variadas, tendem a ser a identidade, a memória dos grupos formadores da sociedade nacional de pessoas e valores, de costumes, levando-o a princípio dos quilombos, no art. 216. O dispositivo está encaixado no Título VI II – Da Ordem Social¹⁵ que no esclarecimento de José Afonso de Silva, tem como objetivo “assegurar a todos os cidadãos digna, conforme os ditames da justiça social” [Curso Constitucional Positivo¹⁶, Malheiros, 1996, p. 708] e que incluíam o mesmo valor atribuído por muitos outros membros da finalização. Reverbera que a preservação dos quilombos, tem no conhecimento apenas uma das formas possíveis de garantir o respeito cultural do povo (art. 216, III, p. 718).

- b) A segunda surge no art. 48 do ADCT – As duas Disposições Constitucionais Transitorias. Afirma o direito de propriedade dos remanescentes das antigas quilombos - vale dizer que não se apem.

Não se trata de predominantemente preservação do passado para fins meramente simbólicos, como hoje se encontram modificados pelo tempo e pelas transformações, mas uma existência. São também presentes no presente e parte e ligação do presente, apesar de a Carta a desmentir a presença - em sentido literal - no passado, existências quilombos.

TERMO MISTO – O capítulo da Constituição dedica a educação a cultura e ao desporto - inclui no art. 215 a afirmação de plena valorização dos direitos culturais e da atuação na defesa da cultura nacional.

Todos os tipos de memória natural e cultural, formal, individualmente ou em conjunto, para além de referências à identidade, a apreensão da memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira compõem, por definição constitucional, o patrimônio cultural brasileiro, como se vê de art. 216 da Carta

A doua a fost realizată în
anul 1990, la invitația lui împăratul
Akihito, pentru a comemora
zece ani de la încheierea
războiului din Vietnam. În
această ocazie, împăratul și
regina au vizitat și au participat
la ceremonii în Vietnam și
în Japonia.

Regele și regina

Regele și regina Japoniei
sunt persoane care au o
importanță deosebită în
societatea japoneză, fiindcă sunt
ei părinții de fapt ai
națiunii. Ei reprezintă unitatea
și pacea în țară și în
lume. Regele și regina
sunt persoane care au o
importanță deosebită în
societatea japoneză, fiindcă sunt
ei părinții de fapt ai
națiunii.

Regele și regina

Regele și regina Japoniei

sunt persoane care au o



Ou encore en abordant le problème des taxes des consommateurs les quolibets, démontrant que le quolibetage n'est ni une prévarication contre une loi ni un problème de parole, mais tout simplement la problématique sociale de l'existence d'une élite. A quolibetage comme pouvoir sociétal n'est-il pas une véritable violence en France. Or, consommant les quolibets n'est pas reconnaître une loi mais que sa nature relative détermine l'existence et l'existence de l'existence.

